

Projecto Final de Arquitectura

Emanuel Rego Gomes

Parte I | Vertente Teórica
A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Parte II | Vertente Prática
Escola Conde Ferreira

2017

Índice Geral

Parte I | Vertente Teórica

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

0 - Introdução	25
1 - Enquadramento	49
2 - O Rio de Alenquer	95
3 - Considerações Finais	219
Fontes	231
Anexos	253

Parte II | Vertente Prática

Escola Conde Ferreira

1 - Estratégia de Grupo	389
2 - Proposta Individual	415

**Escola de Tecnologias e Arquitectura
Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura**

Emanuel Rego Gomes

Trabalho de projecto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Orientadora:
Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Escola Conde Ferreira

Tutor:
Arquitecto Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL

Outubro, 2017



**Escola de Tecnologias e Arquitectura
Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura**

Emanuel Rego Gomes

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Orientadora:
Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Parte I

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Vertente teórica de Projecto Final de Arquitectura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Emanuel Rego Gomes

Orientadora: Professora Doutora Paula André

Agradecimentos

Ao Filipe Rogeiro, pela disponibilidade e ajuda prestada sempre que me dirigi à Biblioteca Municipal de Alenquer. Ao Sr. José Henrique Tomé Leitão Lourenço, por ter disponibilizado alguns postais antigos da Vila de Alenquer para a execução deste trabalho. Aos funcionários do Arquivo Histórico/Biblioteca do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, pela sua simpatia e disponibilidade demonstrada sempre que me dirigi a este organismo para realizar pesquisas para este trabalho.

À minha família, por me ter apoiado sempre ao longo do meu percurso académico e em todas as decisões que tomei.

À minha orientadora, pela sua disponibilidade, simpatia, compreensão, conhecimento e perseverança demonstrados ao longo do decorrer do trabalho.

Ao meu tutor de projecto Pedro Botelho pela sua simpatia e conhecimento que me transmitiu ao longo deste ano.

Um agradecimento muito especial à Rita Cosme, por me ter apoiado sempre ao longo deste percurso e por ter estado ao meu lado nos momentos bons e menos bons.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram desde o início do curso e que por vezes, mesmo estando distantes nunca deixaram de enviar uma mensagem positiva.

Resumo

A vila de Alenquer, ao longo dos séculos viu no seu rio uma fonte de riqueza, que durante muito tempo foi o grande motor da sua economia, demonstrando ser o bem mais precioso que esta terra possuía. Todavia, nos dias que correm, o rio não tem a mesma importância no quotidiano da vila.

A relação entre o rio e a vila sempre foi forte ao longo dos tempos, no entanto, esta situação nem sempre trouxe mais-valias para este local. Embora esta linha de água tenha sido uma fonte de alimento para as populações locais, e mais tarde no século XIX, força motriz de várias fábricas que gravaram o nome de Alenquer no panorama industrial português, foi também um sério problema para a vila, pois em épocas de cheias, as suas águas inundavam toda a zona baixa alenquerense, o que causava muitos estragos à população local.

Numa tentativa de salvaguardar a população das inundações, nos meados do século XX, foi executado o plano de rectificação do leito do rio e arranjo das suas margens. Após as obras efectuadas ao longo do curso do rio de Alenquer dentro da vila, este perdeu o seu curso sinuoso, passando a ser um canal artificial em forma de “S”, de caudal pouco volumoso, perdendo a sua beleza natural. A partir deste momento, a importância desta linha de água no quotidiano deste local foi diminuindo até aos nossos dias.

Assim, este estudo analisa as razões que justificam a actual situação do Rio de Alenquer e quais foram os pontos altos e baixos dessa relação ao longo dos tempos, de modo a construir uma crítica sobre a actual relação entre o Rio de Alenquer e a Vila.

Palavras – chave: Vila de Alenquer, Rio de Alenquer, Memória.

Abstract

Throughout the centuries, Alenquer's villagers have looked at its river and seen a vast amount of wealth that has been the engine behind its growing economy and was once its most valuable asset. But, nowadays, its importance and value to the village's everyday life is not the same.

The relationship between the villagers and the river has always been impregnable, even though it wasn't always a benefit to the village. On one hand, this water vessel once served as a food source for the local population and it came to be known - in the latter "XIX" century - as the thriving force behind the companies that carved Alenquer's name in the Portuguese industrial scene. On the other hand, it was also a crippling and serious problem due to the devastating power of its waters in the flooding season, during which it flooded the lower area of Alenquer, causing tremendous damage to the local population and infrastructures.

In an attempt to protect them from the floods, in the middle of the XX century, was developed a plan to rectify the river's bed and rearrange its margins. Once these changes were implemented in the river's course, and, the constructions were finished alongside the riverbank, the river lost its sinuous course, thus becoming an "S" shaped artificial canal with little volume, losing its natural beauty. From that moment on, the importance of this water vessel to the everyday life of the locals has been decreasing.

In sight of this, this study analyzes the motives that justify the current situation of the Alenquer's River and its relation to the village, shedding light to its ups and downs throughout time, so to build a critique as to how this relationship is currently shaped.

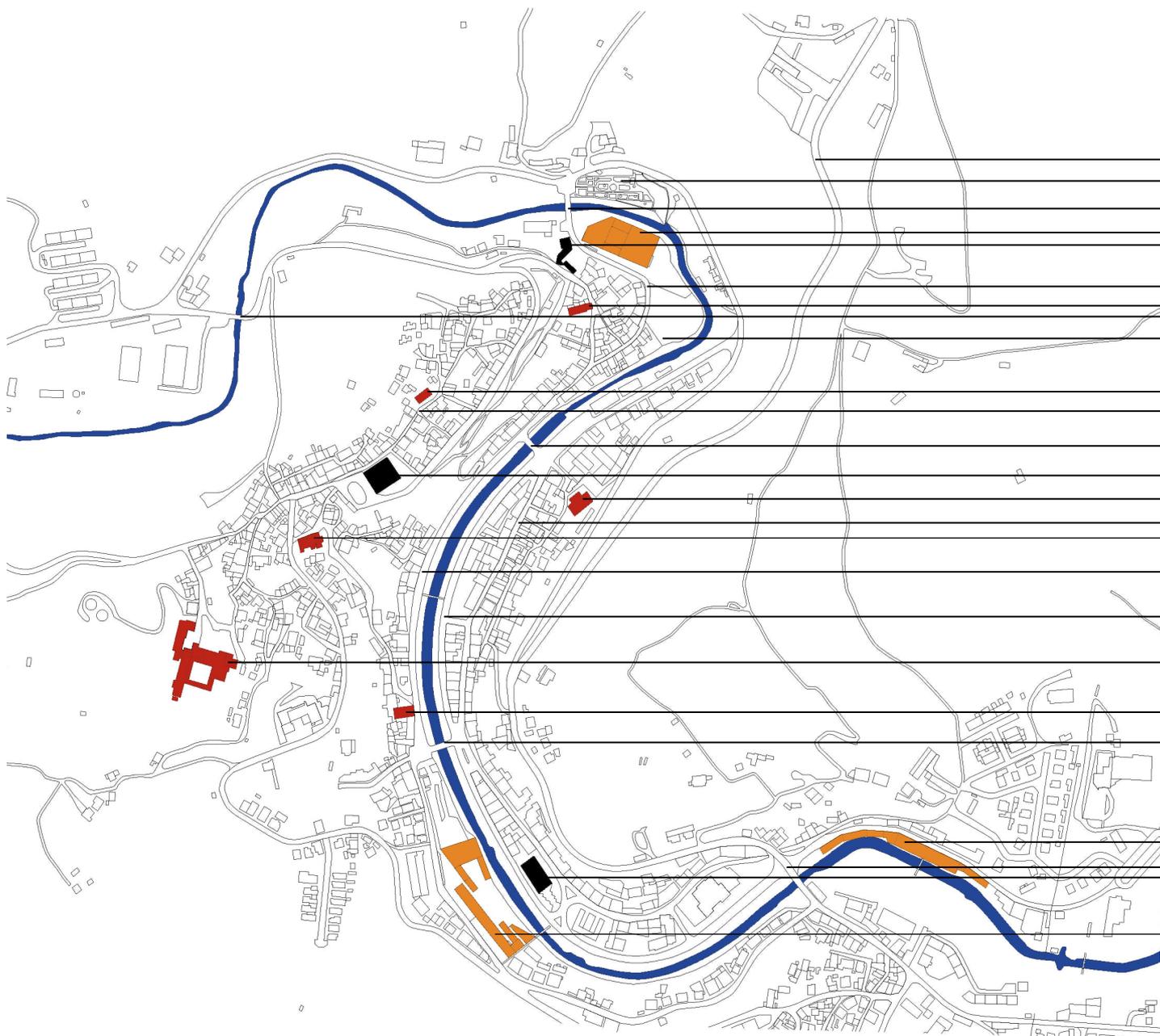
Key-words: Alenquer's village , Alenquer's river; Memory.

Índice

I – Agradecimentos	I
II - Resumo	II
III – Abstract	III
IV – Índice	IV
0 – Introdução	25
1 – Enquadramento	49
1.1 - Contextualização Geográfica	51
1.2 - A Vila de Alenquer.....	61
1.2.1 - Origem do nome	61
1.2.2 - A Terra como Individualidade Geográfica.....	67
1.2.3 – Povoamento.....	71
1.2.4 - Caminhos.....	79
1.2.5 - Fronteiras.....	87
1.2.5.1 - Naturais - O Rio de Alenquer.....	87
1.2.5.2 - Construídas - A silhueta medieval da muralha da Vila de Alenquer.....	91

2 - Rio de Alenquer	95
2.1 – O Rio Medieval	97
2.2 – O Rio após o Terramoto de 1755	107
2.3 – O Rio Industrial (Séc. XIX)	125
2.4 – O Plano do Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta	165
2.5 – O Rio Actual	207
3 - Considerações Finais	219
Fontes	231
Referências Bibliográficas	232
Webgrafia	237
Índice de Figuras e Créditos	240
Índice de Plantas Vectorizadas	250

Anexos	253
Anexo A - Enunciado de PFA	254
Anexo B - Conjunto das perguntas enviadas a todos os párocos do reino para resposta ao inquérito do secretário de Estado dos Negócios do Reino.....	258
Anexo C - Ministério das Obras Públicas e Comunicações. CSOP Processo N° 1625 : Vila de Alenquer - Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta (1945)	263
Anexo D- Levantamento de Material Gráfico: Plantas, Cartografias de Alenquer.....	278
Anexo E - Levantamento de Material Gráfico: Plantas, Cartografias da Vila de Alenquer	288
Anexo F - Levantamento de Material Gráfico: Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas do Século XIX e XX - 287. CARTA MILITAR DE PORTUGAL 1:25 000. Série M 888. Continente - Alenquer	298
Anexo G - Levantamento de Material Gráfico: Fotografias Aéreas da Vila de Alenquer	310
Anexo H- Artigos da Imprensa	313



Planta Síntese - Identificação de alguns pontos de referência e de alguns locais abordados ao longo do estudo.

Estrada Nacional 1

Jardim das Águas

Ponte da Couraça

Real Fábrica de Papel

Torre da Couraça

Rua Serpa Pinto

Igreja da Várzea

Ponte de Pancas

Areal

Igreja de Santo Estêvão

Rua Maria Milne Carmo

Ponte da Triana

Câmara Municipal de Alenquer

Igreja da Triana

Rua da Triana

Igreja de São Pedro

Avenida dos Bombeiros Voluntários

Avenida 25 de Abril

Convento de São Francisco

Igreja do Espírito Santo

Ponte do Espírito Santo

Fábrica da Romeira

Ponte de Santa Catarina

Mercado Municipal de Alenquer

Fábrica da Chemina

Introdução

Introdução: PFA, tema, metodologia, estado da arte, objectivos, estrutura, contributos do estudo.

Este trabalho surge no âmbito do Projecto Final de Arquitectura do Mestrado Integrado em Arquitectura, do ano lectivo 2016/2017, do ISCTE – IUL (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa), onde na sua vertente prática, foi proposta uma “abordagem à dinâmica das relações que se estabelecem entre o edificado existente e proposto, bem como do espaço público e do território” em torno da Vila de Alenquer, do Carregado e das estações de comboio da Vala do Carregado¹.

O concelho de Alenquer situa-se a 36 km da capital portuguesa e pertence à região da Estremadura. Durante muitos séculos, Alenquer foi um importante ponto-estratégico-militar no controlo do Rio Tejo, devido à sua localização e respectivas características geográficas e mais tarde durante o século XIX, foi o local onde se instalaram algumas das melhores fábricas de lanifícios do país, nomeadamente a fábrica do Meio, da Chemina e da Romeira.

Distinguido pelas suas características naturais, o Município de Alenquer dispõe de um conjunto de linhas de água, que o percorrem e irrigam as suas terras, que por consequência são férteis e óptimas para a prática de agricultura, assim como uma boa fonte de peixe fresco. Ao longo dos tempos, nas margens destes rios foram-se

¹ BOTELHO, Pedro; MENDES, Pedro – Projecto Final de Arquitectura. 2016. Ver anexo A.

instalando pequenos aglomerados populacionais, como é o caso da Vila de Alenquer, situada nas margens do Rio de Alenquer.

O projecto desenvolvido na vertente prática é composto por uma estratégia geral que abrange toda a área da antiga vila de Alenquer e por uma proposta de intervenção individual. Deste modo foi desenvolvida uma estratégia geral de grupo que procura dinamizar o núcleo histórico do concelho. A estratégia é constituída por uma proposta de alteração do traçado do rio em zonas pontuais ao longo do curso deste na vila (nomeadamente entre a Ponte da Couraça e a Ponte de Santa Catarina), propondo a criação espaços verdes nas suas margens, bem como a implantação de alguns açudes no leito do rio, com a intenção de aumentar o seu caudal.

Desta forma, será possível recuperar em determinados momentos, a antiga imagem do curso do rio, quando este era caudaloso, abundante em água e tinha uma forte relação com a vila, muito bem retratada nas fotografias das décadas de 30 e 40 de Graciano Troni, residente local, publicadas no livro “Alenquer Desaparecida”, do ano de 2002, da autoria de Filipe Rogeiro.

Estas fotografias retratam o rio antes de um conjunto de transformações que ocorreram na vila e que de certa forma destruíram a forte relação que existia entre o rio e este local. Refiro-me à instalação de bombas nas nascentes de água da vila, que direccionam a água para a capital, por parte da Companhia das Águas de Lisboa, em 1933 e 1949, o que conseqüentemente causou uma diminuição do caudal do rio². Mais tarde, com o projecto do arranjo marginal e dos acessos à zona alta da vila de Alenquer,

² ROGEIRO, Filipe – **Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.11

cujo processo teve início em 1945 e conclusão no ano de 1955, o traçado do rio sofreu alterações assim como toda a baixa.

São ainda propostos alguns equipamentos e serviços que procuram trazer mais-valias para a vivência local, como a criação de um novo interface, estacionamento e novos espaços de concentração populacional. Neste sentido, a estratégia geral é trabalhada pontualmente em zonas estratégicas da vila, com o objectivo de reabilitar alguns edifícios existentes, à excepção do interface, capacitando-os para novos programas e funções, que dinamizem a vivência e o desenvolvimento da vila.

Numa escala produzida individualmente é proposta a reabilitação da antiga Escola Conde Ferreira, situada no centro da vila alta e construída no mesmo local, onde outrora existia a Igreja de Santo Estevão. Inicialmente o edifício, inaugurado no ano de 1872, era uma Escola de Instrução Pública Primária Masculina, pertencente ao legado de Conde Ferreira e mais tarde, no ano de 1975 serviu de instalações ao Museu Hipólito Cabaço. Actualmente o edifício está classificado como um valor a proteger no município de Alenquer, encontrando-se sem função e com problemas de infiltrações e desgaste de materiais.

O projecto de reabilitação e revitalização deste edifício tem por base um programa composto por uma escola de costura, que propõe uma nova utilização para este imóvel, baseada no passado industrial de produção de lanifícios da região.

Posto isso, a escolha do tema para a vertente teórica parte do gosto pessoal em compreender a história e a identidade dos locais onde ao longo do meu percurso académico fui tendo o gosto de fazer projectos de arquitectura, despertando em mim a vontade de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre esta vila, local onde farei o meu projecto final. Devido à abrangência do tema “A evolução da Vila de Alenquer”, foi

necessário ser mais específico no foco do estudo, e desta forma a pesquisa concentra-se na relação do Rio de Alenquer com a sua Vila ao longo dos tempos, por este ser um dos elementos que mais identifica este local.

Além disso, parte da necessidade de entender melhor essa relação existente, entre o Rio e a Vila, ao longo dos tempos, de modo a conseguir compreender a razão pela qual o Rio de Alenquer não possui, actualmente, a mesma presença e importância no quotidiano da vila, que outrora teve, bem como procurar possíveis propostas e soluções que vão de encontro à resolução do problema.

Sendo assim, este trabalho teórico tem como objectivo ser uma ferramenta de trabalho, que procura auxiliar no desenvolvimento da estratégia geral anteriormente referida, pois a partir da análise mais aprofundada deste tema, será possível ter uma ideia mais concreta de que como se pode intervir no rio de Alenquer de forma a melhorar a sua actual relação com a vila.

Para este trabalho como metodologia aplicada, foi necessário realizar uma recolha de informação aprofundada, através de visitas ao local e da consulta de um conjunto variado de obras, que contemplam observações e análises críticas fundamentadas sobre a vila de Alenquer e a sua relação com o rio de Alenquer.

Esta foi efectuada através de fontes primárias pertencentes ao Arquivo Municipal Histórico de Alenquer, como atas e relatórios de gerência da Câmara Municipal de Alenquer, o Semanário local de Alenquer intitulado “A Verdade”, as Memórias Paroquiais de 1758, alguns manuscritos antigos, bem como a consulta de Processos na Arquivo Histórico/Biblioteca do Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações. Ainda foram consultados livros pertencentes à Biblioteca Nacional de Portugal, à Biblioteca Municipal de Alenquer e de Torres Vedras.

Para além disso, foram utilizadas fontes secundárias, como dicionários, teses, dissertações e websites, de modo a construir um campo de bibliografia crítica, de suporte ao trabalho. A leitura e consulta destes documentos auxilia na estrutura e elaboração do estudo, na aquisição de informação, bem como na análise elaborada pelos autores sobre a temática da vila de Alenquer e o seu rio.

Durante todo o trabalho será recorrente o recurso a plantas e cartografias de vários anos, recolhidas no Arquivo Cartográfico da Direcção Geral do Ordenamento e Território, no Arquivo Cartográfico da Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, no Instituto Geográfico do Exército e no arquivo da Câmara Municipal de Alenquer, que revelam conhecimentos fidedignos, bem como a desenhos editados e diagramas, feitos pelo autor, de forma a representar o descrito no texto, complementando-o.

Também serão utilizadas fotografias pertencentes ao Arquivo Municipal Histórico de Alenquer, fotografias aéreas consultadas na Direcção Geral do Ordenamento e Território, os registos fotográficos da década de 30 e 40 da autoria de Graciano Troni consultados no livro “ Alenquer Desaparecida”, 2002, da autoria de Filipe Soares Rogeiro, e imagens atuais capturadas pelo autor. É de salientar, o recurso a postais antigos da Vila de Alenquer, pertencentes a colecção particular do Sr.º José Henrique Tomé Leitão Lourenço.

Através da elaboração do levantamento fotográfico de épocas distintas, da análise de cartografias e plantas e suas sobreposições e da leitura da bibliografia recolhida foi possível identificar as várias relações existentes entre o Rio de Alenquer e a população local, bem como as diversas alterações que foram sendo efectuadas no curso do rio que percorre a Vila de Alenquer.

Durante a recolha de informação para o desenvolvimento do ensaio teórico, foram identificadas várias obras que abordam diversos assuntos em torno da Vila e do Rio de Alenquer. As obras utilizadas como fonte de informação são de carácter nacional à excepção da obra escrita em castelhano, "Relacion de la antiguidad y particularidades de la noble villa de Alenquer", de autoria desconhecida.

Das fontes anteriormente referidas gostaria de realçar as obras que tiveram mais importância para o estudo teórico, começando por realçar a "Relacion de la antiguidad y particularidades de la noble villa de Alenquer" do ano de 1625. Esta obra, de autor desconhecido, aborda sobre o rio de Alenquer e sobre a sua passagem na Vila, descrevendo as várias actividades que ao longo das suas margens dentro da vila iam surgindo, como campos de cultivo e até mesmo os vários moinhos que na época já existiam. O autor também faz referência à população local e suas singularidades.

Nas "Memórias Paroquiais do Padre Luís Cardoso" do ano de 1758, são apresentadas as respostas ao inquérito do Secretário de Estado dos Negócios do Reino encaminhado a todos os párocos do reino. O interrogatório solicitava "as descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas e administrativas, para além da questão dos estragos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755." ³.

Neste sentido, as respostas ao inquérito foram tratadas pelo Padre Luís Cardoso, resultando um trabalho manuscrito numa compilação de 44 volumes, adicionados aos apontamentos do Dicionário Geográfico de Portugal ⁴.

³ ANTT - **Memórias Paroquiais**. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em WWW:<<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>>.

⁴ ANTT - **Memórias Paroquiais**. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em WWW:<<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>>.

É de referir que "o padre Luís Cardoso não conseguiu realizar o seu projecto, e quando morreu em 1769, ficaram em montão confuso, mas bem guardado, todas as Descrições que lhe tinham sido enviadas." e "só em 1832 outro padre da mesma Congregação do Oratório as fez arranjar em forma de Dicionário e mandou encadernar em 44 volumes de folio, (...) para na Biblioteca da mesma Casa (Palácio das Necessidades) estarem patentes a instrução, utilidade e curiosidade portuguesas."⁵.

O interrogatório é composto por três partes "relativas à localidade em si, à serra e ao rio fornecendo dados de carácter geográfico (localização, relevo, distâncias), administrativo (comarca, concelho, dimensão e confrontações) e demográfico (número de habitantes), sendo possível obter informações sobre a estrutura eclesiástica e vivência religiosa (orago, benefícios, conventos, igrejas, ermidas, imagens milagrosas, romarias), a assistência social (hospitais, misericórdias, irmandades), as principais actividades económicas (agrícola, mineira, pecuária, feira), a organização judicial (comarca, juiz), as comunicações existentes (correio, pontes, portos marítimos e fluviais), a estrutura defensiva (fortificações, castelos ou torres), os recursos hídricos (rios, lagoas, fontes), outras informações consideradas assinaláveis (pessoas ilustres, privilégios, antiguidades) e quais os danos provocados pelo terramoto de 1755." "Os volumes 42 e 43 contém apontamentos sobre múltiplas freguesias, elaborados pela mesma pessoa, provavelmente o Padre Luís Cardoso, incluindo algumas respostas originais de párocos,

⁵ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.12.

datadas de 1722, 1730 e 1732, e que deverão corresponder a um inquérito anterior ao de 1758. O volume 44 serve de índice à documentação." ⁶ .

A colecção das Memórias Paroquiais encontra-se acessível no Arquivo Nacional da Torre de Tombo sob a forma de microfilme e digital.

Referente ao ano de 1802 e pertencente à área dos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Portugal, consta no códice 610 o manuscrito do "Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer", documento elaborado por José Teresio Michelotti, por ordem regia de 19 de Novembro de 1802, dirigido ao Exm.º Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Consultado sobre formato de microfilme, este documento apresenta o plano e os meios propostos pelo arquitecto José Michelotti "para a construção da Fábrica de papel, que vai a verificar em Alenquer"⁷. É de mencionar a análise feita ao local, a quando da implantação da dita Fábrica de papel e a influência que o Rio de Alenquer teve na escolha da sua localização, sendo este referido como o Motor de produção "ao efeito sobre o maquinismo, ou resistencia". Ainda é feita uma reflexão sobre as consequências da edificação e qual a forma mais prática de implantar todo o maquinismo necessário de modo a preservar e conservar a um maior tempo possível de utilização.

⁶ ANTT - **Memórias Paroquiais**. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017] Disponível em WWW:<<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>>.

⁷ MICHELOTTI , José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer**. *Reservados*, Códice 610. Cota FR.762. 1802. Fls 48-58. Documentação pertença da Biblioteca Nacional de Portugal. p.48.

Ao longo do documento o autor recorre a elementos com figuração em desenhos, contudo no documento original faltam os desenhos a que no texto refere. Tratam-se de localizações de açudes de forma a dirigir a água do rio de Alenquer à Fábrica, refere ainda as cheias periódicas, as correntes, os movimentos da água e as dimensões precisas para as paredes dos açudes susterem "a pressão" da quantidade de água.

No ano de 1851, Albino d'Abranches Freire de Figueiredo escreve a Memória sobre alguns melhoramentos possíveis para Villa e Concelho de Alenquer, com intuito de ser apresentada à respectiva câmara, "na ideia de promover o seu andamento e solução, fazendo-o lêr pelos habitantes do paiz, e assignar pelos que julgassem a sua matéria digna de ser realizada."⁸.

Ao longo dos 9 capítulos das 32 páginas que constituem esta memória são apresentadas algumas hipóteses acerca de diversos assuntos da vila e concelho de Alenquer. Sobre o qual o autor refere, no capítulo I o "Estado d'Alenquer" : "Estou persuadido que um governo, desejoso do bem público, instuido das necessidade e possíveis melhoramentos d'esta villa e seu concelho, péde, e ha de fazer déste paiz um dos mais notaveis e felizes do reino. Fundo esta opinião na efficacia das medidas que passo a porpôr, e na circumstancia do pouco que ellas custam ao governo."⁹.

No capítulo II sobre a "demarcação de freguezias: sua dotação" o autor propõe a "redução de todas as freguezias da villa a uma só", explicando as uniões que ocorreram

⁸ FIGUEIREDO, Albino d' Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da Villa e Concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p.3.

⁹ FIGUEIREDO, Albino d' Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da Villa e Concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p.5.

entre estas cinco freguesias. Sobre esta opinião aborda sobre a "maneira de effectual-a sem offensa dos direitos ou interesses dos parochos actuais."¹⁰, bem como das vantagens na redução destas freguesias. Em seguida, são referidos "melhoramentos na instrução pública"; "plantações úteis e agradáveis" a realizarem-se na vila, nomeadamente "entre a rua da costa, e a rua que fica na raiz do monte" e "a costa do lado do norte desde o visio do monte, e antigas muralhas, até á ponte de Pancas" defendendo que em ambas as situações deve "ser plantada de amoreiras."¹¹; o "Hospital, Casa da Misericórdia.", a "Trasferencia da cadêa e casa das audiencias para o actual edificio da Misericordia; outra obras de conveniencia pública."; o "Passeio público."; a "Desecação do pestifero paul do Bunhal; a navegação desde a foz do rio d'Otta, no Téjo, até ao Archino; construcção de uma estrada entre o Arcino e Villa Nova da Rainha; meios para a realisação d'estas obras."; bem como a "Navegação do rio d'Alemquer" apresentada como a acontecer depois à do rio d'Otta. O autor aborda ainda sobre a influência dos açudes no rio de Alenquer e propõe que sejam todos demolidos, com o objectivo de tornar o rio navegável, expondo no final do capítulo IX "considerações sobre a junção dos dois rios".

Em 1873, foi publicado o dicionário "Portugal Antigo e Moderno", de Pinho Leal intitulado "Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias", com 12 volumes, dos quais se destaca para o estudo o vol.1:A-BUS, sobre a vila. Pinho Leal apresenta a conquista da

¹⁰ FIGUEIREDO, Albino d' Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da Villa e Concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p.7.

¹¹ FIGUEIREDO, Albino d' Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da Villa e Concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p.15.

vila de Alenquer, a origem do nome, a localização geográfica, a primitiva mesquita muçulmana, as igrejas pertencentes e actualmente presentes, bem como as diversas fábricas.

No mesmo ano, Guilherme Henriques apresenta o livro “Alenquer e seu Concelho”, que como o próprio nome indica aborda primeiramente sobre a história, topografia e mineralogia do concelho em geral, focando-se posteriormente nas suas freguesias. Nesse trabalho existe um capítulo reservado a vila de Alenquer onde o mesmo escreve sobre a história do local, sobre o castelo e sobre alguns edifícios importantes na vila, percorrendo várias épocas, contando-nos assim a evolução desta pequena urbanização.

No ano de 1902, o mesmo autor Guilherme Henriques publica “A Vila de Alenquer”, uma obra que se revela fundamental e essencial na pesquisa e investigação sobre Alenquer. Guilherme Henriques mudou-se para o concelho de Alenquer e ofereceu à terra que o adoptou pesquisas, textos e publicações de referência. Nesta publicação o autor apresenta a vila de Alenquer, iniciando a terminologia por que é conhecida e suas proximidades de origem romana, ilustra auxiliado por gravuras de época as descrições realizadas, percorre os vários elementos edificados que constituem a vila, nomeadamente as igrejas, as pontes, a aula do Conde Ferreira, a cadeia, o matadouro entre outros e apresenta vistas gerais da vila às datas de 1880, 1885 e 1900.

Em 1936, Luciano Ribeiro publica um livro chamado “Alenquer – Subsídios para a sua história”, que é a primeira parte de uma monografia sobre Alenquer, onde o autor faz um estudo sobre a história de Alenquer, tratando de temas como os vestígios da presença romana na vila, a história do castelo e seu estado na época. Além disso, refere o rico património histórico do local, considerando mesmo, ser o sítio a nível nacional onde os arqueólogos têm mais material de estudo, pois lá encontram-se

materiais de várias épocas pré-históricas. O escritor também reserva um capítulo muito interessante chamado “AS ARMAS DE ALENQUER”, onde fala sobre a origem da simbologia existente na bandeira do concelho.

Em 1941, é apresentado o livro “A Vila de Alenquer – Ensaio Historiográfico” de Fernando A. Soares, onde o autor escreve sobre a história da vila, focando-se em diversos pontos como a origem do nome da vila e seus costumes. Também faz referência aos vários reis e rainhas que fizeram da vila casa real e como era feita a gerência dessa localidade. Além disso, são referenciados na obra diversos monumentos e locais como o Convento de São Francisco e a Igreja da Triana, onde o escritor fala um pouco sobre a origem destes.

Em 1968, destaca-se o artigo "Alenquer: Aspectos Geográficos de Uma Vila Portuguesa" de Aldo Paviani, publicado na revista portuguesa de geografia Finisterra. Neste artigo o autor realiza um enquadramento natural de Alenquer no território nacional, caracterizando a região, nomeadamente a vila com numerosos traços de geologia e assumindo que a estrutura que esta assume a torna uma paisagem individual, num sítio invulgar, recortada pela ribeira de Alenquer, com uma fisionomia característica. Faz referência à importância económica e abastecedora do rio, às transformações ocorridas neste, às cheias de 1967 e suas repercussões nos edifícios habitacionais, fábricas, mercado, comércio, entre outros. Caracteriza as ruas e escadas como estreitas e tortuosas, bem como identifica objectos romanos encontrados em escavações arqueológicas feitas na vila. Cita versos de Camões, que falam sobre a vila de Alenquer e apresenta ao longo do estudo plantas, gráficos e fotografias que ilustram o descrito no texto. Além disso, são também apresentadas as vias de acesso, circulação e transporte, indicando o progresso em muitas localidades com a implantação da ferrovia.

Em 1989, destaca-se um trabalho composto por 4 volumes, que se intitula “O Concelho de Alenquer: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia”, sob a autoria de António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins. É de fazer referência ao volume I, que fala sobre as várias freguesias do conselho e refere algumas das suas características geográficas. No seguimento do livro podemos encontrar um capítulo que relata a história da vila de Alenquer e identifica alguns dos monumentos existentes na mesma.

Mais tarde, no ano de 1996, é apresentada a monografia "Alenquer Medieval (Séculos XII-XV): Subsídios para o seu estudo." de João Pedro Ferro. Este estudo foi iniciado enquanto trabalho da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, durante a formação académica do autor, sendo posteriormente desenvolvido pelo mesmo, resultando na presente monografia. Esta aborda e apresenta os aspectos topográficos, demográficos, económicos e sociais da Vila de Alenquer, de anos distantes até à data de publicação. São expostas gravuras do território nacional português, no sentido de localizar o leitor geograficamente até à região da Estremadura, onde se situa a vila de Alenquer. Já num contexto local é-nos documentado o cadastro da vila e os elementos que a compõem, tais como a muralha medieval, o Castelo, as Portas da muralha, fazendo também referência aos arrabaldes extra muralha. Elabora um levantamento da Produção Agrícola e Exploração Natural na tentativa de avaliar as capacidades produtivas da vila de Alenquer medieval.

Em 2001 é publicado na revista de geografia portuguesa Finisterra o trabalho de investigação de Heitor Gomes para a obtenção do grau de mestre sobre a “Reestruturação e expansão Industrial da Área Metropolitana de Lisboa”, onde tem como caso de estudo Alenquer, considerando um dos novos territórios de emergência. Trata-se de uma apresentação dos objectivos sobre os quais se propôs, como da

estrutura dos capítulos que constituem o trabalho realizado, bem como da análise dos casos de estudo.

Mais tarde, em 2002, Filipe Soares Rogeiro, lançou um livro chamado “Alenquer Desaparecida” onde recorre a registos fotográficos da década de 30 e 40 da coleção de Graciano Troni, natural da Vila de Alenquer, e compara com fotografias do início do século XXI, onde é possível entender algumas das alterações feitas e que ocorreram na parte baixa da vila, sobretudo no rio de Alenquer.

Posteriormente, o mesmo autor em 2005 publicou o livro chamado “Alenquer - Presépio de Portugal”, onde escreve sobre a história da vila desde a época em que a mesma era ocupada pelos muçulmanos, até aos nossos dias.

No ano de 2008, "em que se comemoram 250 anos das respostas dadas ao inquérito"¹², foi publicada uma monografia com o título "Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais", que resulta da leitura das respostas das "Memórias Paroquiais de 1758" em respeito à maior parte das freguesias do actual concelho de Alenquer, em depósito no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Coube ao Padre José Eduardo Ferreira Martins essa leitura e tratamento das várias descrições sobre as freguesias do concelho de Alenquer. Na monografia é apresentado o interrogatório enviado aos Párocos em 1758 pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e por ordem alfabética de freguesias.

A publicação comemorativa dos 650 anos - Vila de Cascais (1364-2014) realizada pela Câmara Municipal de Cascais trata de uma investigação acerca da estrada

¹² MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.11.

nacional nº9, que faz parte do grupo dos 18 itinerários principais a nível nacional. A nº 9 vai de Cascais a Alenquer, passando por Mafra e Torres Vedras.

É revelada a importância da E. N. 9, através da resposta a duas questões tomadas a título de curiosidade - “Haverá representação gráfica dessa estrada em mapas?” e que “circunstâncias poderão estar subjacentes à assunção de tamanho relevo por este itinerário, a ponto de lhe ter sido dado o nº9, com a classificação de estrada deveras importante no contexto da rede rodoviária nacional?”. São apresentados ainda mapas com o traçado da “Estrada de Alenquer”, os princípios tomados por outros autores, bem como da relação existente entre Cascais e Alenquer.

Esta correlação existe com a reforma liberal de 1832 que proporcionou uma nova organização administrativa ao País. A região da Estremadura ficou assim constituída por 5 comarcas, nomeadamente: Leiria, Santarém, Alenquer, Torres Vedras e Lisboa. A vila de Cascais ficou ao domínio de Alenquer, daí ser apresentada como justificação essa dependência judicial-administrativa, para uma relação directa entre estas duas vilas.

Em 2016, Francisco da Silva Costa, Miguel Cardina e António Avelino Batista Vieira publicam sobre “ As inundações de 1967 na região de Lisboa”, sobre as quais faz referência a Alenquer como uma das áreas afectadas pelas cheias. Apresenta gráficos referentes à data em que ocorreu a intempérie, 25-26 de Novembro de 1967, bem como estes (gráficos) são analisados. São nomeadas as destruições, os danos materiais e os prejuízos face ao que aconteceu, ficando assinalado como as cheias mais catastróficas de todas.

Temas relacionados com o concelho de Alenquer, também têm sido debatidos em algumas dissertações académicas. É o caso da investigação realizada no ano de 1997 por Jaime Manuel de Almeida Vieira sobre a "Diferenciação Residencial no Concelho de Alenquer". É pretendido no estudo ao longo de 8 capítulos uma análise do estado da população do município de Alenquer, caracterizar as direcções de mudança demográficas e sua intensidade, identificar as estruturas residenciais do concelho, caracterizar as marcas de periurbanização no concelho, bem como a dimensão e a situação habitacional das famílias, tendo como objectivo servir de conteúdo de análise a futuras investigações.

Em 2008, o trabalho para a obtenção do grau de mestre em Gestão de Informação, sobre o tema "Evolução da População no período 2001-2026 no Concelho de Alenquer: Um aeroporto na Ota? Impactos de Desenvolvimento Local", resultou de uma análise da evolução populacional, tendo em conta a dinâmica de crescimento ou, por oposição, de decréscimo nas várias freguesias que compõem o município de Alenquer, bem como observou-se o peso que o concelho tem no oeste e em Portugal, a evolução da camada jovem no concelho e também qual a faixa etária que predomina na região. No fundo determinaram-se factores de análise e tiraram-se conclusões acerca das consequências do projecto do aeroporto na Ota a ser implantado num núcleo de pequena e média dimensão populacional.

“A Indústria na Vila de Alenquer” (1565 – 1931), resulta de uma investigação realizada em 2010, por José Henrique Tomé Leitão Lourenço, para obtenção de grau de mestre em História Regional e Local. É um trabalho que se foca no século XIX, época onde se instalaram algumas fábricas nas margens do rio de Alenquer, tendo como objectivo entender como e por que razão surgiram essas fábricas e que impacto causaram na vila. O autor faz também referência, às acessibilidades da vila e a relação da indústria

local com os mercados, assim como da escola de desenho industrial Damião de Goes, que foi uma iniciativa que acabou por não ter muito sucesso. Além disso, o autor faz um estudo sobre as características demográficas, geográficas, históricas e administrativas da vila de Alenquer.

No mesmo ano, foi publicada a dissertação de Miguel Cipriano Esteves Costa sobre "As Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas: Um estudo de arqueogeografia", de 2010 para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia e Território, na especialidade em Arqueogeografia. O estudo tinha como objectivo a compreensão da evolução da rede viária, baseado em metodologias de arqueogeografia. É feita uma contextualização histórica e geográfica do território de Alenquer, das actividades económicas mais importantes da região. Destaca o recurso indispensável, a água, presente em Alenquer, derivada das várias afluentes do rio Tejo. Neste sentido, é elaborado um levantamento cartográfico para uma leitura pormenorizada do terreno, bem como de fotografias aéreas. São adoptadas metodologias para a compreensão e análise das dinâmicas das redes viárias de Alenquer sobre centros de escala supra-regional, escala regional e escala local. Sublinha a relação mútua existente entre os traçados e os povoados, a via e o habitat. Elabora no estudo uma análise sobre as vias e fluxos tendo em conta os diversos períodos históricos e o passado de conquistas, como de itinerários com vestígios de presença de povos distantes, conseguindo levantar a hipótese de estes (caminhos) já existirem por determinado povo tê-lo feito.

Dois anos mais tarde, foi publicada a tese de Mestrado de José Carlos Morais, onde foi aplicada uma metodologia no concelho de Alenquer, para a construção de um Índice Municipal de Desenvolvimento Sustentável. A escolha do município de Alenquer para a concretização do trabalho justifica-se pelo conhecimento da realidade da região, podendo este método ser aplicado em qualquer outra região. Foram traçados objectivos

de forma a construir uma ferramenta de apoio à tomada de decisões de cariz de sustentabilidade.

Alenquer é apresentado como concelho com as suas 16 freguesias e é feita uma análise de ocupação do uso do solo no concelho, nº de residentes por freguesia, bem como a estrutura etária da população de Alenquer por freguesias consoante os Censos de 2011, apresentados em gráficos. São definidos indicadores de ambiente, indicadores sociais, indicadores económicos e indicadores institucionais para a aplicação da metodologia e constatação de resultados, sendo também elaborados inquéritos para a apresentação de resultados. Assim foi elaborada uma ferramenta síntese de fácil leitura sobre a evolução do município em estudo baseado em 4 bases do Desenvolvimento Sustentável, servindo de apoio a decisões políticas.

Ainda no mesmo ano, no âmbito de obtenção do grau de doutor em Geografia, na especialidade de Geografia Física consta a investigação de Ricardo Garcia, sobre "Metodologias de Avaliação da Perigosidade e Risco Associado a Movimentos de Vertente" com aplicação na bacia do rio de Alenquer. Existe uma exploração e aplicação de metodologias, que possibilitam a avaliação das características dos movimentos registados na bacia do rio de Alenquer, tais com a susceptibilidade, a perigosidade, a vulnerabilidade, o valor em relação aos danos nos elementos expostos e o risco.

Em 2014, para obtenção do grau de mestre em arqueologia, Márcio André Vidal Beatriz, apresentou um trabalho cujo o nome é “ O Castelo de Alenquer: O contributo da arqueologia da arquitectura.” Neste caso foi feita uma abordagem teórica ao castelo de Alenquer, que tem como objectivo perceber a história e os métodos construtivos desse monumento arquitectónico. Nesse estudo, o autor faz referência ao contexto geográfico e geológico que envolve a vila, assim como às várias etapas da construção

do castelo, tendo como base uma pesquisa intensa em documentos históricos e um levantamento de campo, feito na zona do antigo castelo e sua alcáçova.

Em 2015 por Cláudia Monteiro Gonçalves, foi realizada uma tese de mestrado com base no relatório de estágio, produzido entre Janeiro e Julho de 2014 na Câmara Municipal de Alenquer, tendo por base a proposta de requalificação do jardim do Areal, em Alenquer. Para isso partiu, *a priori* de uma contextualização do território a intervir para um entender próximo, resultando na apresentação de uma proposta e projecto de execução. A zona de intervenção foi escolhida pela Câmara Municipal de Alenquer como prioritária a intervir, por se encontrar descaracterizada e abandonada. A autora elabora um olhar crítico para a zona de intervenção e faz um levantamento fotográfico e histórico da zona. Propõe novos espaços e funções para o jardim do Areal.

Todos os trabalhos que foram referidos e enunciados anteriormente são fontes de informação para o estudo teórico, sobretudo ao nível da história, características geográficas e evolução ao longo dos séculos da Vila de Alenquer e do seu rio.

Este trabalho tem como objectivo principal, entender e analisar a relação da Vila de Alenquer com o seu rio ao longo dos tempos, de forma a conseguir identificar as razões que levaram à actual situação do rio de Alenquer, que embora tenha sido um dos principais motores da vivência local ao longo da história desta pequena vila, actualmente não possui a mesma importância no quotidiano Alenquerense.

Desta forma, colocam-se as seguintes questões em torno deste assunto: quais são as razões que justificam a actual situação do Rio de Alenquer e quais foram os pontos altos e baixos dessa relação ao longo dos tempos. As respostas a essas questões são fundamentais para poder construir uma opinião crítica sobre a actual relação entre o Rio de Alenquer e a Vila, do ponto de vista da sua vivência e imagem, e acima de tudo para

pensarmos em propostas que possam recuperar a antiga presença que o Rio assumia na Vila.

Para alcançar esses objectivos, foi traçada uma estrutura de trabalho, que analisa a evolução da relação da vila de Alenquer com o seu Rio, através de cartografias, plantas, gravuras e fotografias antigas, assim como documentos escritos que nos possam auxiliar na reconstituição desta relação aparentemente perdida.

Desta forma, tendo em conta a extensão do caudal do Rio de Alenquer, foi definido um espaço físico para o estudo, limitado a norte pela ponte da Couraça e a sul pela Fábrica da Romeira, identificado na Figura 1.

Inicialmente, no 1º capítulo será feita uma contextualização do município onde a vila se insere, seguindo as principais características geográficas da região, limites e linhas de água com influência na construção da história da vila de Alenquer. Desta forma, fazendo referência à obra de Duarte Belo, Suzanne Daveau e José Mattoso, "Portugal - O Sabor da Terra", de 1997, descreve-se a Vila de Alenquer a partir de alguns dos pontos construtores de uma identidade (na obra mencionados) nomeadamente a origem do nome da vila; a terra como individualidade geográfica; o povoamento da vila; os caminhos e as fronteiras.

Posteriormente, o 2º capítulo, destina-se à análise da relação do rio com a Vila de Alenquer ao longo dos tempos. Este capítulo divide-se em 5 subcapítulos, que equivalem aos 5 pontos da linha temporal dessa relação, onde foi possível encontrar informações, que nos permitissem entender a relação do Rio com a Vila de Alenquer. Sendo estes, o Rio na época medieval, o Rio após o terramoto de 1755, o Rio industrial do século XIX, o Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta da Vila de Alenquer e o Rio Actual.

Por fim, serão expostas as conclusões resultantes do estudo, onde se pretende formar uma opinião crítica sobre a actual relação do Rio com a Vila de Alenquer e apresentar algumas propostas que possam melhorar o actual cenário.

No que diz respeito aos anexos presentes no estudo, estes são constituídos por 8 conjuntos, começando pela apresentação da ficha da unidade curricular de PFA e o enunciado da vertente prática. Em seguida, vem o levantamento do inquérito enviado a todos os párocos do reino no ano de 1758, depois segue-se o material gráfico, composto por cartografias, cartas militares e fotografias aéreas, de diferentes épocas e escalas de representação, recolhido ao longo da investigação. Em continuidade, é apresentado o Processo Nº1625, consultado no Ministério das Obras Públicas e Comunicações, acerca do "Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta da Vila de Alenquer" concluído no ano de 1955, de modo a entender o plano proposto para a baixa da vila de Alenquer, onde inclui a regularização e rectificação do curso do rio e construção das duas Avenidas Marginais. Por último, são anunciados os artigos de jornal levantados pelo autor, relativos ao Jornal Semanal de Alenquer "A Verdade" entre os anos de 1944 a 1955, aquando a realização das obras de redesenho da baixa da Vila, uma publicação do Jornal "O Século" e do Jornal "Diário de Notícias".

O contributo deste estudo, passa por reunir um conjunto de informações sobre a relação entre o Rio e a Vila de Alenquer ao longo dos tempos, que nos permita tirar conclusões e colocar algumas propostas, que possam solucionar o actual cenário desta linha de água.

Em suma, tendo em conta a compilação de material gráfico existente no estudo e informações sobre o Rio de Alenquer, creio que a informação recolhida ao longo dessa pesquisa pode dar um contributo significativo à página online da Câmara, no que ao tema Rio de Alenquer diz respeito, por este ser um dos meios de divulgação desta pequena vila, creio que seria uma mais-valia, realçar a importância que o rio teve na história da Vila.

Por fim é de salientar, que todo o estudo será escrito conforme o antigo acordo ortográfico da língua portuguesa e as referências bibliográficas seguem a “Norma Portuguesa 405”.

A Vila de Alenquer pelas Vidas do Seu Rio

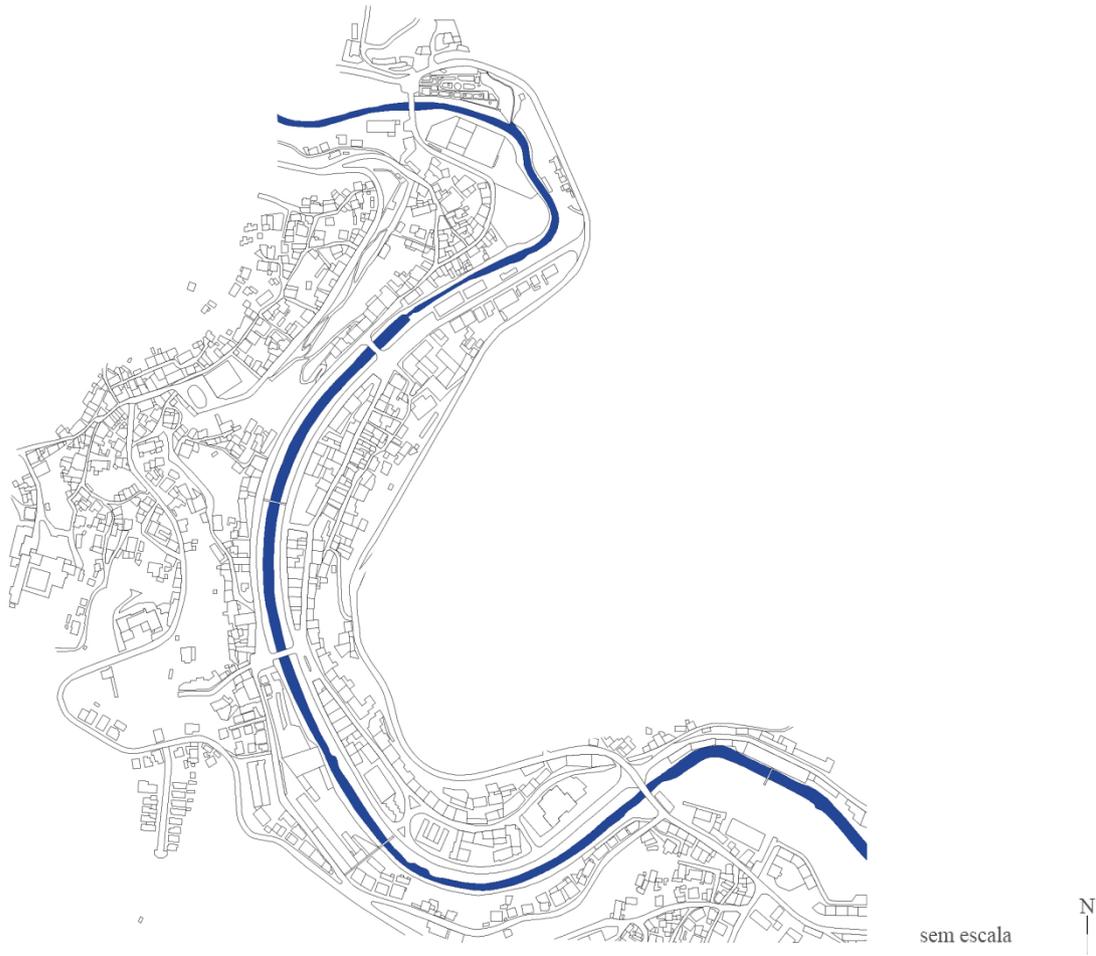


Fig. 1 - Área de trabalho.

01 | Enquadramento

01 | Enquadramento

1.1 - Contextualização Geográfica

Seria, indispensável falar sobre a Vila de Alenquer com o seu Rio, sem antes descrever o lugar onde esta se insere dentro do território português e o que a torna tão única e especial.

"Alenquer parece ter sido destinada pela natureza para ocupar um lugar distinto em todas as épocas."

(Guilherme Henriques - **Alenquer e Seu Concelho**, Cap. VIII: A villa de Alenquer)¹³

Esta formosa Vila, sede da Câmara Municipal do concelho de Alenquer, faz parte da região da Estremadura. Conhecida, pelas suas características geográficas e belezas naturais, toda a zona da Estremadura, sempre beneficiou muito da sua proximidade com o mar.

Esta província ocupa uma posição com uma "latitude intermédia, entre o Norte e o Sul" de Portugal, e localiza-se na zona ocidental no território nacional. Na publicação "Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões" os autores (Duarte Belo, Suzanne Daveau e José Mattoso) distinguem a "*Extremadura*"

¹³ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p. 141.

portuguesa, pela sua localização, afirmando que esta está fixada na "área mais desenvolvida de todo o território" e por ter uma forte relação com o mar¹⁴.

Na mesma obra é feita uma citação de um autor natural de Lamego, mensageiro do conde de Barcelos sobre "uma interessante descrição geográfica de Portugal" do ano de 1416, que passo a citar: "a Stremadura tem este nome de extremada [que em latim significa escolhida] porque é a melhor, a mais rica e a mais forte de todas as regiões do reino"(...) "É, entre todas as regiões, a mais bela e notável, e está quase a meio do reino e os seus encantos deleitam."¹⁵.

Actualmente, a região da Estremadura corresponde sensivelmente, segundo a divisão do território nacional estipulada em 1936, aos distritos de Setúbal, de Lisboa e a parte "meridional" de Leiria¹⁶. Esta é limitada a norte pela região da Beira Litoral, a nascente pelo Ribatejo e Alto Alentejo e a sul pelo Baixo Alentejo.

Com o decorrer dos tempos esta região foi sofrendo alterações, no que à sua área e limites diz respeito. É de notar que a sua área foi sensivelmente reduzida, devido às modificações que foram ocorrendo na divisão do território português por regiões provinciais.

¹⁴ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. p. 455.

¹⁵ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. p. 455-456.

¹⁶ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. p. 457.



▨ - Área da província da Estremadura

sem escala

N

Planta 1 - Identificação da província da Estremadura em Território Nacional, aquando da divisão em 6 províncias, séc. XV-1832

Neste contexto, a região da Estremadura caracteriza-se, segundo os autores da obra “Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões”, por um traçado tradicional composto por campos e vilas, que se distribuem pelo território, sem seguir uma matriz urbana organizada, nem em "função de nenhuma cidade importante" e pela sua topografia, marcada por colinas e vales que nem sempre são férteis. A Estremadura foi sempre um local de passagem, e nela passa a via-férrea Lisboa-Porto e as estradas que ligam o norte e sul de Portugal, como é o caso da A1¹⁷.

É ainda de notar que a organização do território nesta região de Portugal identifica-se pela dispersão e diversidade de adaptação. Tal como é referido na mesma obra "O povoamento rural estremenho é pouco organizado, ou mesmo deslaçado. As aldeias vão crescendo em pouco ao acaso (...). Por entre as aldeias surgem casas isoladas (...)"¹⁸.

Isto é claro de perceber quando observamos a vila de Alenquer, pois nela verificam-se características naturais, como o relevo acentuado das suas colinas e o Rio de Alenquer, que reúnem condições para a formação de aglomerados urbanos. Desta forma, os povos que nela habitavam poderiam encontrar refúgio no topo das colinas, em caso de invasão e usufruir também de todas as riquezas que o Rio de Alenquer podia oferecer. Além disso, a distribuição do povoamento na vila, inicialmente era composta pela vila propriamente dita, dentro das muralhas no topo da colina, e por pequenos arrabaldes que se foram instalando ao longo da encosta desta e nas margens do rio.

¹⁷ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. p. 457 e 460.

¹⁸ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. p. 460.

Tal como toda a Estremadura, o Concelho de Alenquer é constituído por todo um conjunto de características naturais que identificam a região, como os seus vales e montanhas que nos oferecem diversas situações de paisagem, as suas linhas de água, que fertilizam os terrenos tornando-os em grande parte, propícios à prática de agricultura, assim como a existência de recursos naturais.

Nesse encadeamento define-se orograficamente o local de Alenquer pelos seus terrenos fortemente acidentados, figurados pelas serras que o contornam. É o caso da Serra de Montejunto situada a norte de Alenquer. De toda a região da Estremadura é a serra com maior altura (666m) e possui um comprimento de 15 Km. Esta prolonga-se para oeste onde acontece uma elevação de 360m de altura com o nome de Serra Galega e Serra Alta. A sul e com menor altura Monte Redondo, com 212m, a Serra da Ota (167m) e os perfis do Cabeço de Meca, com cerca de 279m, das Coteinas (218m), Falgar, Cabreira e Amaral, respectivamente com 228m, 217m e 290m¹⁹.

Trata-se de uma região composta por um conjunto variado de serras com alturas diferentes e associado a estas variações de altitude revela-se outro componente essencial à identidade do município - a água.

A água é um recurso natural muito presente e perceptível no local de estudo, derivado à existência de várias linhas de água. Fazem parte deste território três afluentes do rio Tejo, nomeadamente o rio de Alenquer, o rio da Ota e o rio de Santa Anna da

¹⁹ MELO, António de Oliveira; GUAPO, António Rodrigues; MARTINS, José Eduardo - **O Concelho de Alenquer 1: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia**. 2ª edição. Câmara Municipal de Alenquer: Associação para o Estudo e defesa do Património de Alenquer, 1989. p.15-16.

Carnota²⁰. É nomeado por Miguel Costa ainda o Rio Grande da Pipa²¹, no entanto observado em cartografias este provém do concelho de Arruda dos Vinhos e termina no município de Alenquer.

Os primeiros nascem de várias linhas e ribeiros de água provenientes da Serra de Montejunto e seguem caminhos díspares. Até desaguiarem no rio Tejo, o rio de Alenquer percorre 30 Km e o da Ota cerca de 25 Km. Encontram-se, próximo de Vila Nova da Rainha e confluem juntos. O rio de Santa Anna da Carnota provém da Gavinheira e articula-se com o rio Grande da Pipa (vindo de Arruda dos Vinhos), nos Cadafais, e seguem o curso juntos até à Vala do Carregado onde vão desaguar no rio Tejo. Todos estes rios recebem o nome do principal sítio por onde percorrem²². (Fig. 2)

É de salientar, a existência de nascentes de água na Vila de Alenquer, junto do actual jardim das Águas, que contribuíam significativamente para o volume do caudal do Rio de Alenquer. Todavia esta água, em meados do séc. XX passou a ser bombeada para a capital, pela Companhia das Águas de Lisboa, com o intuito de resolver o abastecimento de água da grande metrópole.

²⁰ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p. 7.

²¹ COSTA, Miguel Cipriano Esteves - **Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas: um estudo de arqueogeografia**. Coimbra: Faculdade de Letras, 2010. Dissertação de Mestrado. p. 15-16.

²² HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p. 7-10.

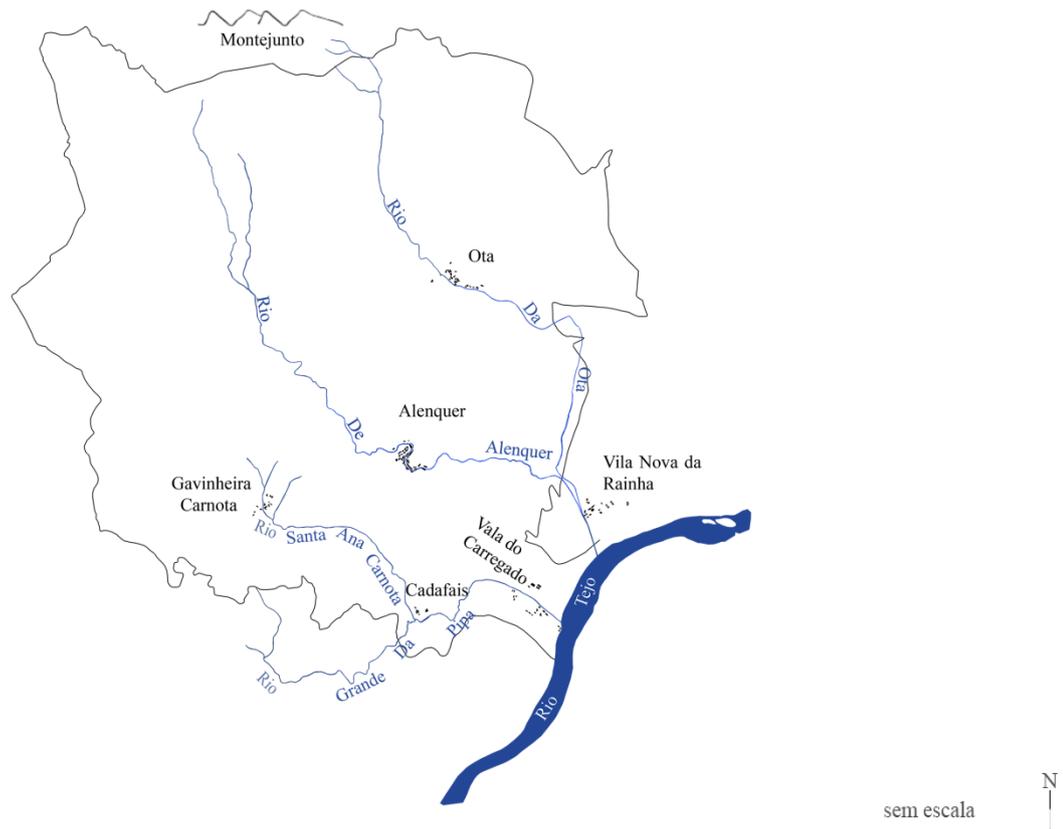


Fig. 2 - Mapa com as principais linhas de água do Concelho de Alenquer | A partir da figura é possível identificar as principais linhas de água do conselho e seus percursos até desaguarem no Rio Tejo.

No que diz respeito à sua localização geográfica esta é marcada pela proximidade à capital portuguesa, distando desta 40 Km e de Santarém, cerca de 46 Km, situando-se no ponto central do eixo Santarém-Lisboa²³.

Este aspecto, foi sem sombra de dúvidas de grande importância para o desenvolvimento do concelho, desde o início da sua existência até à actualidade. Falando mais concretamente da Vila de Alenquer, local de estudo, é importante dizer que no séc. XIX quando se instalaram algumas fábricas ao longo das margens do rio, embora a vila reunisse um conjunto de condições excelentes para as produções fabris, com certeza que a curta distância que une Alenquer a Lisboa motivou ainda mais os proprietários a investirem o seu capital na vila, pois ter um mercado de maiores dimensões nas proximidades, traria um conjunto de mais-valias para o negócio.

Relativamente à geografia imposta por limites traçados e impostos por acção humana, o município de Alenquer, encontra-se circunscrito a norte pelo concelho do Cadaval, a nascente pela Azambuja, a sudeste por Vila Franca de Xira, a sul pelo concelho de Arruda dos Vinhos, a sudoeste por Sobral de Monte Agraço e a poente pelo município de Torres Vedras²⁴, (Figura 3).

²³ BEATRIZ, Márcio André Vidal - **O Castelo de Alenquer: O Contributo da Arqueologia da Arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Julho de 2014. p.16.

²⁴ MELO, António de Oliveira; GUAPO, António Rodrigues; MARTINS, José Eduardo - **O Concelho de Alenquer 1: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia**. 2ªedição. Câmara Municipal de Alenquer: Associação para o Estudo e defesa do Património de Alenquer, 1989. p.5.



Fig. 3 - Planta do concelho de Alenquer | A partir da figura é possível identificar os limites do concelho e as freguesias que o compõem.

Conhecidos os municípios que contornam e limitam Alenquer, identificam-se por sua vez quais as freguesias que formam e definem a Vila de Alenquer.

À data das respostas paroquiais de 1758, é possível verificar que a vila era composta por cinco freguesias, nomeadamente Santo Estêvão, Santiago, a freguesia de São Pedro, Santa Maria da Várzea e a de Nossa Senhora da Triana, sendo que cada uma paróquia tinha a sua própria igreja. Assim, por cada paróquia existia um sacerdote - o pároco, responsável pela direcção espiritual e administrativa da paróquia correspondente²⁵.

No século XIX, Santiago e São Pedro foram associadas a Santo Estêvão e o mesmo aconteceu com Santa Maria da Várzea, associada por sua vez à freguesia da Triana, na 1ª metade do século XIX²⁶.

Actualmente a vila é composta por uma união de duas freguesias, Santo Estêvão e Triana, com uma área total de aproximadamente 50 Km² ²⁷.

²⁵ Dicionário Online de Português - **Pároco**. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:< <https://www.dicio.com.br/paroco/>>.

²⁶ ROGEIRO, Filipe Soares – **Alenquer: Presépio de Portugal**. Mem Martins: Ferraz & Azevedo, 2005. p.20-22.

²⁷ **Município de Alenquer**. [Em linha]. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:< <http://www.cm-alenquer.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=2923353b-10a4-4a23-9102-c1e24b6e647f&m=b106>>.

1.2 - A Vila de Alenquer

1.2.1 - Origem do nome

Sobre a origem do nome da Vila de Alenquer são várias as teorias existentes. Contudo, é de salientar, que possivelmente o nome do local está relacionado com o seu povo fundador e com a sua evolução histórica.

"(...) é portanto, dos casos etimológicos mais discutíveis e dêle se vem tratando desde há séculos."

(Fernando A. de Freitas Mota Luso Soares - **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**, Cap. I: As origens do nome de Alenquer)²⁸

Neste sentido, no "*Dicionário Portugal Antigo e Moderno*" de Pinho Leal de 1873 e no ensaio historiográfico publicado no ano de 1941 - "*A Vila de Alenquer*", de Fernando A. de Freitas Mota Luso Soares, é elaborada uma síntese com as diversas versões etimológicas. Desta forma, Pinho Leal e Fernando Soares dividem as diferentes terminologias, das quais a palavra Alenquer poderá ter origem em grupos. No 1º grupo é considerado, que o nome Alenquer deriva dos túrdulos; no 2º grupo dos alanos, no 3º grupo dos suevos, contemporâneos dos alanos e no 4º grupo dos árabes.

²⁸ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.9.

Este conjunto variado de teorias sobre a origem do nome da vila, diz respeito a várias opiniões e "divergências entre escritores sobre quem fundou a vila e sobre qual foi o seu primeiro nome", como refere Pinho Leal²⁹.

Segundo Pinho Leal, existe uma teoria que defende que a vila foi fundada pelos túrdulos, 500 anos antes de Jesus Cristo, contudo não existe grande certeza sobre o seu nome nessa altura, sendo que Pinho Leal fala-nos da possibilidade do nome ser "Jerabriga" ou "Jerabrica"³⁰, enquanto que Fernando Soares, apresenta o nome "Alan-Kerk-Kana" dado por este povo³¹.

No séc. V d.C, a Península Ibérica foi invadida por povos vindos do norte, entre eles os Alanos, os Suevos e os Godos. Estes dividiram as terras conquistadas entre si, ficando reservada a Lusitania (actual Estremadura) aos Alanos. Pinho Leal afirma que

²⁹ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. vol. 1: A-BUS** [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p.93.

³⁰ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. vol. 1: A-BUS** [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p.93.

³¹ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.11.

este povo construiu uma forte praça em Alenquer, que teria o nome de "Alan-Kerk" ou "Alano-Kerk", cuja tradução seria Castelo ou Templo dos Alanos³².

Sobre o mesmo assunto Fernando Soares ainda refere, que pode ter existido outra denominação para a vila, esta seria o termo "Alankana" ou "Alen-kerk-kana", sendo este o nome que os Suevos, dariam a uma terra pertencente aos alanos³³.

São ainda considerados dois vocábulos árabes (715 d.C), um denominado de "el-haquem", que significa o governador e outro de "Al-ain-Keir", cuja correspondência leva-nos ao nome "fonte abençoada"³⁴.

Desta forma, ilustres figuras defendem a origem do termo alânico. Damião de Góis, historiador português do século XVI, natural de Alenquer, deixa no seu túmulo uma descrição "...modo alano Kercoe, Ubi natus sum hoc Sepulchro condor" que significa "...descanso neste túmulo em Alenquer onde nasci"³⁵.

³² LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. vol. 1: A-BUS** [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p.93.

³³ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.11.

³⁴ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.11-12.

³⁵ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.10-11.

Segundo Pinho Leal a denominação Alenquer "procede incontestavelmente do alano"³⁶. Da mesma forma, Fernando A. de Freitas Mota Luso Soares descarta os termos usados pelos povos suevos, túrdulos e árabes, isto por considerar que a fundação de Alenquer aconteceu quando os alanos construíram o castelo e a própria denominação por eles dada ao local deriva do nome do povo fundador³⁷.

Já Guilherme Henriques em 1902, defende a possibilidade de Alenquer derivar da “Jerebrica Romana” e afirma, que apesar da dúvida existente, "considerar-me-hei jerabicense enquanto me não provarem o contrario"³⁸.

Para estas considerações Guilherme Henriques suporta-se em pontos de localização e distâncias geográficas de estações por onde passavam antigas vias romanas, no entanto reconhece diferenças de quilómetros por não se conhecer de forma exacta as directrizes traçadas pelos romanos. É mencionado, no que diz respeito à proporção de distâncias e localização da vila na via romana, que o termo "Jerabriga" pertença à vila de Povos, situada no concelho de Alenquer. Em contrapartida, não existe

³⁶ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno**: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. *vol. I: A-BUS* [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p. 93.

³⁷ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.10-12.

³⁸ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Lisboa: Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1902. p. 10.

conhecimento de vestígios romanos neste lugar, ao invés do que acontece na vila de Alenquer ³⁹.

A verdade é que nenhuma das teorias anteriormente apresentadas sobre a origem do nome da vila possui provas suficientes que nos levem a acreditar na sua veracidade pois, embora todas elas apresentem argumentos plausíveis, não passam de boas teorias sobre o assunto. De qualquer das formas, é possível perceber a diversidade de povos que povoaram a vila ao longo dos tempos, sendo muito natural que o nome tenha sofrido alterações a cada novo povo que por ali passou.

³⁹ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Lisboa: Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1902. p. 7-10.



Fig. 4 – Panorâmica de Alenquer 1900 – 1958, de Eduardo Portugal. A partir da foto é possível verificar que a Vila de Alenquer é composta por um núcleo pequeno no topo da colina e por outro nas margens do rio, ambos divididos por uma relevo acentuado.

1.2.2 - A Terra como Individualidade Geográfica

Para a caracterização do lugar, é de notar a importância das circunstâncias naturais e de como estas se expressam na definição de uma identidade. A topografia, o relevo e a relação do lugar com as linhas de água num dado território determinam de forma intrínseca o tipo de crescimento, de desenvolvimento e ocupação realizada. Por caracterizarem o sítio identificam-se os traços naturais, que determinam o lugar em estudo a Vila de Alenquer.

A vila assume uma característica própria na disposição da sua estrutura e silhueta topográfica, que auxilia numa individualização da paisagem⁴⁰.

A sua paisagem distingue-se pela presença de duas colinas que são cortadas por uma linha de água, designadamente o Rio de Alenquer. Os seus terrenos são férteis e propícios à prática de agricultura, muito por nesta vila existir o rio e várias nascentes da água.

Derivado das condições naturais da topografia do local, a vila de Alenquer foi-se expandido no território de uma forma muito condicionada, tendo que se adaptar ao relevo acidentado deste sítio. Nomeadamente, no que diz respeito à forma de ocupação urbana na encosta do castelo, este situado à cota 108m.

⁴⁰ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. Finisterra (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p.33.

Assim, como refere Aldo Paviani todo o núcleo urbano desenvolveu-se abaixo deste (castelo), sobretudo a partir da cota 90, 80 até chegar à cota do rio⁴¹.

Por outro lado, é de salientar as qualidades e vantagens das encostas “aos que ocupavam o interior da muralha” pois auxiliavam na procura de defesas, na criação de pontos de vigia e na construção de fortificações, com o intuito de encontro de segurança e protecção. No entanto, o mesmo autor confronta os aspectos positivos das “encostas declivosas, vantajosas num passado de insegurança” com os negativos do presente, como sendo um obstáculo físico ao desenvolvimento da vila⁴².

Em meados do século XX, procedeu-se ao arranjo das marginais da baixa da vila. Perante este cenário foi possível reestruturar e alargar a parte baixa da vila, graças a alguns aterros que foram feitos nas margens do Rio de Alenquer, mais concretamente na zona da Triana, lugar onde estão maioritariamente instalados os serviços e o comércio local.

Assim, em consequência das condições naturais existentes, a Vila de Alenquer divide-se numa espécie de duas “mini vilas”, nomeadamente a Vila Alta, onde se encontra o núcleo histórico e a Vila Baixa, correspondente à actual freguesia da Triana. A relação entre estas duas “mini vilas” é separada pelo curso do Rio de Alenquer e pela acentuada diferença de cota.

⁴¹ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. Finisterra (1968), 33-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. p.42-43.

⁴² PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. Finisterra (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. p.42.

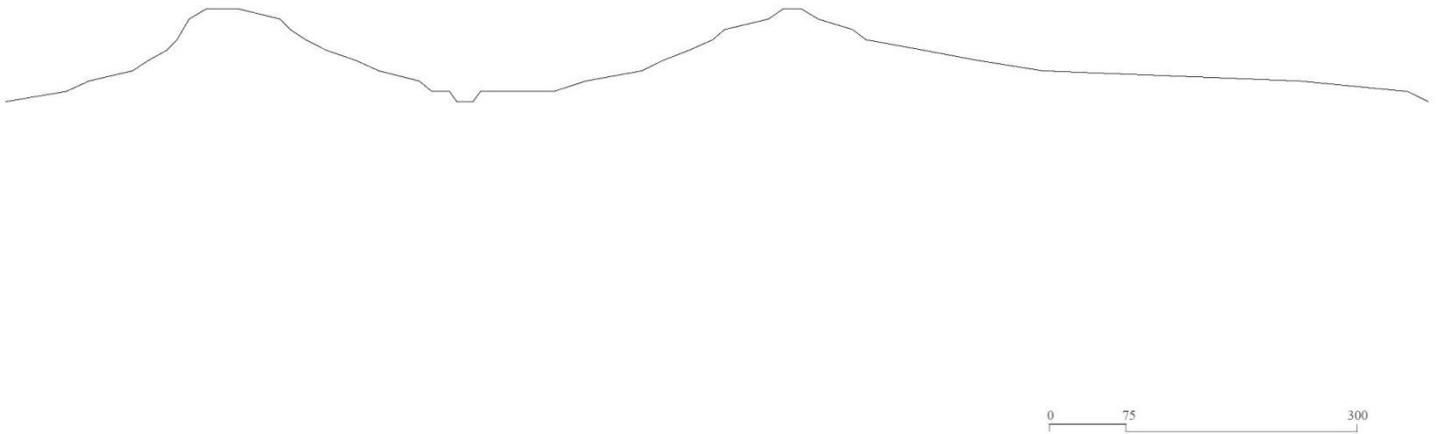


Fig. 5 - Perfil da Vila de Alenquer



Fig. 6 – Panorâmica da Vila de Alenquer, tirada a partir da estrada N9 | Na foto é possível ver a disposição da vila no território, dividindo-se na vila alta e na vila baixa.

1.2. 3 – Povoamento

O homem ocupa as diversas regiões por onde se desloca de distintas formas e modos. É designado por povoamento a forma de ocupação realizada. Distinguem-se diferentes tipos de aglomerações de população, nomeadamente um povoamento do tipo concentrado, um povoamento disperso e um povoamento linear⁴³.

Segundo o escrito na obra **Portugal - O Sabor da Terra**:

“O que acabamos de ver acerca do solo português e da paisagem física contribui para explicar, por um lado, que os pontos de concentração populacional não se distribuem uniformemente pelo território, e por outro, que os homens se associam em conjuntos culturais diferenciados”

(BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. p. 32.)⁴⁴

Desta forma, quando associados os diferentes tipos de povoamento ao local de estudo, a vila de Alenquer, é possível identificá-los.

A vila apresenta características dos diferentes tipos de ocupação, isto derivado da condição geográfica. Na zona alta, surge uma concentração populacional que se expandiu ao longo da encosta até ao rio. Determina-se neste núcleo histórico, que diz

⁴³ AZEVEDO, Sara - **Povoamento**. [Em linha]. [Consult. Junho de 2017]. Disponível em WWW:<URL: https://docs.google.com/presentation/d/1WaSVMIOYVyGCS9_2EP7i3avNZexgK808ThlAhoahQhU/edit#slide=id.i0>.

⁴⁴ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. Lisboa: Círculo de Leitores, Pavilhão de Portugal/Expo '98 e Autores, Setembro de 1997. p.32.

respeito à parte amuralhada e que serviu de princípio para o restante crescimento da vila, um tipo de povoamento concentrado. Como refere João Pedro Ferro a vila de Alenquer foi crescendo:

"aproveitando a maior suavidade da colina"⁴⁵, que como escreve o geógrafo Aldo Paviani foi acontecendo tardiamente de modo a adaptar-se à topografia declivosa da encosta orientada a Nascente. Deste modo, constituiu-se uma estrutura de casas "intricadas", com um "aspeto caótico e complicado"⁴⁶.

A vila alta nunca se expandiu para a parte norte da colina, derivado dos ventos fortes vindos do norte serem um obstáculo, como refere Aldo Paviani:

"Por outro lado, a oeste da praça forte, o abrupto vigoroso impossibilitou qualquer construção e nele hoje cresce frondoso eucaliptal. Abaixo dêste, pequena faixa sedimentar é aproveitada pela agricultura, beneficiando-se com as águas da ribeira que a corta."⁴⁷.

A opção passou pela expansão da vila pelo lado nascente do monte até ao rio, e depois aproveitar a parte baixa da vila, para a criação de outro aglomerado urbano nas margens do Rio de Alenquer, procurando uma maior relação com esta linha de água.

⁴⁵ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.20.

⁴⁶ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 43.

⁴⁷ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 43.

Nesta sequência a vila desenvolveu-se transpondo o rio, formando o bairro designado de Triana⁴⁸.

Hoje em dia este bairro surge com um traçado organizado, regular e composto por uma definição de quarteirões, de ruas e com uma predominância de edifícios com funções comerciais. Neste sentido verifica-se que existe um povoamento linear, feito em continuidade com as margens do rio de Alenquer, na zona Baixa da Vila.

Deste modo, esta vila resumia-se a um primitivo núcleo urbano amuralhado no cimo da colina designado de S. Estevão, sobre o qual D. Afonso Henriques construiu a primitiva igreja da vila de Alenquer (Igreja de Santo Estêvão). Desenvolveram-se, por sua vez em redor das muralhas concentrações populacionais distintas, nomeadamente três, até finais do século XII, conforme a investigação produzida por João P. Ferro ⁴⁹, sendo elas São Pedro, com a segunda igreja mais antiga da vila, Santa Maria da Várzea e a actual freguesia da Triana ou Nossa Senhora da Assunção como conhecida anteriormente⁵⁰.

⁴⁸ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.20.

⁴⁹ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 38.

⁵⁰ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. vol. 1: A-BUS** [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p.95.

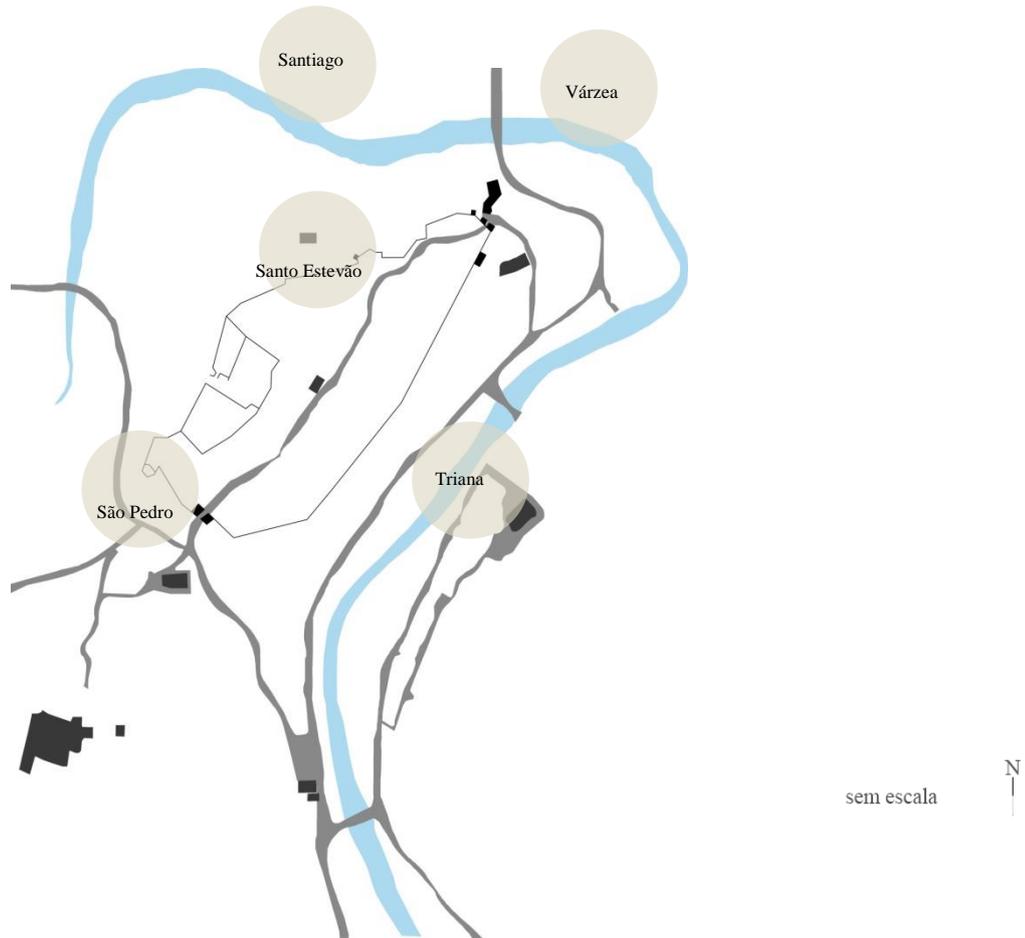


Fig. 7 - Planta com identificação da localização pertencente a cada freguesia da vila de Alenquer | A partir da figura é possível verificar que a organização urbana da Vila Medieval era muito idêntica à da vila actual. Ver anexo E.

Desta forma, é possível perceber que os pequenos aglomerados populacionais desenvolveram-se em torno das igrejas até aos nossos dias, à exceção do que aconteceu à Igreja de Santiago, derivado sobretudo ao relevo muito íngreme que caracteriza a face norte da colina. De todas, apenas as igrejas de S. Estêvão e Santiago já não se inserem na actual realidade da vila.

É de salientar as influências das rainhas donatárias na vila de Alenquer, especialmente devido a fundações de capelas, igrejas e um convento⁵¹. Em meados do século XIII (1245) destaca-se a edificação da igreja de Santa Maria da Várzea pela rainha D. Sancha e a Igreja da Triana em finais do mesmo século, pela rainha Santa Isabel⁵².

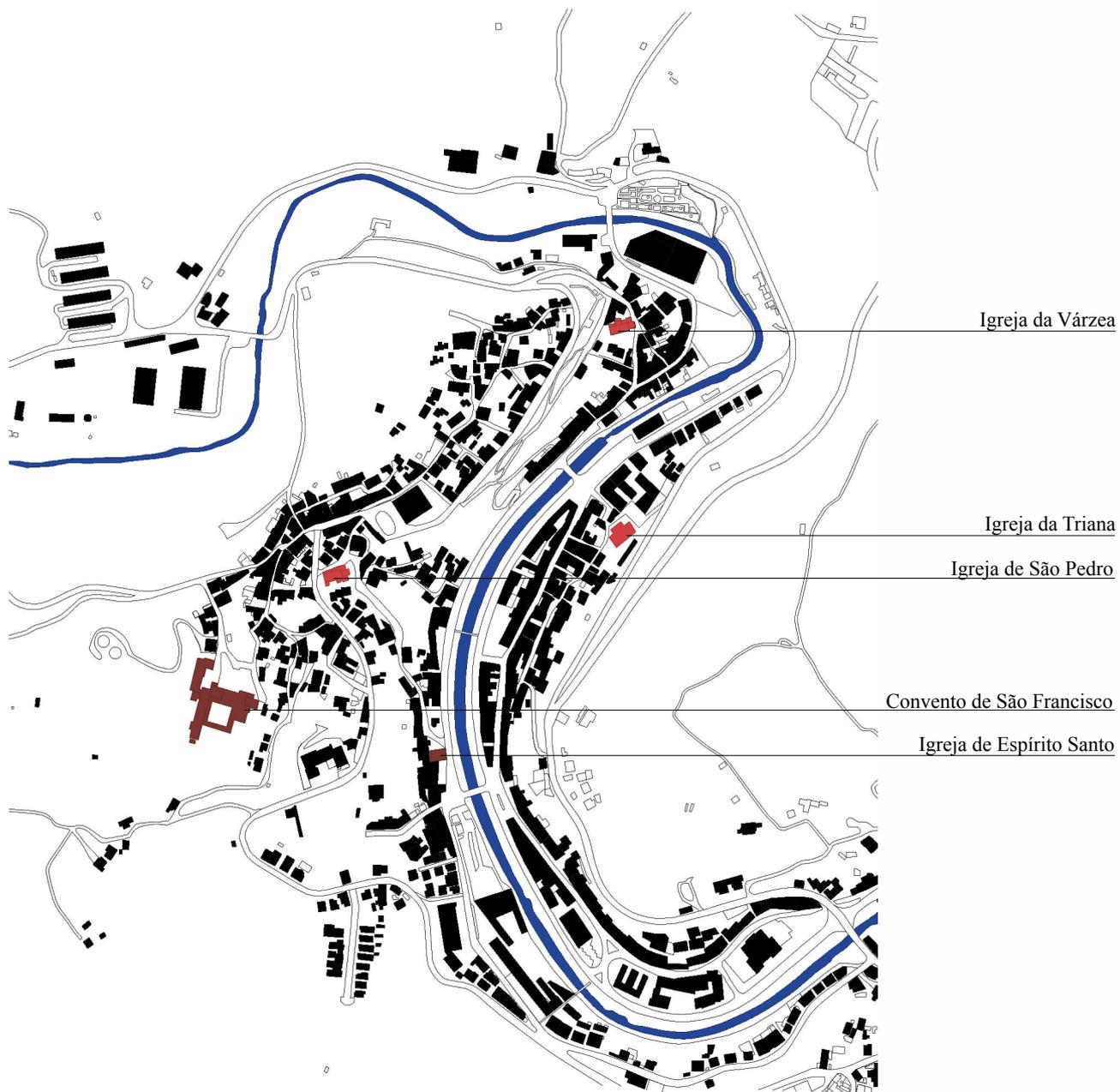
É ainda de fazer referência, a existência de edificado religioso como o convento de São Francisco no topo da colina e a capela do Espírito Santo (transformada em Igreja do Espírito Santo)⁵³, implantada na margem direita do rio de Alenquer no século XIV, obras de ambas as rainhas donatárias da vila⁵⁴.

⁵¹ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.31 e 40.

⁵² SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.40.

⁵³ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.43.

⁵⁴ SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941. p.26-27.



■ - Traçado do rio actual
 ■ - Igrejas pertencentes às 5 paróquias
 ■ - Edifício religioso

Planta 4 - Identificação do edificado religioso, 2016





Fig. 8 – Vista da vila alta de Alenquer, a partir da estrada N9 | Na foto é possível observar os acessos pedonais à parte alta da vila e como esses se adaptaram à inclinação do terreno.

1.2.4 - Caminhos

O território organiza-se estruturalmente, baseando-se numa rede de vias de circulação e itinerários traçados pela ocupação e movimentação do homem. A definição física desses caminhos está condicionada pela configuração do território, ou seja, encontra-se dependente das condições topográficas naturais que o local assume.

Como referem os autores na obra **Portugal - O Sabor da Terra**:

"A distribuição dos lugares onde a população se concentrou, no espaço (...) foi um dos principais factores que determinaram o traçado dos itinerários seguidos pelos homens nas suas deslocações, os caminhos por onde eram transportadas as principais mercadorias e a amplitude e direcção dos meios de comunicação."

(BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. p. 42.)⁵⁵

Desta forma, caracterizam-se as antigas vias de circulação da vila de Alenquer, assim como o papel que desempenharam na evolução, na expansão e na consolidação da paisagem. É também de referir o modo como estas influenciaram na construção da identidade de Alenquer.

Nota-se de uma forma sucinta ao longo da vila, que os seus percursos são condicionados pela topografia acidentada. Assim surgem ruas estreitas, tortuosas e íngremes e escadarias que trabalham as diferentes alturas, tal como refere Aldo Paviani:

⁵⁵ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. Lisboa: Círculo de Leitores, Pavilhão de Portugal/Expo '98 e Autores, Setembro de 1997. p.42.

"Alta e Baixa, como acontece em outras vilas alcandoradas, são ligadas por estreitas, tortuosas e íngremes ruas, entrecortadas por «becos», «travessas» e «escadinhas», que bem atestam o emaranhado urbano que a topografia e o legado mouro souberam decalcar"⁵⁶.

Desta forma, e segundo João Pedro Ferro, é possível acreditar que o traçado das ruas da pequena vila medieval fosse muito idêntico ao traçado actual.⁵⁷ Sendo assim, a parte alta da vila servia-se de um eixo principal, chamado de Rua Direita, actualmente a mesma rua é constituída pelas ruas Maria Milne Carmo e rua da Judiaria. Este eixo principal ligava a Porta Principal da muralha à Porta da Conceição, permitindo um atravessamento da vila de uma extremidade à outra⁵⁸.

A partir da Rua Direita, desenvolveram-se perpendicularmente algumas travessas, a Calçada Duarte de Almeida, a Calçada do Conde Ferreira, a Travessa do Cotovelo e a Calçada Moisés Carmo, que segundo o mesmo autor terminavam em aberturas na muralha. Desta forma, a Porta Principal e a Porta da Conceição eram os principais pontos de entrada e saída da vila quer de pessoas como de mercadorias e o

⁵⁶ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 43.

⁵⁷ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.39.

⁵⁸ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 44.

eixo entre ambas as portas era "a espinha dorsal da área intra-muros" sobre a qual se foram formando e desenhando as outras artérias perpendiculares à primeira⁵⁹.

Como percursos a identificar na parte baixa da vila, "para lá do rio", entendidos como eixos de circulação na freguesia da Triana são a Rua da Triana, de frente para a ribeira de Alenquer, com comunicação a Lisboa e aos outros arrabaldes, conseguida a partir de pontes existentes e a rua Dr. Bento Pereira do Carmo, paralela à primeira, dirigida à igreja paroquial da Triana, designada outrora de Rua de Trás da Triana⁶⁰.

Identifica-se ainda, no arrabalde da Várzea ruas existentes na Idade Média e que se mantêm nos nossos dias como a rua Serpa Pinto, mais próxima do rio (a norte) e a Calçada Damião de Góis que rodeia este arrabalde⁶¹.

É possível verificar no arrabalde da Triana, ruas perpendiculares aos dois eixos principais anteriormente mencionados. Este facto também se sucede na Várzea, onde surgem diversas travessas que ligam a rua Serpa Pinto com a Calçada Damião de Góis.

Os acessos à vila alta eram feitos a norte pela Ponte da Couraça e pela Rua Serpa Pinto, antiga Rua do Areal, a nascente pela ponte de Pancas, localizada na encosta ocidental do castelo e a sul realizado pela Calçada do Espírito Santo⁶².

⁵⁹ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 55-57.

⁶⁰ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 71.

⁶¹ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 68.

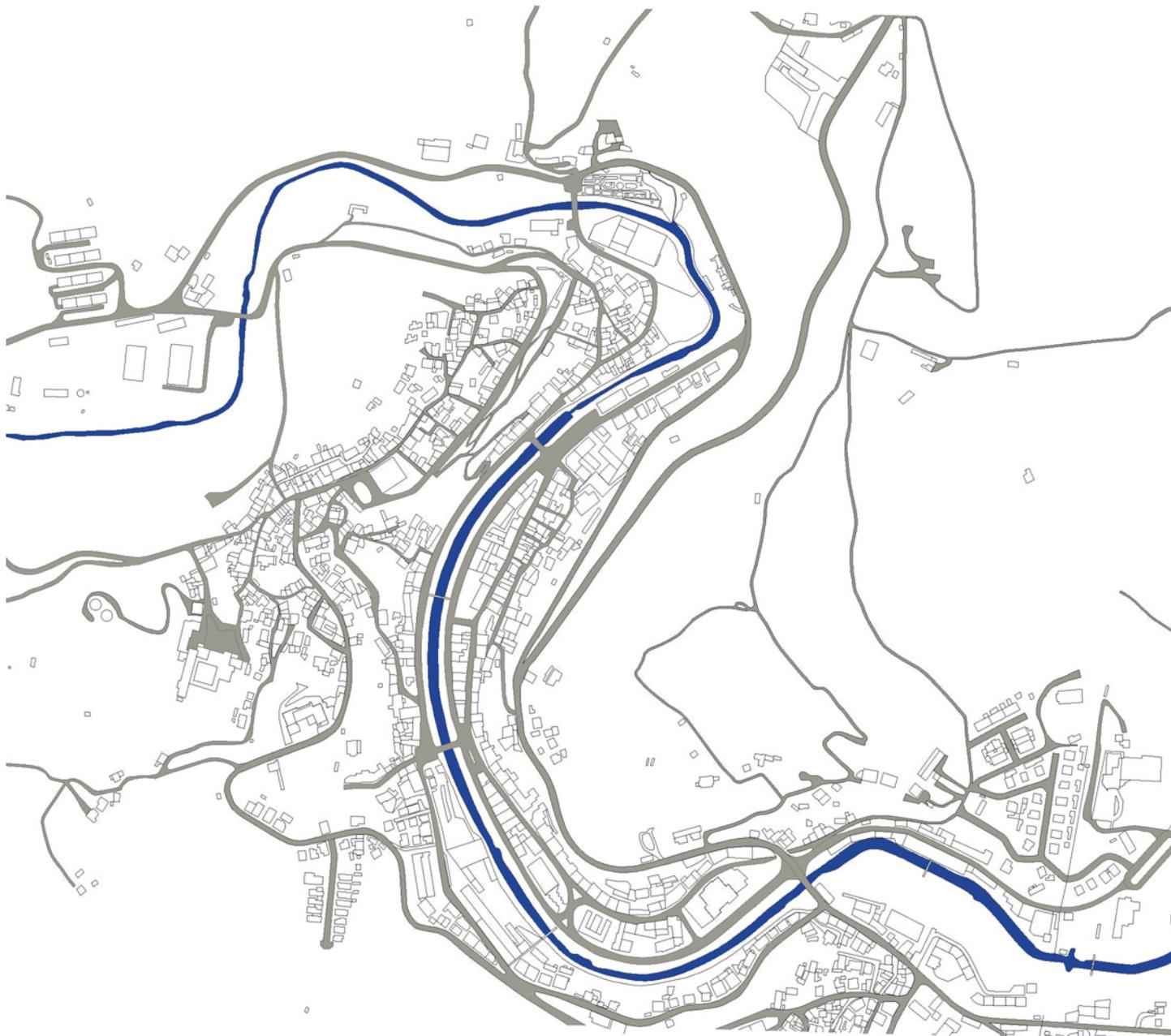
É de salientar, que o próprio rio era um caminho que ligava a vila ao rio Tejo e através desse era possível chegar a Lisboa, contudo este não era navegável no interior da vila, por existirem diversos açudes que não o possibilitavam. No entanto, não podemos deixar de considerar que a vila dispunha desta grande via que a ligava à capital do país, o Rio de Alenquer.

Além disso, os açudes não existiram sempre no rio, pelo que este muito possivelmente foi navegável em tempos muito longínquos e se for considerada esta possibilidade, podemos dizer que esta seria o principal caminho da vila.

É de referir, que a navegabilidade dos rios portugueses, teve uma grande importância em tempos passados, tendo uma grande influência na forma como se distribuíram as populações e as suas poderes administrativos. Deste modo, os rios desempenharam um papel estruturador do território, marcando o ordenamento do território nacional⁶³.

⁶² FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 67.

⁶³ BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. Lisboa: Círculo de Leitores, Pavilhão de Portugal/Expo'98 e Autores, Setembro de 1997. p.45.



■ - Traçado do rio actual ■ - Caminhos actuais

Planta 6 - A Vila de Alenquer em 2016



João Pedro Ferro descreve como seria o trajecto na vila alta, considerado um local de passagem na rota de ligação entre Lisboa e Santarém, desta forma:

"Com estas duas portas e a rua que as unia, (...) Alenquer assumia o aspecto de uma vila de passagem. Vindo de Lisboa, podia-se entrar pela Porta da Vila, percorrê-la até à Porta da Conceição, sair por ela, atravessar o rio pela ponte da Couraça e continuar o caminho para Santarém ou para outras localidades. Ou então, *vice-versa*."⁶⁴

Este facto seria extremamente importante, pois segundo podemos concluir, esta vila faria parte de uma rota que ligava Lisboa a Santarém, o que fazia com que várias pessoas passassem pela vila. Além disso, pode-se considerar que esse local serviria para os viajantes pernoitarem e se reabastecerem para o resto da viagem.

Numa situação mais recente e não muito distante da nossa realidade, a vila de Alenquer era também um local de passagem na ligação Lisboa – Porto, que era feita a partir da estrada nacional designada de EN1. Esta via passa por trás da freguesia da Triana e oferece a quem passa, a vista global da vila.

Todavia, foram acrescentados pequenos troços, correspondentes a vias rápidas, à EN1, com o intuito de diminuir distâncias entre os locais e permitir deste modo um rápido acesso aos mesmos (locais), como é o caso do itinerário complementar nomeado de IC2, que no fundo veio permitir aos condutores a possibilidade de continuar a fazer o trajecto Lisboa – Porto e vice-versa, sem passar pela Vila de Alenquer, contornando-a. Posto isto, actualmente a vila deixou de ser um ponto de passagem obrigatório, e perdeu de certa forma esta característica, que tanto a caracterizava.

⁶⁴ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 47.



Fig. 9 – Termo de Alenquer no século XII | A partir da figura é possível verificar que a Vila de Alenquer é um ponto de passagem na ligação Lisboa – Santarém e vice-versa.



— N1 — IC2

Fig. 10 – Vista aérea da vila de Alenquer com a identificação da N1 (a amarelo no mapa) e do IC2 (a vermelho no mapa) | A partir da imagem é possível verificar que com a introdução da IC2, deixou de ser necessário passar pela Vila de Alenquer para quem faz o trajecto Lisboa – Porto e vice-versa.

1.2.5 - Fronteiras

1.2.5.1 - Naturais - O Rio de Alenquer

Os limites naturais são impostos pela natureza e são elementos da definição da paisagem. Quando observamos o Rio de Alenquer, é notório que este foi sem sombra de dúvida uma barreira, que dividiu ainda mais a zona alta da zona baixa da vila.

O rio de Alenquer é património natural do concelho⁶⁵ e obedece a um desenho sinuoso e tortuoso ao longo do seu curso. Memórias existem sobre o caudal abundante das águas do rio. Refere Guilherme Henriques, em "A Vila de Alenquer", publicado no ano de 1902, sobre "o doce murmurar do rio" e como este (o rio), era o notável recurso impulsionador da vila⁶⁶.

Contudo, foi inevitável a expansão da vila baixa, e nesse momento o rio passou a ser para além de uma fonte de riqueza um obstáculo físico. Assim o rio transformou-se numa barreira, na medida em que a relação física, tanto viária como pedonal, entre as margens que o compõem era muito limitada. Deste modo, foram surgindo pontes ao longo do rio que possibilitavam a passagem da população.

⁶⁵ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.20.

⁶⁶ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Lisboa: Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1902. p. 6.



Fig. 11 – Fotografia do rio de Alenquer, tirada a partir da Praça Luís de Camões. A partir do registo fotográfico é possível perceber a forte relação da parte baixa da vila com o rio e como esse foi um limite físico à sua expansão no território.

Actualmente, existe ao longo do curso do rio dentro da vila, cinco pontes principais (Ponte das Pancas, da Couraça, da Triana, do Espírito Santo e a Ponte de Santa Catarina), por onde passam veículos e peões e ainda outras três de menor dimensão exclusivamente para peões. Todavia, em 1873 ao que tudo indica existiam cinco pontes com o mesmo nome e com a mesma localização.

Pinho leal refere na sua obra “Portugal Antigo e Moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias”, a existência de cinco pontes distribuídas ao longo do curso do rio.⁶⁷ Uma ponte localizada a nascente designada por Ponte de Pancas, em continuação, e seguindo o desenho do curso natural do rio, encontrava-se a Ponte da Couraça ou Ponte das Águas, localizada nas proximidades da Torre da Couraça. Seguiam-se as pontes da Triana, do Espírito Santo, do século XVI e a ponte de Santa Catarina, século XIII, situada no bairro com semelhante designação (Santa Catarina) que perfaz os limites da vila de Alenquer a sul⁶⁸.

Estas, com o evoluir dos tempos foram sendo destruídas, e posteriormente reconstruídas, com a intenção de adaptá-las para a passagem de automóveis.

⁶⁷ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.** vol. 1: *A-BUS* [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p. 92.

⁶⁸ LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.** vol. 1: *A-BUS* [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. p. 107.

É de notar que para vencer este limite, a Rainha Santa Isabel em 1305, mandou construir passadeiras no rio, para que a mesma pudesse visitar as obras da igreja da Triana. Essa passadeira seria composta por 5 pedras de grande dimensão, que conseguiu resistir ao longo dos anos às cheias, contudo foram acrescentadas pedras que segundo Guilherme Henriques não possibilitavam identificar as cinco iniciais⁶⁹.



Fig. 12 – 3 PORTUGAL – Alenquer, Passadeiras da Rainha Santa Isabel.

⁶⁹ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Lisboa: Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1902. p. 177 e 178.

1.2.5.2 - Construídas - A silhueta medieval da muralha da Vila de Alenquer

No sentido oposto ao já apresentado e identificado *à priori*, como elementos construtores de uma paisagem natural distinta, nomeadamente a fisionomia topográfica de carácter particular, encontram-se, por sua vez, na vila de Alenquer elementos construtores de paisagem humanizada, que revelam a ocupação do movimento antrópico no sítio e que se tornam elementos construtores da identidade local.

Sobre a paisagem natural é possível a sua ocupação pelo homem e esta (a paisagem) transforma-se ao longo do tempo, derivado de diferentes culturas e formas de concentração e distribuição. No entanto, salientam-se na vila elementos construídos pela acção humana com uma permanência no tempo.

Derivado de tempos inseguros, existiu em Alenquer, na parte alta da vila, no cimo da colina, uma fortificação, composta por um castelo e muralha, que terá sido construído pelos alanos⁷⁰, esta também foi a fortaleza dos muçulmanos, quando estes dominavam o território⁷¹. Tratava-se de um ponto estratégico que compunha a linha defensiva da margem do rio Tejo, na Idade Média⁷².

⁷⁰ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Lisboa: Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1902. p. 10.

⁷¹ SERRA DE MONTEJUNTO, Alenquer e Cadaval - **Castelo de Alenquer: Porta da Conceição**. [Em linha]. [Consult. 20 de Junho de 2017] Disponível em WWW.<<http://www.visitmontejunto.pt/vm/castelo-alenquer-porta-da-conceicao/>>.

⁷² FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.40.



Fig. 13 - Fotografia da zona onde ficava o Castelo de Alenquer | Na fotografia é possível verificar, que o antigo castelo de Alenquer deu lugar ao denso arvoredado.



Fig. 14 - Fotografia da Porta da Conceição a partir do areal da Várzea | A partir da fotografia é possível ver a única parte da antiga muralha que ainda permanece na vila.

Actualmente, na parte Alta da Vila de Alenquer e sobre a encosta ainda se encontra localizada, no meio do denso arvoredo, alguns vestígios que ao que tudo indica são as ruínas do castelo de Alenquer (Fig.13). No que toca à muralha, apenas ficou a Porta da Conceição, que foi reconstruída em 1940 pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, sendo em concreto o local mais conservado da antiga fortificação⁷³.

Além disso, é de salientar a presença da torre da Couraça, fortificação situada à beira da Porta da Conceição. Segundo João Pedro Ferro, esta torre terá sido construída sobre uma nascente de água, no período que antecedeu o cenário de guerra que se viveu em Portugal nos finais do séc. XIV, numa luta pela independência de Portugal que opôs a rainha D. Leonor Teles e castelhanos contra o Mestre de Avis e apoiantes da independência portuguesa⁷⁴.

De qualquer das formas, a muralha de Alenquer foi um limite construído pelo homem, que foi fundamental na defesa da vila ao longo dos tempos. Assim podemos concluir que este local disponha de duas linhas limitadoras do espaço, na vila alta a muralha e na vila baixa o rio, que conseqüentemente em caso de invasão funcionaria quase que como uma dupla linha defensiva.

Este factor, também poderá ter tido repercussões no que à relação entre a vila baixa e alta diz respeito, pois o difícil acesso que as separa aliado ao rio e muralha, com certeza foi dificultando a relação entre populações.

⁷³ SERRA DE MONTEJUNTO, Alenquer e Cadaval - **Castelo de Alenquer: Porta da Conceição**. [Em linha]. [Consult. 20 de Junho de 2017] Disponível em WWW.<<http://www.visitmontejunto.pt/vm/castelo-alenquer-porta-da-conceicao/>>.

⁷⁴ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.48 - 49.

02 | Rio de Alenquer



Fig. 15 - Correição de Santarém ; Parte Da Correição De Tomar ; Parte Da Correição De Leiria; Parte Da Correição De Alenquer ; Parte Da Correição De Evora ; Parte Da Correição De Setubal, da autoria de João Teixeira Albernaz, do ano 1640. Ver anexo D.

02 | Rio de Alenquer

2.1 – O Rio Medieval

Na Idade Média a Vila de Alenquer, era composta essencialmente pelo seu núcleo amuralhado e respectivo castelo no topo da colina, que na época desempenhou um importante papel no controlo do Rio Tejo. Todavia, no exterior da muralha já existiam pequenos aglomerados populacionais, sobretudo nas margens do rio, onde o relevo era menos acentuado e podiam aceder mais facilmente às riquezas que o rio podia oferecer.

O Rio de Alenquer, que nos dias que correm não passa de um ribeiro com um caudal insignificante, na Idade Média, assumiu um papel de grande relevância na economia local, servindo de meio de transporte, para irrigação dos solos e como fonte de alimento, através da prática de pesca das populações locais. Nesta época o rio possuía um enorme caudal, que inundava em época de cheias as zonas da Várzea e Triana, o que acabava por tornar os solos mais férteis nessas áreas anteriormente referidas. Segundo alguns autores essas águas que banham a Vila de Alenquer, são ricas em peixe e possuem qualidades medicinais⁷⁵, que com certeza ajudaram e muito a população que habitava a vila.

José Henrique Tomé Leitão Lourenço, na sua dissertação “A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931”, publicada em 2010, cita o P. António Carvalho da Costa, que na

⁷⁵ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.18.

publicação “ Corographia Portugueza e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal” escreveu as seguintes palavras:

“ a fonte da Triana, a da Rainha Santa Isabel, cuja água se tem por milagrosa, e é tradição que nela se lavava a Rainha” e a “fonte santa junto ao Oratório de Santa Catarina de frades franciscanos onde estiveram os cinco Mártires de Marrocos até lhes crescerem as barbas para irem a Berberia”⁷⁶.

O autor cita também o P. Luiz Cardozo, que publicou no Dicionário Geográfico, do ano de 1747, as seguintes informações sobre as águas do Rio de Alenquer:

“São as águas deste rio medicinais, porque os seus banhos curam os achaques, que procedem de intemperanças quentes, e os males cutâneos a que chamam do fígado. Por ser ele rio muito vizinho de Lisboa vai muita gente a ele tomar banhos no Estio, e ordinariamente costumam remediar as ditas queixas, ou seja porque a sua água lhes aproveite, ou por milagre da Rainha Santa (...) Não tem casas determinadas para os banhos, mas costumam pela borda do rio fazer barracas, em que os tomam.”⁷⁷

Estas citações levam-nos a pensar, que realmente as águas do rio eram famosas pelas suas virtudes medicinais e que atraíam a vinda de pessoas oriundas de outras localidades para a vila, o que seria muito bom para a economia local. Desta forma,

⁷⁶ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.18-19.

⁷⁷ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.19.

podemos concluir que as águas do rio eram um dos pontos de atracção que a vila disponha na época medieval.

Sendo o rio de Alenquer, muito provavelmente o elemento que originou o aparecimento desta vila, e tendo sido navegável em tempos longínquos, acabou por se tornar uma via de transporte que ligava as populações locais a outras zonas⁷⁸. Na carta de foral de Alenquer dada por D. Sancha, escrita em 1212, é possível entender que o rio e as actividades nele praticadas tinham um grande peso na economia local:

“ E darão de foro (...) de carga de besta de pescado um dinheiro, e de barco de pescado um dinheiro (...) Os pescadores darão o décimo. (...) Da carga de peixe que homens de fora, levarem, darão seis dinheiros de portagem. (...) Da madeira que vier pelo rio, de que até agora davam oitavo, darão o décimo. (...) De alcaidaria, de cada besta que vier de fora com peixe darão dois dinheiros e de cada barco de peixe miúdo onze dinheiros, e de todo o outro peixe darão seu fôro. Quanto aos navios mando que o alcaide, dois remeiros, dois arraes e um calafale, tenham fôro de cavalleiros.”⁷⁹.

Assim, o rio seria uma grande fonte de rendimento no local, contudo fica a ideia que as acções nele realizadas, sofriam um grande controlo por parte da rainha donatária da vila.

⁷⁸ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.15.

⁷⁹ RIBEIRO, Luciano – **ALENQUER: Subsídios para a sua história**. Publicação da Câmara Municipal de Alenquer.1936. p.73-75.

Na obra seiscentista escrita em castelhano, intitulada “Relacion de la Antigüidade y particularidades de la noble villa de Alenquer, ” o autor de identidade desconhecida, descreve a passagem do rio pela Vila de Alenquer. O mesmo relata o Rio como belo e com grandes peixes de várias espécies, que eram possíveis de observar da vila, devido às claras águas do Rio de Alenquer.

Segundo o mesmo autor, o trajecto do rio de Alenquer dentro da vila, era povoado em ambas as margens, onde dá conta da existência de hortas, pomares, árvores de diversas espécies e muitas plantas odoríferas. Além disso, segundo o mesmo seria possível observar as seis fontes de água existentes na Vila, que procedem o Rio, uma na Couraça e as restantes no monte em frente, de onde saía água de forma abundante. Essa água seria aproveitada por moinhos existentes na vila, que diz o autor serem 11 ao longo do curso do rio na mesma e 4 lagares de azeite e também plantações de vinha⁸⁰.

Posto isto, a relação da população com o seu rio na Idade Média seria com certeza muito forte, pois este era o grande impulsionador da economia local. Na “Gravura de Alenquer Medieval” (Fig. 16) de João Mário Ayres de Oliveira, de 2001, é possível verificar um caudal do rio mais volumoso e a presença de alguns moinhos ao longo das margens do rio e alguns campos que possivelmente seriam de cultivo de vinha e azeitona.

⁸⁰ Biblioteca digital real academia de la historia - *Relacion de la antigüidad y particularidades de la noble villa de Alenquer*. [s.l.: s.n], 1625, pp. 1-2. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em WWW: <<http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/es/consulta/registro.cmd?id=44916>>.



Fig. 16 - Fotografia tirada pelo autor à Gravura de Alenquer Medieval de João Mário Ayres de Oliveira, 2001.

A partir da planta de Alenquer Medieval, de João Pedro Ferro retirada do livro “Alenquer Medieval (Séculos XII-XV) Subsídios para o seu estudo”, que no fundo é um esboço, elaborado a partir de manuscritos que descrevem essa antiga vila medieval, permite-nos entender como provavelmente seria o desenho da vila e do rio de Alenquer.

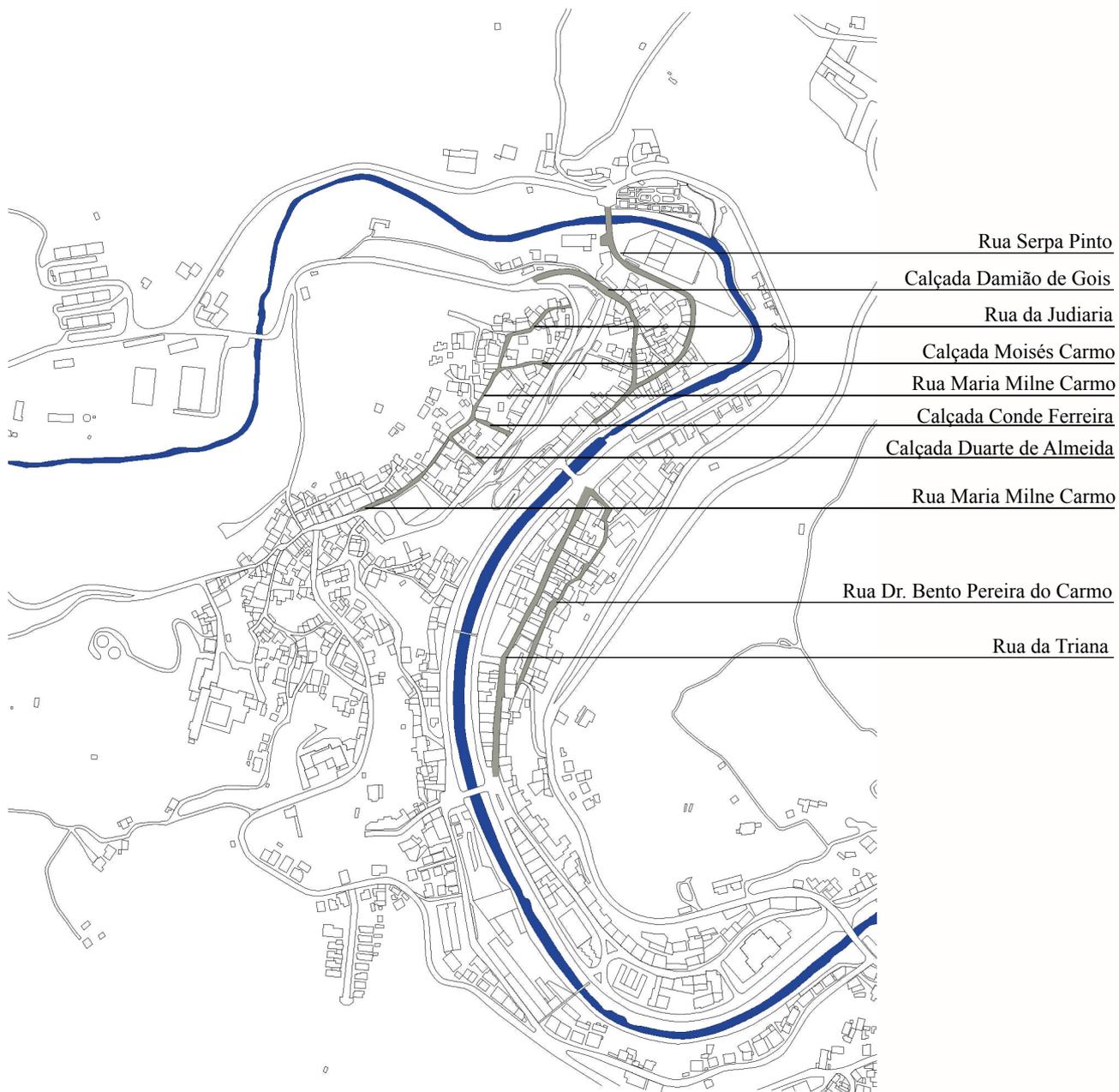
Desta forma, é possível verificar os pequenos arrabaldes, que existiam nas extremidades da muralha do castelo, que provavelmente já teriam um número significativo de habitantes, tendo em conta a existência de igrejas nesses arrabaldes. Ao longo das margens do rio alenquerense no seu curso na vila desenvolveram-se dois arrabaldes, o da Triana e o da Várzea.

Estas duas zonas, eram as que mantinham uma maior relação com o rio, que funcionava como um limite imposto à sua expansão no território.

A zona da Várzea viu sempre o seu crescimento condicionado pelo rio e pelo declive da colina a oriente. Devido às várias inundações, que essa área foi e é sujeita actualmente e as construções de fábricas e armazéns sobretudo no século XIX, não é possível verificar o plano medieval no panorama actual da vila⁸¹. A Triana, sendo provavelmente o arrabalde mais pequeno da vila, beneficiou desde cedo da sua forte relação com a água do rio, sendo que segundo João Pedro Ferro foi o local onde se instalaram alguns ofícios, como é o caso dos ferreiros⁸².

⁸¹ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.68-69

⁸² FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.70.



- Traçado do rio actual
 - Caminhos actuais

Planta 8 - Identificação dos caminhos antigos da vila, 2016



O traçado medieval permanece até aos nossos dias em grande parte, à excepção do que acontece na vila baixa que em meados do século XX e após as alterações urbanas elaboradas, para benefício de ocupação e uso do solo no local.

Todavia, na Triana na época medieval já existiam duas ruas principais, que correspondem às actuais Rua da Triana e Rua Dr. Bento Pereira do Carmo. Essas duas vias eram unificadas por travessas, serventias e azinhagas⁸³.

Por sua vez na zona da Várzea, é possível perceber que existiam duas ruas que se mantêm actualmente, correspondendo estas à actual rua Serpa Pinto, mais próxima do rio e a Calçada Damião de Góis.

Por outro lado, a vila alta não sofreu grandes alterações, mantendo praticamente inalterado o traçado medieval que a caracteriza.

Verifica-se uma notória diferença entre o traçado do rio medieval e o actual, que segundo a sobreposição das duas plantas, podemos concluir que na época medieval o traço do rio era muito mais natural e meandrado.

Além disso, é interessante verificar, que o rio funcionava quase como um fosso natural do castelo de Alenquer situado no topo da colina, sendo que em caso de um ataque inimigo, funcionava como uma primeira barreira física, que dificultava e muito o trabalho do invasor, que depois ainda teria de vencer o declive do monte e a muralha do castelo. Posto isto, o rio também desempenhava um importante papel na defesa da vila.

⁸³ FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo**. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.71.



Fig. 17 - Fotografia tirada a partir do convento de São Francisco. A partir da fotografia é possível entender que o rio funcionava como uma barreira física no território.

2.2 - O Rio após o Terramoto de 1755

Como foi referido no estado da arte deste presente estudo, após o terramoto de 1755, a Secretária de Estado dos Negócios do Reino, deu ordem para a execução de um novo inquérito a todos os párocos da nação, pois a documentação sobre as várias localidades do país e inquéritos feitos anteriormente, foi destruída no terramoto, à excepção dos exemplares do Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de Todas as Cidades, Vilas, Lugares, e Aldeias, Rios, Ribeiras e Serras do Reino de Portugal cujo autor é o Padre Luís Cardoso. Este novo inquérito deveria recolher informações sobre a geografia, demografia, história, economia e administração local assim como dos danos causados pelo terramoto do dia 1 de Novembro de 1755⁸⁴.

As respostas vindas da Vila de Alenquer, da autoria dos párocos das cinco freguesias existentes na época, possibilitam formar uma ideia de como seria a relação dessa pequena vila com o seu rio em 1758. Desta forma, estamos a falar de uma época, (meados do século XVIII), que antecede o surgimento de algumas fábricas nas margens do rio de Alenquer.

Pois a primeira fábrica a implantar-se na vila, “Fábrica das Chitas”, segundo José Henrique Leitão Lourenço, em 1785 já trabalhava⁸⁵. Assim, estamos a falar do rio, antes de sofrer as alterações provocadas pelo surgimento das fábricas.

⁸⁴ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.11

⁸⁵ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.48

O interrogatório de 1755 era composto por três partes, referentes à localidade em si, à serra e ao rio.⁸⁶ Sobre o rio de Alenquer foram colocadas as seguintes questões:

“III.º - O que se procura saber do rio dessa terra hé o seguinte:

- 1.º Como se chama assim o rio, como o sitio aonde nasce?
- 2.º Se nasce logo caudaloso e se corre todo o anno?
- 3.º Que outros rios entrão nelle e em que sitio?
- 4.º Se hé navegavel e de que embarçaçoens hé capaz?
- 5.º Se há de curso arrebatado ou quieto em toda a sua distancia ou em alguma parte della?
- 6.º Se corre de Norte a Sul, se de Poente a Nascente, se de Sul a Norte, ou de Nascente a Poente?
- 7.º Se cria peixes e de que espece são os que tem em maior abundancia?
- 8.º Se há nelle pescarias e em que tempo do anno?
- 9.º Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular em todo o rio ou em alguma parte delle?

⁸⁶ ANTT - **Memórias Paroquiais**. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017] Disponível em WWW:<<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>>.

- 10.º Se se cultivão as suas margens e se tem muito arvoredos de fructo silvestre?
- 11.º Se tem alguma virtude particular as suas aguas?
- 12.º Se conserva sempre o mesmo nome ou começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamão estas: ou se há memoria de que, em outro tempo, tivesse outro nome?
- 13.º Se morre no mar ou em outro rio; e como se chama este e o sitio em que entra nelle?
- 14.º Se tem alguma cachoeira, repreza, levada ou açude que lhe embarassem o ser navegavel?
- 15.º Se tem pontes de cantaria ou de pao; quantas e em que sitio?
- 16.º Se tem moinhos, lagares de azeite, pizoes, noras ou outro algum engenho?
- 17.º Se em algum tempo ou no presente se tirou ou tira ouro das suas areas?
- 18.º Se os povos usão livremente das suas aguas para a cultura dos campos ou em alguma pussiaõ?
- 19.º Quantas leguas tem o rio; e as povoações por onde passa desde o seu nascimento ate onde acaba?
- 20.º E qualquer outra cousa notavel que não vá neste interrogatorio."⁸⁷

⁸⁷ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.13 -14.

Segundo as respostas do pároco de Santo Estêvão, esta pequena vila em 1758 era composta por cinco freguesias, que possuíam cada uma delas a sua igreja:

“Tem esta villa sinco freguesias, ou igrejas parrochiaes, ou para melhor dizer quatro; porque a de Sant-Iago, cuja igreja está situada extra-muras tem todos os seus freguezes dispersos por vários lugares fora da villa.”⁸⁸.

A partir das respostas dadas pelos cinco párocos das freguesias da vila em 1758, esta vila seria composta por uma vila alta, situada no topo da colina e pela vila baixa situada nas margens do rio. No topo do monte existiam três freguesias, nomeadamente a freguesia de Santo Estêvão, Santiago e de S. Pedro.

A freguesia de S. Estêvão situava-se no local onde outrora fora a antiga vila, a que chamavam de “cerca”⁸⁹. Fora dos antigos muros existia a freguesia de S. Pedro, que é considerada por Pedro da Silveira, Prior desta paróquia, à data das respostas ao inquérito, a segunda freguesia mais antiga da vila e localizava-se segundo o mesmo:

“(…) fora dos antigos muros da dita villa no sitio que algum dia se chamava arrabalde, mas hoje se reputa por parte principal della.”⁹⁰.

⁸⁸ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.31.

⁸⁹ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.30.

⁹⁰ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.35.

A freguesia de S. Tiago, que teria os seus fregueses quase todos instalados no Carregado, Pancas e Pedrulho, ficava situada na parte norte da colina do castelo, e a sua igreja paroquial ficava muito próxima de uma porta da muralha⁹¹.

Na parte baixa da vila existiam duas freguesias, a Triana e a Várzea. A freguesia da Triana teria a mesma localização que possui actualmente, pois segundo o prior local Luiz Caetano Brandão esta situava-se num:

“(…) valle que se estende entre o rio da mesma villa e o monte chamado da Forca, e tem o nome antigo de Triana, por estar, a respeito da mais villa, para além do rio (...)”⁹².

A freguesia da Várzea, que é, segundo o que escreveu o Prior João Martinz de Silveira, autor das respostas ao inquérito da freguesia em questão, uma das mais antigas freguesias da vila, ou mesmo a mais antiga⁹³. Esta freguesia teria a mesma localização que actualmente possui, junto ao rio.

⁹¹ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.45.

⁹² MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.61.

⁹³ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.67.

A estrutura desta vila em 1758 seria muito semelhante à existente na época medieval, descrita por João Pedro Ferro no livro “Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo”, de 1996, pelo que podemos concluir que entre o século XV e XVIII, a vila tenha mantido as suas cinco paróquias.

Contudo, nota-se uma diferença na forma como estes locais são referenciados em ambas as obras, pois enquanto João Pedro Ferro refere-se a esses locais como pequenos arrabaldes, os párocos já nos falam dos mesmos como freguesias. Isto leva-nos a pensar, que muito possivelmente estes locais embora tenham mantido a sua localização, desenvolveram-se e aumentaram a sua área no território assim como a sua população.

Infelizmente não foram encontradas durante a pesquisa, plantas ou cartografias que nos possibilitem perceber como seria o desenho urbano da vila nos meados do século XVIII.

Mas como é possível perceber ao longo das memórias paroquiais todas as freguesias da vila foram afectadas com o terramoto de 1 de Novembro de 1755.

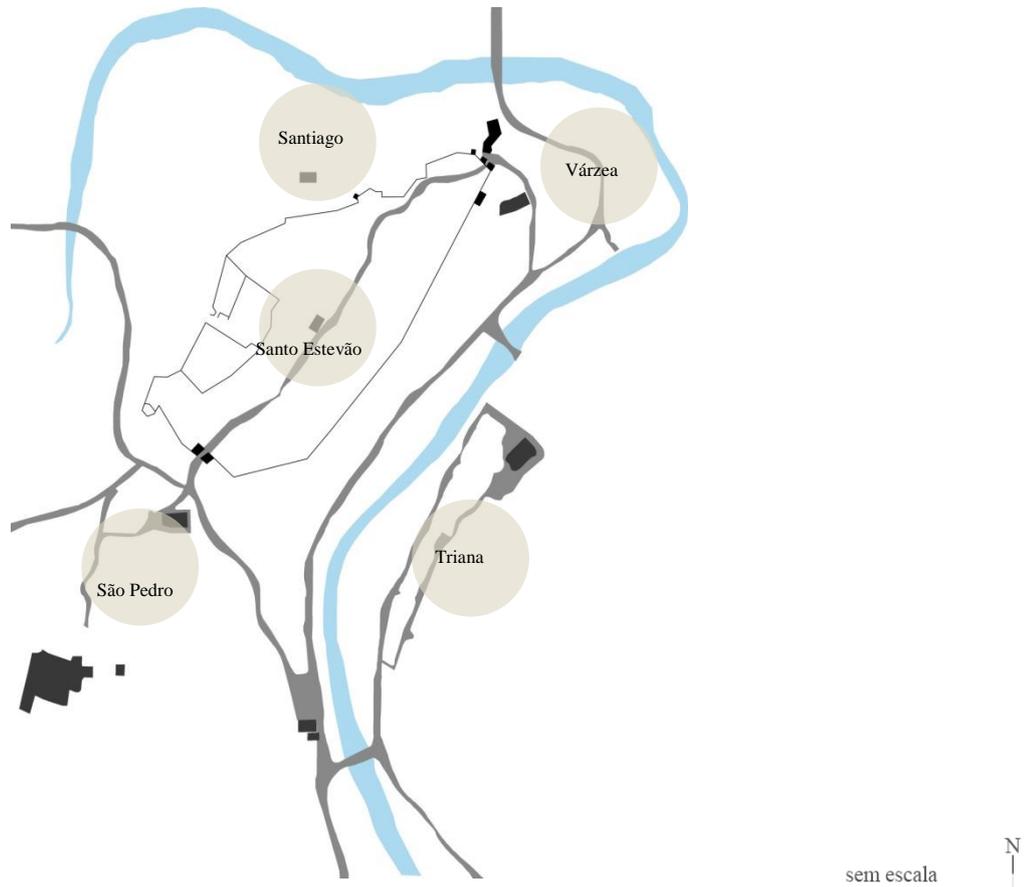


Fig. 18 - Planta com identificação da localização pertencente a cada freguesia da vila de Alenquer | A partir da figura é possível identificar a localização das cinco freguesias que compoñham a Vila de Alenquer em 1758. Ver anexo E.

De todos os párocos, que em representação da sua freguesia, responderam ao inquérito, um dos que descreve o rio de Alenquer com mais pormenor é o Prior João Martinz da Silveira (freguesia da Várzea), o que de certa forma demonstra a forte relação de proximidade desta freguesia com o rio.

Situada numa das margens do rio, nela se praticava o cultivo da vinha e a produção de vinho em grandes quantidades, que em parte eram exportadas para Inglaterra. Além disso, ainda existiam produções de trigo, sevada, milho e azeite⁹⁴.

O que demonstra as grandes qualidades, que os terrenos desta freguesia tinham para a prática da agricultura. Desta forma, a população certamente utilizava a água do rio para regar as suas plantações, assim como para tomar banhos, e extrair água potável.

Pois segundo conta João Silveira, a freguesia da Várzea disponha de um conjunto de nascentes de água, que abasteciam o rio de Alenquer, sobretudo no verão quando o rio só recebia água proveniente dessas fontes. Durante o inverno e a primavera, o rio também seria reabastecido com águas vindas de outras ribeiras, designadamente:

“(…) de duas ribeiras huma, que vem dos montes por sima do lugar da Labrugeira termo desta mesma villa, e outra, que vem dos que ficão por sima do lugar do Arneiro termo da villa de Aldea Galega da Merceana, que todos formão huma serra que procede da de Montejunto duas legoas distante desta villa.”⁹⁵.

⁹⁴ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.68.

⁹⁵ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.68.

Desta forma, entre as diversas fontes que são mencionadas, é descrita uma cuja a sua localização é no interior de uma “grande torre”, que não teria sido terminada, porém seria uma obra muito mais moderna que a muralha do castelo:

“(…) e dentro da dita torre havia uma copiozissima fonte, que por agora estar entulhada rebenta por fora da dita torre de huma penha, formando um ribeiro de agoa clarissima, e excelente, da qual bebem quasi todos os moradores da dita villa, e he munto leve, e boa para a digestão.”⁹⁶.

A torre mencionada sobre a localização da fonte, indica que possa ser a Torre da Couraça, pois esta é uma fortificação de grandes dimensões e foi construída após a edificação do castelo de Alenquer, além disso, é a única torre extra muralha mencionada pelos vários escritores que ao longo dos tempos escreveram sobre a Vila de Alenquer.

Ainda existia uma fonte, chamada “Perenal”, situada na “outra parte do rio, para o norte”, que também nasce de uma “penha”, a partir da qual trabalhava um moinho e um lagar de azeite. A partir desta fonte, caminhando para nascente, havia dois olhos de água, sendo um o mais volumoso de todos, a que chamariam “Tanques del rey”, onde existiria um moinho de 3 rodas, que trabalharia o ano inteiro⁹⁷.

Durante o inverno surgiam ainda mais fontes nesta freguesia, segundo o seu pároco, estas nasciam:

“nas raízes do mesmo monte, que he a serra chamada de S. marcos, junto da mesma villa, várias outras fontes, duas dellas tão abundantes, que cada huma dellas

⁹⁶ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.68.

⁹⁷ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.68.

forma hum grande ribeiro de agoa clarissima, que precipitando-se de algumas penhas em belíssimas casacadas cheas de espuma, dá grande deleite à vista, e sem duvida por estas agoas disse o Camoes – Alanquer por onde soa: o tom das frescas agoas entre as pedras, que murmurando lavão.”⁹⁸.

Além destas fontes, o autor ainda refere a existência de outras pequenas nascentes que pela freguesia surgiam, em ambas as margens do rio, contudo sem ser muito concreto em relação à sua localização. De qualquer das formas, esta freguesia em meados do século XVIII, servia-se de um conjunto de nascentes de água, que a tornavam muito provavelmente uma das mais ricas e importantes freguesias da vila.

Durante a pesquisa no Arquivo do Ministério das obras publicas, foi possível encontrar uma planta, de 1802, cuja a sua identificação era a seguinte “Lisboa? Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas”⁹⁹. Embora a informação sobre a origem do documento seja insuficiente, sobretudo em relação ao seu autor e localização geográfica do desenhado, é possível concluir que muito possivelmente esse desenho corresponde à freguesia da Várzea, por nela ter existido uma fábrica com o mesmo nome, e por estarem representados uma série de elementos que correspondem aos existentes na freguesia, como a Torre da Couraça, o rio, uma ponte que embora não tenha nome na legenda, pela sua proximidade à torre aparenta ser a ponte da couraça, bem como algumas nascentes de água e moinhos.

⁹⁸ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.68.

⁹⁹ PEREIRA, Maria Stela Afonso Gonçalves; COSTA, Mário Alberto Nunes - **Catálogo da Coleção de Desenhos Avulsos do Arquivo Histórico do Ministério da Habitação e Obras Públicas**. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério. 1ª edição, 1980. p.30.

A Vila de Alenquer pelas Vidas do Seu Rio

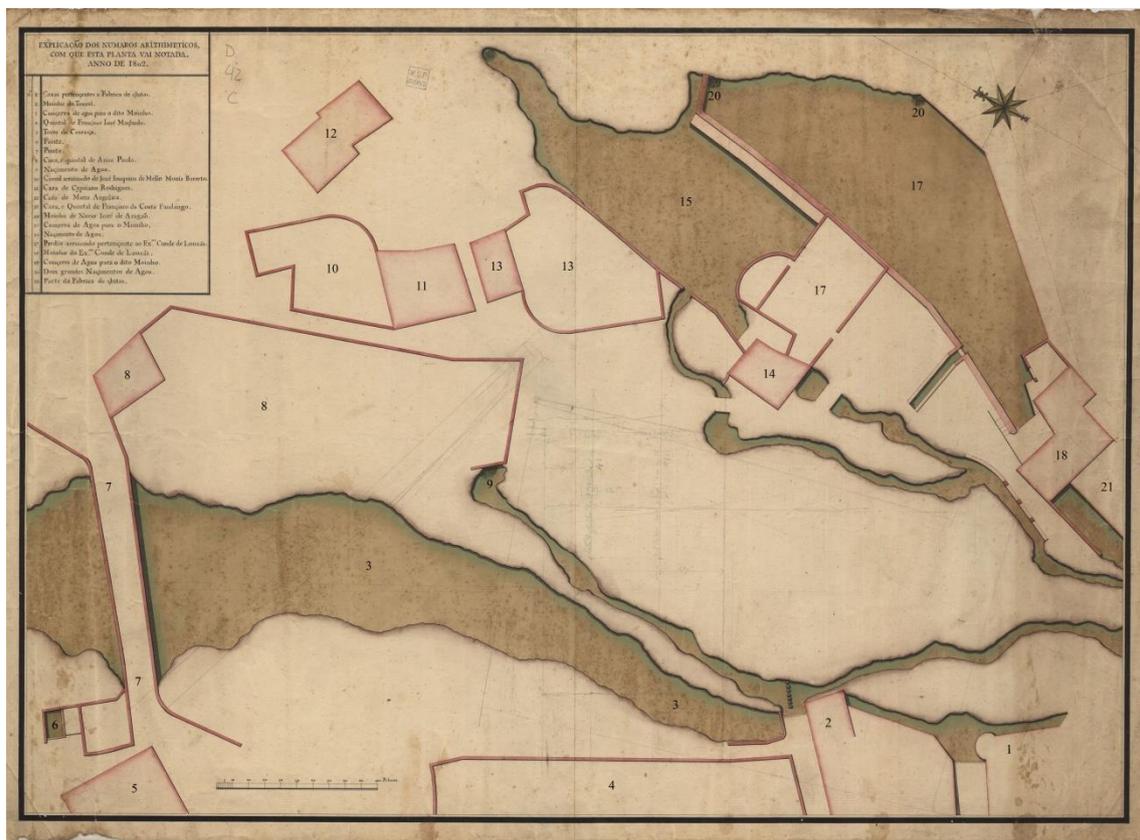


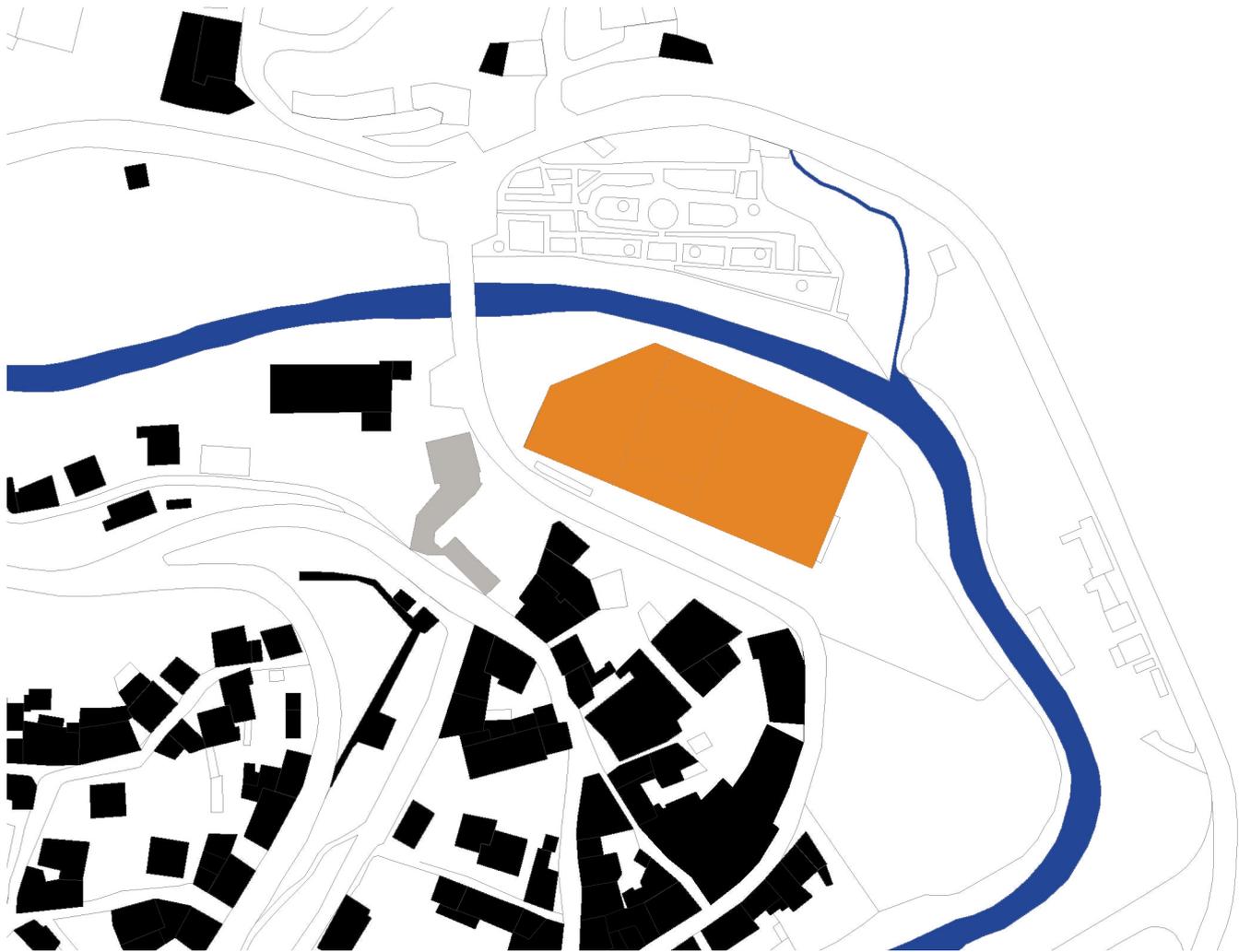
Fig. 19 - Lisboa? Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas, 1802. Mapa Orientado a Nordeste. Escala 1:175. | Ver anexo E.

Embora a planta não corresponda, à data das respostas paroquiais (1758), é possível encontrar algumas semelhanças entre a descrição das nascentes de água existentes na freguesia feitas pelo Prior João Martins da Silveira e a planta de 1802. Note-se, que a fonte de água descrita pelo colérico, que supostamente a localizava numa torre, leva a crer que fosse na planta a torre da Couraça (nº5 da legenda – Torre da Couraça), pois na planta de 1802 esta identifica uma fonte ao lado da dita torre (nº 6 da legenda - Fonte).

Da outra margem do rio, para norte, está representado um “nascimento de água” (nº9), que, pela sua localização, e por existir um moinho que se serve da sua água, leva-nos a pensar que essa poderia ser a fonte de “Perenal”. Além disso, os dois olhos de água, mencionados nas respostas de 1758, onde um deles seria de uma dimensão maior “tanques de El Rey”, leva-nos a pensar que poderiam ser as duas conservas de água representadas na planta (nº15 e nº19), por ambas se localizarem a nascente da fonte de “Perenal”, e por existir uma de maiores dimensões.

Todavia, tendo em conta que em 1802 já existia a Fábrica das Chitas, é muito provável, que estes tanques de água descritos nas respostas paroquiais tenham sofrido alterações, de modo a servir da melhor forma possível os moinhos da dita fábrica.

Repare-se, que na planta são representadas uma série de nascentes de água (nº6, nº9, nº16 e nº20), que muito possivelmente seriam as mencionadas nas respostas. Contudo não existe grandes certezas sobre a origem desta planta e qual o local que ela representa, apenas algumas semelhanças entre as respostas paroquiais da freguesia da Várzea e o representado na mesma.



■ - Traçado do rio actual ■ - Real Fábrica de Papel ■ - Torre da Couraçá

Planta 10 - Zona da Várzea, 2016



Tendo em conta, que o rio devido às fontes anteriormente mencionadas, conseguia manter um caudal significativo durante todo o ano¹⁰⁰, poderá ter sido uma das principais razões, pela qual mais tarde no séc. XIX, se instalaram algumas fábricas de moagem nesta vila.

O rio seria navegável para os barcos da “Riba-Tejo” a partir do ponto de união do rio de Alenquer com o da Ota, até ao Tejo. Daí em direcção à vila não seria navegável nem por embarcações mais pequenas, pois existiam vários açudes que o impossibilitavam. O seu curso de poente para nascente, nas respostas do pároco da Várzea, é adjectivado como “quieto, e vagaroso em toda a sua distancia”¹⁰¹.

No rio a população pescava de forma livre, peixe fresco de grande variedade como “barbos, bogas, enguias, e alguns bordálos”, excepto nos meses de Abril, Maio e Junho, onde a Câmara de Alenquer proibia a prática de pesca no rio¹⁰².

Esta medida seria com certeza para dar tempo para os peixes se procriarem e assim conseguirem manter as espécies naturais do rio, o que a ser verdade revela uma enorme preocupação com o rio e com o seu ecossistema. É de notar, que esta seria uma das principais fontes de alimento da população local.

¹⁰⁰ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.57.

¹⁰¹ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

¹⁰² MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

As margens do rio, eram cultivadas ao longo do seu curso, numa distância de meia légua, que iniciava na Vila de Alenquer. Nesses campos existiam hortas, pomares, vinhas, alamos, freixos, canas, salgueiros e cerejeiras. Na vila é referida a existência de muitos moinhos, que produziam farinha em grandes quantidades, que não só serviam a vila como outras regiões vizinhas. A utilização dos ditos moinhos era paga com altas rendas aos donos. Existiriam também “lagares de azeite, e noras mouriscas: cujos moinhos pagão hum tributo a que chamão Agoagem as rainhas”. As águas deste rio, eram utilizadas livremente pelas populações locais, contudo só através de aquedutos e “noras mouriscas”, para regar a horta¹⁰³.

Na freguesia da Triana, cultivavam-se vinhas e produzia-se vinho de grande qualidade, que em parte era enviado para Inglaterra. Ainda se produzia azeite, trigo, milho, sevada e frutas. No entanto, no inverno quando o nível das águas do rio aumentava, este inundava a freguesia “chegando as águas te o altar donde está o Santissimo Sacramento”¹⁰⁴.

É possível que o rio tenha aumentado o seu caudal “em séculos modernos”, servindo-se de águas vindas de um local de rega de hortas, que seria no mesmo local do “Tanques de El Rey”, que de tanta água ficou inundado e aumentou o caudal do rio na zona da Várzea. No entanto, esse excesso de água era controlado pelos donos das terras desta freguesia:

¹⁰³ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

¹⁰⁴ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.64.

“Podera se regar com ele, e com grandíssima utilidade toda a dita várzea (...)se não fosse a incúria dos donos das suas terras, e a falta que talvez faria a alguns dos moinhos a agoa que no estio se tirasse para esta rêga.”¹⁰⁵.

As mesmas águas, que abasteciam esses campos, possuíam qualidades medicinais e seriam todos os anos procuradas por várias pessoas:

“As suas agoas por conhecidas experiencias são excellentes para curar enfermos de pustulas, e inflamações e qualquer outra intemperança, que proceda do sangue nimiamente cahido,ou salgado: e por isso buscadas todos os annos de muntos doentes, que nellas tomão banhos.”¹⁰⁶.

Segundo Guilherme Henriques, estas virtudes eram atribuídas às águas do rio, por a rainha santa ter lavado nelas, as roupas sujas dos enfermos do hospital do Divino Espírito Santo¹⁰⁷.

Embora esta explicação não seja muito convincente, segundo os párocos da vila de 1758, estas teriam mesmo qualidades especiais.

Na Triana existiam dois hospitais e como refere Luiz Caetano Brandão, Prior da freguesia, o hospital de invocação a S. Braz utilizava as águas milagrosas do rio que era

¹⁰⁵ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

¹⁰⁶ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

¹⁰⁷ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p.8.

vizinho, para curar os seus enfermos. Também existiria uma fonte perto de umas casas que ficavam por cima da igreja, na qual se efectuavam os banhos¹⁰⁸.

Este rio, que desde as ditas fontes existentes nessa vila até ao Tejo, percorre “huma légua, e hum quarto de corrente”¹⁰⁹, em 1778 era com certeza o grande motor da economia e vida desta vila, principalmente na freguesia da Várzea, fornecendo várias riquezas à sua população, que certamente enriqueceram a economia local.

¹⁰⁸ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.63 - 64.

¹⁰⁹ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p.69.

2.3 - O Rio Industrial (Séc. XIX)

O clima de revolução industrial, que viveu a Europa nos meados do séc. XVIII, também invadiu a Vila de Alenquer, dando origem a várias indústrias, que desenvolveram a economia local.

Este sítio reunia uma série de condições, que possibilitavam a implantação de fábricas, como o caudal volumoso do rio, a partir do qual se obtia “força, motriz, lavagem dos tecidos, preparo da pasta de papel, etc.”, assim como a sua proximidade a Lisboa, onde existia um mercado consumidor, fornecedores de matéria-prima e operários especializados¹¹⁰.

O rio de Alenquer, que no passado tinha conquistado fama, pela abundância de suas águas e peixes que nelas existiam, no séc. XIX tornou-se o motor de uma indústria fabril, numa tentativa por parte da vila, de fazer face às dificuldades da época, a partir dos seus recursos naturais, assim como refere Guilherme Henriques:

“O doce murmurar das águas cantado pelo poeta” tinha sido “substituído pelo sussurro das machinas, porque Alenquer lançava mão de mais um dos seus recursos para acudir às necessidades da época.”¹¹¹.

¹¹⁰ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, N°5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p.56.

¹¹¹ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p.142.

Todavia, a crise económica que se viveu em Portugal no início do séc. XVIII, limitou de certa forma o crescimento e manutenção das indústrias na vila. Além disso, as cheias que inundavam e destruíam moinhos e lagares e a marca de destruição deixada pelas invasões francesas no país, fez-se sentir com relevância no sector agrícola e pastoril da vila, acabando por atrasar o desenvolvimento da indústria fabril neste local¹¹².

Esta situação não passaria de um mero atraso, pois a vila de Alenquer estaria destinada a ser palco de um cenário industrial, composto por umas das melhores fábricas de lanifícios do território nacional.

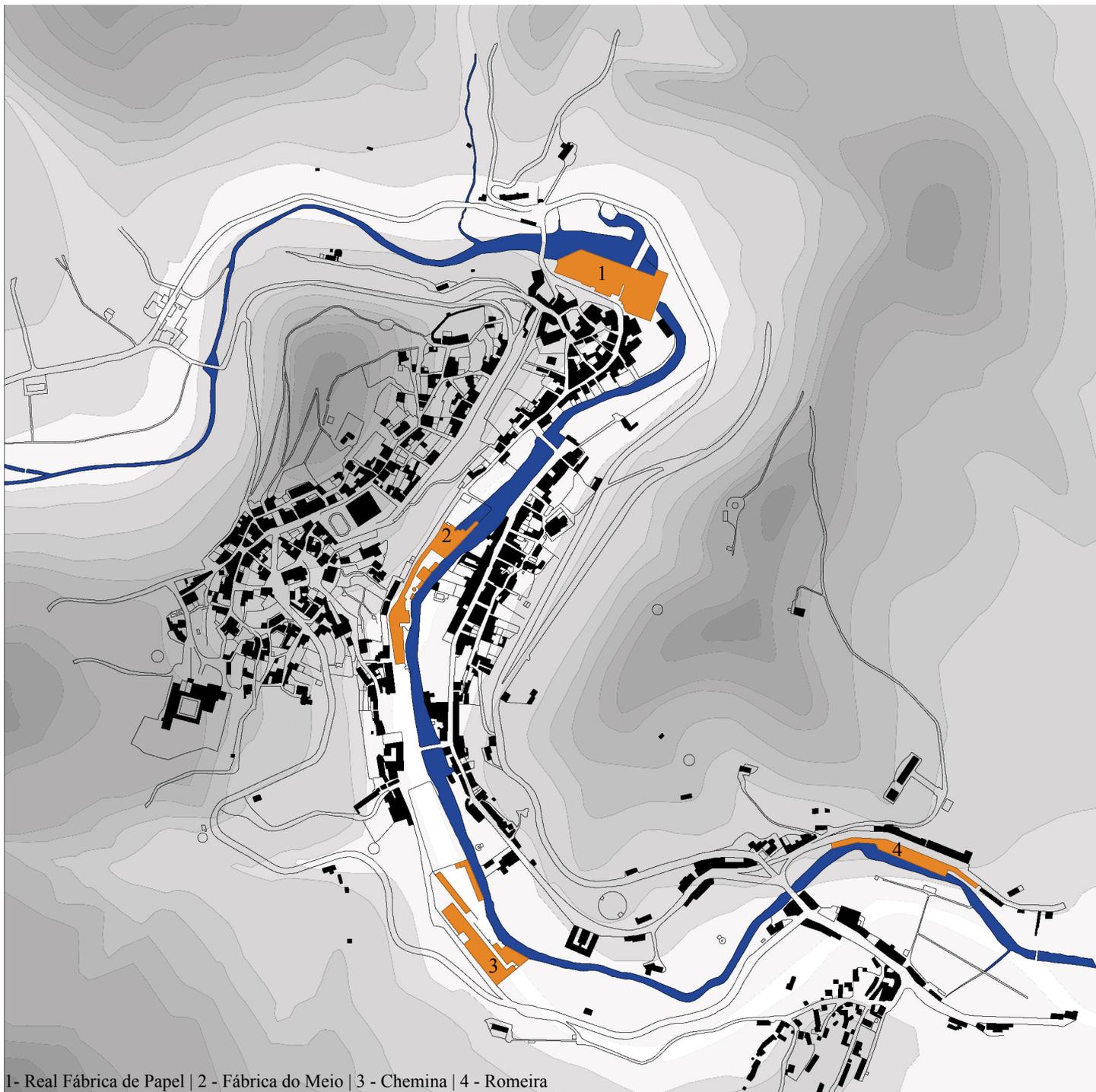
Finalmente após ultrapassar todos estes contratemplos, o país reergueu-se e no ano de 1813 foram reiniciadas as actividades fabris, começando a surgir várias fábricas no país. No final do séc. XIX em Alenquer já se contavam quatro fábricas em funcionamento, sendo que uma dedicava-se ao fabrico de papel, enquanto as outras três eram fábricas de lanifícios.¹¹³

Eram estas: a Fábrica do Papel (1), a Fábrica do Meio (2), a Fábrica da Chemina (3) e a da Romeira (4).

É de realçar, que o surgimento destas indústrias fabris, iria alterar por completo o panorama da vila e a relação entre este local e o seu rio.

¹¹² PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, Nº5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. p.57 - 58.

¹¹³ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, Nº5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. p.57 - 58.



1- Real Fábrica de Papel | 2 - Fábrica do Meio | 3 - Chemina | 4 - Romeira

Planta 12 - Identificação da implantação dos edifícios fabris na Vila de Alenquer, 1927



Na verdade, existem informações que nos levam a acreditar, que a primeira fábrica que surgiu em Alenquer foi anterior às acima citadas. Esta teria o nome de fábrica das Chitas e dedicava-se à produção de chitas. Estas eram panos de algodão pintados ou estampados, que segundo João Lourenço seriam oriundos da Índia e tinham na época muita procura. O mesmo diz-nos que em 1785 a fábrica já operava e que faria parte de um conjunto de 18 fábricas de chitas existentes em Portugal em 1788¹¹⁴.

A data da sua fundação e localização exacta é desconhecida, mas no livro de Guilherme Henriques “A Vila de Alenquer” do ano de 1902, o mesmo faz referência à dita fábrica:

“Junto à fábrica de Papel há um edifício que se diz ser a fábrica de Chitas sem que se tenha exercido, que me conste, qualquer indústria relativa a chitas na memória das pessoas mais velhas da terra.”¹¹⁵.

Contudo, Guilherme Henriques no mesmo livro, fala-nos da existência de uns manuscritos pertencentes a biblioteca de Évora, onde existe uma carta que descreve o que era produzido na dita fábrica:

“ Nos manuscriptos da bibliotheca de Évora, ha uma carta escripta de Alenquer, a 20 de Janeiro de 1785, por Fernando d’Antas da Cunha e Brito a Alexandre Ferreira da Faria Manoel, que reproduzi no Damião de Goes de 19 de Fevereiro de 1893, e na

¹¹⁴ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.48 - 49.

¹¹⁵ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.202.

qual vem o seguinte período: Aqui se acha uma Fabrica de Estampar Xitas como as inglesas(...)"¹¹⁶.

Embora, Guilherme Henriques deixe algumas dúvidas aquando da existência da fábrica, esta terá muito provavelmente existido e a sua localização seria perto da fábrica do papel.

João Lourenço, na sua dissertação, faz referência a pistas sobre a sua localização, no qual eu gostaria de destacar uma escrita no jornal "O Alenquerense", no dia 25 de Abril de 1889, com o título "Faltas de Casas":

"Todos os moradores do prédio conhecido pelo nome de Fábrica das Chitas, propriedade da Companhia de Papel d'Alemquer, em consequência da nova companhia proprietária precisar do edifício para o fabrico que vai começar, despediu todos os moradores que gratuitamente residem ali."¹¹⁷.

Desta feita é possível concluir que muito possivelmente a fábrica das Chitas, ficaria na freguesia da Várzea e muito perto da fábrica de papel, mas o seu local de implantação nunca é descrito com grande pormenor.

Recorrendo novamente à planta das Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas, de 1802, é possível ver na legenda a referência à fábrica (nº21), e segundo o desenho essa estaria mesmo na freguesia da Várzea, mais concretamente na margem esquerda do rio, contudo não é possível ver que áreas abrangia. Além disso, na

¹¹⁶ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p. 203.

¹¹⁷ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.52.

margem oposta do rio o autor de identidade desconhecida, faz referência a umas casas pertencentes à fábrica, abrindo a possibilidade desta ter-se instalado em ambas as margens.

Por outro lado, sendo esta planta de 1802, data esta que antecede num espaço de três anos o começo dos trabalhos da Real Fábrica do Papel (1805)¹¹⁸, leva-nos a pensar que esta planta possa responder a um levantamento feito ao local, no âmbito do projecto da nova fábrica. Pois nela existem alguns esboços feitos a lápis, que aparenta tratar-se de alguma proposta para o local representado na planta. De qualquer das formas, segundo as plantas analisadas, levanta-se a hipótese da fábrica das chitas ter sido destruída aquando da construção da fábrica do papel, assim como os moinhos e tanques representados na planta de 1802.

Na Carta Corográfica do Reino de Filipe Folque, de 1859, cartografia mais antiga encontrada sobre a Vila de Alenquer durante a pesquisa, não foi representado nenhum tipo de edificado na margem esquerda do rio na freguesia da Várzea, contudo não é possível ter um grande rigor sobre o desenho do edificado existente devido à ampla escala do documento, e também é necessário referir, que o tempo que separa a cartografia do Filipe Folque de 1859 e a planta de 1802 é um pouco extenso, pelo que a fábrica pode ter sido destruída nesse período de tempo, porém fica este apontamento.

¹¹⁸ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.75.



■ - Traçado do rio em 1927 ■ - Real Fábrica de Papel ■ - Torre da Couraça

Planta 13 - Zona da Várzea, 1927

0 20 80

N

Acerca de como seriam os métodos de trabalho de uma fábrica de chitas, José Henrique Tomé Leitão Lourenço, na sua dissertação “A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931”, faz referência a uma obra assinada por Mr. de Lormois, chamada de “Arte de Fazer Chitas”, que divulga o método de fabricação das chitas, citando uma frase, que nos ajuda a compreender como as águas do rio eram utilizadas pela fábrica:

“(…) ponham-se de molho as peças que se hão-de preparar em chitas em uma tinta cheia de água tépida por alguns dias, para se abrir os poros do algodão, e para bem expurgar a têa, depois lava-se bem, e se bate no pisão, e se torna a lavar ainda, e sempre em água clara, e corrente (…)”¹¹⁹.

Posto isto, as diversas nascentes existentes na Várzea ofereciam água limpa e corrente todo o ano, pelo que é possível que nas águas deste rio, se tenham praticado essas técnicas de produção de chitas.

A fábrica terá funcionado entre 1784 e 1795, tendo em 1786, 95 trabalhadores¹²⁰, o que de certa forma já demonstra alguma importância na economia da vila.

Deste modo, ao que tudo indica esta fábrica existiu e a sua localização seria na freguesia da Várzea. Também olhando para o panorama geral da vila, esta seria realmente a melhor zona para se construir uma fábrica, pois nesta freguesia existiam várias nascentes de água que podiam servir de motor dos moinhos da fábrica.

¹¹⁹ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.50.

¹²⁰ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.51.

Ainda que a vida desta fábrica tenha durado apenas onze anos, esta freguesia estaria destinada a ser um sítio onde as produções fabris iriam-se instalar. Mais tarde, na mesma paróquia existiram várias fábricas, que se destinaram ao fabrico do papel o que é compreensível pois as características geográficas do local eram tentadoras.

O primeiro registo de Produção de Papel na Vila remete-se para o moinho de papel de Manuel Teixeira, já existente no séc. XVI¹²¹.

O que já demonstra uma certa tradição na vila, no que à fabricação de papel diz respeito. Mas foi mais tarde, que surgiram as grandes instalações que se dedicaram à produção papeleira.

A Real Fábrica do Papel surgiu na dita vila em 1802, com autorização devida do príncipe D. João, tendo sido o seu ministro D. Rodrigues Coutinho quem tomou a iniciativa do projecto¹²². Durante o processo de construção do imóvel o Inspector das Obras Publicas Sebastião Sobral teve um papel muito importante, quem o diz é Guilherme Henriques:

“(...) o Desembargador Sebastião António da Cruz Sobral, Inspector das Obras Publicas, foi incansável na promoção da empresa, suprindo enquanto viveu, com o seu próprio dinheiro, as despesas, para as quais não podiam chegar as somas de alguns outros accionistas.”¹²³.

¹²¹ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.60.

¹²² LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.71.

¹²³ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.199.



Fig. 20 – Secção da vista geral da Vila de Alenquer, da autoria do pintor Ribeiro Christino, com a data de 1882.

Este facto, com certeza foi fulcral para que esta fábrica tenha existido, demonstrando uma grande convicção na viabilidade do projecto. As características do local eram óptimas para a realização do mesmo, e esta foi a principal razão pela qual esta vila no século XIX, teve uma fábrica deste género.

As águas do rio de Alenquer e suas características, terão tido um papel fulcral na escolha do local de implantação deste imóvel. Na carta do "Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer" escrita por José Terésio Michelotti, arquitecto do projecto, a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, são descritas as três premissas que sustentam a escolha da localização do imóvel:

“Primeira: Situar a Fabrica em hum lugar aonde o Rio de Alenquer não podesse em tempo algum attentar contra a sua solidez; e que a quantidade de agoa, ou o Motor produzisse todo o possivel effeito sobre o maquinismo ou resistencia.

Segunda: Reflectir sobre as consequencias de huma tal Situação, e por isso collocar no modo mais simples toda a maquina, para aproveitar o impulso do motor, e igualmente conserva-lo em acção o maior espaço de tempo possivel, sem ser empecida pelas cheias.

Terceira: Economizar as forças do Motor de maneira, que podessem ser uteis no cazo de superabundancia de agoas (...)”¹²⁴.

¹²⁴ MICHELOTTI , José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer**. *Reservados*. Códice 610. Cota FR.762. 1802. Documentação pertencente da Biblioteca Nacional de Portugal. Fls 48-58. Fl.49.

Posto isto, segundo Michelotti, a fábrica só poderia ser feita num local, e este seria junto do actual Jardim das Águas, na Várzea:

“A situação, que se pode escolher para edificar a Fabrica, hê hum pequeno Valle, parte do qual hê occupado, à esquerda da corrente, por huma preza de agoa nativa, formada na raiz de hùm alto monte, cuja continuação, assim ao Norte, como ao Sul, faz certamente crer, que sejam perennes e contínuos estes nascimentos. A outra parte do Valle hê quasi toda occupada pelo leito do Rio, e costeada por hum outeiro: onde a margem direita fica sufficientemente alta, e vai, assim como a outra, perder-se nas vizinhas alturas. Este Valle em caso de cheia pode ser occupado pelas expansões naturaes do Rio; por isso se a arte lhe occupa huma parte no proposto objecto, não pode causar damno.”¹²⁵.

Desta forma, a fábrica foi construída neste sítio, procurando tirar o máximo partido das características do local. Em 1850 o edifício fabril era composto, pelo seu edifício e por um açude implantado no rio:

“(…) casas terreas, primeiro andar e águas furtadas com vinte e uma janellas de frente, seis para o lado do sul e trinta para o nascente e norte, que forma um angulo com 409 palmos de frente e 181 1/2 de fundo,(…) com um açude para deposito de agua com 215 palmos de largura e do comprimento do mesmo prédio (…)”¹²⁶.

¹²⁵ MICHELOTTI , José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer. Reservados.** Códice 610. Cota FR.762. 1802. Documentação pertença da Biblioteca Nacional de Portugal. Fls 48-58. Fl.49.

¹²⁶ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer.** Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.200.



Fig. 21 – A Fábrica Do Papel em 1880.

Este açude faz parte do projecto executado por Michelotti, e manteve-se intacto até aos meados do século XX. Tratando-se de uma obra de engenharia de grande valor, que durante tantos anos serviu os motores da fábrica.

Michelloti na carta a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, refere-se a um açude, com o nome de CDE, que embora não seja possível verificar nos desenhos do projecto, pois estes não estão anexados ao documento escrito e o seu paradeiro é desconhecido, tudo indica que seja o açude que servia para criar represa de água, com o objectivo de a “sustentar” a uma altura desejada para o correcto funcionamento dos motores da fábrica:

“(…) e para que a Fabrica possa receber comodamente as agoas precisas ao seu maquinismo, situei e CDE hum Açude, o qual além de reprezar a agoa, a conserva naquela altura para dar a precisa queda ao Motor (...)”¹²⁷.

Ainda no mesmo documento, é referido um outro açude, designado no plano por AB, que serviria em situação de cheia, para “dirigir a corrente para o monte”, situado na outra margem do rio. Desta forma, este “segurando os ângulos”, permitia que a fábrica recebesse as águas do Rio de Alenquer lateralmente, sem que sofresse “directamente o seu impulso”, pois este açude oferecia resistência ao curso do rio¹²⁸.

¹²⁷ MICHELOTTI, José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer. Reservados.** Códice 610. Cota FR.762. 1802. Documentação pertença da Biblioteca Nacional de Portugal. Fls 48-58. Fl.50.

¹²⁸ MICHELOTTI, José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer. Reservados.** Códice 610. Cota FR.762. 1802. Documentação pertença da Biblioteca Nacional de Portugal. Fls 48-58. Fl.50.

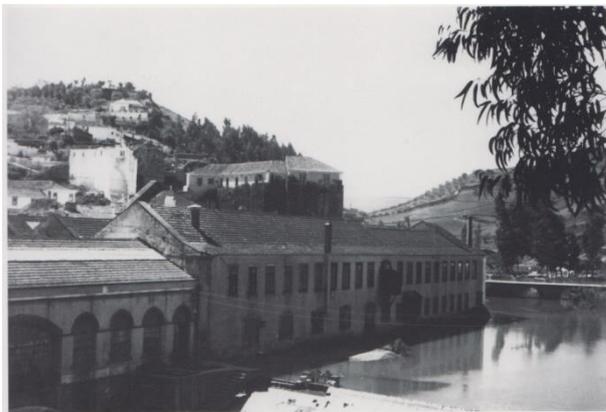


Fig. 22- Açude das Águas visto da margem esquerda, 1939.



Fig. 23 – Açude das Águas visto das proximidades da ponte, 1939.

É de notar que esta infra-estrutura instalada no leito do rio junto da fábrica alterou o movimento natural das águas, que passaram a ser reguladas pelo açude.

Ainda é de referir, segundo memórias de residentes mais antigos da vila, que na conserva de água formada pelo açude da fábrica, alguns locais em épocas de maiores temperaturas refrescavam-se nas águas claras do Rio de Alenquer provenientes das nascentes próximas, o que demonstra que a população teria uma forte relação com este sítio.

Por outro lado, o açude representava um grande perigo em épocas de cheias, pois sendo uma barreira para a passagem da água, tornaria muito maiores as probabilidades de haver uma inundação.

No livro “Alenquer Desaparecida” de Filipe Rogeiro do ano de 2002 é possível observar uma fotografia de 1941 (Fig. 24), que retrata o momento em que a população limpa o leito do rio, junto do açude da Fábrica de Papel, o que seria muito provavelmente uma medida tomada para evitar ao máximo inundações em épocas de cheias.

No mesmo livro podemos encontrar outro registo fotográfico, que representa uma acção idêntica à anteriormente referida, contudo no local da antiga ponte do Espírito Santo (Fig.25).

Este tipo de acções, deveriam ser muito recorrentes nesta época, pois a população local, sobretudo da vila baixa, sofria muito com os danos causados pelas inundações, que em épocas de cheia eram de grande relevo.

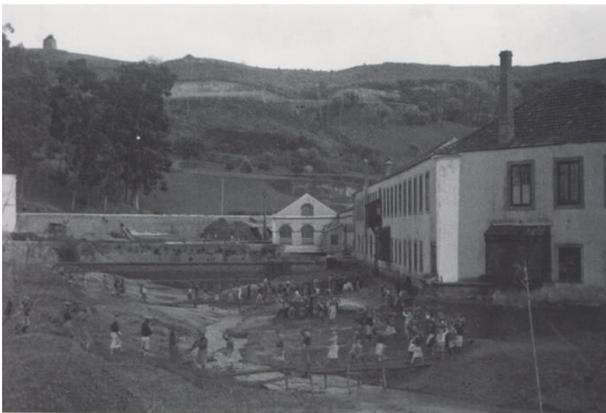


Fig. 24 – Limpeza do rio no sítio do Açude das Águas, 1941.



Fig. 25 – Limpeza do rio abaixo da Ponte do Espírito Santo, Agosto de 1935.

Este ramo de fabricação de papel laborou até aos anos noventa, data, em que, por não existirem condições para competir com as produções de papel vindas de outros países, anunciou-se a mudança de ramo para a fábrica, passando esta a dedicar-se ao fabrico de lanifícios¹²⁹.

Neste local existiu ainda uma outra fábrica de manufactura de papel existente na Vila, pertencente a José António da Silveira. Esta fábrica utilizava métodos tradicionais, produzia papel pardo e de embrulho e a sua localização seria junto ao rio¹³⁰. Esta mais tarde anexou-se “ não física ou materialmente, mas em termos de propriedade” à Real Fábrica do Papel, passando a ser propriedade da administração da mesma¹³¹.

Todavia, actualmente apenas é possível observar a Real Fábrica do papel na freguesia da Várzea, pois todos os restantes elementos industriais, que nela existiram foram desaparecendo ao longo dos tempos, dando lugar a um amplo areal, que serve de estacionamento público.

¹²⁹ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.84.

¹³⁰ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.67.

¹³¹ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.69.



Fig. 26 – Fábrica do Papel vista da estrada Lisboa - Porto, 1939.



Fig. 27 – Actual estado da Fábrica do Papel | A partir da imagem é ainda possível observar a zona do areal e no canto superior direito o Jardim das Águas.

Em 1938, surge na vila a Fábrica do Meio ou do Lafaurie, proprietário da mesma. Esta foi a primeira fábrica de lanifícios existente na vila.¹³² Localizava-se no lugar da antiga azenha de quatro rodas, que foi oferecida em 1435, pela rainha D. Leonor aos frades domínicos de Azeitão. Este projecto teria começado de forma modesta, possuindo apenas 6 cardas pequenas e 3 fiações de 40 fusos à mão, alguns teares circulares e carapinhas¹³³.

O seu fabrico resumia-se a fiação de lã, obras de ponto de meia, mantas, cobertores de lã e tinturaria. Consta que esta fábrica em 1840 já teria 187 pessoas a trabalhar nas suas instalações. A Vila de Alenquer era o sítio ideal para se erguer uma fábrica de lanifícios, pois as várias nascentes permitiam ter água o ano inteiro em grandes quantidades, para a lavagem das lãs e executar o processo da tinturaria, assim como o rio oferecia força motora às máquinas da fábrica¹³⁴.

Na vista geral da Vila de Alenquer, da autoria do pintor Ribeiro Christino, de 1882, podemos ver como seria essa fábrica na sua total extensão e os encanamentos da água, que a direccionavam para a fábrica.

¹³² LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.85.

¹³³ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.179.

¹³⁴ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.85 e 86.

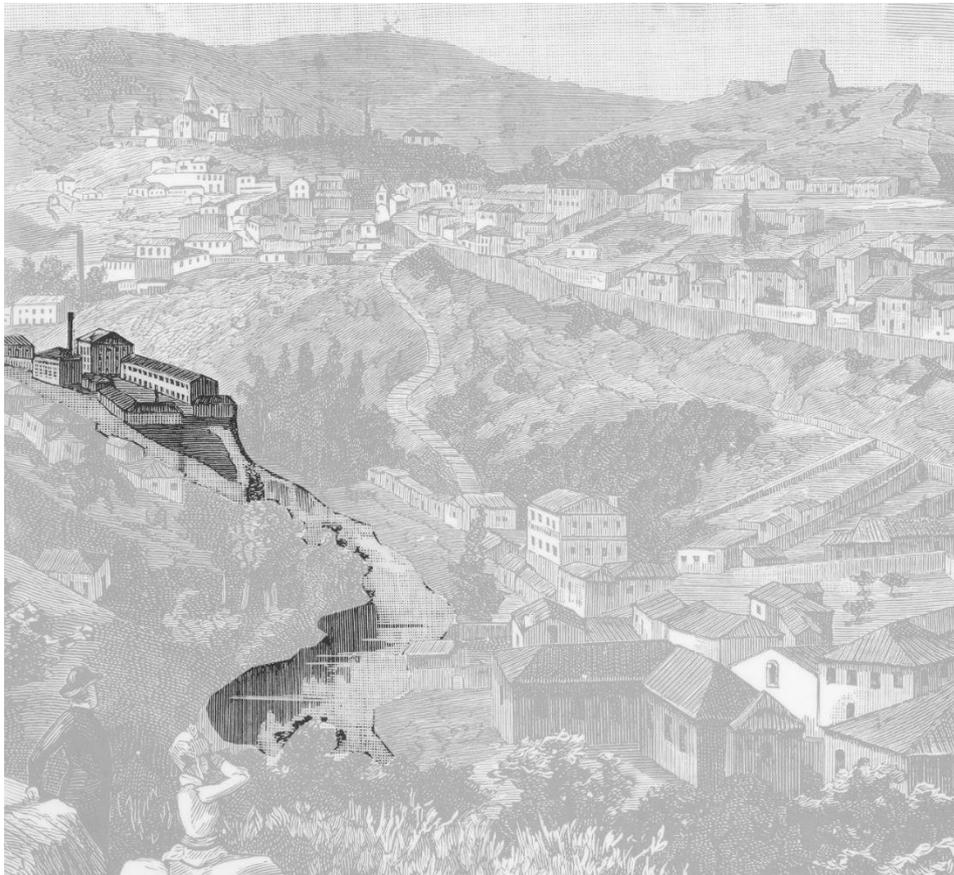


Fig. 28 – Secção da vista geral da Vila de Alenquer, da autoria do pintor Ribeiro Christino, com a data de 1882 | A partir da gravura é possível ver o encanamento de água para a Fábrica do Meio.

Segundo Guilherme Henriques, a produção da fábrica aumentou em tão pouco tempo que foi necessário aumentar a mesma:

“Em 1848 a fábrica de Lafaurie já possuía 10 cardas sendo 2 de estambre; 5 máquinas de preparação (cardinhas); uma fiação de 180 fusos; outra dita de 120 fusos, para os fios cardados, fino; uma dita de 60 fusos para o fio grosso, 1 cardador; 2 calandras; 1 prisão de maços de um sistema muito antigo, que quando trabalhava, ouvia-se em toda a vila (...)”¹³⁵.

Segundo é possível entender, esta fábrica foi aumentando o seu tamanho consoante as suas necessidades e mais tarde em 1876, o mesmo autor, refere um forte investimento feito na fábrica por parte de um particular, que contribuiu para o seu desenvolvimento:

“Montou uma excelente máquina de vapor, de 25 cavalos (...) um sortido de três cardas de ferro, uma chardoneza, uma azeiteira; quatro teares de ferro; doze teares circulares, (...) uma grande lavadeira para fazendas; um bom torno mecânico e uma máquina de furar ferro. Montou a oficina de sapatos de trança; montou uma nova estufa por cima da casa da caldeira(...) e fez muitos outros que seria aqui fastidioso enumerar.”¹³⁶.

¹³⁵ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.180.

¹³⁶ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.182.

O progresso da fábrica nota-se também pelo seu número de operários, que no ano de 1881 era de 250. Nesta época, a fábrica trabalhava ao ritmo de dois motores, um a vapor e outro hidráulico¹³⁷.

Após a morte do fundador proprietário da fábrica Auguste Lafaurie, a fábrica teve diversos proprietários ao longo dos tempos, até ao ano de 1918, data em que encerrou por definitivo as portas, derivado a vários prejuízos que a fábrica teve na altura e que não teve capacidade financeira para os fazer frente¹³⁸.

Posto isto, este grande estabelecimento fechou, e deixou vários operários sem emprego, o que com certeza teve um grande impacto na vida da vila nos finais do século XX. Infelizmente, nos dias que correm já não é possível ver o edificado da fábrica na paisagem da vila, pois este foi destruído durante o projecto dos arranjos marginais da vila de Alenquer, dando lugar a uma nova avenida, cujo seu nome é o mesmo do fundador da Fábrica do Meio, Avenida Lafaurie e a alguns edifícios.

¹³⁷ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.89.

¹³⁸ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.88 – 94.

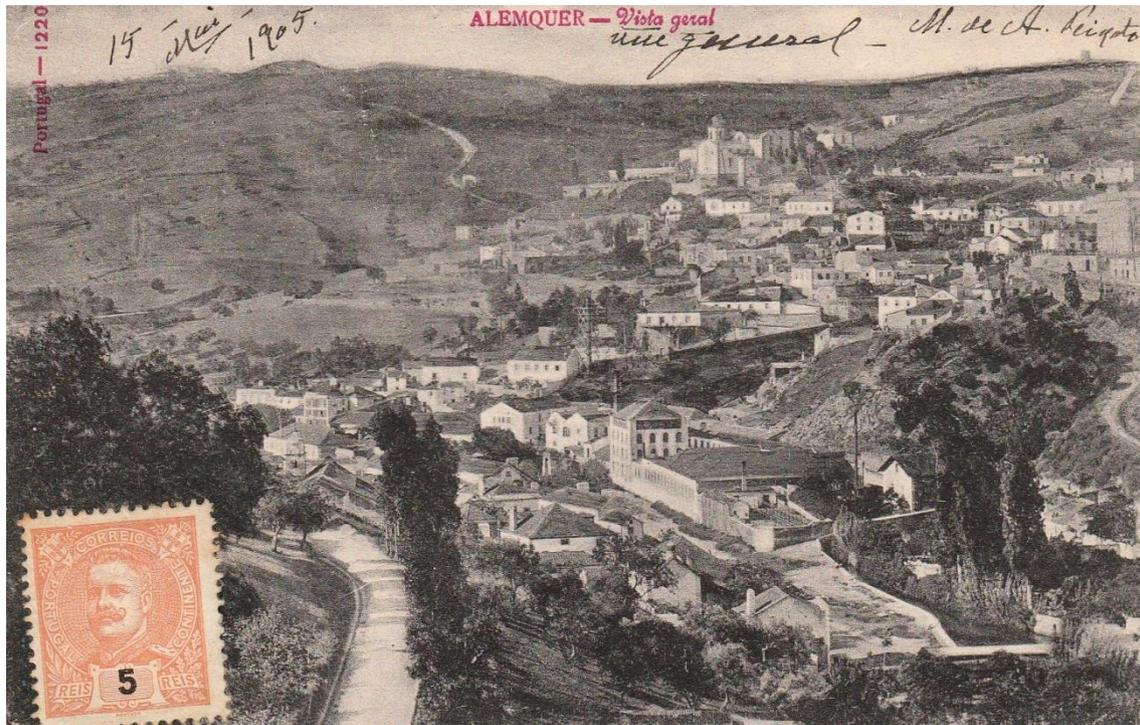


Fig. 29 –Alenquer - Vista Geral, de 1905. | A partir do postal é possível ver parte da antiga Fábrica do Meio.



Fig. 30 – Panorâmica da Vila de Alenquer. | A partir da foto é possível observar, que no lugar da antiga Fábrica do Meio, hoje existem diversos edifícios, que na maioria dos casos são habitações.

Em 1872, deu-se a inauguração da Fábrica da Romeira, na Vila de Alenquer, onde existiu um grande contentamento em volta do acontecimento, tendo sido feita uma grande festa, em modo de comemoração¹³⁹.

Fundada por um comerciante natural de Braga, chamado Francisco José Lopes, esta foi a segunda fábrica de lanifícios a instalar-se na vila. O francês Filipe Linder foi o engenheiro do projecto, cujas obras iniciaram em 1870 e após vinte meses estavam prontas. Esta fábrica composta por dois edifícios rectangulares, que juntos compõem o corpo principal dessa fábrica, é hoje considerada um imóvel de interesse público. Além do corpo principal, ainda possui a “casa dos maquinismos hidráulicos, a mãe de água, a casa dos motores e anexos.”¹⁴⁰.

Esta utilizava como matéria-prima a lã, vinda do Alentejo e de Espanha, que era transportada a partir do Rio Tejo. As suas máquinas trabalhavam através de energia hidráulica e a vapor. Nela existia uma roda hidráulica que trabalhava o ano inteiro e produzia uma força de 8 cavalos. Além disso, possuía duas caldeiras que produziam vapor, que movimentavam duas máquinas de 30 e 10 cavalos de força¹⁴¹.

¹³⁹ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.188

¹⁴⁰ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.95 e 96

¹⁴¹ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.96

Desta forma, a Romeira, possuía um sistema de fabrico de ponta, para a sua época, tendo sido toda equipada com o melhor material de então, todo ele fabricado em países, como na Bélgica e França, sendo considerada uma fábrica moderna no séc. XIX. Em 1890, a fábrica empregava cerca de 272 operários. Esta dedicava-se à produção de xailes, serafinas, castorinas, baetas, barretes, cintas, cobertores, sapatos de seda e elásticos de algodão e seda¹⁴².

A Romeira não dependia apenas das águas do rio para movimentar os seus motores, tendo sido introduzidas máquinas a vapor na sua produção.

Sobre a mesma fábrica é referido a existência de um açude, que deveria servir para direccionar as águas ao acima referido motor hidráulico, que a fábrica possuía. Sendo o mesmo referido no livro “A Vila de Alenquer”, aquando da descrição da Ponte de S. Catarina e do seu desaparecimento no séc. XIX, quando Guilherme Henriques, o autor da obra diz-nos que o açude, em questão, ao sofrer um aumento de tamanho tornava inexistente a referida ponte.

“No século XIII chamava-se «a ponte nova» e devia ter sido construída com o pé direito bastante elevado (...) Mas já no meado do século passado as cheias passavam por cima da ponte, e o levantamento do açude da Romeira tornou impossível a sua existência.”¹⁴³.

¹⁴² LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.97 e 98.

¹⁴³ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.178.

Actualmente, este açude já não existe, nem no presente estudo foram encontradas fotografias sobre ele, contudo Guilherme Henriques, conhecedor profundo da realidade da vila nesta época, fala-nos sobre a sua existência.

O edificado da fábrica mantém-se até aos nossos dias, sendo que apenas o edifício principal pertence ao município de Alenquer, e está num bom estado de conservação, sendo actualmente o seu edifício utilizado para eventos culturais e expositivos.

Embora possua outra utilidade este edifício adaptou-se aos novos tempos, demonstrando que a sua riqueza espacial pode desempenhar diversas funções, sendo claramente um bom exemplo de como se pode reentregar e adaptar este tipo de fábricas às necessidades da vila.



Fig. 31 – Fotografia do actual estado da Fábrica da Romeira.

A Fábrica da Chemina foi a última no ramo dos lanifícios a instalar-se na vila, e tinha como proprietários os irmãos José Joaquim e Salomão Guerra. Esta foi projectada pelo arquitecto natural de Alenquer José Juvêncio da Silva e a sua inauguração ocorreu em 1890. Embora esta indústria esteja edificada na margem do rio, não utilizava as suas águas para movimentar os seus motores, pois “foi equipada com uma máquina de vapor de 50 cavalos de força”¹⁴⁴.

Esta fábrica foi a primeira na vila a não utilizar as águas do rio de Alenquer, para movimentar os seus maquinismos, sendo que as suas produções não dependiam do rio, apresentando assim uma novidade à vila. No entanto, o rio era o local para onde os esgotos da fábrica seriam encaminhados, método que seria naturalmente utilizado pelas restantes fábricas existentes na vila.

A arquitectura do seu edifício principal, segundo Guilherme Henrique, também acompanhou as inovações da época, no que aos processos de higiene diz respeito. Este edifício era composto por três pisos, onde estavam instaladas “as oficinas de tecelagem, acabamento, de barretes, escriptorio, machina motora, machinas de cardação, fiação e de limpeza, lavagem de lãs, fios, fazendas, etc.”, em redor do edifício existiam ainda outras instalações pertencentes à fábrica, onde estariam: “a tinturaria e estufa, caldeira, oficinas de serralharia e carpintaria, prensa manual, armazéns de lãs e de materiaes; tudo em construções separadas.”¹⁴⁵.

¹⁴⁴ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p. 99 e100.

¹⁴⁵ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.192.



Fig. 32- Fábrica da Chemina em 1991 | A partir da foto é possível entender como era a fábrica no começo da sua existência.

Esta fábrica de lanifícios, tinha como especialidades da sua produção “caxemiras e xailes”, que conseguiam competir com as demais produzidas no estrangeiro. Além disso, ainda produzia casimiras, diagonais e outros tecidos, que eram considerados dos melhores que surgiam no mercado de então, sendo ainda a única fábrica que produzia “cintas finas de canutilho.”¹⁴⁶.

Esta fábrica de lanifícios, seria com certeza um motivo de orgulho para esta vila, por toda a inovação que introduziu na indústria local e pela qualidade indiscutível dos seus produtos. Além disso, esta empregava muitas pessoas, tendo um peso considerável na economia da vila.

Em 1906, contavam-se 250 operários a trabalhar nas suas instalações, sendo que este número desceu consideravelmente e em 1912, já só se contavam 182 trabalhadores na fábrica. Em 1994 o seu fabrico teve fim por definitivo, e os seus edifícios passaram a ter um novo dono, o município de Alenquer. Actualmente o edifício principal encontra-se em estado de ruína, tendo este sido alvo de um incêndio em 2000. Contudo, os edifícios mais recentes da fábrica, hoje em dia servem de instalações para o Centro dia e ATL da Santa Casa da Misericórdia¹⁴⁷.

¹⁴⁶ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.194.

¹⁴⁷ LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931**. Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado. p.103.



Fig. 33 – Panorâmica do actual estado da Fábrica da Chemina.

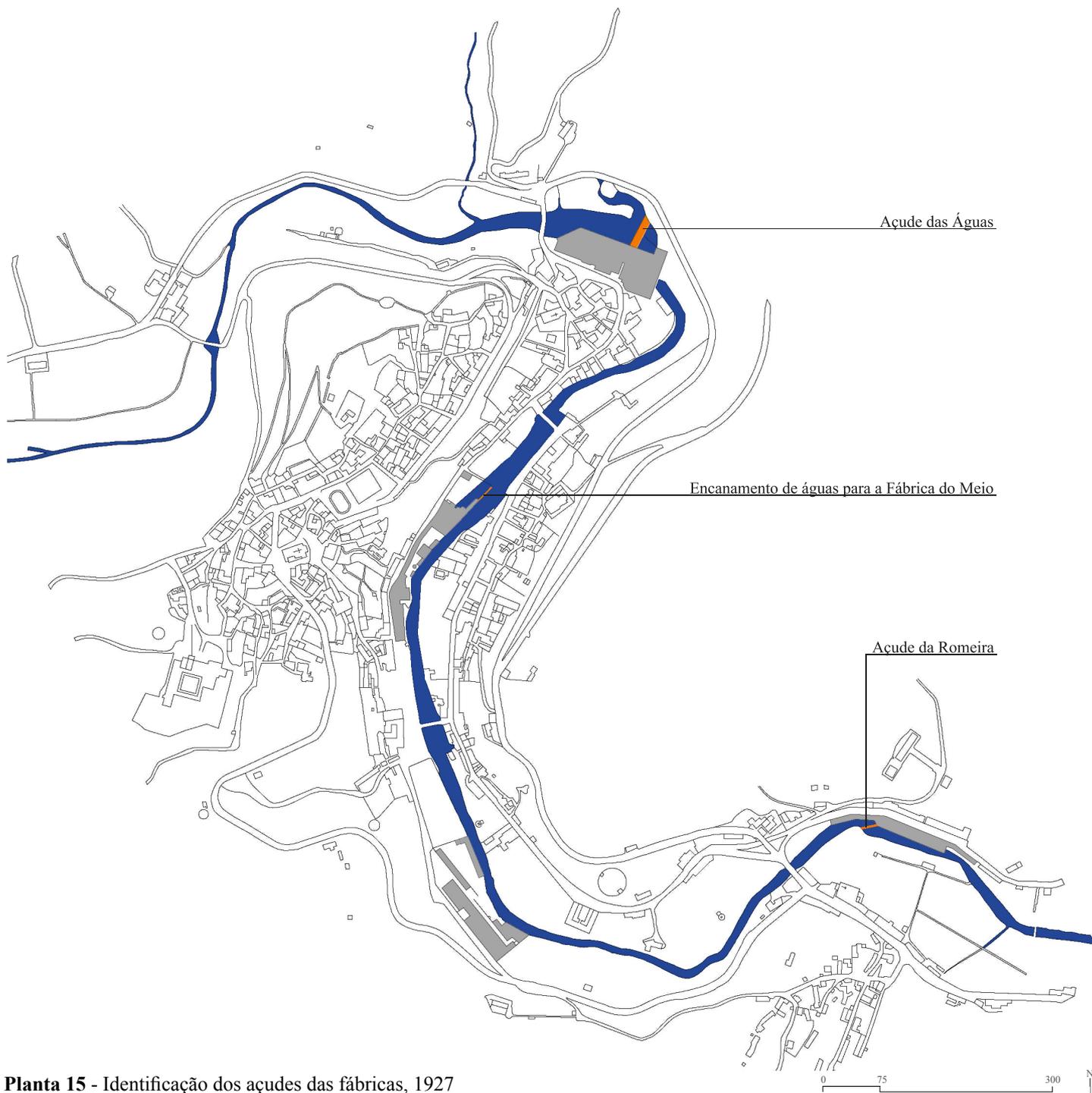
Deste modo, a relação entre o rio de Alenquer e a vila, alterou-se bastante pelo espírito industrial, que surgiu neste local no séc. XIX. Esta linha de água que em tempos tinha sido uma fonte de peixe fresco e motor de vários moinhos, passou a ser dominada pelas actividades fabris.

Implantadas na malha urbana da Vila de Alenquer, durante o século XIX, estas unidades fabris proporcionaram momentos de progresso à vila, bem como colocaram o nome de Alenquer no plano nacional, no que ao ramo industrial diz respeito.

Estas fábricas ergueram-se ao longo das margens do rio, estabelecendo uma relação de dependência do mesmo, pois este era utilizado nos processos de fabricação. Por outro lado, estas indústrias assumiram uma grande importância na economia local, pois empregavam muitas pessoas e tratava-se de um dos maiores ramos de negócio da vila.

O eixo natural estruturante da vila, o rio, possibilitou desta forma a introdução de fábricas nesta localidade. O curso das suas águas serviu de força motriz dos motores hidráulicos e para tal, foi necessário a criação de represas de água, designadas de açudes, instaladas no curso do rio, para conservar a água e controlar a sua entrada nos maquinismos receptores de água.

Esta situação alterou o traçado do rio, bem como o seu funcionamento, pois o movimento das suas águas passou a ser controlado pelos açudes. Além disso, é de considerar, que o rio era o local onde as fábricas depositavam os detritos das suas produções, sendo provável que os seus níveis de poluição tenham aumentado.



Planta 15 - Identificação dos açudes das fábricas, 1927

É de referir, que os vários açudes instalados ao longo do curso do rio na vila, aumentaram consideravelmente o risco de cheias, que tanto afectavam os bens das populações da vila baixa, tal como refere Guilherme Henriques, no seu livro “A Vila de Alenquer”, de 1902:

“Devido à grande área de que o rio de Alenquer faz a sangria; a sua pouca largura, da ponte do Espírito Santo para baixo, e a subida gradual de seu leito em consequência da successiva construção de açudes em todo o seu curso as aguas d’elle, nas ocasiões de grandes invernadas, tomão porproções gigantescas, transformando e inundando o bairro da Triana (...)”¹⁴⁸.

Esta situação com certeza criou alguma revolta na população local, que vivia com medo das inundações e das consequências que uma tragédia deste género podia originar. Ainda na obra anteriormente referida, aquando da descrição da antiga ponte de S. Catarina, construída no séc XIII, Guilherme Henriques refere o descontentamento do administrador do Concelho da época, Albino A. F. Figueiredo, com a situação:

“(...) o administrador do Concelho, Albino A. F. Figueiredo, queixando-se do abuso dos muitos assudes que se tinham feito no rio, alterando o leito d’este, (...)”¹⁴⁹.

¹⁴⁸ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.213.

¹⁴⁹ HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.178.

Em 1851 Albino Figueiredo, publicou uma “Memória sobre Alguns Melhoramentos Possíveis da Vila e Concelho de Alenquer”, onde exprime algumas propostas para a vila, sendo uma delas a demolição dos açudes que no rio de Alenquer existiam:

“Os assudes, considerados como objecto de utilidade pública, servindo para os moinhos, sam fáceis de substituir; considerados como propriedade particular, além de poderem ser expropriados por conveniência pública, accresce ainda que elles mesmo podem ser reputados usurpações dos direitos e conveniências de muitos outros proprietários.”¹⁵⁰.

Esta proposta, tinha como principal intenção tornar o rio de Alenquer navegável, pois segundo o mesmo autor, a vila deveria tirar partido do rio, que a liga ao Tejo. Albino Figueiredo, ainda propõe a união do rio de Alenquer com o da Ota, na zona da quinta do carneiro e a escavação do leito do rio alenquerense, de modo a torná-lo mais fundo e navegáveis desde o Tejo até aos açudes, que posteriormente deveriam ser destruídos¹⁵¹.

Deste modo, ao retirar os açudes, os níveis da água do rio baixaria, pelo que, diminuía os riscos de inundações. Esta medida seria do agrado dos donos dos terrenos agrícolas e dos moradores da vila baixa.

¹⁵⁰- FIGUEIREDO, Albino d’Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da vila e concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p. 27

¹⁵¹ - FIGUEIREDO, Albino d’Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da vila e concelho de Alenquer** . Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p. 26 e 27.

Contudo, esta proposta não passou do papel, muito provavelmente, pelos diversos açudes, fazerem parte de produções fabris ou de moinhos, cujos seus proprietários não estariam dispostos a abdicar dos seus fabricos em prol do bem colectivo.

Sendo assim, no século XIX, ao mesmo tempo que o rio era o motor de uma indústria fabril, representava também um perigo para as populações da vila baixa. As várias inundações que se sucediam na vila, criaram uma relação de medo por parte da população em relação ao rio.

É óbvio que a vila baixa, nomeadamente a freguesia da Triana sempre teve problemas com as inundações, por estar implantada sobre leito de cheia, todavia os açudes das fábricas, com certeza aumentaram muito este risco.

Esta situação de descontentamento das gentes locais, iria encontrar solução mais tarde no séc. XX, com a execução do arranjo marginal da vila baixa, que procurou solucionar o problema das inundações e redesenhar a baixa da vila, de forma a permitir estender a freguesia da Triana ao longo da margem esquerda do rio.

2.4 – O Plano de Urbanização para a baixa da Vila de Alenquer

A vila de Alenquer no século XX, foi alvo de um plano urbanístico, que veio reestruturar a vila baixa e acrescentar um conjunto de mais-valias ao local. Esta terra conhecida pela sua beleza natural e pelas qualidades das suas águas, que no século XIX tinham atraído várias indústrias para o local, deparava-se com um enorme problema no século XX, causado pelas águas do rio, que em épocas de cheias inundavam algumas zonas da vila baixa, causando diversos estragos às populações.

Esta situação decerto, que criou uma enorme preocupação às gentes locais, que passaram a ver o rio, que durante séculos tinha sido o principal motor da economia local, transformado num problema. Na verdade, a vila sempre foi afectada por inundações ao longo dos tempos, principalmente na freguesia da Triana, que foi construída sobre leite de cheia.

Guilherme Henriques, em 1873, escreveu no seu livro “Alenquer e Seu Concelho”, sobre uma tragédia que atingiu Lisboa, Vila Franca de Xira, Castanheira e algumas terras do concelho de Alenquer, no ano de 1435. Segundo, o mesmo terá acontecido um tremor de terra, que acompanhado das grandes enxurradas, que durante três meses se fizeram sentir, causaram grandes danos às populações locais:

“O campo de Santarem, Varzea de Villa Nova, etc., estiveram cobertos de água por mais de um mez. Perdeu-se muito gado e pão (...) Morreu muita gente, e ficou tudo em estado tão lastimoso (...)”¹⁵².

Contudo, no século XIX a situação piorou, com a construção excessiva de açudes no rio, a quando da instalação de fábricas e moinhos na vila, tornando a situação incomportável. As pessoas locais, viviam num medo constante, por se sentirem todos os anos ameaçadas pelas forças do rio de Alenquer e com certeza, que desesperavam por uma solução para este contratempo, que tardava em acontecer.

O jornal "A Verdade", semanário local, no dia 17 de Junho de 1945 dá conta de:

"Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuízos", que aconteceu quando menos se contava, derivado de uma forte trovoadas que se fez sentir na área da Serra de Montejunto, acompanhada por fortes chuvas e provocou inundações em "tódas as baixas que confinam com os ribeiros e rios para os quais convergiu. Registaram-se fortes prejuízos (...) e na nossa terra, inundou-se, num momento, tôda a parte baixa da vila e no estabelecimento (...) tendo, dentro dêsse estabelecimento, atingido uma altura aproximada de um metro."¹⁵³.

Um ano depois, o mesmo jornal dá a notícia de outra cheia que voltou a inundar parte da baixa da vila, referindo ainda os esforços que foram feitos "para afastar as razões que se supõem causadoras de tão rápida e frequente subida do rio."¹⁵⁴.

¹⁵² HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. p.17.

¹⁵³ Jornal "A Verdade", 17 de Junho de 1945. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 3.



Fig. 34 - Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo, na Vila de Alenquer, 1945.

¹⁵⁴ Jornal "A Verdade", 20 de Janeiro de 1946. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

É de realçar, que esta situação era muito prejudicial para a economia local e acima de tudo para a vida da população. Porém era um cenário muito comum nesta formosa vila, quando o inverno lhe chegava.

No dia 13 de Agosto, do mesmo ano e no mesmo jornal anteriormente referido, foi feita uma publicação com o nome "Por nossa Dama...Alenquer vista pelo "Janeiro". Esta refere-se a uma publicação feita no jornal da cidade do Porto "O Primeiro de Janeiro" , que fala sobre a visita de Manuel Ferreira à Vila de Alenquer, e sobre a opinião que o mesmo ficou, do rio que nela corre:

"Diz o articulista: a) o rio de Alenquer é faca de dois gumes. Emprста beleza à vila, mas dá aos habitantes dias bem amargos. Ninguém chamará belas às suas águas quando saltam fora do leito e inundam a parte baixa da vila. Seria de urgência livrar Alenquer das cheias."¹⁵⁵.

A esta opinião o autor do jornal "A Verdade", responde no decorrer do artigo, explicando os motivos de tal situação:

"(...) por duas razões apenas: por amor a Alenquer e para repor a verdade no seu devido lugar." dizendo " A Alenquer vêm parar as águas da chuva da maior parte do concelho (e da Serra de Montejunto)e, por isso, quando são muitas, terão fatalmente de galgar as margens. E isto sucede em Alenquer como em todas as zonas ribeirinhas - supomos que em toda a parte do mundo."¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Jornal "A Verdade", 13 de Agosto de 1946. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁵⁶ Jornal "A Verdade", 13 de Agosto de 1946. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

De facto, tendo em conta que a vila baixa encontra-se em grande parte situada em leito de cheia, não é de admirar que em épocas de grandes invernadas, esta fosse afectada por inundações, porém era de grande urgência arranjar uma solução capaz de resolver o problema.

Além disso, o rio era realmente uma “faca de dois gumes”, pois por um lado para além das suas águas darem uma beleza invejável à vila, estas eram o motor das fábricas da vila, que enriqueciam a economia local, contudo quando o inverno se avistava, passava a ser um perigo para o bem-estar dos que nesta vila residiam.

No entanto, o cenário ainda iria tornar-se mais desagradável para os demais habitantes locais, pois nos anos 30, foram instalados mecanismos nas nascentes desta vila, para que a água que destas nasce fosse bombeada para a capital do país, de modo a resolver o abastecimento de água da grande metrópole.

Segundo é possível verificar no documento, pertencente à Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério da Obras Públicas, da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa, numa tentativa de aumentar as quantidades de água que à capital chegavam, a identidade responsável considerou a possibilidade de abrir um concurso para captação de água em Alenquer e na Ota:

"Na mesma ordem de ideias vai ser aberto um concurso para captações (de água) definitivas de Ota e Alenquer, onde se poderá extrair um volume global de, pelo menos, 50 000 m³ (mais 15 000 do que tem sido possível tirar no verão)."¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Documento - **Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa**, pertence à Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas, p.3-4.

Assim, as águas das nascentes desta vila passaram a ser direccionadas para Lisboa, facto este que Aldo Paviani refere em "Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa":

"A fase presente da ribeira se explica em grande parte porque, por uma necessidade de abastecer de água potável a capital do País, com a vantagem de também receber água tratada para a população da vila, a Câmara de Alenquer cedeu suas famosas e decantadas fontes à Companhia das águas de Lisboa. Fruto deste contrato, potentes bombas, ligadas directamente aos mananciais, levam o líquido à metrópole"¹⁵⁸.

Posto isto, o caudal do rio diminuiu consideravelmente, sobretudo no Verão, quando este era em grande parte composto pelas águas provenientes das nascentes que na freguesia da Várzea existiam.

Esta situação, veio causar mais problemas para a vila, que viu o seu rio resumido a um caudal insignificante, que nem os esgotos das fábricas cobria, tornando-se numa espécie de esgoto a céu aberto. Isto provocou problemas de ordem sanitária para a vila, pois como refere Paviani:

"Pelo facto de diminuírem as águas no Estio, tanto das nascentes como das chuvas, o caudal da ribeira desce a um nível que mal lhe permite correr; por isso por vezes, as águas estagnan-se e putrefazem-se."¹⁵⁹.

¹⁵⁸ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 40.

¹⁵⁹ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 40.

Perante tal cenário, a Câmara Municipal entrou em negociações com a companhia das Águas de Lisboa, com o intuito de convencer esta a diminuir as quantidades de água, que retirava das nascentes da vila, de modo a que fosse possível restabelecer o caudal normal do rio¹⁶⁰.

Todavia, esta boa intenção aparentemente não se concretizou, pois o rio continuou e contínua, nos dias que correm a apresentar um caudal de pouco volume, em grande parte do ano, pois quando as chuvadas fortes pairam sobre Alenquer, este ganha dimensões bem maiores.

Mas a realidade da vila estaria prestes a mudar, com a execução do arranjo marginal da vila baixa e dos acessos à vila alta. Este plano, permitiu rectificar o curso do rio, e redesenhar a baixa da vila, capacitando-a para a construção de mais edificado, que permitisse criar novas infra-estruturas e mais habitações.

Em Março de 1946, o semanário local, informa aos demais interessados que o início das obras deveria "iniciar-se na segunda quinzena de Maio.", do referido ano¹⁶¹.

Na verdade, este processo ao que parece terá sido aprovado bem antes desta data, pois no dia 14 de Janeiro de 1933, foi publicado no Diário do Governo, o decreto nº 22:129, que corresponde à autorização por parte do Ministério das Obras Públicas e

¹⁶⁰ PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa** [Em linha]. (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. p. 40.

¹⁶¹ Jornal "A Verdade", 24 de Março de 1946. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 5.

Comunicações, da realização das obras de regularização dos rios da Ota, Braço e Arquino, bem como do rio de Alenquer¹⁶².

É de referir, que um projecto desta magnitude e complexidade, não se faz do dia para a noite, além disso os custos que envolvem uma intervenção urbana deste género, não são de modo algum fáceis se suportar, de modo que todo este processo deve ter demorado alguns anos até se iniciarem as obras.

Posto isto, no dia 7 de Setembro já se encontram em Alenquer, depois de já aprovado o projecto de regularização do rio de Alenquer, elaborado pela Direcção Geral os Serviços Hidráulicos, em concordância com o plano de urbanização da vila, o Sr. António Aurindo dos Santos, chefe do expediente e da contabilidade das referidas obras e o topógrafo Sr. Morgado Araújo, cujos trabalhos de regularização do rio serão dirigidos pelo Sr. Eng.º Pacheco de Castro¹⁶³.

Esta obra, aparentemente solucionava o problema das inundações, que a vila sofria há muitos anos, criando assim uma relação vila – rio, mais próxima, pois o rio deixaria de ser considerado um perigo. Além disso, as intervenções que viriam a ser efectuadas ao longo do curso do rio dentro da vila, tornariam, o mesmo mais limpo e belo, o que seria uma mais-valia para a imagem desta terra.

¹⁶² Diários da República -Diário do Governo: Decreto nº 22:129. [Em linha]. (1933), 75-76. [Consult. Agosto 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://dre.pt/application/file/267711>>. p. 75- 76.

¹⁶³ Jornal "A Verdade", 7 de Setembro de 1946. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

O plano de urbanização da baixa da vila e a rectificação do curso do rio de Alenquer anunciado, faz parte de um plano geral que abrange todo o território nacional, do Estado Novo do Regime de António Oliveira de Salazar, que visava o progresso e desenvolvimento locais:

"O Ministério da Economia comprava navios destinados a assegurar o abastecimento da Nação. E o das Obras Públicas e Comunicações publicava uma série importantíssima de providências assegurando a construção de escolas primárias do plano dos Centenários, a organização dos planos de urbanismo das cidades e vilas portuguesas (...)"¹⁶⁴.

Esta campanha do Estado Novo, era de certa forma uma maneira de promover o regime, aliás ao longo da pesquisa para este estudo, foi possível comprovar a grande promoção que era feita, pois muitos foram os jornais que ao longo das suas publicações evocavam as iniciativas do Estado Novo. No entanto, quem também beneficiou desta situação foi a vila de Alenquer, que viu o seu sonho tornar-se realidade.

Deste modo, a notícia do plano de urbanização traçado para a Vila de Alenquer chegava a todo o país. No dia 25 de Dezembro do ano de 1943, o jornal "O Século", informava os leitores sobre os diversos melhoramentos que aconteceram no concelho de Alenquer, como a construção de estradas, edifícios escolares, estações dos C.T.T, a sede do Sporting Club de Alenquer, a fundação da Sociedade União Musical Alenquerense, entre outros. Sendo ainda referido, o "plano de urbanização", constituído pela "regularização do leito e das margens do rio de Alenquer, a construção de duas ruas

¹⁶⁴ ARAÚJO, Miguel - Jornal "A Verdade", 16 de Janeiro de 1944. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

nessas margens e de várias pontes e a beneficiação de algumas artérias, que serão arborizadas." Todas estas obras foram construídas sob ordem do já então falecido, Ministro das Obras Publicas Duarte Pacheco¹⁶⁵.

Embora, o Engenheiro Duarte Pacheco, (Ministro das Obras Publicas, a quando da aprovação do plano de Urbanização para a Vila de Alenquer), não tenha acompanhado a execução das obras, este foi quem deu a ordem para tal, tendo por isso conquistado a admiração dos demais residentes da vila. Este faleceu ainda antes das obras terem começado, sendo sucedido pelo engenheiro Sr. Cancela de Abreu.

Após este acontecimento, o jornal local, "A Verdade", dedica algumas linhas ao falecido ministro, afirmando que este foi o impulsionador de "uma verdadeira revolução no seu ministério". Por ter sido quem orientou o projecto de urbanização da vila de Alenquer evoca-se a sua memória, devido aos "grandes melhoramentos com que dotou o país". O mesmo ainda refere face à sua morte, " façamos votos para que o actual titular da pasta das obras públicas engenheiro Sr. Cancela de Abreu, prossiga na obra encetada pelo seu antecessor, dando satisfação às aspirações do povo desta vila, de ver realizado o projecto de urbanização de Alenquer"¹⁶⁶.

Esta noticia embora demonstre um gesto de agradecimento ao falecido Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, por tudo o que fez pela vila, também revela alguma apreensão acerca da continuidade do projecto, por o ministro já não ser o mesmo. Todavia, esta preocupação durou pouco tempo, pois o projecto avançou e a obra foi concretizada.

¹⁶⁵ Jornal "O Século", 25 de Dezembro de 1943, Biblioteca Nacional de Lisboa. p.14.

¹⁶⁶ Jornal "A Verdade", 19 de Novembro de 1944. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

O plano de reconstrução da baixa alenquerense era notícia nacional, como se pode comprovar no "Diário de Notícias" do dia 13 de Janeiro de 1944. Neste, a título de "A Maior tiragem e expansão de todos os jornais Portugueses" são dadas a conhecer na secção da vida regional, informações sobre "A urbanização da vila de Alenquer". Nas várias colunas que compõem a notícia anunciam-se soluções para tornar e capacitar a vila de Alenquer de belas condições para "vir a ser um importante centro de turismo". Informa sobre as qualidades naturais do concelho, as várias ligações viárias, a presença de fábricas importantes na vila de ramos diferentes, bem como a beleza de edifícios importantes e a recente abertura de uma avenida "necessária para o descongestionamento do trânsito dentro da vila"¹⁶⁷.

Reconhece-se ao longo de toda a informação que a vila de Alenquer evoluiu muito e que tinha intenções de se desenvolver ainda mais. Para isso, era necessário e urgente o plano de rectificação das margens do rio de Alenquer e dos acessos à vila alta:

"que está despertando mais vivo interesse e se, deseja efectuado com a possível urgência é o da urbanização da vila, cujo plano já aprovado compreende a regularização do leito e as margens do rio, ao longo do qual serão abertas duas amplas avenidas. Compreende ainda a transformação de algumas artérias da parte baixa da vila e doutras que dão acesso à parte alta e também a construção no leito de um colector geral que vá lançar os esgotos pelo lado de baixo da barragem, de modo que, dentro da vila, a água do rio corra sempre limpa."¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Jornal "Diário de Notícias", 13 de Janeiro de 1944, Biblioteca Nacional de Lisboa. p.1.

¹⁶⁸ Jornal "Diário de Notícias", 13 de Janeiro de 1944, Biblioteca Nacional de Lisboa. p.2.

Desta forma, após a conclusão deste grande projecto, a vila tinha todos esses problemas resolvidos, o que era uma notícia muito animadora para a sua população, e um sinal de progresso.

As obras do plano em questão foram comparticipadas pelo Estado, que entendeu o período de 4 anos, tempo suficiente para serem tomadas decisões para que os trabalhos decorressem sem dificuldade. Os trabalhos pequenos, caso existissem ficavam à responsabilidade e a recursos da Câmara local¹⁶⁹.

Apesar de demoradas¹⁷⁰, as obras tiveram início no fim do ano de 1945, quando se iniciou "a limpeza do rio a montante do açude da Fábrica de Papel"¹⁷¹.

A relação entre o rio e a sua vila, estava assim prestes a mudar, para melhor claro. Após a conclusão das obras, a vila estaria mais apta para resistir às inundações, o que afastava de certo modo o medo que a população tinha das forças do rio.

Durante a pesquisa deste estudo, foi encontrada uma planta na Direcção Geral de Ordenamento do Território, com o número de parecer 001625, com a seguinte identificação "Projecto do arranjo marginal e dos acessos à zona alta da vila", do ano de 1943, da autoria do arquitecto José de António de Aguiar, à escala 1: 1000. (Fig. 35)

¹⁶⁹ MACHADO, Francisco - Jornal "A Verdade", 7 de Outubro de 1945. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁷⁰ MACHADO, Francisco - Jornal "A Verdade", 9 de Setembro de 1945. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁷¹ Jornal "A Verdade", 14 de Outubro de 1945. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.



Fig. 35 - Urbanização de Alenquer – Projecto do arranjo marginal e dos acessos à zona alta da vila, do ano de 1943, assinado pelo arquitecto José de António de Aguiar, escala 1:1000. | Ver anexo E.

Segundo o descrito na planta, esta seria uma proposta para a vila de Alenquer, não dando a completa certeza se esta foi a proposta que acabou por ser executada ou não.

Ainda durante a pesquisa foi encontrado na Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas o processo nº 1625, relativo a, "Vila de Alenquer - Arranjo Marginal e dos acessos à zona alta.", com o respectivo mês e ano de entrada neste organismo, a Fevereiro de 1945.

É mencionado no mesmo documento, que o projecto em consulta é constituído por peças escritas e desenhadas, tais como perfis de ruas, planta geral e planta de arborização e pavimentos, no entanto, esses desenhos não constam no parecer, pelo que poderão ter sido "desagregados" das peças escritas, no momento de arquivo.

No entanto, foi possível concluir que a planta acima indicada faz parte deste processo, pois para além de o número de parecer ser o mesmo (1625), as descrições feitas ao longo da proposta do "Arranjo Marginal e dos acessos à zona alta.", coincidem com as informações representadas na planta, sendo muito possível que se trate da planta geral da intervenção.

É de constatar, que no referido documento, mais concretamente no "Ofício Nº 1355", assinado pelo secretário-geral do Ministério das Obras Públicas da época Duarte Abecasis, que a proposta apresentada foi aprovada pelo Ministro das Obras Publicas:

"(...) o Ministro, a quem foi presente o parecer desse Concelho superior nº 1.625 exarou nele o seguinte despacho: "Homologo – Aprovado portanto, este projecto de arranjo marginal e dos acessos á Zona Alta, como primeira fase a integrar no plano geral

de urbanização, devendo ter-se em conta as observações formuladas na conclusão deste douto parecer, do qual deve ser dado conhecimento à D.G.S.Hidráulicos”¹⁷².

As obras de regularização do rio de Alenquer, foram feitas pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, pelo que teve de existir um diálogo entre todos os intervenientes, que fizeram parte deste Plano de Urbanização para a Vila de Alenquer.

O arranjo marginal e dos acessos à vila alta, assim como a regularização do rio, foram considerados como a primeira fase do plano de urbanização pensado para a vila.

Embora ao longo da pesquisa não tenha sido encontrado nenhum documento que descreva rigorosamente o que foi o “O plano de Urbanização”, nem o total dos melhoramentos propostos para a vila neste, foi possível concluir através das publicações dos diversos jornais consultados, que tratava-se de uma proposta geral para a vila. Esta para além de ser composta pelo arranjo marginal e dos acessos à vila alta, ainda incluía a regularização do rio, a instalação da iluminação eléctrica na vila, a canalização de água aos domicílios, a instalação de uma nova rede de esgotos, assim como a construção de alguns serviços necessários na vila.

Todas estas obras ofereceriam uma melhor qualidade de vida à população local e provocariam um desenvolvimento na vila, sobretudo o arranjo marginal e a regularização do rio, que tinham como principal intenção a resolução do problema das inundações, que tantos prejuízos davam à vila.

¹⁷² Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. Ofício N°1355.

Além disso, a regularização do rio de Alenquer, era considerada de grande interesse e benefício para a vila, tal como o arranjo das margens do mesmo, pois seria possível a partir destas obras, ganhar novos terrenos para a implantação de vários edifícios públicos¹⁷³.

Esta intenção, demonstra uma grande vontade de reestruturar toda a baixa, de modo a ser possível construir mais edifícios, de interesse público e privado. Por outro lado, também permitia dar uma nova organização à Triana, o local onde actualmente se instalam todos os serviços da vila.

Deste modo, o plano do arranjo marginal e acessos à vila alta tinha como premissas estruturantes os seguintes pontos: a resolução do trânsito inter-urbano; a resolução do trânsito intra-urbano; dotar a Vila de Terreno para construções públicas e particulares; a valorização do rio; a valorização da Vila sob o ponto de vista estético; e tratar destes problemas com economia mas definitivamente¹⁷⁴.

Assim, procurou-se dotar a vila de melhores acessos e novas vias que permitissem evitar congestionamento de trânsito na baixa alenquerense. Por outro lado, também existiu a intenção de ligar a vila baixa à vila alta, de modo a facilitar a ligação entre esses dois locais, que são separados por uma cota elevada.

¹⁷³ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.1 e 2.

¹⁷⁴ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.2.

Os acessos exteriores que dão acesso à vila, acontecem a Norte pela estrada nacional 73-2^a, seguida da Avenida de Jaime Ferreira e a Sul pela estrada nacional 70-2^a, seguida pela rua de Sacadura Cabral e Triana. Desta forma ambas a estradas nacionais relacionam-se dentro da vila de Alenquer¹⁷⁵. Derivado das características que possuem, como a sua largura e por estarem a contornar edificações ao longo do seu percurso, propôs-se dois “novos arruamentos”¹⁷⁶.

Estes dois arruamentos deveriam possuir larguras regulares para uma circulação mais cómoda e a localização escolhida foi ao longo das margens do rio. Para isto, foram feitos sucessivos aterros ao longo das margens do rio dentro da vila.

Designadas por avenidas “A” e “B” os dois novos traçados que acompanham e se desenvolvem ao longo da rectificação do rio permitem boas comunicações entre as duas margens, bem como:

“(…) constituem elementos que muito vêm valorizar a zona baixa da vila sob o aspecto urbanístico, conjuntamente com o amplo e bom regularizado canal que os separa.”¹⁷⁷.

A rua “A” desenvolve-se, a Norte a partir da avenida de Jaime Ferreira e termina seguindo a Avenida de Jaime Sacadura Cabral, a sul, estando implantada na margem

¹⁷⁵ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.2.

¹⁷⁶ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.3.

¹⁷⁷ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo N°1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.9.

esquerda do rio. Na margem direita o “arruamento B” inicia na rua de Serpa Pinto e termina, a Sul no Parque Vaz Ferreira¹⁷⁸.

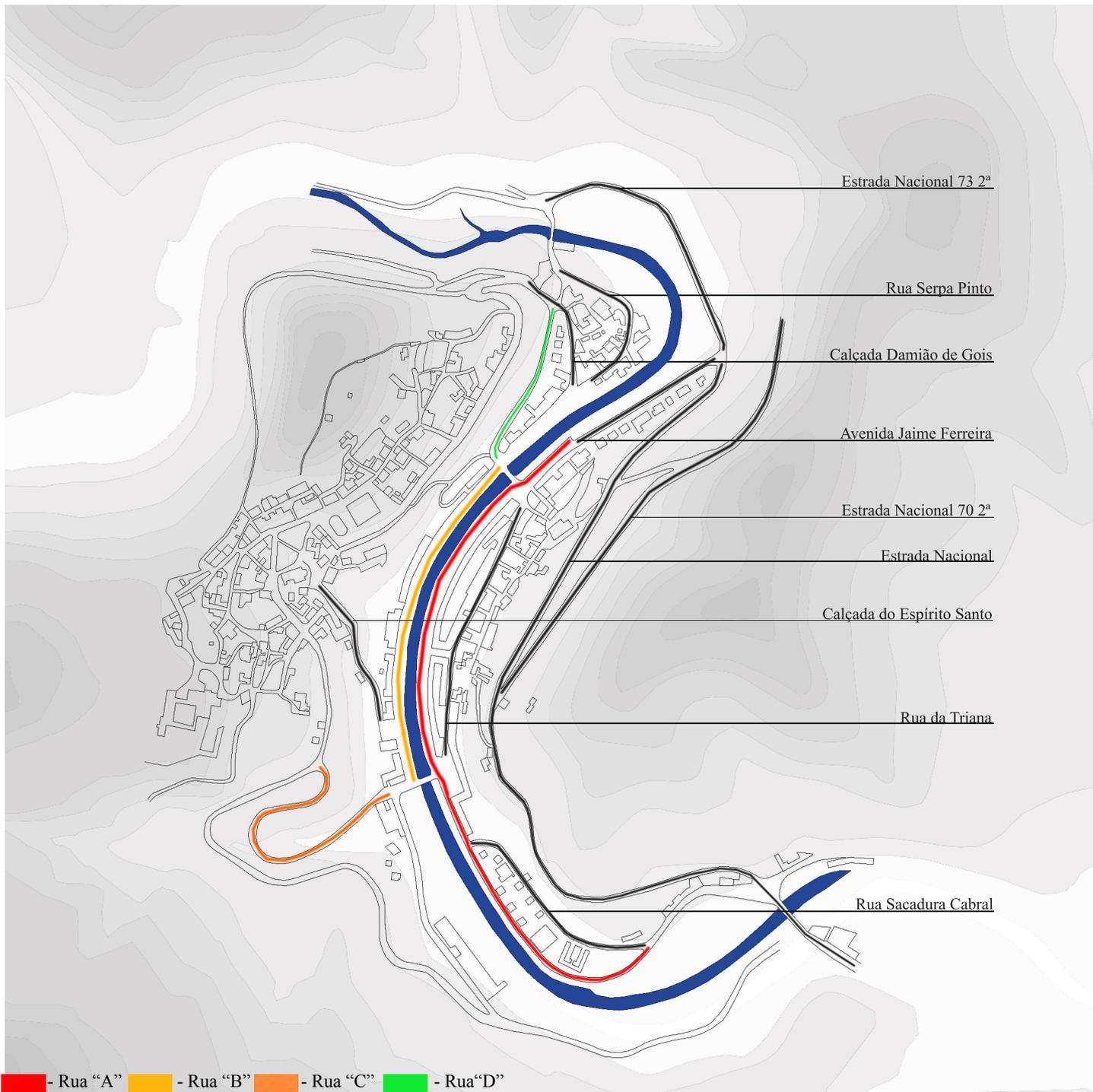
Com a apresentação de novos “arruamentos” para a zona baixa, sugerem-se neste plano também uma distribuição de “arruamentos” que ligam a parte baixa com a parte alta da vila, sendo consideradas duas ruas a “C” e a “D”.

Essa relação fazia-se acontecer, a Sul pela Calçada do Espírito Santo e a Norte pela Rua Serpa Pinto e calçada Damião de Gois. Considerou-se assim, que tendo em conta, as inclinações que estas apresentam para acompanhar o declive da encosta, bem como a largura das faixas, era necessário criar novos acessos, assim foi proposta a rua “C”, a Sul, com início em frente à Ponte do Espírito Santo, com uma inclinação de 8,7%, com o intuito de minimizar as dificuldades analisadas no trajecto feito pela Calçada de Espírito Santo, como referido no plano:

“(…) pelo lado Sul, são elas estabelecidas por meio da Calçada do Espírito Santo com declives que chegam a atingir 20%, determinando tal circunstância que, em geral, o trânsito de tracção animal a não utiliza preferindo, ainda que mais longe, o trajecto mais suave pela Estrada Municipal nº1 que se desenvolve a Sul da povoação.”¹⁷⁹.

¹⁷⁸ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo Nº1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.3.

¹⁷⁹ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo Nº1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.4.



Planta 16 - Identificação das ruas propostas, 1943



A rua “D” situada a Norte é proposta tendo em conta a substituição pela rua Serpa Pinto. Esta desenvolve-se a partir do cruzamento com o novo “arruamento B” e com a ponte da Triana” para norte até à Calçada Damião de Góis:

“(…) se inflecte para Norte começando a subir 9% até cerca de metade do seu percurso a vai terminar, com uma outra rampa de 6,3%, no entroncamento com a Calçada Damião de Gois (...)”¹⁸⁰.

Embora estas ruas tenham sido apresentadas e desenhadas na planta de 1943, não foram concretizadas. Continuando a ser a Calçada do Espírito Santo e a rua Serpa Pinto e a Calçada Damião de Góis, as duas vias que ligam a vila baixa à vila alta.

Projectadas as novas ruas, prevêm-se as suas dimensões, tendo em conta a faixa de rodagem, passeio que acompanha as edificações, bem como o passeio público do lado que acompanha o rio.

“É de 12,50m o perfil que se prevê para as ruas “A” e ”B” dos quais 6,00m se destinam à faixa de rolagem, 1,50m ao passeio do lados das construções e 5,00m àquêl que marginará o rio e ao longo do qual serão dispostas duas fiadas de árvores. As ruas “C” e “D” terão 9,00m de largura ocupando a faiza de rolagem 6,00m e 1,50m cada um dos passeios, pelo lado exterior dos quais serão também plantadas árvores”¹⁸¹.

¹⁸⁰ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo Nº1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.4.

¹⁸¹ Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo Nº1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.4 e 5.



Planta 17 - A Vila de Alenquer em 2016



Ainda consta no plano, a construção de duas novas pontes, de modo a melhorar a ligação entre as duas margens do rio. Estas foram, a Norte a ponte da Triana e a Sul, a ponte do Espírito Santo, que se apresentavam com faixas estreitas, para as necessidades da vila. Desta forma, foram demolidas as existentes para a construção de novas com melhores condições para a circulação.

"duas pontes bastante estreitas. (...) continuarão a fazer-se por intermédio de duas outras pontes com início na rua "A" e construídas um pouco a juzante das actuais, com menor extensão mas mais amplas do que estas."¹⁸².

Em Julho de 1947 dá-se a visita à vila do sr. Ministro das Obras Públicas, o senhor eng.º José Frederico Ulrich, que supervisionou o decorrer das obras do rio, bem como as obras que ainda se iriam realizar, como o novo mercado,¹⁸³ cujas obras se iniciariam um ano depois, como anunciado no jornal "A Verdade":

"Constrói-se o novo mercado municipal e está em vista "uma grande obra que foi ansiosamente esperada e que se encaminha lentamente (...)" "Surgiu finalmente o dia em que as máquinas chegaram e em que se deu começo à obra; logo ao mesmo tempo apareceu em Alenquer e entre os mirones, uma verdadeira aluvião de engenheiros hidráulicos competentíssimos, capazes de fazer a rigor a crítica do plano de obras estabelecido (...)"¹⁸⁴.

¹⁸² Ministério das Obras Públicas - Vila de Alenquer: Arranjo Marginal e dos acessos à Zona Alta. (1945) CSOP - Processo Nº1625. Biblioteca e Arquivo Histórico de Obras Públicas. p.2-3.

¹⁸³ Jornal "A Verdade", 27 de Julho de 1947. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁸⁴ Jornal "A Verdade", 5 de Setembro de 1948. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

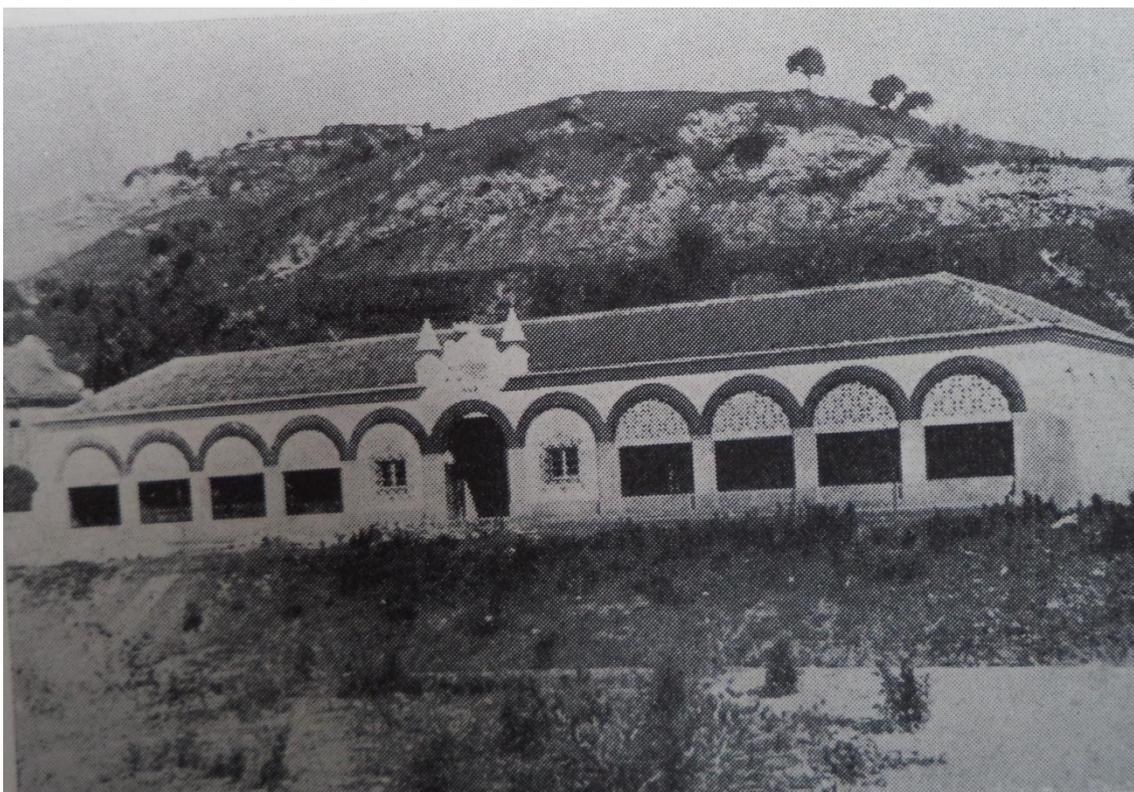


Fig. 36 - Mercado Municipal de Alenquer, ano de 1949.



Fig. 37 – Ponte do Areal ou da Triana vista do largo das Formigas, 1940 |Na imagem é possível ver a ponte da Triana antes do plano de regularização do rio e arranjo marginal da vila baixa.



Fig. 38 – Ponte da Triana após o plano de regularização do rio e arranjo marginal da vila baixa. Esta foi construída uns metros mais abaixo da anterior.



Fig. 39- Açude no sítio da Chemina, abaixo da ponte do Espírito Santo, 1940 | Na imagem é possível ver a antiga ponte do Espírito Santo.



Fig. 40 – Vista da ponte construída 30 metros abaixo da ponte do Espírito Santo, após o Plano de regularização do rio e arranjo marginal, dos meados do século XX.

Ao longo das diversas edições d' "A Verdade", nota-se que existia um grande anseio, para que o terminassem as obras tão esperadas. A edição nº 1:621, do dia 1 de Abril de 1951, Francisco Machado escreve sobre isso, com o título "Sonhar é fácil":

"Havia nos olhos dos que nos escutavam o brilho do sonho. Aconteceu à 6 anos esta apresentação do projecto do Ministro Duarte Pacheco, em conferência no Sporting Clube, perante a "maquette da obra a realizar." Aproxima-se, pois, a materialização final do sonho (...) e A nossa linda vila terá melhorado bastante e, em especial a vila baixa sofre em transformação tão grande que a há-se orientar para um progresso maior e mais firme."¹⁸⁵.

Posto isto, a vila de Alenquer estaria prestes a realizar o seu desejo, de ver a sua vila mais bela, e mais preparada para fazer frente às inundações causadas em épocas de cheias.

Aproximava-se assim o ano em que terminariam estas obras assim tão desejadas pela população. Faltariam apenas os trabalhos de empedramento e alcatroamento, respectivamente a avenida marginal direita e a margem esquerda¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Jornal "A Verdade", 1 de Abril de 1951. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁸⁶ Jornal "A Verdade", 17 de Junho de 1951. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

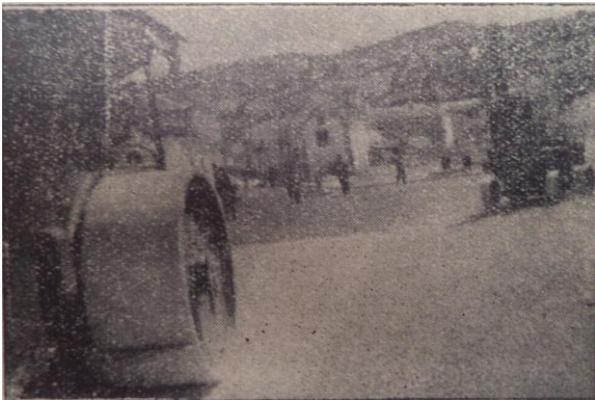


Fig. 41 - Um aspecto da construção da Avenida Marginal "A", ano de 1951.



Fig. 42 - Um aspecto da construção da Avenida Marginal "B", ano de 1951.

Em 1953 escreve-se sobre o impacto positivo das obras do rio junto da população, assim como é pedida consciência à população, como às entidades industriais dos cuidados a ter, com o objectivo de preservar e manter a “imagem conseguida”:

"O aspecto do rio mudou para melhor, tornou-se infinitamente mais agradável" contudo " a maior beleza é anulada pelo inconveniente do mau cheiro, do péssimo cheiro que se solta das águas, consequência de para o rio tudo se vazar." É necessário por parte de toda a população, e especialmente da Fábrica de Cartão e Papel da Ota e da Moagem Hidráulica de Alenquer evitar os inconvenientes apontados. Apela-se portanto a um bom comportamento cívico de cada um para benefício da saúde pública."¹⁸⁷.

Deste modo, passou a existir uma maior preocupação com o rio por parte da população da vila, sobretudo na limpeza deste. Este tipo de iniciativas só trariam mis valias para o local, pois quanto mais embelezado for o rio, mais bela fica a imagem da vila.

No ano de 1955, finalmente as obras estavam concluídas. Teve lugar uma festa de inauguração da nova imagem da baixa da vila. As avenidas marginais estavam concluídas, assim como os largos, o pavimento da rua da Triana e os depósitos que abastecem de água a vila baixa, para contentamento dos alenquerenses:

"A nossa linda vila melhorou de aspecto, melhorou e muito a sua economia, alindou-se e vai progredindo a olhos vistos. Um tal facto merece uma inauguração condigna e havemos de fazê-la!"¹⁸⁸.

¹⁸⁷ Jornal "A Verdade", 26 de Julho de 1953. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.

¹⁸⁸ Jornal "A Verdade", 15 de Maio de 1955. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.



Fig. 43 - Vista Aérea de Alenquer, ano de 1947.

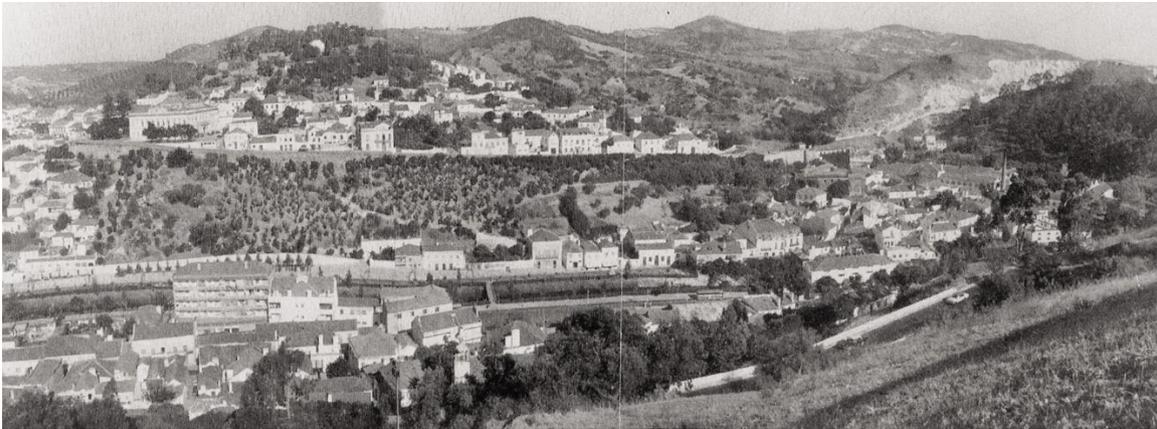


Fig. 44 – Vila Alta e Baixa vista do leste. | A partir da foto é possível perceber as diferenças introduzidas na baixa da vila.

Posto isto, a Vila de Alenquer recebeu a visitada do Sr. Ministro das Obras Públicas, para que se realizassem a inauguração das duas novas avenidas marginais e dos dois novos largos, o Largo da Rainha Santa Isabel e o Palmira Bastos:

"(...) ao largo onde está instalada a Empresa de Viação foi dado o nome de "Santa Isabel", à avenida marginal Esquerda o de "Eng.º Duarte Pacheco", à avenida marginal Direita o de "Lafaurie" e ao largo onde está a Tabacaria Lusa o de "Palmira Bastos"¹⁸⁹.

Deste modo, a vila baixa ganhou uma nova organização, passando o rio a ser limitado pelas duas Avenidas, que se ligavam através das duas novas pontes, nomeadamente da Triana e do Espírito Santo. Estas foram dimensionadas de modo a suportar mais trânsito, e resolver os problemas de congestionamento que existiam na baixa da vila.

Além disso, permitiu que a zona da Triana se estendesse no terreno ao longo da margem esquerda do rio, sendo que com espaço conquistado ao rio, após os sucessivos aterros, permitiu construir novos edifícios na baixa.

Durante as obras, também alguns edifícios foram destruídos, como o antigo mercado, o antigo edifício da fábrica do meio, assim como algumas habitações, de forma a conseguir construir as duas marginais.

¹⁸⁹ Jornal "A Verdade", 29 de Maio de 1955. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 1.



■ - Traçado do rio em 1927 ▨ - Edificado demolido

Planta 19 - Identificação dos edifícios demolidos





Fig. 45 – Largo Rainha Santa Isabel, visto da rua Pêro de Alenquer.



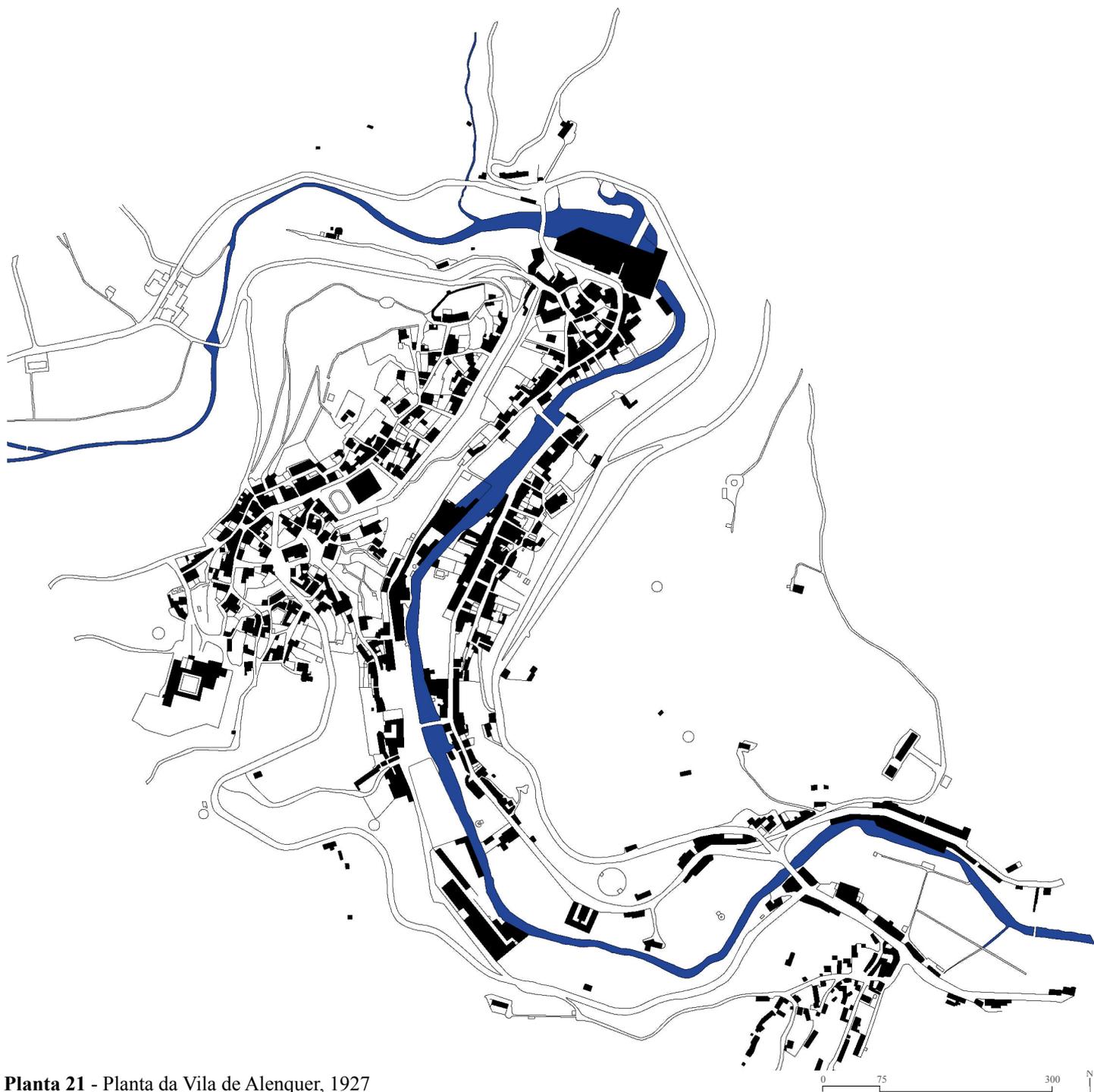
Fig. 46 - Largo Palmira Bastos, com vista para o edifício da C.M.A.

Com o plano de rectificação do curso do Rio de Alenquer, este que outrora possuía um traçado natural e meandrado, tornou-se numa linha em “S”, que atravessa a vila, dando um aspecto muito artificial. Assim, o rio foi controlado e dominado pelo homem, de modo a tentar diminuir as possibilidades de existirem inundações de grandes proporções.

Para isto, foram realizados diversos aterros ao longo das margens do rio, com o objectivo de nivelar o terreno, onde outrora se fazia a circulação da água do rio, tendo em vista a rectificação do curso natural do rio, a construção das novas avenidas, bem como de novos quarteirões.

É de notar, que com as obras produzidas e com a introdução das duas novas avenidas na malha urbana da vila baixa, a zona da Triana que margina o rio de Alenquer, virou-se para ele. Isto é, as suas construções que antes do plano do arranjo marginal e rectificação do rio viravam costas ao rio, sendo por vezes os próprios quintais das casas que definiam o limite desta linha da água, passaram a virar as suas fachadas para o seu leito, pois com a construção da avenida Duarte Pacheco, passou a existir uma distância considerável entre as habitações e o rio, pelo que possibilitou criar uma nova relação entre as casas e o rio.

Deste modo, o rio ganhou maior destaque, passando a existir uma divisão nítida, entre aquilo que é zona destinada às habitações, às vias pedonais e ara veículos assim como caudal do rio.



Planta 21 - Planta da Vila de Alenquer, 1927



Fig. 47 – Bairro da Triana visto da Rua Pêro de Alenquer, 1941 | A partir da fotografia é possível perceber, que as traseiras das habitações na zona da Triana viravam-se para o rio.



Fig. 48 - Bairro da Triana visto da Rua Pêro de Alenquer, 2002 | Após a execução do arranjo marginal e da regularização do curso do rio de Alenquer, o rio passou a ser limitado por duas avenidas paralelas ao seu curso, o que permitiu que as fachadas das habitações virassem-se para o rio.

É ainda de referir, que o novo traçado do rio segue paralelo às duas marginais, sendo as suas margens arborizadas. Ao longo do seu curso dentro da vila, em ambas as margens foram criados pontualmente espaços públicos, nomeadamente o jardim das águas junto da antiga Real Fábrica do Papel, e o jardim Vaz Monteiro junto da Fábrica da Chemina.

Posto isto, a relação entre a vila e o rio mudou consideravelmente, após a conclusão das grandes obras que se efectuaram na baixa alenquerense. Estes melhoramentos, introduziram uma nova qualidade de vila às populações locais, que passaram a sentir-se mais seguras, no que ao problema das inundações diz respeito.

Além disso, a introdução de novo edificado na zona da Triana, sendo alguns dos quais serviços que nesta vila faltavam, deu um novo dinamismo ao local, passando a ser esta a zona onde se instalaram todos os serviços existentes na vila. O melhoramento e introdução de novas vias na vila, também foi uma mais-valia para economia e vivência local.

Assim, o rio que durante séculos foi o principal impulsionador da economia local, passou a ser uma linha de água que apenas servia para embelezar a vila, ou melhor, nem para este fim servia, pois o seu caudal foi muito reduzido, a quando das captações de água para Lisboa, como anteriormente neste estudo foi referido. Por outro lado, os níveis de poluição do rio eram elevados, pelo que se pode entender ao longo das notícias do semanário local, demonstrando um certo descuido por parte dos locais. No entanto, estas obras vieram trazer uma lufada de ar fresco à vila e à sua relação com o rio.



Fig. 49 - Fotografia aérea da vila de Alenquer, de 1956. Orientada a Norte. Ver anexo G.

2.5 - O Rio Actual

Após a rectificação do traçado do rio e das suas margens, efectuada em 1955, aquando do plano de urbanização projectado para a Vila de Alenquer, pensou-se que o problema das inundações esteve-se resolvido e que a vila estaria a salvo de tais catástrofes.

Contudo não foi bem assim, pois após a conclusão das obras na baixa de Alenquer em 1955, registaram-se duas cheias, nomeadamente no inverno de 1967 e 1983¹⁹⁰.

As inundações do dia 26 Novembro de 1967, que atingiram o distrito de Lisboa, inclusive Alenquer, provocaram muitos mortos, a destruição de casas, deixando por sua vez pessoas desalojadas¹⁹¹.

É de referir, que as cheias de 67, foram de grande magnitude e causaram muitos estragos na vila. Na rua da Triana, é possível verificar a marcação da altura a que as águas alcançaram na fachada de um edifício, onde concluímos que as águas cobriram por completo o rés-do-chão dos edifícios.

¹⁹⁰ ROGEIRO, Filipe Soares – **Alenquer: Presépio de Portugal**. Mem Martins: Ferraz & Azevedo, 2005. p.31.

¹⁹¹ COSTA, Francisco da Silva; CARDINA, Miguel; VIEIRA, António Avelino Batista – **As inundações de 1967 na região de Lisboa: Uma catástrofe com diferentes leituras**. Investig. Geogr. Chile, 51 (2016) 103-114. p.104.



Fig. 50 – Fachada de um edifício na Rua da Triana com a marcação da altura de 3,07m, que atingiram as águas da cheia de 1967.



Fig. 51 – Rua de Triana, três dias após enchente de Novembro | A partir da foto é possível perceber a magnitude dos estragos causados pela cheia de 67.

Embora tenha sido investido muito capital e tempo no plano de rectificação do curso do rio e das suas margens, com a intenção de evitar este tipo de incidentes, esta situação é muito difícil de combater pois praticamente toda a baixa da vila, está construída sobre leito de cheia. Deste modo o rio seria alvo de novas obras, numa tentativa de resolver em definitivo este problema.

Posto isto, no mês de Setembro do ano de 2001, a vila tomou conhecimento do “projecto de requalificação urbana e ambiental das margens do Rio de Alenquer”, que consistia na requalificação do património, no ordenamento do trânsito e do estacionamento na baixa alenquerense, na criação de uma ciclovia, um parque desportivo e também, no alargamento e betonização das margens, entre o Largo Rainha Isabel e a ponte de S. Catarina¹⁹².

Era pretendido com a regularização do troço urbano do Rio de Alenquer, a cargo do INAG, criar forma de escoar a água dentro das margens “para um caudal equivalente à máxima cheia previsível.” Para a concretização deste princípio equacionou-se o alargamento e o aumento da profundidade do leito do rio bem como “diminuir a inclinação das margens até praticamente à posição vertical, e proceder à sua consolidação com um muro de betão armado.” Revestido com pedra, no intuito de diminuir o impacto visual¹⁹³.

¹⁹² Associação para o estudo e defesa do ambiente do Concelho de Alenquer - **(ARQUIVO): Comunicados sobre o Rio de Alenquer.** [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.alambi.org/comunicados/rio-de-alenquer/46-arquivo-comunicados-sobre-o-rio-de-alenquer> >.

¹⁹³ Associação para o estudo e defesa do ambiente do Concelho de Alenquer - **(ARQUIVO): Comunicados sobre o Rio de Alenquer.** [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.alambi.org/comunicados/rio-de-alenquer/46-arquivo-comunicados-sobre-o-rio-de-alenquer> >.



Fig. 52 – Fotografia referente às obras 6 de Julho de 2006| Disponível on-line.



Fig. 53 - Fotografia referente às obras 8 de Março de 2007 | Disponível on-line.

Desta forma, o tipo de revestimento que foi proposto para as margens do rio, em betão e pedra, impede a presença de vegetação marginal nas margens do mesmo. Esta intervenção torna o rio de Alenquer num canal artificial¹⁹⁴.

Esta situação foi alvo de críticas por parte da Associação para o Estudo e Defesa do Ambiente do Concelho de Alenquer, (Alambi), que considerou esta proposta um perigo para a fauna do rio e que este tipo de acabamento poderia aumentar a velocidade das águas do rio em épocas de cheias¹⁹⁵.

Realmente esta solução traria uma série de inconvenientes para o rio. Em primeiro lugar, a imagem do rio iria ser novamente alterada, após já ter sido alterada durante as obras do séc. XX, que rectificaram o traçado do rio dentro da vila. Esta intervenção, iria tornar o rio ainda mais artificial, tornando-o numa espécie de um canal que atravessa toda a vila.

No entanto, esta obra foi aprovada e concretizada, e hoje quando nos deslocamos até esta formosa vila na região da Estremadura, a imagem que temos do rio é esta que anteriormente referi, não reflectindo em nada, a imagem e a importância que esta linha de água teve ao longo dos séculos para a Vila de Alenquer.

¹⁹⁴ Associação para o estudo e defesa do ambiente do Concelho de Alenquer - **(ARQUIVO): Comunicados sobre o Rio de Alenquer**. [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.alambi.org/comunicados/rio-de-alenquer/46-arquivo-comunicados-sobre-o-rio-de-alenquer> >.

¹⁹⁵ TALIXA, Jorge - **Público: Inag investe 1, 5 milhões em nova ponte da EN 1**. 31 de Julho de 2006. [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/inag-investe-1-5-milhoes-em-nova-ponte-da-en-1-91576>>.

A obra iniciou-se em Outubro de 2004 com o objectivo de escoar as águas em épocas de cheias, precavendo futuros danos provocados pelas inundações, como se verificou em 1967¹⁹⁶.

Sabendo que a ponte de Santa Catarina era um dos “principais estrangulamentos” à passagem do rio, aquando de grandes chuvas, procedeu-se à sua demolição, para dar lugar a uma nova com 17 metros de vão, estando esta obra também contemplada neste projecto de requalificação do troço urbano do rio. Foram minimizadas com este projecto outras situações pontuais ao longo do curso do rio, como “a construção de uma nova ponte pedonal na zona da antiga fábrica de papel.” O aumento de aproximadamente 1,6m da profundidade do leito concretizou-se na zona da ponte do Areal. A obra custou cerca de seis milhões de euros e consistiu na limpeza e alargamento da secção do rio numa extensão de três quilómetros. Além disso, fizeram uma ciclovia e cinco pequenos açudes que criaram espelhos de água. Foram ainda construídas quatro rampas de acesso ao leito do rio instaladas em locais estratégicos para facilitarem a sua limpeza¹⁹⁷.

¹⁹⁶ BATISTA, Ricardo – **Construir: Obras em Alenquer Resolvem Problemas de Cheias**. Junho de 2007. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.construir.pt/2007/06/08/obras-em-alenquer-resolvem-problemas-de-cheias/>>.

¹⁹⁷ TALIXA, Jorge - **Público: Inag investe 1, 5 milhões em nova ponte da EN 1**. 31 de Julho de 2006. [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/inag-investe-1-5-milhoes-em-nova-ponte-da-en-1-91576>>.



Fig. 54 – Fotografia referente às obras 6 de Julho de 2006| Disponível on-line.

Neste sentido a realização destas obras vêm atenuar as cheias e respectivos prejuízos à zona baixa da vila. Findaram no ano de 2007 e desta forma refere o director da obra, António Valério:

"O principal objectivo das obras é garantir o escoamento das águas atenuando o efeito das cheias porque as pessoas viviam em constante sobressalto com medo que as águas voltassem a subir."¹⁹⁸.

O traçado do rio manteve-se inalterado desde 1955, não sofrendo qualquer tipo de alteração durante as obras de enrocamento das margens. Perdeu-se assim, por completo a antiga imagem do rio, que era caracterizada pelos seus meandros e pelo seu enorme caudal, que tanto deu a esta terra.

O rio de Alenquer, nos dias que correm apresenta-se praticamente despoluído e de boa saúde, o que já é um sinal de progresso, tendo em conta os níveis de poluição que este rio alcançou durante o século XX. Todavia, o seu caudal está longe de ser o mesmo que serviu de motor de fábricas e azenhas que nesta vila existiram, apresentando-se num estado lastimável, que em nada embeleza a Vila de Alenquer.

Deste modo, a sua relação com a vila nos dias que correm, em nada tem a ver com a que tinha na época medieval e muito menos na época industrial. Infelizmente nos dias que correm este rio não passa de um canal, que atravessa a vila, não tendo qualquer utilidade aparente no quotidiano local.

¹⁹⁸ BATISTA, Ricardo – **Construir: Obras em Alenquer Resolvem Problemas de Cheias**. Junho de 2007. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.construir.pt/2007/06/08/obras-em-alenquer-resolvem-problemas-de-cheias/>>.



Fig. 55 – Actual estado do Rio de Alenquer | A partir da fotografia é possível verificar o caudal pouco volumoso, que o rio apresenta nos dias que correm.

03 - Considerações Finais

O rio de Alenquer teve uma incidência decisiva para a concentração de aglomerados urbanos na vila de Alenquer, sendo o elemento estruturador do ordenamento deste território. A vila distribuiu-se em duas “mini – vilas”, definidas pelo relevo acidentado e pelo rio, sendo elas a vila alta e a vila baixa.

O desenvolvimento da vila foi muito condicionado por estes factores, no entanto, estas características naturais, foram o principal motivo da sua existência, pois os povos desde cedo se aperceberam das riquezas desse local.

Como foi apresentado neste estudo, o rio estabeleceu distintas relações ao longo dos tempos com a vila de Alenquer, nomeadamente com a "introdução" de princípios sensitivos aos habitantes, que viram no rio uma fonte de riqueza. Durante o decorrer dos séculos da existência desta terra, esta linha de água foi em grande parte do tempo o motor da economia local, demonstrando uma certa dependência da vila para com o rio

Deste modo, podemos concluir, que esta relação divide-se em quatro pontos, que por ordem cronológica são as seguintes:

1- A relação entre o Rio e a Vila na Idade Média, onde o rio assumia um papel fulcral na economia local, assim como na vida desta terra. Esta situação segundo foi possível concluir, a partir das respostas paroquiais de 1755, durou até aos finais do séc. XVIII.

2- A relação entre o Rio e a Vila no séc. XIX, marcada pelo surgimento de várias indústrias fabris, que viram nas águas do rio e nas nascentes desta vila, a força motriz dos seus motores, e pelas várias inundações que afectavam a vila.

3- A relação após o Plano de rectificação do rio e do arranjo marginal da vila baixa, executado em meados do séc. XX, que reestruturou toda a baixa e alterou o

traçado do rio, transformando-o uma linha menos natural, numa tentativa de resolver o problema das inundações que tantos estragos causavam na vila. É de referir, que após a execução do plano, o risco de inundações diminuiu consideravelmente, no entanto o rio apresentava um caudal muito reduzido, devido às extracções de água para a capital, e com níveis elevados de poluição, pelo que o rio continuava a ser um problema para a vila, deixando de ser um elemento que embeleza da imagem da vila.

4- A actual relação do rio com a vila, que após o enrocamento das suas margens ao longo do seu percurso dentro da vila, no início do presente século, transformou esta linha de água num canal artificial, com um caudal insignificante, que pouca importância tem no quotidiano da vila.

Posto isto, ao analisarmos a história desta relação, entre a Vila de Alenquer e o seu Rio, entendemos que a actual situação do rio de Alenquer, não reflecte, a importância que este teve para a vila ao longo dos tempos. Na verdade, quando olhamos para o estado actual desta linha de água, ficamos com a ideia que esta foi desprezada pela vila, que passou a ver este rio, que durante tanto tempo foi o motor da economia local, transformado num problema, pois em épocas de cheias realmente o rio inunda toda a vila baixa, causando muitos estragos à população.

Deste modo, foram feitas obras no curso do rio, de modo a resolver este problema. Estas dividem-se mais concretamente em duas fases, a primeira com as obras efectuadas em meados do séc. XX, com a rectificação do curso do rio e arranjo das suas margens, e a segunda fase, com o enrocamento das margens no seu curso dentro da vila.

Todavia estas obras tão necessárias, foram pensadas e projectadas, simplesmente para resolver o problema das inundações, ficando a ideia que o rio passou para segundo plano na realidade da vila, pois as alterações nele introduzidas destruíram a sua beleza

natural e a sua forte presença na imagem da vila, passando a ser simplesmente um canal artificial, que aparentemente não possui grande importância no quotidiano alenquerense.

Ainda assim, esta situação pode ser melhorada. Quando analisamos toda esta situação, percebemos, que um dos maiores problemas do rio actualmente, são as extracções de água para a capital, que são feitas nas nascentes da Várzea, que subtraem água ao rio, não permitindo que este apresente o seu caudal natural, sobretudo durante o verão.

Assim, é possível que a partir da redução da extracção de água, o caudal por si só aumente consideravelmente, resolvendo a maior parte dos problemas. No entanto, este cenário deve estar longe de acontecer, pelos diversos interesses que uma situação deste género pode envolver. Pelo que muito dificilmente isto acontecerá na vila.

Posto isto, a solução para o problema poderia passar pela instalação de alguns açudes amovíveis em pontos estratégicos ao longo do curso do rio dentro da vila, de modo a permitir aumentar o seu volume de água. Estes açudes permitiriam durante o verão, quando o caudal é mais reduzido, criar represas de água, que formariam vários espelhos de água ao longo do rio, recuperando assim a imagem que este tinha, antes das obras efectuadas no rio, em meados do séc. XX. Enquanto no inverno, estes seriam anexados no leito do rio, criando uma espécie de comporta, que abre e fecha, de modo a permitir a passagem das águas quando o seu caudal for de maiores dimensões, evitando assim barreiras físicas no leito do rio em épocas de cheias.

Esta proposta tem como principal objectivo, recuperar a antiga imagem do rio, sobretudo a dimensão do seu caudal e a partir daí, criar uma maior proximidade entre a população local e o rio, pois com o aumento dos níveis da água, seria possível efectuar

várias actividades nesta linha de água, como pesca, criar poços para banhos públicos assim como navegar com pequenos botes dentro da vila.

No fundo, esta proposta tenta transformar o rio de Alenquer, novamente no maior atractivo da vila, tal como aconteceu ao longo da história local. Deste modo, seria possível criar uma relação mais forte entre o rio e a vila, procurando tirar o máximo partido desta linha de água, que tanto pode enriquecer a imagem desta terra.

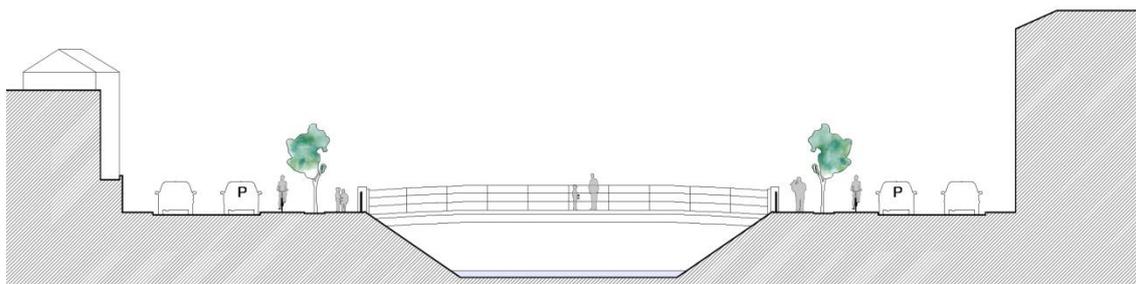


Fig. 56 - Corte da situação existente do rio.

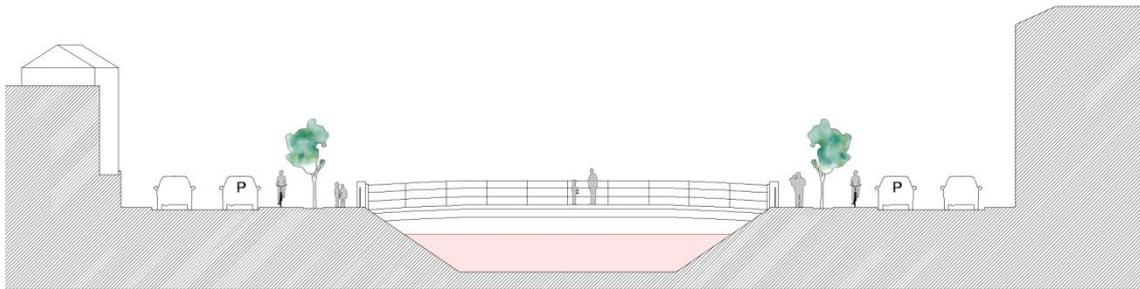
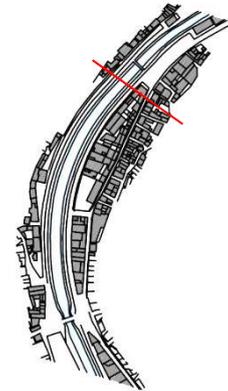


Fig. 57 - Corte com proposta.

Algumas imagens de como ficaria o rio após a implementação dos açudes:



Fig. 58 - Actual estado do rio visto da praça Luís de Camões.



Fig. 59 – Proposta do autor.



Fig. 60 - Actual estado do Rio de Alenquer.



Fig. 61 - Proposta do autor.

Fontes

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ana Cristina Brites et al. - **Arquivo de Cascais: História, Memória e Património – Cascais e Alenquer: A E.N.9**. Publicação da Câmara Municipal de Cascais – Departamento de Inovação e Comunicação. (97-105).

AZEVEDO, Carlos; FERRÃO, Julieta; GUSMÃO Adriano - **Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa: Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval**. vol. 1. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1962. ISBN 972-9107-24-6.

BEATRIZ, Márcio André Vidal - **O Castelo de Alenquer: O Contributo da Arqueologia da Arquitectura**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Julho de 2014. Dissertação de Mestrado.

BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra**. Lisboa: Círculo de Leitores, Pavilhão de Portugal/Expo'98 e Autores, Setembro de 1997. ISBN 972-42-1554-7.

BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne; MATTOSO, José - **Portugal - O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões**. Lisboa: Círculo de Leitores, Abril de 2010. ISBN 978-989-644-099-2.

CARDOSO, Luís, (P.e) - **Memórias Paroquiais do Padre Luís Cardoso ou Dicionário Geográfico de Portugal**. [Manuscrito]. [Em linha]. Lisboa: ANTT, 1758. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em WWW:<<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>>.

COSTA, Francisco da Silva; CARDINA, Miguel; VIEIRA, António Avelino Batista – **As inundações de 1967 na região de Lisboa: Uma catástrofe com diferentes leituras.** Investig. Geogr. Chile, 51 (2016) 103-114.

COSTA, Miguel Cipriano Esteves - **Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas: um estudo de arqueogeografia.** Coimbra: Faculdade de Letras, 2010. Dissertação de Mestrado.

FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. ISBN 972-744-015-0.

FIGUEIREDO, Albino d'Abranches Freire de - **Memória sobre alguns melhoramentos possíveis da vila e concelho de Alenquer .** Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. Cota S.C. 7588//4 V. Biblioteca Nacional de Portugal.

GARCIA, Ricardo Alexandre Cardoso - **Metodologias de Avaliação da Perigosidade e Risco Associado a Movimentos de Vertente: Aplicação na bacia do rio Alenquer.** Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. 2012. Dissertação de Doutoramento.

GOMES, Heitor – **Reestruturação e Expansão Industrial da área Metropolitana de Lisboa. A Emergência de Novos Territórios: Os Casos de Sintra e Alenquer.** [Em linha]. Finisterra XXXVI, 71 (2001), 143-145. [Consult. Mar. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1654/1348>>.

GONÇALVES, Cláudia Monteiro – **Proposta de Requalificação Paisagística do Jardim do Areal, em Alenquer.** Évora: Universidade de Évora. Janeiro de 2015. Relatório de Estágio na Câmara Municipal de Alenquer.

LEAL, Pinho - **Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.** vol. 1: A-BUS [Em linha]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, 1873. [Consult. Fevereiro de 2017]. Disponível em WWW: https://archive.org/stream/gri_33125005925538#page/n109/mode/2up. ISBN 3- 3125-00592-5538.

LINO, Rui Jorge Lobo - **O Equipamento Multifuncional como elemento de qualificação do Concelho de Alenquer** . Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2015. Dissertação de Mestrado.

LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão - **A Indústria na Vila de Alenquer: 1565-1931.** Lisboa: Universidade de Letras, 2010. Tese de Mestrado.

HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **Alenquer e seu concelho.** Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1873. ISBN 972-97540-6-3.

HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer.** Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. ISBN 972-97540-1-2.

MAIA, Inês - **Evolução da População no período 2001-2026 no Concelho de Alenquer: Um aeroporto na Ota? Impactos de Desenvolvimento Local.** Lisboa: Universidade Nova. Novembro de 2008. Tese de Mestrado.

MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais.** Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. ISBN 978-972-97540-8-1.

MELO, António de Oliveira; GUAPO, António Rodrigues; MARTINS, José Eduardo - **O Concelho de Alenquer 1: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia**. 2ªedição. Câmara Municipal de Alenquer: Associação para o Estudo e defesa do Património de Alenquer, 1989.

MICHELOTTI, José Teresio - **Plano e projectos para a construção da fábrica de papel de Alenquer**. *Reservados*, Códice 610: cota FR.762. 1802. Fls 48-58. Documentação pertença da Biblioteca Nacional.

MORAIS, José Carlos – **Construção de um Índice Municipal de Desenvolvimento Sustentável: O Estudo de Caso do Concelho de Alenquer**. Lisboa: Universidade Aberta, Junho de 2012. Tese de Mestrado.

PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, Nº5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>.

RIBEIRO, Luciano – **ALENQUER: Subsídios para a sua história**. Publicação da Câmara Municipal de Alenquer.1936.

ROGEIRO, Filipe – **Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. ISBN 972-97540-5-5.

ROGEIRO, Filipe Soares – **Alenquer: Presépio de Portugal**. Mem Martins: Ferraz & Azevedo, 2005. ISBN 972.95824-9-1.

SOARES, Fernando A. De Freitas Mota Luso – **A Vila de Alenquer : Ensaio Historiográfico**. Lisboa: Tip. Couto Martins, 1941.

VIEIRA, Jaime Manuel de Almeida - **Diferenciação Residencial no Concelho de Alenquer**. Lisboa: Universidade de Évora, 1997. Tese de Mestrado.

Webgrafia

Associação para o estudo e defesa do ambiente do Concelho de Alenquer - **(ARQUIVO): Comunicados sobre o Rio de Alenquer.**[Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.alambi.org/comunicados/rio-de-alenquer/46-arquivo-comunicados-sobre-o-rio-de-alenquer>>.

AZEVEDO, Sara - **Povoamento.** [Em linha]. [Consult. Junho de 2017]. Disponível em WWW:<URL: https://docs.google.com/presentation/d/1WaSVMIOYVyGCS9_2EP7i3avNZexgK808ThlAhoahQhU/edit#slide=id.i0>.

BATISTA, Paulo - **Construir: Obras em Alenquer resolvem o problema das cheias.** 8 de Junho de 2007. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.construir.pt/2007/06/08/obras-em-alenquer-resolvem-problemas-de-cheias/>>.

Biblioteca digital real academia de la historia - *Relacion de la antiguidad y particularidades de la noble villa de Alenquer.* [s.l.: s.n], 1625. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/es/consulta/registro.cmd?id=44916>>.

Dicionário Online de Português - **Pároco.** [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:< <https://www.dicio.com.br/paroco/>>.

Edições Colibri - **Memórias Paroquiais da Vila do Alandroal e Seu Termo (1758).** [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.edi-colibri.pt/Detalhes.aspx?ItemID=1773>>.

LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão – **AL AIN KEIR (Fonte Abençoada): O CASTELO DE ALENQUER – II**. 08 de Outubro de 2012. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://couraca.blogspot.pt/2012/10/o-castelo-de-alenquer-ii.html>>.

Município de Alenquer. [Em linha]. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cm-alenquer.pt/Home/Home.aspx>>.

SANTOS, Luis - **Vila de Alenquer (em imagem)**. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://lsantos22.blogspot.pt/2013/07/vila-de-alenquer.html>>.

SERRA DE MONTEJUNTO: Alenquer e Cadaval – **Castelo de Alenquer: Porta da Conceição**. [Em linha]. [Consult. 20 de Junho de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.visitmontejunto.pt/vm/castelo-alenquer-porta-da-conceicao/>>.

SIPA - **Portugal e Lisboa e Alenquer**. [Em linha]. [Consult. Julho de 2017]. Disponível em
WWW:<URL:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2>.

TALIXA, Jorge - **Público: Inag investe 1, 5 milhões em nova ponte da EN 1**. 31 de Julho de 2006. [Em Linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/inag-investe-1-5-milhoes-em-nova-ponte-da-en-1-91576>>.

TRASA, Catarina - **Construir: Obras do rio de Alenquer concluídas em Junho**. 6 de Fevereiro de 2007. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL:

http://www.construir.pt/2007/02/06/Obras_do_rio_de_Alenquer_conclu_/>.

Viver Alenquer. [Em linha]. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:<URL:
[>http://www.viveralenquer.pt/portfolio_discover.php>](http://www.viveralenquer.pt/portfolio_discover.php).

Índice de Figuras e Créditos

Fig. 1 - Área de trabalho | Planta feita pelo autor, a partir da planta da Vila de Alenquer de 2015, facultada pela Câmara Municipal de Alenquer aos alunos do 5º ano, do curso de Arquitectura do ISCTE-IUL, ano lectivo 2016/2017. 47

Fig. 2 - Mapa com as principais linhas de água do Concelho de Alenquer | Mapa feito pelo autor, a partir da planta retirada do livro "O Concelho de Alenquer 1:Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia" (MELO, António de Oliveira; GUAPO, António Rodrigues; MARTINS, José Eduardo - **O Concelho de Alenquer 1: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia**. 2ªedição. Câmara Municipal de Alenquer: Associação para o Estudo e defesa do Património de Alenquer, 1989. p.5.) e da planta cartográfica de 1977 (em anexo no catálogo Ficha Cartográfica nº5) do Instituto Geográfico Cadastral para representação das linhas de água pertencentes ao concelho.....57

Fig. 3 - Planta do concelho de Alenquer | Planta retirada do livro O Concelho de Alenquer 1:Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia e alterada pelo autor (MELO, António de Oliveira; GUAPO, António Rodrigues; MARTINS, José Eduardo - **O Concelho de Alenquer 1: Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia**. 2ªedição. Câmara Municipal de Alenquer: Associação para o Estudo e defesa do Património de Alenquer, 1989. p.5)..... 59

Fig. 4 – Panorâmica de Alenquer 1900 – 1958, de Eduardo Portugal, pertencente ao Arquivo Municipal de Lisboa sobe a cota: POR054202B097421N. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=952be678854b0001e240&Pos=1&Tipo=PCD.>>..... 66

Fig. 5 - Perfil da Vila de Alenquer feito pelo autor, a partir da planta da Vila de Alenquer de 2015 69

Fig. 6 – Panorâmica da Vila de Alenquer, tirada a partir da estrada N9 | Fotografia do autor de 2016. 70

Fig. 7 - Planta com identificação da localização pertencente a cada freguesia da vila de Alenquer | Planta retirada a partir do livro Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo , de João Pedro Ferro e adaptada pelo autor. (FERRO, João Pedro Ferro - Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.59.) | Ver anexo E. 75

Fig. 8 – Vista da vila alta de Alenquer, a partir da estrada N9 | Fotografia do autor de 2016. 78

Fig. 9 – Termo de Alenquer no século XII | Imagem editada a partir do “Termo de Alenquer no século XII”, segundo Rui de Azevedo (adaptado), Consult. no livro Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo. (FERRO, João Pedro Ferro - Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 27.)..... 85

Fig. 10 – Vista aérea da vila de Alenquer com a identificação da N1 (a amarelo no mapa) e do IC2 (a vermelho no mapa) | A partir da imagem é possível verificar que com a introdução da Ic2, deixou de ser necessário passar pela Vila de Alenquer para quem faz o trajecto Lisboa – Porto e vice-versa | Imagem editada a partir do ortofotomapa obtido através do Google Earth. [Em linha]. [Consult. 11 de Setembro de 2016] Disponível em WWW:<URL: <https://earth.google.com/web/@39.04958802,-9.00102551,29.47922054a,3532.66220125d,35y,0.00000017h,0.11804096t,-0r>>..... 86

- Fig. 11** – Fotografia do rio de Alenquer, tirada a partir da Praça Luís de Camões. | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 88
- Fig. 12** – 3 PORTUGAL – Alenquer, Passadeiras da Rainha Santa Izabel. Postal pertencente à colecção particular de José Henrique Tomé Leitão Lourenço 90
- Fig. 13** - Fotografia da zona onde ficava o Castelo de Alenquer | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 92
- Fig. 14** - Fotografia da Porta da Conceição a partir do areal da Várzea |Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 92
- Fig. 15** - Correição de Santarem ; Parte Da Correição De Tomar ; Parte Da Correição De Leiria; Parte Da Correição De Alenquer ; Parte Da Correição De Evora ; Parte Da Correição De Setubal, da autoria de João Teixeira Albernaz, do ano 1640. Ver anexo D. 96
- Fig. 16** - Fotografia tirada pelo autor à Gravura de Alenquer Medieval de João Mário Ayres de Oliveira, 2001, consultada no Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal de Alenquer. 101
- Fig. 17** - Fotografia tirada a partir do convento de São Francisco. | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 105
- Fig. 7** - Planta com identificação da localização pertencente a cada freguesia da vila de Alenquer | Planta retirada a partir do livro Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo , de João Pedro Ferro e adaptada pelo autor. (FERRO, João

Pedro Ferro - Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.59.) | Ver anexo E..... 113

Fig. 19 - Lisboa? Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas, 1802. Mapa Orientado a Nordeste. Escala 1:175. | Planta encontra-se no Arquivo Histórico/Biblioteca do Ministério das Obras Publicas, Transportes e Comunicações. Ver anexo E. 117

Fig. 20 – Secção da vista geral da Vila de Alenquer, da autoria do pintor Ribeiro Christino, com a data de 1882. (LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão – **AL AIN KEIR (Fonte Abençoada): O CASTELO DE ALENQUER – II**. 08 de Outubro de 2012. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://couraca.blogspot.pt/2012/10/o-castelo-de-alenquer-ii.html>>.). 134

Fig. 21 – A Fábrica Do Papel em 1880 | Registo Fotográfico consultado no livro “A Vila de Alenquer”, da autoria de Guilherme Henriques. (HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.200-201) ... 137

Fig. 22- Açude das Águas visto da margem esquerda, 1939. | Imagem retirada do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – **Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.31.)..... 139

Fig. 23 – Açude das Águas visto das proximidades da ponte, 1939 | Imagem retirada do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – **Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.33.)..... 139

Fig. 24 – Limpeza do rio no sítio do Açude das Águas, 1941 | Imagem retirada do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.37.). 141

Fig. 25 – Limpeza do rio abaixo da Ponte do Espírito Santo, Agosto de 1935 | Imagem retirada do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.63.). 141

Fig. 26 – Fábrica do Papel vista da estrada Lisboa - Porto, 1939. | Imagem retirada do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.35.). 143

Fig. 27 – Actual estado da Fábrica do Papel | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 143

Fig. 28 – Secção da vista geral da Vila de Alenquer, da autoria do pintor Ribeiro Christino, com a data de 1882. (LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão – **AL AIN KEIR (Fonte Abençoada): O CASTELO DE ALENQUER – II**. 08 de Outubro de 2012. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://couraca.blogspot.pt/2012/10/o-castelo-de-alenquer-ii.html>>.). 145

Fig. 29 –Alenquer - Vista Geral, de 1905. | Postal pertencente a uma colecção particular de José Henrique Tomé Leitão Lourenço. 148

- Fig. 30** – Panorâmica da Vila de Alenquer. | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 149
- Fig. 31** – Fotografia do actual estado da Fábrica da Romeira | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 153
- Fig. 32** - Fábrica da Chemina em 1991 | A partir da foto é possível entender como era a fábrica no começo da sua existência | Registo Fotográfico consultado no livro “A Vila de Alenquer”, da autoria de Guilherme Henriques. (HENRIQUES, Guilherme João Carlos (da Carnota) – **A Vila de Alenquer**. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora, 1902. p.193.). 155
- Fig. 33** – Panorâmica do actual estado da Fábrica da Chemina | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 157
- Fig. 34** - Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo, na Vila de Alenquer | Imagem retirada do jornal "A Verdade" 17 de Junho de 1945. (Jornal "A Verdade", 17 de Junho de 1945. Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. p. 3.).....167
- Fig. 35** - Urbanização de Alenquer – Projecto do arranjo marginal e dos acessos à zona alta da vila, do ano de 1943, escala 1:1000. | Ver anexo E. 177
- Fig. 36** - Mercado Municipal de Alenquer, ano de 1949. | Imagem retirado do relatório da gerência de 1949, da Câmara Municipal de Alenquer | Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. 187
- Fig. 37** – Ponte do Areal ou da Triana vista do largo das Formigas, 1940 | Registo Fotográfico retirado do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro.

(ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.49.). 188

Fig. 38 – Ponte da Triana após o plano de regularização do rio e arranjo marginal da vila baixa. Esta foi construída uns metros mais abaixo da anterior. | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 189

Fig. 39- Açude no sítio da Chemina, abaixo da ponte do Espírito Santo, 1940 | Na imagem é possível ver a antiga ponte do Espírito Santo | Registo Fotográfico retirado do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.69.). 190

Fig. 40 – Vista da ponte construída 30 metros abaixo da ponte do Espírito Santo, após o Plano de regularização do rio e arranjo marginal, dos meados do século XX | Registo Fotográfico retirado do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.68.). 191

Fig. 41 - Um aspecto da construção da Avenida Marginal "A", ano de 1951. | Imagem retirada do relatório da gerência de 1949, da Câmara Municipal de Alenquer. | Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. 193

Fig. 42 - Um aspecto da construção da Avenida Marginal "B", ano de 1951. | Imagem retirada do relatório da gerência de 1949, da Câmara Municipal de Alenquer. | Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer. 193

Fig. 43 - Vista Aérea de Alenquer, ano de 1947. | Imagem retirada do relatório da gerência de 1947, da Câmara Municipal de Alenquer | Arquivo Histórico da Biblioteca de Alenquer..... 195

Fig. 44 – Vila Alta e Baixa vista do leste. | A partir da foto é possível perceber as diferenças introduzidas na baixa da vila | Registo Fotográfico retirado do artigo "Alenquer: Aspectos Geográficos de Uma Vila Portuguesa" de Aldo Paviani, na revista portuguesa de geografia Finisterra, 1968. (PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, N°5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>.)..... 195

Fig. 45 – Largo Rainha Santa Isabel, visto da rua Pêro de Alenquer | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 198

Fig. 46 - Largo Palmira Bastos, com vista para o edifício da C.M.A. | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 199

Fig. 47 – Bairro da Triana visto da Rua Pêro de Alenquer, 1941 | Registo Fotográfico retirado do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.50.). 202

Fig. 48 - Bairro da Triana visto da Rua Pêro de Alenquer, 2002 | Registo Fotográfico retirado do livro “Alenquer Desaparecida” da autoria de Filipe Rogeiro. (ROGEIRO, Filipe – Alenquer desaparecida: Fotografias das décadas de trinta e quarenta da colecção de Graciano Troni. Arruda dos Vinhos: Arruda Editora. 2002. p.51.).203

Fig. 49 - Fotografia aérea da vila de Alenquer, de 1956. Orientada a Norte. Registo pertencente ao arquivo da Direcção Geral do Território. Ver anexo G..... 205

Fig. 50 – Fachada de um edifício na Rua da Triana com a marcação da altura de 3,07m, que atingiram as águas da cheia de 1967 | Registo Fotográfico do autor | Outubro de 2016. 208

Fig. 51 – Rua de Triana, três dias após a enchente de Novembro | A partir da foto é possível perceber a magnitude dos estragos causados pela cheia de 67 | Registo Fotográfico retirado do artigo "Alenquer: Aspectos Geográficos de Uma Vila Portuguesa" de Aldo Paviani, na revista portuguesa de geografia Finisterra, 1968. (PAVIANI, Aldo - **Alenquer: Aspectos Geográficos de uma Vila Portuguesa**. [Em linha]. Finisterra V.3, N°5 (1968), 32-78. [Consult. Fev. 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>.).....209

Fig. 52 – Fotografia referente às obras 6 de Julho de 2006. (SANTOS, Luis - **Vila de Alenquer (em imagem)**. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://lsantos22.blogspot.pt/2013/07/vila-de-alenquer.html>>.)..... 211

Fig. 53 - Fotografia referente às obras 8 de Março de 2007. (SANTOS, Luis - **Vila de Alenquer (em imagem)**. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://lsantos22.blogspot.pt/2013/07/vila-de-alenquer.html>>). 212

Fig. 54 – Fotografia referente às obras 6 de Julho de 2006. (SANTOS, Luis - **Vila de Alenquer (em imagem)**. [Em linha]. [Consult. Agosto de 2017]. Disponível em WWW:<URL:<http://lsantos22.blogspot.pt/2013/07/vila-de-alenquer.html>>.) 215

Fig. 55 – Actual estado do Rio de Alenquer Registo Fotográfico do autor Outubro de 2016.	217
Fig. 56 - Corte da situação existente do rio Desenho elaborado pelo autor Setembro de 2017	224
Fig. 57 - Corte com proposta Desenho elaborado pelo autor Setembro de 2017	225
Fig. 58 - Actual estado do rio visto da praça Luís de Camões Registo Fotográfico do autor Outubro de 2016.	226
Fig. 59 – Proposta do autor Registo Fotográfico do autor Outubro de 2016.....	227
Fig. 60 - Actual estado do Rio de Alenquer Registo Fotográfico do autor Outubro de 2016.	228
Fig. 61 - Proposta do autor Registo Fotográfico do autor Outubro de 2016.	229

Índice de Plantas Vectorizadas

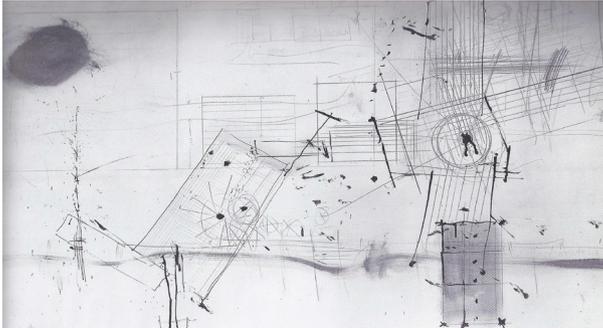
Planta Síntese - Identificação de alguns pontos de referência e de alguns locais abordados ao longo do estudo.....	22
Planta 1 - Identificação da província da Estremadura em Território Nacional, aquando da divisão em 6 províncias, Séc. XV – 1832.....	53
Planta 2 - Identificação da província da Esremadura em Território Nacional, aquando da divisão em 11 províncias, 1936	
Conjunto de Plantas em friso 3 – A Vila de Alenquer em: 1859; 1868; 1927; 1937; 1942; 1965; 1992; 2009; 2016.....	73
Planta 4 - Identificação do edificado religioso, 2016.....	77
Planta 5 - Identificação do edificado religioso, medieval	
Planta 6 - A Vila de Alenquer em 2016.....	83
Planta 7 - A Vila de Alenquer Medieval	
Planta 8 – Identificação dos caminhos antigos da vila, 2016	103
Planta 9 – Identificação dos caminhos Medievais	
Planta 10 - Zona da Várzea, 2016.....	119
Planta 11 - Reservas de águas para moinhos junto à Fábrica de Chitas, 1802	

Planta 12 - Identificação da implantação dos edifícios fabris na Vila de Alenquer, 1927.....	127
Planta 13 - Zona da Várzea, 1927.....	131
Planta 14 - Reservas de águas para moinhos junto à Fábrica de Chitas, 1802	
Planta 15 - Identificação dos açudes das fábricas, 1927.....	159
Planta 16 - Identificação das ruas propostas, 1943.....	183
Planta 17 - A Vila de Alenquer em 2016.....	185
Planta 18 – Identificação dos acessos propostos à zona alta da vila, 1943	
Planta 19 - Identificação dos edifícios demolidos.....	197
Planta 20 - Identificação dos edifícios construídos	
Planta 21 - Planta da Vila de Alenquer, 1927.....	201
Planta 22 - Identificação dos aterros feitos ao longo do rio de Alenquer, 1945 - 1955	

Anexos

Anexo A - Enunciado de PFA

ISCTE-IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura
PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA
5ºano, ano lectivo 2016|2017
Docente: Pedro Mendes, Pedro Botelho



(1998), Sketch for a Map. Pencil and ink on paper /88 /132 cm. IN WIGLEY, Mark, ed. Constant's New Babylon. The Hiper-Architecture of desire, Rotterdam, 010 Publishers, pp 147

1. Objectivos

Projecto Final de Arquitectura (PFA) materializa o último ano do Mestrado Integrado em Arquitectura e o início de uma carreira na área de arquitectura. Na conclusão de PFA, aos estudantes é requerida a demonstração da capacidade de explorar problemas complexos de uma forma aprofundada e que se desenvolvam enquadrados por uma perspectiva crítica que articule as diversas áreas de conhecimento envolvidas. Deverá ainda ser considerado o domínio das ferramentas próprias do universo do projecto enquanto pedra de fundação do processo de investigação das propostas apresentadas.

Aos alunos é solicitado que elaborem um projecto de arquitectura que seja reflexo de um rigoroso processo de investigação. Semelhante rigor é exigido na solução e comunicação da solução desenvolvida. As opções assumidas, no universo do projecto, deverão posicionar-se, numa perspectiva crítica, no contexto nacional e internacional da área de investigação do projecto de arquitectura.

Os objectivos do último ano do 2º ciclo centram-se em capacitar o aluno a adquirir competências para:

1. Desenvolver e aprofundar os domínios da prática do projecto de arquitectura enquanto processo que se materializa numa forma construída.
2. Desenvolver a capacidade de elaborar uma leitura crítica e integrada de um território urbano concreto em processo de transformação e requalificação.

3. Propor e desenvolver uma estratégia geral e os programas de regeneração urbana e arquitectónica do território.
4. Trabalhar os objectivos, definidos em 1 e 2, num processo de simultaneidade e interação.
5. Desenvolver e comunicar uma síntese de projecto que estabeleça o cruzamento de componentes formais, culturais, construtivas e estruturais.
6. Exploração das potencialidades da relação entre os processos de concepção de projecto e a sua representação e comunicação gráfica e oral.

2. Método

O processo de ensino/aprendizagem é desenvolvido em aulas de apoio tutorial e nos seminários/conferências sobre os temas e módulos do programa. No âmbito das aulas e seminários serão analisados, em grupo, casos de estudo relacionados com os temas do trabalho. Deste modo será possível estabelecer o cruzamento e interação entre as componentes de carácter teórico com a prática desenvolvida nas propostas dos alunos.

Atendendo a que o desenvolvimento dos objectivos e a aplicação prática dos conteúdos programáticos se envolvem num processo não linear, pleno de avanços e recuos, caracterizado pela permanente interação dos factores envolvidos na elaboração da síntese projectual, não é possível estabelecer uma relação unívoca e directa entre os objectivos de aprendizagem e o programa. As relações que se estabelecem, na definição da proposta final de projecto, são de carácter dinâmico e interactivo. Na síntese final da estratégia de projecto arquitectónico, a apresentar por cada aluno, não se trata de encontrar a solução ideal que responda a cada um dos factores individualmente; trata-se antes de investigar/descobrir a melhor relação entre os conteúdos e a forma arquitectónica, ou seja entre o quadro de temas e factores seleccionados para o desenvolvimento da proposta e sua concretização material e formal. Não sendo um processo arbitrário ou aleatório, a lógica da proposta constrói-se através de uma trama de relações que se definem e redefinem no universo alargado das várias vertentes da investigação do projecto de arquitectura.

3. Programa

Alenquer é o local seleccionado para desenvolver os trabalhos de PFA. Trata-se de uma Vila inserida na Área Metropolitana de Lisboa (AML). A sua localização estratégica contribui para a sua relevância no território. O concelho é caracterizado por um contraste entre uma rede de infra estruturas de mobilidade (rodoviária e comboio) e um sistema de produção industrial e agrícola.

O Exercício de projecto centra-se na abordagem da dinâmica de relações que se estabelecem entre o edificado existente e proposto, bem como do espaço público e do território. As áreas a abordar organizam-se em torno da Vila de Alenquer, do Carregado e das estações de comboio da Vala do Carregado.

Cabe aos alunos a leitura e interpretação do território existente e consequente selecção do tema a desenvolver no trabalho. O território apresenta diversas oportunidades de intervenção. Desde a Vila de Alenquer (requalificação de edificado e espaço público, construção de novos equipamentos), passando pelo Bairro Calouste Gulbenkian, Carregado até às estações de comboio.

4 Exercício/Calendarização

Ao longo do ano será desenvolvido um exercício que se envolve numa permanente e progressiva articulação do todo com a parte e da parte com o todo.

O trabalho será desenvolvido de acordo com a seguinte calendarização. É de realçar que as propostas deverão ser concluídas até ao final do período lectivo (Maio 2017), havendo a possibilidade de melhorar os trabalhos até Julho.

4.1 - Leitura crítica do território. Hipóteses para o projecto

(Trabalho de grupo, máximo 3 elementos)

Entrega (27/10/2016): caderno síntese A2 e painel em A1, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).

(Escala 1/10 000, 1/2000) 6 semanas

Apresentações e críticas (2, 3 Novembro) 1 semana

4.2 - Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)

Entrega (08/12/2016): caderno síntese A3, 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).

(Escala 1/2000, 1/500) 5 semanas

Apresentações e críticas (13, 15 Novembro) 1 semana

4.3 - Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)

Entrega: caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).

(Escala 1/2000, 1/500, 1/200) 5 semanas

Apresentações e críticas 1 semana

4.4 - Revisão das propostas de 1), 2) e 3) (individual)

Entrega: caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).

Escala 1/5000, 1/2000, 1/500, 1/200 2 semanas

Apresentações e críticas 1 semana

4.5 - Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)

Entrega: caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).
(Escala 1/2000, 1/500, 1/200)

5 semanas

Apresentações e críticas

1 semana

5. Aferição da evolução dos trabalhos

A evolução dos trabalhos será aferida ao longo do semestre até à avaliação final. Incide sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e a sua participação efetiva tanto nos trabalhos de grupo como individuais. Será ainda dada especial atenção à regularidade das presenças dos alunos nas aulas.

No processo de aferição serão considerados os conteúdos dos enunciados do exercício e da FUC. Será igualmente ponderado:

- O processo de pesquisa e reflexão sobre os temas do projecto.
- A clareza das propostas, nomeadamente na relação entre edifício e o contexto territorial.
- A utilização e controlo de princípios construtivos da forma.
- A incorporação de conhecimentos tecnológicos e de sustentabilidade.
- A qualidade das propostas.
- A clareza e rigor na apresentação (gráfica, escrita e oral) das propostas.
- A participação e assiduidade.

Anexo B - Conjunto das perguntas enviado a todos os párocos do reino para resposta ao inquérito do Secretário de Estado dos Negócios do Reino

"I.º - O que se procura saber dessa terra hé o seguinte:

Venha tudo escripto em letra legível e sem breves.

- 1.º Em que Provincia fica e que Bispado, Commarca, Termo e Freguesia pertence?
- 2.º Se hee del-Rei, ou Donatario, e quem o hé ao presente?
- 3.º Quantos visinhos tem e o numero das pessoas?
- 4.º Se está situada em campina, valle ou monte; e que povoações se descobrem della quanto dista?
- 5.º Se tem termo seo: que logares ou aldeas comprehende, como se chama e quantos visinhos tem?
- 6.º Se a Parochia está fora do lugar ou dentro delle? E quantos lugares ou aldeias tem a Freguezia, e todos pelos seus nomes?
- 7.º Qual hé o seo =Orago=, quantos altares tem e de que Sanctos; quantas naves tem; se tem Irmandades: quantas e de que Sanctos?
- 8.º Se o parochio hé cura, vigairo ou reitor ou prior ou abbade, e de que apresentação hé e que renda tem?
- 9.º Se tem beneficiados: que renda tem e quem os apresenta?
- 10.º Se tem conventos e de que religiosos ou religiosas e quem são os seus padroeiros?

- 11.º Se tem hospital: quem o administra e que renda tem?
- 12.º Se tem casa de Misericórdia e qual foi a sua origem e que renda tem? E o que houver de notável em qualquer destas cousas.
- 13.º Se tem algumas ermidas e de que Sanctos e de outros, dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem?
- 14.º Se acodem a elles romagem sempre ou em alguns dias do anno e quaes são estes?
- 15.º Quaes são os fructos da terra que os moradores recolhem com maior abundância?
- 16.º Se tem juiz ordinario de camara ou se está sujeita ao governo das Justissas de outra terra e qual hé esta?
- 17.º Se hé couto, e a cabeça do conselho, honra ou behetria?
- 18.º Se há memória de que florescessem ou della sahiram alguns homens insignes de virtude, letras ou armas?
- 19.º Se tem feira, e em que dias, e quantos uras, e se hé franca ou captiva?
- 20.º Se tem correio e em que dias de semana chega e parte? E se o não tem de que correio se serve e quanto está a terra aonde elle chega?
- 21.º Quanto dista da cidade capital do Bispado e quanto de Lisboa, capital do Reino?
- 22.º Se tem alguns privilegios, antiguidades ou outras cousas dignas de memoria?
- 23.º Se há na terra ou perto della alguma fonte ou lagos celebre; e se as suas aguas tem alguma especial virtude?
- 24.º Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte ou por natureza, as embarçaõens que o frequentam e que pode admitir.

25.º Se a terra dor murada, diga-se a qualidade de seos muros; se for praça d´armas, descreva-se a fortificação; se há nella ou no seu districto algum castelo ou torre antiga e em que estado se acha ao presente?

26.º Se padeceo alguma ruina no Terramoto de 1755 e em quê e se está já reparado?

27.º E tudo mais que houver digno de memoria de que nam faça menção o presente interrogatório.

II.º- O que procura saber dessa serra hé o seguinte:

1.º Como se chama?

2.º Quantas legoas tem de comprimento e quantas de largura, onde principia e acaba?

3.º Os nomes dos principaes braços della?

4.º Que rios nascem dentro do seu sitio; e algumas propriedades mais notaveis dellas; as partes para onde correm e onde fenecem?

5.º Que villas e lugares estão assim na serra, como ao longe della?

6.º Se há no seo districto algumas fontes de propriedades raras?

7.º Se há na serra minas de metaes ou comteiras de pedras ou outros materiaes de estimar?

8.º De que plantas ou hervas medicinaes hé a terra povoada; e se se cultiva am algumas partes; e de que genero de frutos hé mais abundante?

9.º Se há na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem ou imagens milagrosas?

10.º A qualidade do seu temperamento?

11.º Se há nella creaçoens de gados ou de outros animaes ou caça?

12.º Se tem alguma lagoa ou fojos notáveis?

13.º E tudo o mais que houver digno de memoria.

III.º - O que se procura saber do rio dessa terra hé o seguinte:

1.º Como se chama assim o rio, como o sitio aonde nasce?

2.º Se nasce logo caudaloso e se corre todo o anno?

3.º Que outros rios entrão nelle e em que sitio?

4.º Se hé navegavel e de que embarçaçoens hé capaz?

5.º Se há de curso arrebatado ou quieto em toda a sua distancia ou em alguma parte della?

6.º Se corre de Norte a Sul, se de Poente a Nascente, se de Sul a Norte, ou de Nascente a Poente?

7.º Se cria peixes e de que espece são os que tem em maior abundancia?

8.º Se há nelle pescarias e em que tempo do anno?

9.º Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular em todo o rio ou em alguma parte delle?

10.º Se se cultivão as suas margens e se tem muito arvoredos de fructo silvestre?

11.º Se tem alguma virtude particular as suas aguas?

12.º Se conserva sempre o mesmo nome ou começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamão estas: ou se há memoria de que, em outro tempo, tivesse outro nome?

13.º Se morre no mar ou em outro rio; e como se chama este e o sitio em que entra nelle?

14.º Se tem alguma cachoeira, repreza, levada ou açude que lhe embarassem o ser navegavel?

15.º Se tem pontes de cantaria ou de pao; quantas e em que sitio?

16.º Se tem moinhos, lagares de azeite, pizoes, noras ou outro algum engenho?

17.º Se em algum tempo ou no presente se tirou ou tira ouro das suas areas?

18.º Se os povos usão livremente das suas aguas para a cultura dos campos ou em alguma pussão?

19.º Quantas leguas tem o rio; e as povoações por onde passa desde o seo nascimento ate onde acaba?

20.º E qualquer outra cousa notavel que não vá neste interrogatorio." ¹⁹⁹

¹⁹⁹ MARTINS, José Eduardo Ferreira, (P.e) - **Alenquer 1758: O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais**. Arruda dos Vinhos, Arruda Editora. 2008. p. 13-14.

Anexo C - Arquivo Histórico/Biblioteca do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. CSOP Processo N.º 1625 : Vila de Alenquer - Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta (1945)

C-96

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

CONSELHO SUPERIOR DE OBRAS PÚBLICAS

Processo N.º 1625

4.ª Secção

1.ª Sub-Secção

*Vila de Alenquer. - Arranjo marginal e dos
acessos à zona alta*

Entrado em 23 de Fevereiro de 1945

Distribuído: à Secção em 23 de Fevereiro de 1945

ao vogal Ant. Valente em 23 de Fevereiro de 1945

Consultado em 14 de Junho de 1945

Expedido em 17 de Junho de 1945

Despacho ministerial em 23 de Junho de 1945

OBSERVAÇÕES

1625

REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES
SECRETARIA GERAL
Serviço da República
Ofício N.º 1335
Processo N.º III-4-970
Ex.º Sr. Presidente do Conselho Superior de Obras Públicas

*P. A. A. de Alenquer de 1945
p. A. A. de Alenquer de 1945
p. A. A. de Alenquer de 1945
p. A. A. de Alenquer de 1945*

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que Sua Excelência o Ministro, a quem foi presente o parecer desse Conselho Superior n.º 1.625, exarou nele o seguinte despacho: "Homologo - Aprovo portanto, este projecto de arranjo marginal e dos acessos à Zona Alta, como primeira fase a integrar no plano geral de urbanização, devendo ter-se em conta as observações formuladas na conclusão deste douto parecer, do qual deve ser dado conhecimento à D.G.S.Hidraulicos - (a) A.Cancela de Abreu - 23-6-45".

*Foi lido e aprovado
de 1.º de Junho de
45 - Junho de 1945,
Benjamin - e
Alencar*

A Bem da Nação
Vila de Alenquer - Projecto de arranjamento marginal e dos acessos à zona alta.
Secretaria Geral do Ministério, 25 de Junho de 1945



O SECRETÁRIO GERAL

D. Abecasis

Duarte Abecasis



A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

MS.

Proc. N.º 1621-46 Seção 1 Sub-Secção
Consultado em 14 de 1945
Expedido em 14 de 1945
Vogal relator: Eng.º Ant. Valente

Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações

1.625

4ª 1
1ª
5

Excelência:

Acompanhado do seu officio n.º 451 de 2 de Fevereiro último, remeteu a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização a este Conselho, para emitir parecer, o projecto de "Arranjo marginal e dos acessos à Zona alta da Vila de Alenquer", dando assim satisfação ao despacho de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas, de 16 de Fevereiro de 1945.

O processo, que recebeu o n.º 1.625 na Secretaria d'este Conselho, vem instruído com o parecer da referida Direcção Geral no qual se considera o projecto a que respeita, em condições de merecer aprovação.

DESCRIÇÃO

O projecto em consulta é constituído pelas seguintes peças escritas e desenhadas:

- a) Memória descritiva e justificativa
- b) Cálculo de volumes das ruas "C" e "D"
- c) Medições, séries de preços e orçamento das ruas "A" e "B"
- d) Planta de arborização e pavimentos
- e) Perfis tipos das ruas
- f) Planta geral
- g) Perfil longitudinal e transversal das ruas "C" e "D"

Segundo se depreende da "memória" d'este projecto, o problema de regularização do rio Alenquer sugeriu a consideração de outros de há muito tidos como de grande interesse para a vila do mesmo nome e referentes ao arranjo das margens d'esse rio, ao estudo dos acessos entre as zonas baixa e alta da vila e das li-

Esquemas com as E.N. 70-^a e E.N. 73-^a que a servem.

Da rectificação do curso de água acima referido, resultará ainda o grande benefício para a vila, de se obterem novos terrenos onde poderão vir a ser edificados vários edifícios públicos municipais que a carência de espaço em localização adequada não tem permitido até hoje construir, apedrar da urgência que certos deles apresentam para as necessidades da população.

Tendo pois em vista esses diferentes problemas a resolver, diz-se na referida "memória" que o projecto em apreciação visará:

- 1^a - Resolver o trânsito inter-urbano
- 2^a - Resolver o trânsito intra-urbano
- 3^a - Dotar a Vila de terreno para construções públicas e particulares
- 4^a - Valorizar o rio
- 5^a - Valorizar a Vila sob o ponto de vista estético
- 6^a - Tratar destes problemas com economia mas de finitamento.

1) - Quanto ao trânsito inter-urbano assegurado, como se disse, pelas E.N. 70-^a e E.N. 73-^a, o problema apresenta-se, actualmente, sob o seguinte aspecto:

A primeira dessas estradas, logo à saída da ponte com que vence o rio Alenquer, faculta o acesso à Vila, pelo lado Sul por intermédio da rua de Sacadura Cabral e Triana, na margem esquerda d'esse rio, fazendo-se a comunicação com a margem direita por duas pontes bastante estreitas conhecidas pelas designações de ponte do Espírito Santo e ponte de Triana.

A E.N. 73-^a estabelece um outro acesso, pelo lado norte, por intermédio da Avenida de Jaime Ferreira com a largura de 15,0^m, que conduz igualmente à ponte de Triana, ficando assim, como se vê, ligadas também entre si as referidas estradas nacionais pelo percurso constituído por essa avenida e pelas citadas ruas de Sacadura Cabral e Triana.

Estas duas últimas artérias, em virtude da pequena largura que em vários troços apresentam, só em condições muito precárias podem satisfazer mesmo à circulação que já agora suporta

e a rectificação do seu traçado de forma a transformá-las em vias de comunicação com as desejadas características, tornar-se-ia assás dispendiosa devido a serem ladeadas de construções em grande parte dos seus percursos.

Nestas condições propõe-se que seja construído um novo arruamento - a rua "A" - que, marginando pela esquerda o curso rectificado do rio Alenquer, dará, a Norte, seguimento à avenida de Jaime Ferroira e sairá, do lado Sul, no enfiaamento da rua de Sacadura Cabral, sensivelmente a meio do seu percurso que, desde este ponto até à E.N. 70-2ª, constituirá o lanço inicial do referido novo arruamento por apresentar, neste trço, condições que permitem essa utilização.

A nascente desta rua "A" fica situada grande parte dos terrenos que a regularização do rio permitirá destinar a novas construções.

2) - No que respeita às comunicações intra-urbanas, há a considerar as que interessam às ligações das duas margens do rio e às que necessário é garantir entre a zona ribeirinha e a parte alta da povoação.

Quanto às primeiras, que são hoje asseguradas pelas pontes do Espírito Santo e de Triana, localizadas respectivamente nos extremos Sul e Norte da rua deste último nome, continuarão a fazer-se por intermédio de duas outras pontes com início na rua "A" e construídas um pouco a jusante das actuais, com menor extensão mas mais amplas do que estas.

As duas referidas pontes a construir darão acesso a um outro novo arruamento - a rua "B" - que, marginando directamente o rio pelo lado direito, irá terminar a sul no Parque Vaz Ferreira e ligará, no seu início, à rua de Serpa Pinto.

O traçado desta rua "B" corresponde ao da actual rua Lafaurie, de largura e perfil muito irregulares, e sobrepõe-se ao largo do Espírito Santo, cujas proporções e arranjo actuais nada obstem a que seja assim inutilizado.

As projectadas ruas "A" e "B" e as duas novas pontes constituirão pois a rede de ligações na zona baixa da Vila.

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Passando a analisar agora o que se verifica, actualmente, com as comunicações entre as zonas baixa e alta da povoação, reconhece-se que, pelo lado Sul, são elas estabelecidas por meio da Calçada do Espírito Santo com declives que chegam a atingir 20%, determinando tal circunstância que, em geral, o trânsito de tracção animal a não utilize preferindo, ainda que mais longe, o trajecto mais suave pela Estrada Municipal n.º 1 que se desenvolve a Sul da povoação.

A Norte o acesso à zona alta da vila faz-se pela rua de Serpa Pinto e calçada de Damião Gois. A primeira destas artérias, além de muito estreita, apresenta um trainel com a inclinação de 14% e o seu alargamento seria muito dispendioso em virtude de se encontrar ladeada por construções ocupadas, na sua maior parte, por estabelecimentos comerciais.

Para evitar as dificuldades que apresenta o trajecto pela calçada do Espírito Santo projecta-se a construção de uma rua "C" que, tendo o seu início em frente à ponte daquêlle mesmo nome, se desenvolve na encosta em rampa contínua de 8,7%, inserindo-se, depois de uma reversão, na já referida Estrada Municipal n.º 1.

Para substituir o percurso hoje estabelecido pela rua de Serpa Pinto, sugere-se a construção de um outro arruamento designado por rua "D" que, partindo do cruzamento da rua "B" com a ponte de Triana, se inflecte para Norte começando a subir a 9% até cerca de metade do seu percurso e vai terminar, com uma outra rampa de 6,3%, no entroncamento com a calçada Damião Gois, cujo traçado é também melhorado desde esse ponto até ao seu cruzamento com a rua de Pero de Alenquer.

É de 12,50 o perfil que se prevê para as ruas "A" e "B" dos quais 6,70 se destinam à faixa de rolagem, 1,50 ao passeio do lado das construções e 5,00 àquêlle que marginará o rio e ao longo do qual serão dispostas duas fiadas de árvores.

As ruas "C" e "D" terão $9,0^m$ de largura ocupando a faixa de rolagem $6,00^m$ e $1,50^m$ cada um dos passeios, pelo lado exterior dos quais serão também plantadas árvores.

Prevê-se que as faixas de rolagem de todos os novos arruamentos sejam pavimentadas com sacadame betuminoso em semi-penetração e que os passeios venham a ser revestidos de calçada de vidraço, excepto aquêles que marginam o rio, que serão de saibro batido a maço.

Apresentam-se os perfis longitudinais e transversais correspondentes às ruas "C" e "D" e o respectivo cálculo de volumes de escavação e atêrro impostos pelas terraplenagens destinadas à sua construção.

Para a rua "C" êsses volumes são respectivamente de $8.908,0$ m³ e $11.122,0$ m³, dizendo-se na "memória" que "o equilíbrio de volumes é fácil de conseguir, pois as terras necessárias para a regularização da rua, adquirir-se-ão nas obras de embelezamento preconizadas para esta zona".

Na construção da rua "D" o volume de atêrro previsto é apenas de $1.989,0$ m³, ao passo que o das escavações monta a $6.327,0$ m³, havendo portanto um excesso de $4.300,0$ m³ de terras escavadas que na "memória" se diz "que serão facilmente distribuídas pelo próprio local e zonas limítrofes para a conveniente regularização e consequente embelezamento".

No que se refere às expropriações indispensáveis à construção das artérias previstas, esclarece-se na "memória" que "o traçado dos arruamentos foi feito de modo a não atingir construções urbanas importantes. Contribuíram para isso, os terrenos sobrantes da regularização do leito do rio, principalmente, o aproveitamento de terrenos municipais e dos quintais dos particulares".

Esclarece-se ainda a tal respeito que, além das demolições determinadas pela construção dos arruamentos, duas outras, relativas a prédios de maior valia, se propõem para se efectuarem mais tarde, devido à sua próxima localização junto ao rio a que se julga conveniente criar uma zona de protecção.

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Sugere-se ainda que seja deslocada a fábrica de papel que se encontra junto à rua de Serpa Pinto, a fim "de desafrontar o rio e melhorar a corrente tornando-a livre, e evitando maiores conspurcações por detritos provenientes da mesma fábrica, decerto inevitáveis".

Quanto aos 3.^o e 4.^o objectivos que se diz ser propósito atingir com o projecto em apreciação, não é realmente neste que ães se resolvem mas sim, no que será organizado para levar a efeito as obras de regularização do rio, às quais só uma muito ligeira referência se faz na "memória" do projecto em causa.

No que respeita ao 5.^o desses objectivos alega-se na referida "memória", que as construções a erigir nos terrenos resultantes da regularização do rio, vão contribuir "para a valorização estética de Alenquer atendendo a que muitas delas, pela sua posição topográfica, vão tapar as trazeiras de edifícios de aspecto desagradável e que agora constituem o fundo do mais rico e interessante elemento natural da Vila que é, sem dúvida, o rio".

Diz-se ainda que "a regularização do leito do rio e o arranjo das duas margens, estabelecem um conjunto urbanístico de grande valor e interesse: uma larga avenida arborizada, tendo ao centro e no sentido do comprimento um amplo canal que pode ser utilizado para recreio ou desporto".

Segundo o mapa de medições e as séries de preços simples e compostos apresentadas, o orçamento das obras de pavimentação e arborização das ruas "A" e "B", únicos trabalhos que nele se consideram - e mesmo assim não incluindo o valor das expropriações e dos encargos da construção das duas novas pontes e da dos esgotos das águas pluviais que afluem às referidas ruas - importa na quantia de Esc. 759.335,00.

No Capítulo da "memória" relativo ao orçamento, diz-se que se considera "só a pavimentação e arborização visto que os aterros necessários serão feitos pela Direcção Hidráulica do Tejo".

APRESENTAÇÃO

A industrial e asaz pitoresca Vila de Alenquer situa-

-se, em grande parte, na vertente de uma colina, de cota em volta de 108,0, que define aí o vale onde corre o rio do mesmo nome, e, a disposição alcandorada dos seus elementos, quasi sempre enquadrados por tufosos maciços de verdura que se alastram até ao talvegue, empresta um encanto especial ao cenário que se depara a quem circula na estrada Lisboa-Caldas da Rainha - cujo traçado se desenvolve na vertente oposta dêsse vale - sobretudo àquêles que a percorrem no sentido de Lisboa para surgir, quasi de surpresa, à sua contemplação tão belo e movimentado panorama.

De noite é também deveras interessante o espectáculo que nos oferece a vila, mercê da disposição de miríade de luzes das suas casas e ruas, que salpicam tôda a encosta e a definem, assim, sobre o fundo escuro dos terrenos circundantes.

Com tais requisitos que a todos quantos tiverem ensejo de a admirar, deixam imagem inolvidável de tão encantador panorama, esta vila carece de certos melhoramentos que, beneficiando-a também mais ainda no seu aspecto, contribuirão, especialmente, para melhorar as condições de vida dos seus habitantes e para o desenvolvimento das suas actividades.

A fim de, por uma forma geral, se poderem estudar empreendimentos parciais como ésta, tem o Conselho sempre considerado que se torne indispensável a apresentação, pelo menos, de um plano com as linhas gerais de urbanização propostas para a localidade.

É assim ao examinar o projecto de arranjo marginal e dos acessos à zona alta da Vila de Alenquer, considera-o como primeira fase dêsse plano a que se deu primazia não só porque é fundamental, mas também por ser o que como mais instante se apresenta para os interesses da vila.

É, dada a topografia do aglomerado, nem sequer há a re-crear a possibilidade de uma desarmonia de conjunto pelo facto de não se delinear simultaneamente todo o plano, tratando-se dêsse problema dos acessos em primeiro lugar. A solução proposta para êstes, ou outra muito semelhante, não-de ser forçosamente a que se imporá pela restrição de variantes a que obrigam as con-

dições particulares do terreno.

Por se encontrar esse problema dos acessos à vila de Alenquer intimamente relacionado com o da regularização do rio que atravessa a povoação, impunha-se que esta obra fôsse encareada em simultaneidade com os estudos para resolução daquele problema.

Não consta no processo nenhuma informação da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos relativa ao projecto de regularização do rio de Alenquer; todavia, o relator foi directamente esclarecido por esse Organismo de que a elaboração do referido projecto havia sido superiormente determinada com o objectivo de beneficiar o regime do rio e simultaneamente de atender também ao arranjo das respectivas margens no percurso correspondente à vila de Alenquer, tendo em vista o plano de urbanização dessa zona ribeirinha da povoação que, igualmente por determinação superior, fôra mandado elaborar.

Nas faldas da colina de Alenquer, passa o seu rio em leito bastante sinuoso, com pronunciada inflexão no sentido N.W. e de largura muito desigual, que varia entre 8 e 30 m.

A regularização projectada prevê a canalização dessa linha de água entre duas margens inclinadas em talude, rigorosamente paralelas, e afastadas entre cristas de 10 m., descrevendo uma curvatura de grande raio na maior extensão d'esse seu percurso.

Apenas a Sul da povoação se dobra mais pronunciadamente a directriz do canal a fim de se orientar a corrente em direcção à ponte da E.N. 70-23.

Em virtude da regularidade e trajectória que assim se imprime ao seu curso, o rio abandona em vários troços o seu actual leito, em determinadas zonas bastante largas, como se disse.

Os terrenos que por esta forma se tornam sobrantes de álveo é que, depois de convenientemente regularizados, serão destinados, em parte, a novas construções servindo os restantes de plataforma aos arruamentos marginaes previstos.

O projecto em consulta está delineado de forma a resolver em boas condições os problemas a que visa.

1.062 v

Os dois arruamentos que se desenvolvem ao longo do rio além de facultarem boas comunicações entre as duas margens, constituem elementos que muito vêm valorizar a zona baixa da vila sob o aspecto urbanístico, conjuntamente com o amplo e bem regularizado canal que os separa e no qual se supõe que, mesmo na máxima estiagem, se manterá um caudal permanente com tal volume e corrente, que não seja de esperar a acumulação de detritos em pontos de quebra de velocidade ou mesmo, a estagnação de águas em zonas mais irregulares do fundo do leito que provoquem mau aspecto e se tornem perigosas para a saúde pública.

O seu traçado, subordinado ao das margens, não deve apresentar quaisquer dificuldades, dadas as fáceis condições dos terrenos em que assentam.

Contudo, para uma exacta apreciação da sua fácil executabilidade deviam figurar no projecto os respectivos perfis longitudinais e transversais, semelhantemente ao que se fez para com os outros dois arruamentos projectados.

O perfil transversal proposto para a plataforma dos arruamentos "A" e "B", parece suficientemente amplo para poder satisfazer com desafogo, por largo tempo, às exigências do tráfego que sobre elles incidirá.

Quanto aos arruamentos "C" e "D", em cujo traçado se faz reflectir a natureza áspera da encosta por onde se desenvolvem, a sua necessidade é devidamente justificada e, na escolha das respectivas directrizes, procurou-se atingir os desejados objectivos com a possível economia.

Contudo, quanto aos perfis transversais dos diferentes arruamentos será conveniente não fixar definitivamente as suas características sem as conjugar com a regulamentação respeitante à construção nas respectivas faixas marginais.

A localização das novas pontes ligando as duas margens é a mais consentânea com a rede de comunicações estabelecida e, no arranjo das concordâncias dos velhos arruamentos com os que serão construídos, adoptam-se soluções práticas e agradáveis.

Ao fazer-se referência ao orçamento diz-se na "memf

ria" que "na planta de arborização e pavimentos vê-se a zona de execução imediata aguarelada".

Destas indicações - bastante lacónicas para uma "memória descritiva" - e das medições apresentadas conclui-se que os trabalhos projectados serão executados em fases de que a primeira compreenderá apenas a pavimentação e arborização das ruas "A" e "B" e a sua ligação aos arruamentos existentes, depois de realizadas as obras de regularização das margens do rio ao longo das quais serão construídas.

Não se entrou porém em consideração, nem com o valor das correspondentes expropriações, nem com o das obras relativas às novas pontes e ao esgôto das águas pluviais que se acumulam sobre os pavimentos dessas ruas, encargos que se afigura ao Conselho não podereu deixar de ser incluídos também na primeira fase de trabalhos, visto que respeitam à sua completa realização.

A construção dos arruamentos "C" e "D" foi relegada para outras fases de execução do projecto a prever no futuro e, nestas, bem pode seguir-se a orientação que se sugere no parecer da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização segundo o qual, considerando a ordem de conveniência da execução desses arruamentos, se construirá, depois de ultimadas as ruas "A" e "B" e quando as possibilidades financeiras do município o permitam, primeiramente, o arruamento "D" e por último o arruamento "C".

De facto, a rua "D" apresenta incontestavelmente um maior interesse para a vila do que a "C" que, sendo a de mais cara construção, importa senos para a urbanização do aglomerado por mal permitir as edificações marginais, e pode, entretanto, continuar a ser substituída pela Estrada Municipal nº 1.

Ainda, relativamente aos encargos das expropriações para construção das ruas "A" e "B", que não são previstos no orçamento, fazem-se, no já citado parecer da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, certas considerações para "poder deduzir-se que não é conveniente adoptar a solução da expropriação das faixas marginais, porquanto a Câmara suportaria um maior encargo inicial sem vantagens apreciável, excepto se, como refere

a memória descritiva e justificativa, os terrenos sobranes forem necessários para os vários edificios públicos que a municipalidade deseja mandar construir, alguns dos quais de necessidade urgente, como por exemplo, o mercado, etc".

No entanto no projecto, como já se frisou, nenhuma allusão se faz quanto aos encargos das expropriações e à forma como tal problema deverá ser encarado pelo Município de Alenquer, nem tão pouco se esclarece, se tais encargos competirão exclusivamente à Câmara ou se parte d'elles se prevê sejam englobados no orçamento das obras de regularização do rio, a que igualmente interessam certas dessas expropriações.

Por essa razão o Conselho entende não dever entrar na apreciação do exposto sobre o assunto no parecer da Direcção Geral dos Servicos de Urbanização.

Há também a notar que é de toda a conveniência que o problema dos esgotos da vila seja estudado antes da execução deste plano dos seus acessos não só porque, despejando directamente no rio os colectores rudimentares que agora existem, irão com elles colidir os arruamentos marginaes que se projectam, mas também por se tornar indispensável evitar o lançamento à corrente dos esgotos sem prévio tratamento, uma vez que o seu caudal e velocidade parece não permitirem, permanentemente, tal solução segundo as boas normas que a regulam.

Uma outra razão impera ainda para que o estudo do problema dos esgotos se faça previamente à construção d'esses arruamentos marginaes: é a da conveniência de neles se estabelecerem, desde principio, as canalizações que lhe corresponderem segundo esse estudo, a fim de se evitar que os seus pavimentos sejam mais tarde danificados com a instalação de tais colectores que, aliado a isso, permitirão garantir já os esgotos, de forma definitiva, às construções a erigir ao longo d'esses novos arruamentos.

C O N C L U S ã O

O Conselho Superior de Obras Públicas pela 1ª Sub-Secção da sua 4ª Secção, considera em principio inconveniente,

como já teve ocasião de expor a V. Ex^{ta}. que sejam submetidos à apreciação planos parciais de urbanização. Mas tendo conhecimento de que está sendo elaborado pelo mesmo urbanista que subcreve este arranjo, um plano geral de urbanização, é de parecer que o projecto de arranjo marginal e dos acessos à "zona alta da vila de Alenquer" está bem elaborado e em condições de merecer aprovação, desde que se subentenda que este projecto se integra intimamente no plano geral, considerando, no entanto, que convém que sejam atendidas as seguintes observações:

a) Que deve ser completado com os elementos respeitantes às novas pontes a construir em substituição das existentes, ligando as duas margens do rio e com os perfis longitudinais e transversais das ruas "A" e "B", conjugando simultaneamente os perfis transversais de todos os arruamentos com a regulamentação respeitante à construção nas respectivas faixas marginais.

b) Que é necessário considerar no orçamento apresentado, os encargos das expropriações e das obras de esgôto das águas pluviais dos dois arruamentos "A" e "B", cuja execução imediata se prevê numa primeira fase de execução do projecto.

c) Que as obras projectadas devem executar-se escaionadamente em harmonia com as disponibilidades financeiras da Câmara Municipal de Alenquer e o maior interesse relativo que representam para a Vila, considerando-se bem preferidas as que se incluíram na primeira fase prevista e devendo, nas sucessivas, construir-se primeiramente o arruamento "D" em relação à rua "C".

d) Que convém que da documentação do plano geral de Urbanização conste a informação da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, relativa ao provável caudal de estiagem do rio Alenquer, a fim de se avaliar da possibilidade do respectivo leito se manter, nessa quadra, em condições convenientes de salubridade e aspecto.

Entende ainda o Conselho, pelos motivos ponderados no corpo d'este parecer, que é necessário proceder antes da execução das obras a que se refere, ao estudo do problema dos esgo-

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

1.625 13

tos da Vila de Alenquer, a fim de que, simultaneamente, possam realizar-se as de saneamento, que se julga indispensável levar a efeito desde logo, quer por exigências de ordem económica, quer com o objectivo de evitar a poluição das águas do rio.

V. Ex.^{as}, no entanto, dignar-se-á resolver como tiver por mais conveniente.

Sala das Sessões do Conselho Superior de Obras Públicas, 1.^a Sub-Secção da 4.^a Secção, em 14 de Maio de 1945.

Estiveram presentes além do signatário como presidente, os seguintes vogais:

Francisco Augusto Homem da Silveira Sampaio de Almeida e Melo, António Passos de Oliveira Valença, Viriato Canas, Eduardo Rodrigues de Carvalho, Fernando Galvão Jácome de Castro, Henrique Gomes da Silva, António de Almeida Garrett, Eduardo Arentes de Oliveira e Luís Cristino da Silva.

Este parecer foi aprovado por unanimidade.

O Presidente da 1.^a Sub-Secção da 4.^a Secção

Raúl da Costa Couvreur

Anexo D - Levantamento de Material Gráfico: Plantas, Cartografias de Alenquer

Ficha Cartográfica nº1



Título: Correição de Santarem ; Parte Da Correição De Tomar ; Parte Da Correição De Leiria; Parte Da Correição De Alenquer ; Parte Da Correição De Evora ; Parte Da Correição De Setubal

Autor: João Teixeira Albernaz

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: -

Colecção: -

Escala: [ca 1:210000], 5 léguas [18 ao grau] = [15,0 cm]

Ano: 1640

Descrição Física: 1 mapa :manuscrito, color.;49,20 x 70,50 cm

Ref.ext.: Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota. "Portugaliae Monumenta Cartographica". Lisboa : Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, vol. V, p. 142

Notas: Atribuição de autor e data com base em Portugaliae Monumenta Cartographica

Orientação: Mapa orientado a Nascente

Contém: Identificam-se quatro fenómenos principais figurados: a rede hidrográfica, o relevo, o povoamento e a divisão judicial, embora, não apresente legenda.

Resumo: Sobre o fundo traçados rectilíneos a vermelho. A representação abrange um amplo espaço da bacia do Tejo, de Tomar ao estuário do rio (Mar da Palha) e das Serras de Minde e de Montejunto a Montargil e ao Vale da Ribeira de Seda.

Cota: D.96 R.

Estado: Digitalizada

Folha: -

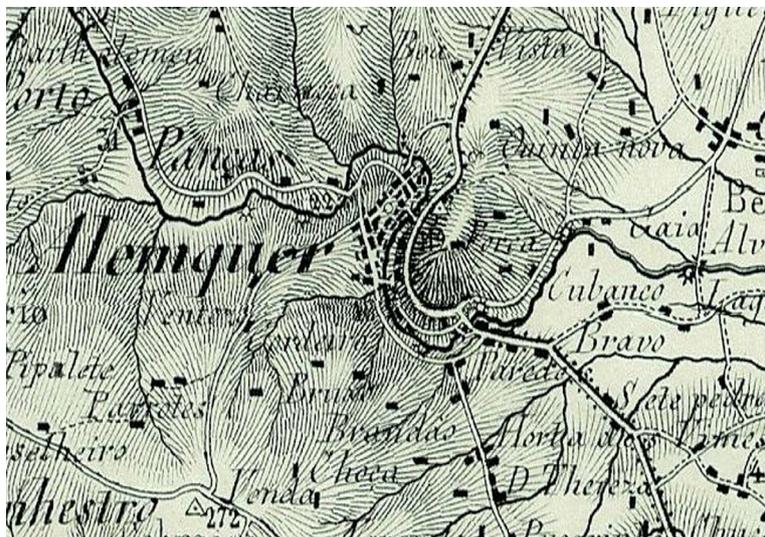
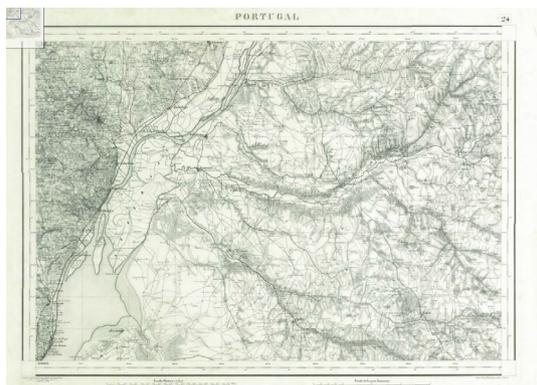
Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Biblioteca Nacional de Portugal. Esta carta encontra-se on-line no site :

<http://purl.pt/4010/3/>

Ficha Cartográfica nº2



Título: Carta Corográfica do Reino - [Folha de] Lisboa, Benavente [Material cartográfico] / Redigida e gravada no Depósito dos Trabalhos Geodésicos do Reino, sob a direção do Conselheiro F. Folque, Brigadeiro Graduado, e publicada em 1859; Barreto, Dinne, Palha, Quadros, Rebello e Santos, gravadores

Autor: PORTUGAL. Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, Corográficos e Hydrográficos do Reino Carta 1:100 000

Edição: [Ed. 1]

Dados matemáticos: Escala 1:100 000; [projecção de Bonne, Elipsóide de Puissant]; relevo em "Hachures"

Publicação: Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, Corographicos e Hydrographicos do Reino, 1859

Colecção: (Carta de Filipe Folque; fl. 24)

Escala: 1:100 000

Ano: 1859

Descrição Física: 1 carta: impressa, p&b ; 90 x 60 cm

Ref. ext.: -

Notas: Os trabalhos de campo foram efetuados na escala 1:100 000, iniciados em 1857 (Caetano Maria Batalha, Carlos B. de Vasconcelos, Carlos H. da Costa, Carlos Ernesto Arbués Moreira, Marcos Caetano da Cruz e Costa, Francisco António de Brito Limpo, António José Pery, Gerardo Augusto Pery e Augusto Gerardo Teles Ferreira) e concluídos em 1858 (Carlos Henrique da Costa, Filipe Joaquim de Sousa Quintela, Francisco António de Brito Limpo, António José Pery, Gerardo Augusto Pery, Augusto Gerardo Teles Ferreira, Francisco Carlos de Lima, António Maria da Silva Valente, César Augusto Barradas Guerreiro, Mariano António de Azevedo, César Augusto da Costa, Frederico Augusto Torres, José Bernardo Ribeiro e Teotónio Lopes de Macedo). Foi executada na projecção de Bonne, elipsoide de Puissant, com origem das coordenadas e datum em Lisboa (Castelo de S. Jorge). A mancha tem as dimensões de 80 cm x 50 cm e está dividida em 100 retângulos de 5 Km X 8 Km, com as coordenadas retangulares figuradas nos extremos destas linhas divisórias. Tem réguas laterais à mancha graduadas em minutos e outros registos nas margens, tais como PORTUGAL, número da folha, gráfico de junção, escalas numérica e gráficas, serviços executantes, data de publicação e nome dos gravadores. Gravada em pedra a água forte, não foi reimpressa.

Orientação: Planta Orientada a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: 43 Dp24

Estado: -

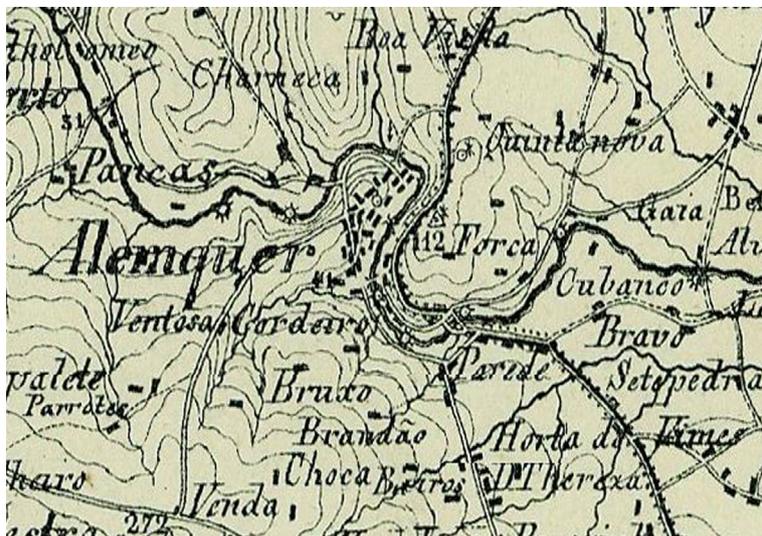
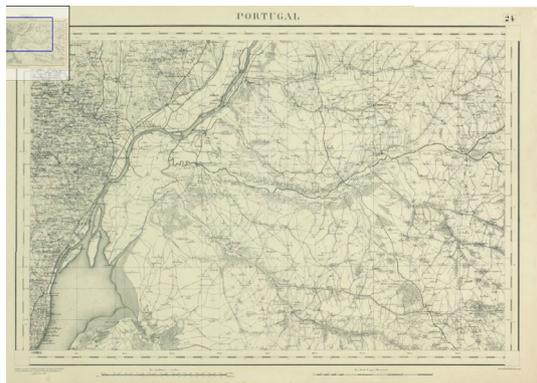
Folha: 24

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Direcção Geral do Território - Museu Virtual. Esta carta encontra-se on-line no site: http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/Cart_100K_rslt.asp?folha=24

Ficha Cartográfica nº3



Título: Carta Corográfica do Reino - [Folha de] Lisboa, Benavente [Material cartográfico] / Redigida e gravada no Instituto Geographico, sob a direcção do Conselheiro F. Folque, General de Brigada Graduado e Inspetor de Divisão do Corpo de Eng^a Civil e publicada em 1868; Barreto, Fontes, Rebello e Samora, gravadores

Autor: PORTUGAL. Instituto Geográfico Carta 1:100 000

Edição: [Ed. 2]

Dados matemáticos: Escala 1:100 000; [projecção de Bonne, Elipsóide de Puissant]; Equidistância - 25 metros

Publicação: Lisboa: Instituto Geographico, 1868

Colecção: (Carta de Filipe Folque; fl. 24)

Escala: 1:100 000

Ano: 1868

Descrição física: 1 carta: impressa, p&b; 90 x 60 cm

Ref. ext.: -

Notas: Nesta 2^a edição mantiveram-se todas as características anteriores, inclusive os mesmos trabalhos de campo de 1857 e 1858, mas foi novamente gravada e agora com o relevo representado por curvas de nível equidistantes de 25 metros e introduzida uma rede geográfica de 10 minutos. Gravada em pedra a água forte, foi reimpressa várias vezes, havendo exemplares, sem preço e com preço de 3\$50, sem e com sobrecarga das estradas a vermelho

Orientação: Planta Orientada a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: 43Dp24(H)

Estado: -

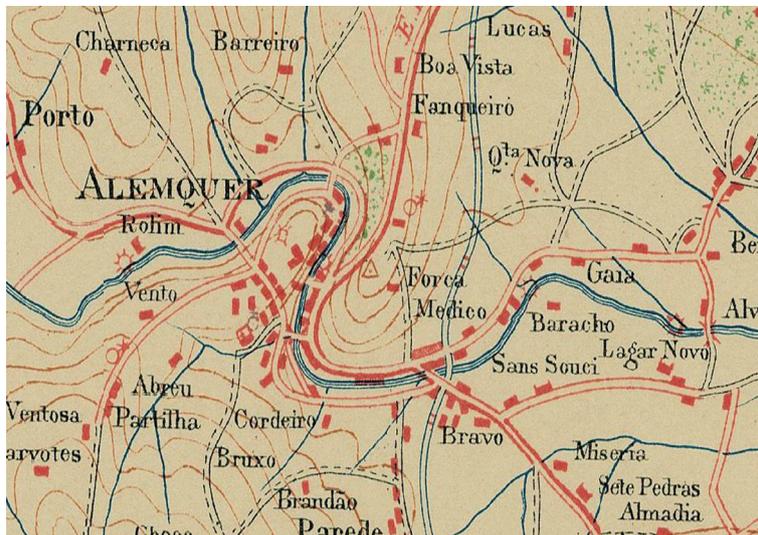
Folha: 24

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Direcção Geral do Território - Museu Virtual. Esta carta encontra-se on-line no site: http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/Cart_100K_rslt.asp?folha=24H

Ficha Cartográfica nº4



Título: Série Cartográfica Nacional: [Folha de] Alenquer [Material cartográfico] / Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos

Autor: PORTUGAL. Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos

Edição: [Ed. 1]

Dados matemáticos: Escala 1:50 000; equidistância - 25 metros; (M = + 96 Km, M' = + 64 Km e P = + 80 km, P' = + 60 km)

Publicação: Lisboa : DGTGT, 1902

Colecção: (Carta Corográfica de Portugal na escala 1:50 000; fl. nº 18-b, actual fl. nº 30-D)

Escala: 1:50 000

Ano: 1902

Descrição física: 1 folha: impressa, em papel, colorida; 57 x 81 cm

Ref. ext.: -

Notas: Está compreendida na folha nº 24 da antiga carta corográfica primitivamente levantada na escala de 1:100 000, em 1857 e 1858 por oficiais do exército, entre os quais se encontrava o brilhante engenheiro Francisco António de Brito Limpo. Foi ampliada, em 1902, para pranchetas de campo, na escala 1:50 000, por João Miguel Dias. Encontra-se descrita em “A Nova Carta Chorographica de Portugal, por Marquez D’Avila e Bolama - Vol. I - 1909”. Tem legenda da simbologia da informação e gráfico de junção de folhas 1:50 000 com a numeração antiga. Tem coordenadas geográficas com origem das longitudes no Observatório do Castelo e Greenwich e coordenadas retangulares referidas ao Ponto Central. Apresenta escala gráfica de [10 cm] = 5 Quilómetros = 1 Léguas Itin^a. Impressa a cinco cores. Preço 300 reis.

Orientação: Planta Orientada a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: 24Ep30D-1902

Estado:

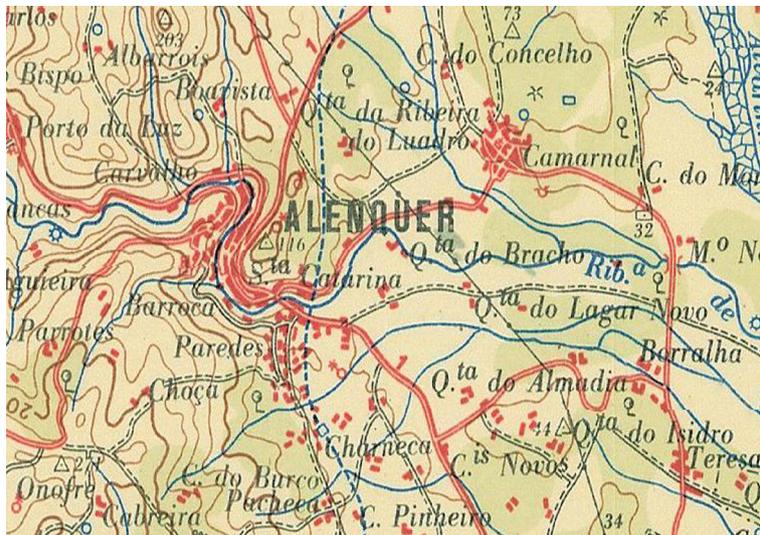
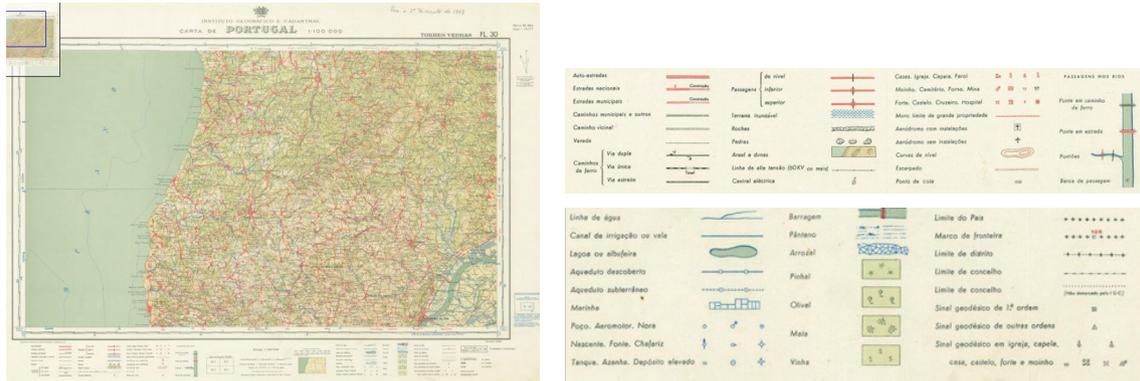
Folha: 30D

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Direcção Geral do Território - Museu Virtual. Esta carta encontra-se on-line no site http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/Cart_50K_rslt.asp?folha=30D

Ficha Cartográfica nº5



Título: Carta de Portugal: [Folha de] Torres Vedras [Material cartográfico] / Desenhada e publicada pelo Instituto Geográfico e Cadastral em 1977

Autor: PORTUGAL. Instituto Geográfico e Cadastral Carta de Portugal na escala 1:100 000

Edição: Ed. 1, Série M 684 / IGC

Dados matemáticos: Escala 1:100 000; Elipsóide Bessel - Projecção de Bonne - Datum Lisboa; equidistância de 25 m; (M= +128 Km e M' = +64 e P = +80 Km e P' = +40 Km)

Publicação: Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral, 1977

Colecção: (Carta de Portugal 1:100 000; FL.30)

Escala: 1:100 000

Ano: 1977

Descrição física: 1 folha: papel, impressa, colorida; 57 x 78 cm

Ref. ext.: -

Notas: Tem no canto inferior direito a designação da zona da quadrícula UTM: 29 T. Identificação dos quadrados de 100Km: MD E ND. A numeração indicada a azul no interior do quadro corresponde à quadrícula decaquilométrica UTM do fuso 29, elipsóide Internacional. As coordenadas geográficas, a azul, referem-se à Rede Geodésica Europeia Unificada. Tem nas margens direita e esquerda indicação da convergência de meridianos no meio dos bordos E. e W. da folha e da declinação da quadrícula em 1977.0 e respetiva variação anual. Na margem inferior contem legenda da simbologia da informação, com limites de fronteira, incluindo posição de marcos, e limites de distrito e concelho demarcados ou não pelo IGC e gráfico da divisão administrativa, com legenda dos concelhos. Contém gráficos de junção das folhas 1:100 000 e das correspondentes folhas 1:50 000. Reprodução proibida. Foi reimpressa em 1989 (três exemplares).

Orientação: Planta Orientada a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: 45CP3-30-1977

Estado: -

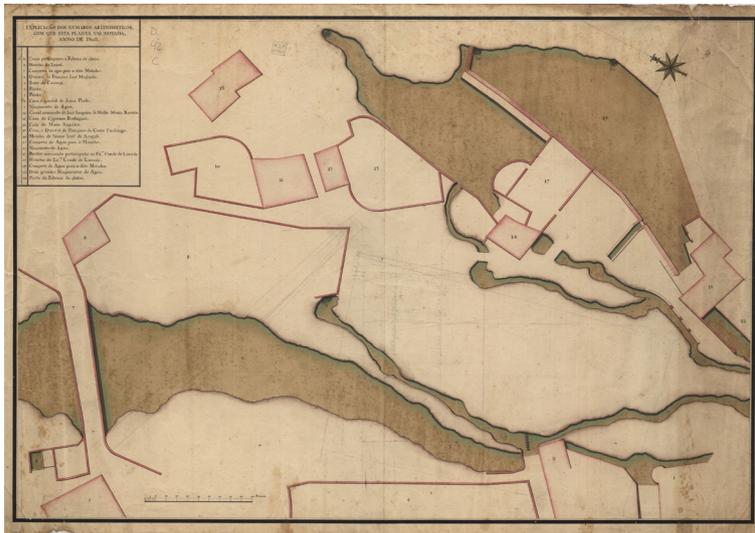
Folha: 30

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Direcção Geral do Território - Museu Virtual. Esta carta encontra-se on-line no site http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/MV_2011/Cart_100K_nova_rslt.asp?cota=45Cp3-30-1977

Anexo E - Levantamento de Material Gráfico: Plantas, Cartografias da Vila de Alenquer
Ficha Cartográfica nº6



Título: Lisboa? Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas

Autor: -

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: -

Colecção: -

Escala: 1.175

Ano: 1802

Descrição Física: 1 mapa :, color.;;64,9 x 90,02 cm

Ref. ext.: -

Notas: Esta carta encontra-se numerada em catálogo com o nº 481 com a designação em catálogo de: Desenhos c/localização Nº 481 - Lisboa? Reservas de Água para moinhos junto à Fábrica de Chitas. 1802. ca 1.175

Orientação: Mapa Orientado a Nordeste

Contém: -

Resumo: -

Cota: D 42 C

Estado: Digitalizada em Microfilme

Folha: -

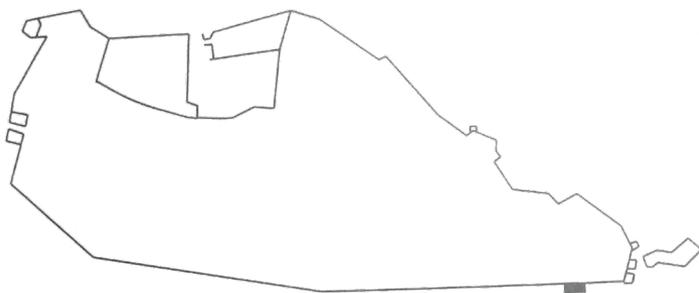
Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Arquivo Histórico/Biblioteca do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

A planta encontra-se identificada no catálogo de: PEREIRA, Maria Stela Afonso Gonçalves; COSTA, Mário Alberto Nunes - **Catálogo da Colecção de Desenhos Avulsos do Arquivo Histórico do Ministério da Habitação e Obras Públicas**. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério. 1ª edição, 1980. p.30.

Ficha Cartográfica nº7



Título: Gravura VI: Planta de Alenquer

Autor: Segundo Luís Manuel Rucha Venâncio

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.51.

Colecção: -

Escala: -

Ano: 1996

Descrição Física: -

Ref. ext.: -

Notas: -

Orientação: Mapa Orientado a Poente

Contém: -

Resumo: -

Cota: -

Estado: Publicada

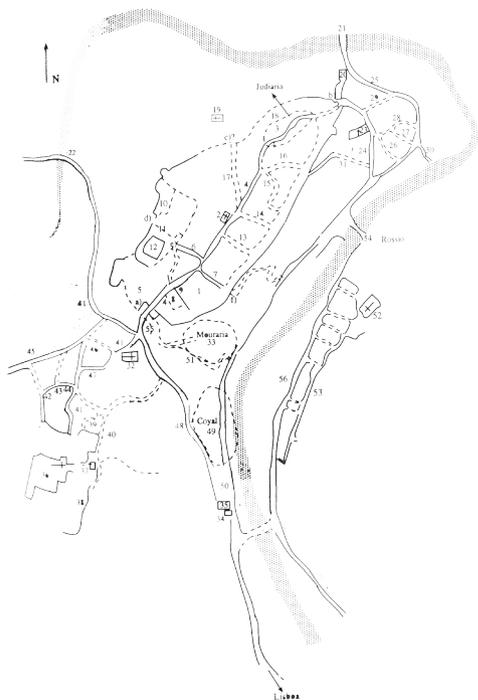
Folha: 51

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Biblioteca Municipal de Torres Vedras

Ficha Cartográfica nº8



- | | |
|----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) Porta da vila | 36. Cerca do Convento de S. Francisco |
| b) Porta do Carvalho ou da Conceição | 37. Capela de Santo António |
| c) Porta de Santiago | 38. Cerca do Convento de S. Francisco |
| d) Porta da Traição | 39. Travessa do Castelo Picão |
| e) Porta do Castelo? | 40. Rua do Terreirinho |
| f) Porta ou Postigo | 41. Serventia para a Ponte de Pancas (Tv. do Bezerra) |
| 1. Praça (Câmara Municipal) | 42. Rua do Arco para S. Francisco (Tv. do Arco dos Pinéus) |
| 2. Igreja de Santo Estevão (Museu Hipólito Cabaço) | 43. Arco dos Pinéus |
| 3. Judiaria (Rua da Judiaria) | 44. Rua do Arco para S. Pedro (Tv. do Arco dos Pinéus) |
| 4. "Rua direita" (R. Maria Milne do Carmo, antiga R. da Cadeia + R. da Judiaria) | 45. Rua que vai para Freiria (R. Amorim Lima) |
| 5. Açougues Velhos? | 46. Escadas do Correio Velho |
| 6. Rua que vai dar ao Castelo (Tv. do Castelo) | 47. Rua Direita que vai para S. Francisco |
| 7. Escadinhas do Município | 48. Calçada (Calçada do Espírito Santo) |
| 8. Paços do Concelho? | 49. "Coyal"? |
| 9. Arco de Santo António? | 50. Rossio |
| 10. Castelo | 51. Calçada da Mesquita |
| 11. Alcáçova | 52. Igreja de Triana |
| 12. Torre de Menagem | 53. Rua que vai para a Igreja de Triana (R. Bento Pereira do Carmo, antiga R. detrás de Triana) |
| 13. Calçada do Arco de Almeida | 54. Ponte de Triana |
| 14. Calçada Conde de Ferreira | 55. Rua do Prior |
| 15. Travessa do Cotovelo | 56. Rua da Triana |
| 16. Travessa Moisés Carmo | |
| 17. Travessa do Castelo | |
| 18. Adro dos Judeus? | |
| 19. Igreja de Santiago | |
| 20. Torre da Couraça | |
| 21. Ponte da Couraça | |
| 22. Ponte de Pancas | |
| 23. Igreja da Várzea | |
| 24. Calçada Damião de Góis | |
| 25. Rua Serpa Pinto (antiga R. do Areal) | |
| 26. Travessa da Várzea | |
| 27. Beco do Bairro do Areal | |
| 28. Travessa da Fábrica | |
| 29. Travessa da Torre da Couraça | |
| 30. Beco detrás dos Paços | |
| 31. ? | |
| 32. Igreja de São Pedro | |
| 33. Mouraria | |
| 34. Igreja do Espírito Santo | |
| 35. Albergaria do Espírito Santo (Antigos Paços Reais?) | |

Título: Gravura VIII: Planta de Alenquer

Autor: João Pedro Ferro

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: FERRO, João Pedro Ferro - **Alenquer Medieval (Séculos XII - XV): Subsídios para o seu estudo.** Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p.59-60.

Colecção: -

Escala: -

Ano: 1996

Descrição Física: -

Ref. ext.: -

Notas: -

Orientação: Mapa Orientado a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: -

Estado: Publicada

Folha: 59-60

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Biblioteca Municipal de Torres Vedras

Ficha Cartográfica nº9



1 Nascente d'agua que abastece a vila	Areia	Capela particular
2 " " " da Camara Municipal	Arvores diversas	Casas
3 Antigo deposito d'agua (obra dos Alanos)	Arvoredo	Casario
4 Casa da humber que abasteca o deposito d'agua	Merro	Cafes
5 Seixinas publicas	Cano de esgotos	Divisões de cultura
6 Residencia do chefe de conservacao destruidas	Caminhão	Edificios publicos
Arilugas mirabolantes	" de pé puzado	Egreja da culte catholica

Egreja em ruinas	Herfa	Pedreiras	Rio
Encanamentos d'agua	Jardim	Poços	Sabes
Escavação	Mato	" com bomba	Tanques
Escarpado	Marcas	Panor	Terras incultas
Estradas	" com grade	Ponteis trigonometricos	Valadas
Eutaliphias	Oliveiras	Quilombos	Valado
Fonte ou marco fontenario	Olival	Regatos e linhas d'agua	Vinha

Título: Planta de Alenquer em 1927

Autor: -

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: -

Colecção: -

Escala: 1:1000

Ano: 1927

Descrição física: -

Ref. ext.: -

Notas: -

Orientação: Planta Orientada a Norte

Contém: -

Resumo: -

Cota: -

Estado: -

Folha: -

Nº de identificação: -

Nº Parecer: -

Arquivo: Câmara Municipal de Alenquer

Ficha Cartográfica nº10



Título: Urbanização de Alenquer – Projecto do arranjo marginal e dos acessos à zona alta da vila

Autor: José de António de Aguiar (Arq.)

Edição: -

Dados matemáticos: -

Publicação: -

Colecção: -

Escala: 1:1000

Ano: 1943

Descrição física: 119 x 96 cm

Ref. ext.: -

Notas: Município: Alenquer; Designação do Plano: Urbanização de Alenquer Projecto do Arranjo Marginal e dos Acessos à Zona Alta da Vila; Designação Complementar: Projecto de Arranjo Marginal e de Acessos; Data da Planta: 07-05-1943; Designação da planta: Planta Sugestão; Nome do Proprietário: DGOTDU.

Orientação: Planta Orientada a Poente

Contém: -

Resumo: -

Cota: -

Estado: -

Folha: -

Nº de identificação: 3

Nº Parecer: 001625

Arquivo: Arquivo Histórico da DGOTDU. Esta carta encontra-se on-line no site: <http://193.137.94.90/PrintEntityImage.aspx?e=5607>

Anexo F - Levantamento de Material Gráfico: Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas do Séc. XIX e XX - Esboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX.

“287. CARTA MILITAR DE PORTUGAL 1:25 000. Série M 888. Continente

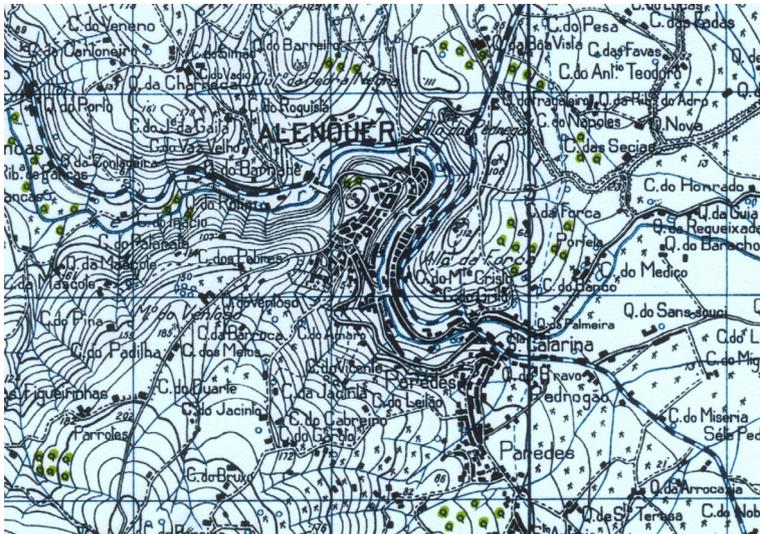
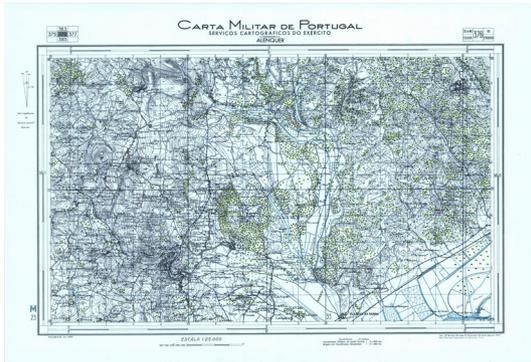
Carta militar de Portugal 1:25 000. Série M 888. Continente / Serviços Cartográficos do Exército. - 1: 25 000. Projecção de Gauss - Kruger; Elipsóide Internacional; Datum de Lisboa. - W 10° 00' 00" W 6° 00' 00" / N 42° 00' 00" N 37° 00' 00". - Lisboa; S.C.E., 1928. - 1 mapa em 633 folhas: color.; 64x40 cm em folha de 74x54 cm + 1 mapa de junção

O título geral da série que consta na primeira folha editada, a f.431 de “Lisboa” é: “A Carta topográfica militar de Portugal”. Este título não foi considerado para atribuição do título da série por constar nesta única folha, feita a título experimental em 1928, quando os serviços não estavam ainda completamente organizados. Embora nesta data estivesse definido o seccionamento da cobertura, e tivesse sido editada a referida folha cujo número se manteve, o título definitivo só estaria fixado em 1932, quando são criados os Serviços Cartográficos do Exército e se iniciam então os trabalhos regulares para a edição da Carta Militar de Portugal. Esta série, que veio substituir a anterior “Carta dos Arredores de Lisboa 1: 20 000”, em publicação até 1933, iniciou-se definitivamente com a edição da folha de Abrantes f. 331, em 1934. - A menção de responsabilidade que consta da primeira folha editada nesta série (f. 431 “Lisboa”) foi também considerada como provisória, pelas mesmas razões, já referidas a propósito da atribuição do título. A designação de Serviços Cartográficos do Exército vigorou entre 1933 e 1960. Sucedeu-lhe o Serviço Cartográfico do Exército entre 1960 e 1993, Desde esta data passou a denominar-se Instituto Geográfico do Exército. - Na década de 60, deixaram de ser mencionados na própria folha os autores individuais intervenientes na produção (no levantamento, no desenho, etc) assumindo o organismo a responsabilidade global e impessoal de todos os trabalhos, à excepção da impressão. - A cobertura total, isto é, a primeira edição de todas as folhas correspondentes ao seccionamento do Continente) série M888), que se considera iniciada em 1928, foi concluída em 1965 com a folha nº 325-B (Berlengas), embora as restantes folhas tivessem sido publicadas até 1955. A segunda edição principiou em 1938 e, em 1998, ela fica praticamente concluída, à excepção desta mesma folha, das Berlengas. Entretanto, iniciaram-se as terceira (a partir de 1951), quarta (a partir de 1970) e quinta (a partir de 1991) edições. O número de edição (bem como o número de série) só passou a figurar nas folhas a partir do começo dos anos 60. A data de edição das primeiras folhas produzi-

das nem sempre consta, pelo que ela foi atribuída nesses casos a partir da informação dos serviços actualmente responsáveis, o Instituto Geográfico do Exército. - O número de folhas da série foi inicialmente de 640. Em 1999 era de 637 folhas por ajustamento de pequenas áreas fronteiriças, definidas pelo seccionamento. Desaparecem da 1ª para a 2ª edição as folhas 9-A (englobada na f. 5, ed.2), 9-b (englobada na f. 19, ed.2) e 551-A (englobada na f. 543, ed.2). Como resultado do desaparecimento da 9-A e 9-B, a folha identificada na 2ª edição por 9-A corresponde à 9-C da 1ª edição. Outros pequenos ajustamentos foram também efectuados desde as primeiras previsões de identificação (...). A carta tem sido impressa a cores, mas a sua aparência sofreu modificações (...). Algumas folhas apresentam ligeiras variações de dimensão. - A partir de 1995, as folhas desta série passaram a ser distribuídas em formato dobrado, inseridas numa bolsa, com um mapa de junção no verso. (...) A informação sobre o tipo de projecção cartográfica não consta em algumas folhas, noutras está incompleto. - Na década de 60, a quadrícula de sistema de referência UTM passa a figurar nas folhas e a Gauss torna-se secundária. - Sistemas de referência: coordenadas geográficas e coordenadas cartesianas ortogonais. - Equidistância das curvas de nível 10 m. - Os valores indicados das coordenadas são os dos paralelos e dos meridianos que delimitam as folhas correspondentes aos extremos Norte e Sul (Lat.) e Leste e Oeste (Long.) do território de Portugal Continental. - No início desta cobertura foram utilizados nos levantamentos exclusivamente processos clássicos; em 1937, passam a utilizar-se os processos fotogramétricos e, em 1940, estes tornam-se exclusivos. A automatização da série inicia-se na década de 70 e a primeira folha editada, com utilização destes meios, seria a de Vendas Novas (f. 435). Parte substancial desta cobertura é hoje disponibilizada em formato digital, prevendo-se a sua conclusão a muito curto prazo.(...) Os títulos de algumas folhas sofrem igualmente modificações, por razões que se prendem com alterações na malha administrativa nacional, uma vez que o título é, normalmente, atribuído de acordo com a importância das localidades representadas.”²⁰⁰

²⁰⁰ Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas do Séc. XIX e XX - **Eboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX**. Vol. I. Outubro de 2001. p. 100.

Carta Militar nº1



Título: Carta Militar de Portugal: Alenquer

Autor: Serviço Cartográfico do Exército

Ano:1937

Escala: 1:25 000

Orientação: Planta Orientada a Norte

Cota: CP3//376

Publicação: Biblioteca Nacional de Portugal

Ficha Técnica: Descrição incluída no Esboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX, Vol. III, Outubro de 2001. p.527.

1234. Alenquer

Alenquer/Serviços Cartográficos do Exército; fot. Ten. D. Neves; des. Cap. R.Alves Pereira.- [Ed.1]. - 1:25 000. - [Projeção de Gauss, Elipsóide Internacional, Datum de Lisboa]. - W 9° 03' 25'' W 9° 03' 20'' W 8° 52' 19'' W 8° 52' 15'' / N 39° 07' 26'' N 39° 07' 21'' N 39° 02' 01'' N 39° 01' 57''. - [Lisboa]; S.C.E., [1938]. - 1 mapa : color.; 64x40 cm em folha de 74x54 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000 Série M 888. Continente; f. 376)

Vértice 1 (Inf. Esq.): W 9° 03' 20'' N 39° 01' 57''. - Vértice 2(Sup. Esq.): W 9° 03' 25'' N 39° 07' 21''. - Vértice 3 (Inf. Dir.): W 8° 52' 15'' N 39° 02' 01''. - Vértice 4 (Sup. Dir.): W 8° 52' 19'' N 39° 07' 26''. - Actualizada em 1935. - Desenhada em 1937. - Rep. fotolitog. e impressão efectuada pela Lito. Nacional

Triana (Freguesia) / Abridada (Freguesia) / Aldeia Gavinha (Freguesia) / Carnota (Freguesia) / Meca (Freguesia) / Olhalvo (Freguesia) / Ota (Freguesia) / Santo Estêvão (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Ventosa (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Carregado (Freguesia) / Aveiras de Baixo (Freguesia) / Aveiras de Cima (Freguesia) / Azambuja (Freguesia) / Vale do Paraíso (Freguesia) / Vila Nova da Rainha (Freguesia, Concelho de Azambuja)

Mapas topográficos

528(084.3)

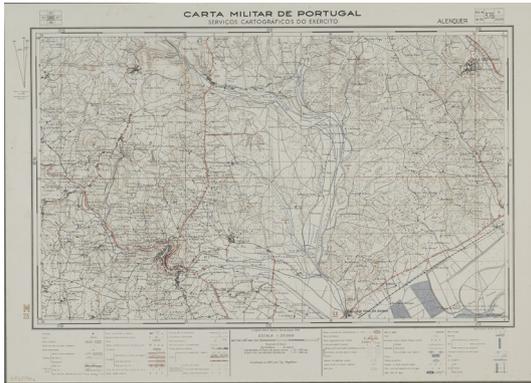
914.694.11(084.3)

BN - C.P. 3//376

CEG - C.M.P. 25//376

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Carta Militar nº2



Alto-mar	Costa, alta, pedregal ou alagado	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 1.ª de primeira
Alto	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 2.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 3.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 4.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 5.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 6.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 7.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 8.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 9.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 10.ª de primeira

Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 11.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 12.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 13.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 14.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 15.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 16.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 17.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 18.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 19.ª de primeira
Alto-mar	Costas ao longo do rio	Alto-mar	Linhas de Pôrto, 20.ª de primeira



Título: Carta Militar de Portugal: Alenquer

Autor: Serviço Cartográfico do Exército

Ano:1942

Escala: 1:25 000

Orientação: Planta Orientada a Norte

Cota: CP3//376 a

Publicação: Biblioteca Nacional de Portugal

Ficha Técnica:

Descrição incluída no Esboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX, VOL. III, Outubro de 2001. p.528-529.

1235. Alenquer

Alenquer/Serviços Cartográficos do Exército; actual. pelo Cap. Magalhães; desc Cap. R. Alvares Pereira. - [Ed. 2]. - 1: 25 000. - Projecção de Gauss, Elipsóide Internacional, Datum de Lisboa. - W 9° 03' 25'' W 9° 03' 20'' W 8° 52' 19'' W 8° 52' 15'' / N 39° 07' 26'' N 39° 07' 21'' N 39° 02' 01'' N 39° 01' 57''. - [Lisboa] ; S.C.E., Reimp. 1942. - 1 mapa : color.; 64x40 cm em folha de 74x54 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000 Série M 888. Continente; f. 376)

Vértice 1 (Inf. Esq.): W 9° 03' 20'' N 39° 01' 57''. - Vértice 2 (Sup. Esq.): W 9° 03' 25'' N 39° 07' 21''. - Vértice 3 (Inf. Dir.): W 8° 52' 15'' N 39° 02' 01''. - Vértice 4 (Sup. Dir.): W 8° 52' 19'' N 39° 07' 26''. - Actualizada em 1942. - Desenhada em 1937. - Data de levantamento: 1987. - Impressão efectuada pela Litografia Atlas

Triana (Freguesia) / Abrigada (Freguesia) / Aldeia Gavinha (Freguesia) / Carnota (Freguesia) / Meca (Freguesia) / Olhalvo (Freguesia) / Ota (Freguesia) / Santo Estêvão (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Ventosa (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Carregado (Freguesia) / Aveiras de Baixo (Freguesia) / Aveiras de Cima (Freguesia) / Azambuja (Freguesia) / Vale do Paraíso (Freguesia) / Vila Nova da Rainha (Freguesia, Concelho de Azambuja)

Mapas topográficos

528(084.3)

914.694.11(084.3)

BN - C.P. 3//376 a

CEG - C.M.P. 25//376 a

Título: Carta Militar de Portugal: Alenquer

Autor: Serviço Cartográfico do Exército

Ano: 1965

Escala: 1:25 000

Orientação: Planta Orientada a Norte

Cota: CP3//376 b

Publicação: Biblioteca Nacional de Portugal

Ficha Técnica:

Descrição incluída no Esboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX, VOL. III, Outubro de 2001. p.528-529.

1236. Alenquer

Alenquer/Serviços Cartográficos do Exército. - Ed. 3. - 1: 25 000. Projecção de Gauss, Elipsóide Internacional, Datum de Lisboa. - W 9° 03' 25'' W 9° 03' 20'' W 8° 52' 19'' W 8° 52' 15'' / N 39° 07' 26'' N 39° 07' 21'' N 39° 02' 01'' N 39° 01' 57''. - [Lisboa] ; S.C.E., 1965. - 1 mapa : color.; 64x40 cm em folha de 74x54 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000 Série M 888. Continente; f. 376) Vértice 1 (Inf. Esq.): W 9° 03' 20'' N 39° 01' 57''. - Vértice 2 (Sup. Esq.): W 9° 03' 25'' N 39° 07' 21''. - Vértice 3 (Inf. Dir.): W 8° 52' 15'' N 39° 02' 01''. - Vértice 4 (Sup. Dir.): W 8° 52' 19'' N 39° 07' 26''. - Data de levantamento: 1962. - Impresso no Instituto Geográfico Cadastral. - Levantada, desenhada e publicada pelo Serviço Cartográfico do Exército

Triana (Freguesia) / Abrigada (Freguesia) / Aldeia Gavinha (Freguesia) / Carnota (Freguesia) / Meca (Freguesia) / Olhalvo (Freguesia) / Ota (Freguesia) / Santo Estêvão (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Ventosa (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Carregado (Freguesia) / Aveiras de Baixo (Freguesia) / Aveiras de Cima (Freguesia) / Azambuja (Freguesia) / Vale do Paraíso (Freguesia) / Vila Nova da Rainha (Freguesia, Concelho de Azambuja)

Mapas topográficos

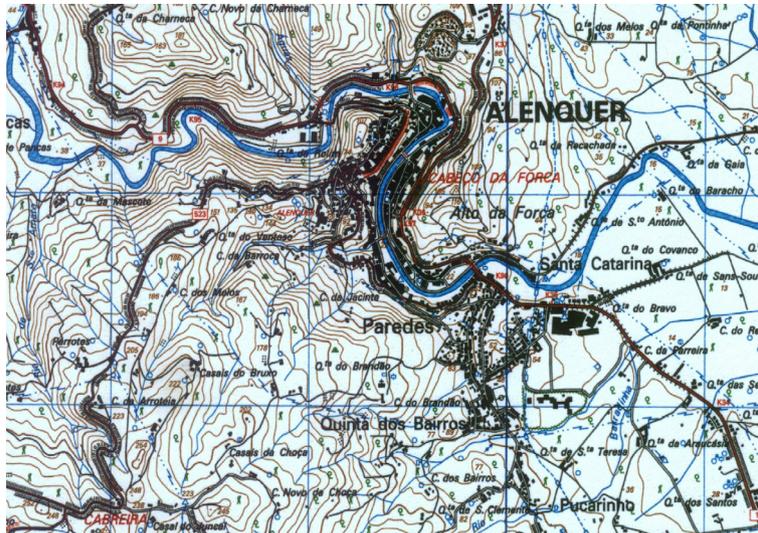
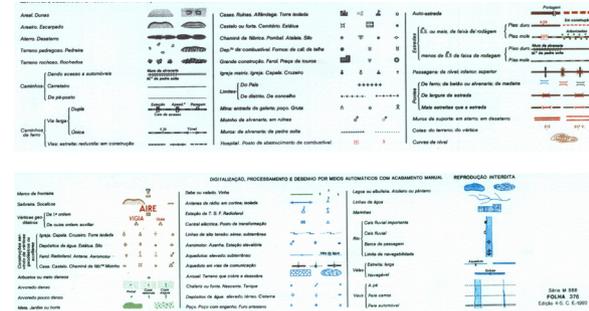
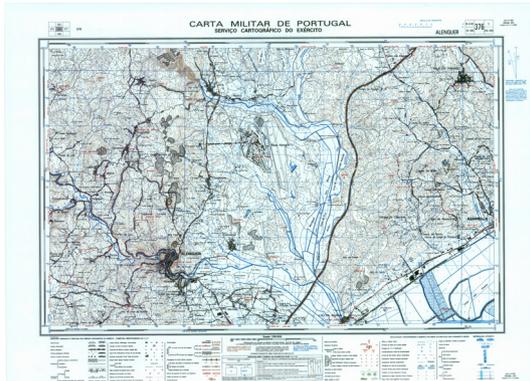
528(084.3)

914.694.11(084.3)

BN - C.P. 3//376 b

CEG - C.M.P. 25//376 b

Carta Militar nº4



Título: Carta Militar de Portugal: Alenquer

Autor: Serviço Cartográfico do Exército

Ano: 1992

Escala: 1:25 000

Orientação: Planta Orientada a Norte

Cota: CP3//376 c

Publicação: Biblioteca Nacional de Portugal

Ficha Técnica:

Descrição incluída no Esboço de Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX, VOL. III, Outubro de 2001. p.528-529.

1237. Alenquer

Alenquer/Serviços Cartográficos do Exército. - Ed. 4. - 1: 25 000. Projecção de Gauss, Elipsóide Internacional, Datum de Lisboa. - W 9° 03' 25'' W 9° 03' 20'' W 8° 52' 19'' W 8° 52' 15'' / N 39° 07' 26'' N 39° 07' 21'' N 39° 02' 01'' N 39° 01' 57''. - [Lisboa] ; S.C.E., 1992. - 1 mapa : color.; 64x40 cm em folha de 74x54 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000 Série M 888. Continente; f. 376)

Vértice 1 (Inf. Esq.): W 9° 03' 20'' N 39° 01' 57''. - Vértice 2 (Sup. Esq.): W 9° 03' 25'' N 39° 07' 21''. - Vértice 3 (Inf. Dir.): W 8° 52' 15'' N 39° 02' 01''. - Vértice 4 (Sup. Dir.): W 8° 52' 19'' N 39° 07' 26''. - Data de levantamento: 1987. - Impressão efectuada pela Beira Douro. - Levantada, desenhada e publicada pelo Serviço Cartográfico do Exército. - Cobertura aerofotográfica da Força Aérea Portuguesa. - Digitalização, processamento e desenho por meios automáticos com acabamento manual.

Triana (Freguesia) / Abrigada (Freguesia) / Aldeia Gavinha (Freguesia) / Carnota (Freguesia) / Meca (Freguesia) / Olhalvo (Freguesia) / Ota (Freguesia) / Santo Estêvão (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Ventosa (Freguesia, Concelho de Alenquer) / Carregado (Freguesia) / Aveiras de Baixo (Freguesia) / Aveiras de Cima (Freguesia) / Azambuja (Freguesia) / Vale do Paraíso (Freguesia) / Vila Nova da Rainha (Freguesia, Concelho de Azambuja)

Mapas topográficos

528(084.3)

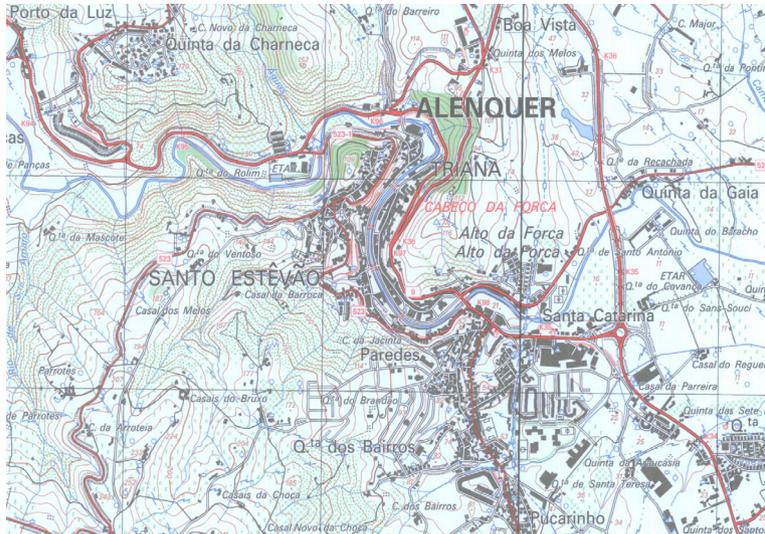
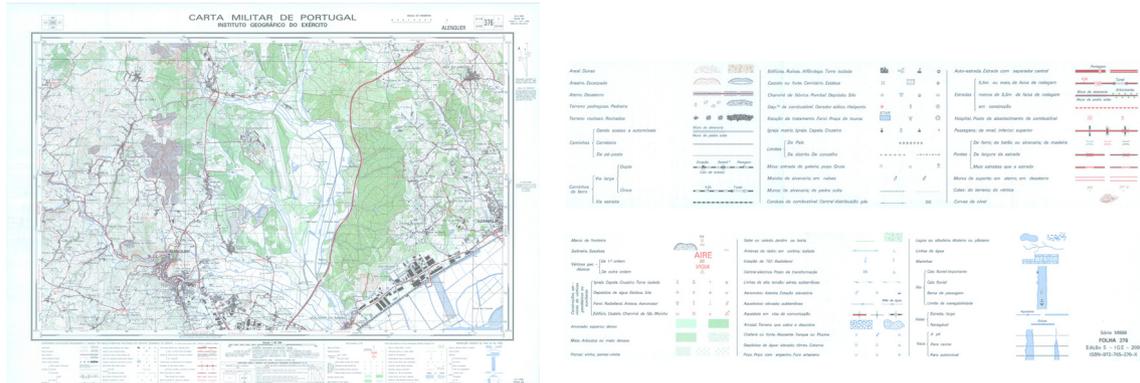
914.694.11(084.3)

BN - C.P. 3//376 c

CEG - C.M.P. 25//376 c

A Vila de Alenquer pelas Vidas do seu Rio

Carta Militar nº5



Título: Carta Militar de Portugal: Alenquer

Autor: Serviço Cartográfico do Exército

Ano:2009

Escala: 1:25 000

Orientação: Planta Orientada a Norte

Cota: CP3//376 d

Publicação: Biblioteca Nacional de Portugal

Ficha Técnica:

A carta encontra-se identificada no catálogo de Séries Cartográficas: Instituto Geográfico do Exército. 2010. Com a cota CP3 // 376 d:2009. p.47.

A descrição encontra-se em actualização para incluir no Catálogo das Séries Cartográficas Portuguesas.

Anexo G - Levantamento de Material Gráfico: Fotografias Aéreas da Vila de Alenquer
Fotografia Aérea nº1



Ano: 1956

Escala Aproximada: -

Orientação: Registo aéreo orientado a Norte

Arquivo: Direcção Geral do Território

Fotografia Aérea nº2



Ano: 1982

Escala Aproximada: -

Orientação: Registo aéreo orientado a Norte

Arquivo: Direcção Geral do Território

Fotografia Aérea nº3



Ano: 2015

Escala Aproximada: -

Orientação: Registo aéreo orientado a Norte

Arquivo: Imagem retirada do Google Earth, 2015

Anexo H - Artigos da Imprensa



Nome do Jornal: O Século
 Data: 25 de Dezembro de 1943
 Título do artigo: O Plano de urbanização de Alenquer vai ser executado o que muito beneficiará a formosa vila ribatejana
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Lisboa
 Número: 22.184



Nome do Jornal: Diário de Notícias

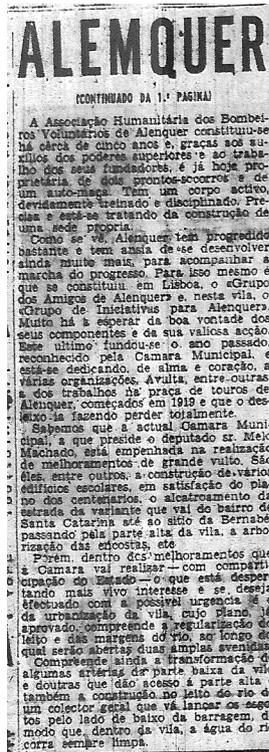
Data: 13 de Janeiro de 1944

Título do artigo: Vida Regional: A Urbanização da vila de Alenquer é um problema cuja solução se impõe

Autor do artigo: -

Local de publicação: Lisboa

Número: 27.988



Nome do Jornal: Diário de Notícias

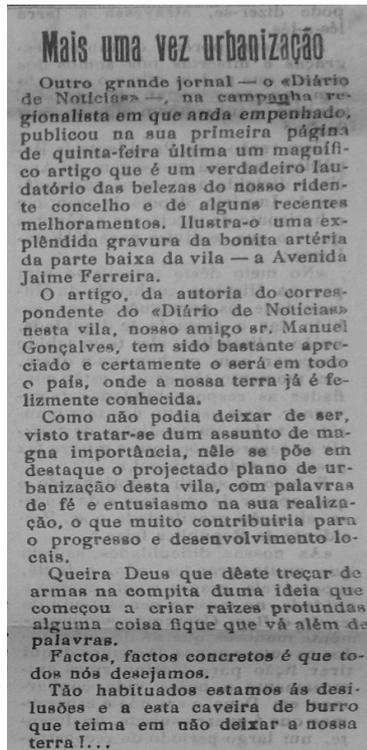
Data: 13 de Janeiro de 1944

Título do artigo: Vida Regional: A Urbanização da vila de Alenquer é um problema cuja solução se impõe

Autor do artigo: -

Local de publicação: Lisboa

Número: 27.988



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 16 de Janeiro de 1944
Título do artigo: Mais uma vez urbanização
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.246



Urbanização de Alenquer

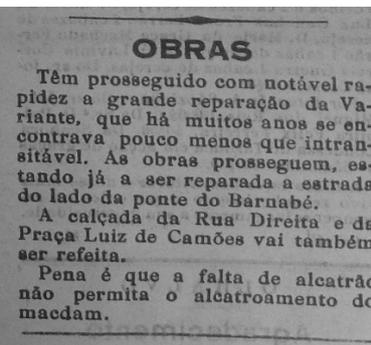
A Emisora Nacional, na sua secção «Conheça a sua Terra», quiz também referir-se com elogiosas palavras à nossa linda terra, que, realizado que seja o plano de urbanização projectado pelo malgrado estadista engenheiro Duarte Pacheco, se poderá transformar num importante centro de turismo. Muito agradecemos àquela secção o interesse que tomou num assunto de tanta monta para nós.

D. Adão Ferrão, de Azambuja
Por Alenquer, na sede da Emissora Nacional, em 23 de Janeiro de 1944.
A. FERREIRA, de Alenquer, na sede da Emissora Nacional, em 23 de Janeiro de 1944.
A. FERREIRA, de Alenquer, na sede da Emissora Nacional, em 23 de Janeiro de 1944.
A. FERREIRA, de Alenquer, na sede da Emissora Nacional, em 23 de Janeiro de 1944.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 23 de Janeiro de 1944
Título do artigo: Urbanização de Alenquer
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.247



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 11 de Junho de 1944
 Título do artigo: Obras
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.267



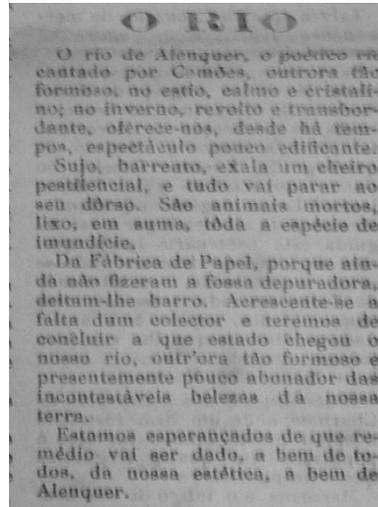
OBRAS

Têm prosseguido com notável rapidez a grande reparação da Variante, que há muitos anos se encontrava pouco menos que intranstitável. As obras prosseguem, estando já a ser reparada a estrada do lado da ponte do Barnabé.

A calçada da Rua Direita e da Praça Luiz de Camões vai também ser refeita.

Pena é que a falta de alcatrão não permita o alcatroamento do macdam.

Mário de Brito
 (9) ADIVADO
 Rua Tenente Valério, 7—Alenquer



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 27 de Agosto de 1944
 Título do artigo: O Rio
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.278



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 19 de Novembro de 1944
 Título do artigo: Duarte Pacheco
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.290

...a Câmara...
 Da que all se disse se infere que o Exército que em 1922 salvou a Nação, não está disposto a deixá-la de novo cair no caos de que se lamentam. Nem o Exército nem aqueles que sem aliado e com sacrificio servem o país...
MACHADO.
 Duarte Pacheco
 Foi há um ano, O ministro saíra de Lisboa no cumprimento dos seus deveres e dirigisse ao Alentejo. Aqui encontrara a morte. Morria no seu pósto ou homem extraordinário que fez uma verdadeira revolução no seu ministério.
 Evocar a sua memória, os grandes melhoramentos com que dotou a pátria, a paragem, além de justiça, de verdadeira obrigação.
 Impulsor e orientador do Projecto de urbanização da vila de Alenquer, reforma fundamental de que esta grande obra seria o factor de terroir de alicerce não tivesse ruído a vida do engenheiro Duarte Pacheco.
 Com alguns, no primeiro ano do governo da obra e a sua memória, e ficamos vãos para que o actual titular da pasta de obras públicas engendrar se, Cansela de Abreu, a A.
 prestejo na obra encetada pelo seu antecessor, dando satisfação ás aspirações do povo desta vila, de ver realzado o projecto de urbanização de Alenquer.

ANO 56. Alenquer, 19 de Maio de 1945. (A Vozes) Nº 1.310

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor: FRANCISCO CARDEIRO DO MELO MACHADO.
Administrador: DARIO DE JESUS RODRIGUES.
Redacção, Administracão, Comprehensão e Impressão: Rua da Camacha, 8, Alenquer de Paris, 20 - Alenquer

MANIFESTAÇÃO NACIONAL
ROS CHEFEIS DO ESTADO E DO GOVERNO

Vai prestar-lhe, hoje, a Sua Excelência os Srs. Presidentes da Republica e do Conselho uma calorosa homenagem do aplauso e agradecimento pela brilhante condução da politica externa do pais. A Nação inteira, do norte a sul, se associa a tão merecida homenagem.

A representacão do nosso conselho será condigna e "A Verdade" a ela se associa com entusiasmo e gratidão.




Entendamo-nos

Um Aparente, duas Realidades...
Aqui, sem qualquer duvida de...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...

Confusão

Colaboração com a guerra...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...

Graças à Providência

Uma hora tão alta e...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...
...do ponto de vista de...

AS PASSEADEIRAS

Não mais ver as Passadeiras
De pedras brancas, polidas,
Yagamente lindas
De passadas cunctas!

E nunca mais escufar,
Nas pedras brancas do rio,
As águas correndo em fio,
Num murmúrio a solfocar.

E em reflex brancos de "spuma"
Alvas de luz, prateadas,
Não se ver, pedras sinistas,
Nem ao contar, uma a uma...

Nunca mais tornar a vê-las,
Nem (las-las de amarelhos)
E pensar que o meu filhinho
Nunca irá passar por ellas...

Pedras do rio! Roseiral
De milagres de bondade
Da mãe santa, em caridade,
Das Santas de Portugal!

Pedras do rio a lembrar
Tanto milagre florido

Em Santa Isabel virado
Numa beleza sem par!
Pedras do rio! Quantas rosas
Caindo de seu regaço L...
Cada pedra... ois passo
Di'acções prodigiosas...

Em cada pedra uma rosa,
E em cada rosa uma prece,
A' Virgem p'ra que a fizesse
Cada vez mais milagrosa...

Pedras do rio, orações,
Bênçãos de Deus, que mudava
As rosas, que a Santa dava,
Nem mais formosas dobrões!

Não mais ver nas Passadeiras
Toda a mística Fozela
Dos milagres que fuzla
A Santa, de ois manieras.

E sentir por duro prece
Suadades que a vida encerra!
Po bre de si, milas rosas...
Po bre de mim, que não esqueço...

H. F.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 19 de Maio de 1945
Título do artigo: As Passadeiras
Autor do artigo: H.F.
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.316

Abto 187. Alenquer, 17 de Junho de 1946. (Amanhã) N.º 1.320

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDEIRO DE MELO RACHELDO
 Administrador — JARDO DE JESUS GONCALVES
 Redacção, Administração, Circulação e Impressão: Rua da Constituição, 24 de Praia, na 1.ª Alameda

Jogos Florais em Alenquer
 A organização do Sporting Club de Alenquer teve no passado sábado 9 de Junho, uma consagração verdadeiramente gloriosa

DUAS PALAVRAS

Em boa hora se foram a celebrar os jogos florais em Alenquer. Não se trata de jogos florais, mas de jogos florais em Alenquer. Não se trata de jogos florais, mas de jogos florais em Alenquer. Não se trata de jogos florais, mas de jogos florais em Alenquer.

Confirmação do assos director

Confirmação do assos director do Sporting Club de Alenquer. Confirmação do assos director do Sporting Club de Alenquer. Confirmação do assos director do Sporting Club de Alenquer.

Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuizos

Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuizos. Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuizos. Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuizos.

Verbetes no S. O. A.

Verbetes no S. O. A. Verbetes no S. O. A.

Fala de Mal de Peshina

Fala de Mal de Peshina. Fala de Mal de Peshina.

Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo

Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo. Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo. Um aspecto da inundação no Largo do Espírito Santo.

Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 17 de Junho de 1945
 Título do artigo: Uma enxurrada que provocou avultadíssimos prejuizos
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.320

Azo 35.

Semana (31.º ann.) 1955
Ano (12.º ann.) 1955
Número actualizado
Número actualizado
Anúncios e publicações
Cala (comp. p.) 1951
Ass. de assinantes 30 por
ano de duração.
Assinaturas pessoais con-
trao especial.

Alenquer, 24 de Junho de 1945 **(Avenças) N.º 1:321**

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor: FRANCISCO CARLOS DE MELO MACHADO
Administrador: DARIO DE SOUZA GONCALVES
Redacção, Administração, Compaqnia e Impressão: Tip. A. Costa—R. D. Costa de Paiva, 3 e 5—Alenquer

LEZBAS

ARCO-IRIS

Bom princípio Uma data nacional

Em boa hora conhecemos a ideia de dar aos municípios as impressões sobre o trabalho de um ano. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Bom princípio

Em boa hora conhecemos a ideia de dar aos municípios as impressões sobre o trabalho de um ano. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Uma data

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Bom princípio Uma data

Em boa hora conhecemos a ideia de dar aos municípios as impressões sobre o trabalho de um ano. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Por todo o País se celebraram em 1945 os trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945. Este trabalho, que se realizou em 1944, foi o primeiro de uma série de trabalhos de este género que se realizaram em 1945.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 24 de Junho de 1945
Título do artigo: Bom Princípio
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.321

Ano 28. Alenquer, 24 de Julho de 1946 (Avenidas) N.º 1.321

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor: FRANCISCO CARLOS DE MELO MACILADO
 Administrador: DANILO DE SOUZA GONCALVES
 Endereço, Administração, Correio e Fretamento: Tip. A. Coimbra-R. D. Costa da Praia, 3 e 10—Alenquer

ASSINATURAS:
 Subscrever (30 num.) 19500
 Ano (12 num.) 19500
 Pagamento adiantado
 Número variável... 100
 ANUNCIOS e CONVERSACAO
 Carta Social (Corpo P) 1800
 An. Des. publicação 30 por
 cento do Gasto.
 Anúncio permanente ou
 outro especial.

Bom princípio

Em boa hora conhecemos a vida da Vila de Alenquer e a importância do rio para a sua economia. O rio é o grande factor de vida e de prosperidade da Vila de Alenquer. Sem o rio, a Vila de Alenquer não teria a vida que hoje tem. O rio é o grande factor de vida e de prosperidade da Vila de Alenquer. Sem o rio, a Vila de Alenquer não teria a vida que hoje tem.

Uma data nacional

Por toda a Vila de Alenquer, em 24 de Julho de 1946, se fez o maior e mais importante acto de administração da Vila de Alenquer. O acto foi a reunião da Junta Municipal de Alenquer, presidida pelo Sr. Francisco Carlos de Melo Macilado, para discutir e decidir sobre a criação de uma data nacional para a Vila de Alenquer.

ARCO-ÍRIS

Tudo mudou, agora a Nucleo... tudo se tornou em verdade... tudo se tornou em verdade... tudo se tornou em verdade...

ISÓIII

Al. Danilo, um rapaz... Al. Danilo, um rapaz... Al. Danilo, um rapaz...

«TRIPEIRO»

Requisito a ser cumprido... requisito a ser cumprido... requisito a ser cumprido...

«Jogo Finta de Alenquer»

Na medida que o jogo... na medida que o jogo... na medida que o jogo...

Abastecimento de água

Em virtude da grande seca e da grande quantidade de água que é tirada dia e noite para Lisboa, começa a sentir-se nesta vila alguma falta de água, falta que tenderá a agravar-se enquanto não chover.

Procurando obviar a este grave inconveniente, a Câmara mandou pôr à disposição do público a água do depósito junto à Central Eléctrica, lembrando, porém, que tal água só deve ser utilizada para gastos e animais e NUNCA PARA BEBER.

Pede-se ainda ao público em geral que seja poupado quanto possível no gasto de água, para que não se chegue à triste necessidade de racionar a água.

Tretando-se duma calamidade geral cuja responsabilidade a ninguém pertence, só a colaboração geral pode ajudar a vencer as dificuldades dela resultante, pelo que se espera que todo o público bem compreenda e tome em consideração o apêlo que se faz.

Al. Danilo, um rapaz... Al. Danilo, um rapaz... Al. Danilo, um rapaz...

A. A. Silva (Coord.)
 Novo colaborador
 Este novo colaborador... este novo colaborador... este novo colaborador...

Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 22 de Julho de 1945
 Título do artigo: Abastecimento de água
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.325



Não há razão para desanimar

Conforme anunciamos assistiram em Alenquer o teatro e a quem tinha sido incumbida a obra parcella do rio e os engenheiros da Divisão Hidráulica do Tjo que a vinham marcar.

Talvez a obra não foi começada porquê?
Porque se havia esquecido um elemento indispensável, sem o qual a obra não poderia ser realizada. Esse elemento não havia sido considerado pelos serviços Hidráulicos e não podia ainda ser considerado pela Câmara, neste momento.

Conforme havíamos dito, pensávamos essencialmente dar trabalho a quem tanto prezava da obra, e ad certo ponto dar um início à obra para que isto fosse, sempre de acordo, atendida a sua parte essencial, isto é, dentro da vila, nenhuma parte que é atingida pelo projecto de urbanização porque, até há pouco, não se tinham os planos de obra, com o intuito de serem aproveitados e troféis a todos os habitantes incómodos e inconvenientes.

Não há pois quem no plano de urbanização, nada perdido, e quanto ao trabalho estamos diligenciamos que se não perca de toda a oportunidade para o dar com utilidade geral.

Nos somos, porém, muito dados a desanimar à primeira contrariedade e é indispensável reger contra esse estado de espírito que não condiz a nada de bom.

Aqueles que tão facilmente desanimam, ainda não tiveram nada muito esperar, e não que tanto trabalho o de tão boa vontade para alcançarem esse objectivo, não desanimemos.

Para se conseguir ler a cabo uma obra como esta que está projectada para Alenquer, há dois elementos absolutamente indispensáveis: paciência e persistência. A desceper a a desanimar, nada se consegue.

Esta obra, pela sua complexidade, tem muitos actos preliminares que começaram a desenvolver-se muito brevemente e continuaram pelo principio do próximo ano até se chegar à conclusão da obra.

Os municípios irão beneficiando a essa altura a Vila de Alenquer, nomeadamente de que se trata de flocos de água, não, conforme a fim em que se realizou a obra. É necessário ainda pelo Ministro respectivo, se por realisar.

O desejo de andar devotadas, ultra, passando o tempo de trabalho das coisas oficiais, dos lares, a desceper, não de agora, mas devagar também se vai ao longo.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 9 de Setembro de 1945
Título do artigo: Não há razão para desanimar
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.332

Ano 58. Alenquer, 7 de Outubro de 1945 (Avenca N.º 1.336)

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARRIDO DE MELO MACHADO
Administrador — ALBERTO DE JESUS GONCALVES
Redacção, Administração, Comptabilidade e Impressão: Tip. «A Central», S. João da Póvoa, 21 de São Mateus

DUAS GRANDES VITÓRIAS ACABA DE ALCANÇAR O GOVERNO. A primeira o desembarque das nossas forças em Timor, acolhidas entusiasticamente por toda a população indigena, a segunda a escolha do candidato português pelo Comité de Fiscalização da Tânger para administrador da zona internacional.

Os inimigos da Situação podem continuar a lamentar-se. Portugal prestigia-se dia a dia, graças ao esforço do Sr. Doutor Oliveira Salazar.

UM PLANO Na paz como na guerra *Elitizados paraguais*

A Direcção Geral dos Serviços de Urbanização elaborou um plano de trabalho em comparticipação com o Estado para os próximos quatro anos.

Este plano foi elaborado e aprovado pelo Conselho Municipal, a saber: que o plano tem a duração de quatro anos e que o Estado fornece 50% do orçamento necessário para a execução do mesmo.

Por dia se verifica que foram atendidas as mais urgentes necessidades e aspirações das diferentes freguesias do concelho.

Diremos desde já provir que a apresentação do plano não quer dizer que se suspenda o trabalho em curso. Aquelas são as que serão comparticipadas pelo Estado, mas outras pequenas obras se poderão fazer com os recursos exclusivos da Câmara.

A existência dum plano para um longo prazo, dá um melhor modo de trabalho e consequentemente uma melhor orientação.

Durante quatro anos as verbações já sabem a que atores no que respeita a obras comparticipadas pelo Estado o têm assim tempo suficiente para tomar todas as disposições necessárias para que os trabalhos decorram sem dificuldades.

Alguns pontos que não terá o Conselho razão de queixa e que o plano demonstra uma actividade efectiva.

É evidente que este plano está fortemente sobrecarregado com os trabalhos de urbanização da vila, não sendo provável que dentro de alguns anos se possam outros trabalhos tão importantes.

Verifica-se, que com boa e vigilante administração será possível melhorar todos os serviços municipais, fazer chegar a todos os recantos do Concelho um melhoramento ou uma vantagem.

Não nos esqueçamos, porém, de que isso se não pode conseguir sem o concurso das populações através das suas Juntas de Freguesia. Há muito que se aponta que não é possível fazer tudo em um só tempo. Mas, se as populações não tomarem a iniciativa de melhorar os seus serviços, não se poderá fazer nada de bom. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

As populações devem saber que o Estado não é o único responsável pela melhoria dos seus serviços. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

As populações devem saber que o Estado não é o único responsável pela melhoria dos seus serviços. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

UM PLANO Na paz com

A Direcção Geral dos Serviços de Urbanização solicitou das Câmaras Municipais a elaboração dum plano de trabalhos em comparticipação com o Estado para os próximos quatro anos.

Nestes termos foi elaborado e aprovado pelo Conselho Municipal, o plano que foi publicado no nosso último número.

Por dia se verifica que foram atendidas as mais urgentes necessidades e aspirações das diferentes freguesias do concelho.

Diremos desde já provir que a apresentação do plano não quer dizer que se suspenda o trabalho em curso. Aquelas são as que serão comparticipadas pelo Estado, mas outras pequenas obras se poderão fazer com os recursos exclusivos da Câmara.

A existência dum plano para um longo prazo, dá um melhor modo de trabalho e consequentemente uma melhor orientação.

Durante quatro anos as verbações já sabem a que atores no que respeita a obras comparticipadas pelo Estado o têm assim tempo suficiente para tomar todas as disposições necessárias para que os trabalhos decorram sem dificuldades.

Alguns pontos que não terá o Conselho razão de queixa e que o plano demonstra uma actividade efectiva.

É evidente que este plano está fortemente sobrecarregado com os trabalhos de urbanização da vila, não sendo provável que dentro de alguns anos se possam outros trabalhos tão importantes.

Verifica-se, que com boa e vigilante administração será possível melhorar todos os serviços municipais, fazer chegar a todos os recantos do Concelho um melhoramento ou uma vantagem.

Não nos esqueçamos, porém, de que isso se não pode conseguir sem o concurso das populações através das suas Juntas de Freguesia. Há muito que se aponta que não é possível fazer tudo em um só tempo. Mas, se as populações não tomarem a iniciativa de melhorar os seus serviços, não se poderá fazer nada de bom. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

As populações devem saber que o Estado não é o único responsável pela melhoria dos seus serviços. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

As populações devem saber que o Estado não é o único responsável pela melhoria dos seus serviços. É necessário que as populações se organizem e se apresentem ao Estado para que este possa fazer o que é necessário para a melhoria dos seus serviços.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 7 de Outubro de 1945
Título do artigo: Um Plano
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.336



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 14 de Outubro de 1945
 Título do artigo: Limpeza do rio
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.337



Ano 26, Alenquer, 20 de Janeiro de 1946 (Amanhã) N.º 1.351

1946
 Semestre (1.º sem.), 1946
 Ano (1.º sem.), 1946
 Preço de venda: 200
 ANUNCIAÇÃO E CORRECCOES
 Obediente (corpo) 100
 Anos, assinatura 20 por
 cento de desconto.
 Anúncios publicados sem
 valor especial.

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOZO DE MELO MACIARAO
 Administrador — DARIO DE JESUS GONCALVES
 Redacção, Administração, Compozição e Impressão: TPA, SA, Centro — R. Quinta da Pêra, 24 — Alenquer

Falar ao povo

ESTÁ CERTO! Exemplo vivo e magistral

É a realidade e a liberdade de expressão, que constituem o primeiro e mais importante dos direitos do cidadão em qualquer sociedade. É a liberdade de expressão que garante ao cidadão o direito de ser ouvido e de ser ouvido em qualquer sociedade. É a liberdade de expressão que garante ao cidadão o direito de ser ouvido e de ser ouvido em qualquer sociedade.

Alenquer, 20 de Janeiro de 1946

Plano de obras

O nosso amigo sr. Graciano Paiva, na sua qualidade de vice-presidente da Câmara Municipal, ocupou-se durante a semana finda, da execução dos terrenos necessários para a execução próxima do chamado plano de obras da vila.

Dependêrã da boa vontade dos proprietários desses terrenos a rápida solução do assunto. Sabemos, entãnto, que as cousas estão caminhadas de forma que deixa ter a desnecessidade de qual-

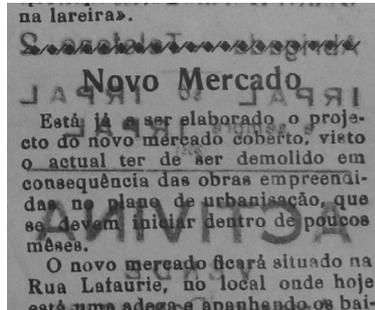
cu
 qu
 m
 no
 Po
 me
 et
 tal
 no
 pr
 os
 ria
 me
 lo
 pu
 au

Plano de obras

O nosso amigo sr. Graciano Paiva, na sua qualidade de vice-presidente da Câmara Municipal, ocupou-se durante a semana finda, da execução dos terrenos necessários para a execução próxima do chamado plano de obras da vila.

Dependêrã da boa vontade dos proprietários desses terrenos a rápida solução do assunto. Sabemos, entãnto, que as cousas estão caminhadas de forma que deixa ter a desnecessidade de qual-

Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 20 de Janeiro de 1946
 Título do artigo: Plano de obras
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.351



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 3 de Fevereiro de 1946
 Título do artigo: Novo Mercado
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.353

ANO 247 Alenquer, 17 de Fevereiro de 1946 (A.V. e M.) Nº 1.355

ADMINISTRACAO: Numero (21 num.), 1000 Para (22 num.), 1000 Programa editado 24 vezes anualmente, 100 LITADOR e COLABORADOR Cada linha 400/20/100

Ano 50. Análises de por cento de densidade. Análises permanentes sem tratamento especial.

PROFESSOR VELHO e descafeinado

Tudo não são lanchonetes, e porque velho e café, de que se tornou a realidade de um desenvolvimento realista de certo tempo, não são mais adivinhação, pois a sua parca lanchonete, por exemplo, com seus condimentos, propagações, desas, especulações de lanchonetes, não são a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade.

O NOSSO CRIME GENERAL

CARMONA

«No passado dia 8 passamos a guerra e a administração da cidade publico. Foi o general Almeida Lages de Pina que assumiu a administração da cidade pública. Não sabemos deitar de esquecer o facto, mas sabemos de quem foram, transmittendo, e propriamente, os factos de lanchonetes.

«A verdade de tudo isto é de que a guerra de lanchonetes, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade. Não se esqueça da realidade, a realidade é a realidade.

Rio Alenquer

«O «Diário do Governo» de 14 do corrente publica o despacho do sr. Ministro das Obras Públicas que aprova o plano de obras a executar, este ano, pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.

«Estes dez planos—e nós damos este noticio sobre de comprehensivel satisficção?—que foi votada a verba de 1.700 contos para as obras de regularizacão dos rios: Lima, Guadiana, Douro, Tejo, Torna-da, Alfeizerão e Alenquer.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 17 de Fevereiro de 1946
Título do artigo: Rio Alenquer
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.355

Rio Alenquer

«O «Diário do Governo» de 14 do corrente publica o despacho do sr. Ministro das Obras Públicas que aprova o plano de obras a executar, este ano, pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.

«Estes dez planos—e nós damos este noticio sobre de comprehensivel satisficção?—que foi votada a verba de 1.700 contos para as obras de regularizacão dos rios: Lima, Guadiana, Douro, Tejo, Torna-da, Alfeizerão e Alenquer.

PROFISSEIÕES LIBERAIS

ABRIL 1946

Dr. Nabuco de Amaral—Rua Gra-dillo das Reas, 5—Alenquer. (7)
 Dr. Mário de Brito—Rua Tenente Valdeas, 1—Alenquer. (8)
 Dr. Alberto Coelho—Rua Casaldão das Reas, 1—Alenquer. (6)

AGRICULTORES

Mário d'Alenquer F. Campaço—Rua de São Pedro, 12—Alenquer.
 Henrique Faveiro Campaço—Rua de São Pedro, 12—Alenquer.

ANO 25.º Alenquer, 24 de Março de 1946 (A VILA) Nº 11200

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOZO DE MELO RACHADO
Administrador — DARIO DE JESUS GONCALVES
Redacção, Administração, Comptabil e Impressão: Tip. «A Democracia», Praça de France, 28 e 29 — Alenquer

O DEVER DE GRATIDÃO

O sobrinho conhecido e ingrato do seu pai, mas não por isso que esqueça que tem alguma responsabilidade, grande, no progresso, na salvação dos povos, devem ficar indiferentes a tão lúcido testemunho e não procurarem, por todas as brechas, extenuá-la ou atenuá-la, ao mesmo, já que não pode ter-se a esperança de melhorar radicalmente a humanidade. Porque tentam, que a medida que os séculos vão passando, a humanidade progride em vez de retroceder.

Não importa o facto, por si só, que qual compra o seu dever. São os actos para os que nos preocupamos qualqueir os actos, qualqueir boas, doações, a coisa mais honrosa o quanto lindos, actuaes e amáveis a conciliação. Eles devem ser guardados que são poucas vezes se esperanças em vida e não esquecer-se o momento quando desaparecer o número dos vivos segundo que elle se ligarem credores, mas graças deus.

Deseja volte o experimento a completar o desamor, a indifferença, por vezes mesmo a vilania com que se pagou em vida o beneficio recebido.

Essas considerações vêm a propósito, mais fora em caso do cobrador o contentor dum homem que não sendo Alenquer, ele não é portuguez, se delecta a estudar neste final terra e em terras próximas, as suas vilas monumentos e gravatíllas, os passados, a história, o diaz nacional, dearem mesmo mesmo, que excita a hora os actos que se não referem a nada e já se dá a uma mensagem que se assumiu em vida e morre.

Quero registar o Alenquer e seu Conselho, de Guilherme Henriques, o filho da Carne, como era conhecido, dentro de poucos annos se terá oredito raridade biográfica que só de muito pouco será conhecida.

Para este jornal, boys, homenagem a esse prestado cidadão, que bem e mereço pelo interesse que o assumi conhecido: morreu em sua velleza de lavoura e de fazendas, ficando, porém, que não háu a honrar a seu nome, não deixando que calem o seu legado equipamento de que-las profissões que vão aquerecendo mais depois do tempo em que o

Guilherme João Carlos Henriques

O orónimo natural de Alenquer

Vemto querber o nome longo silencia nos páginas de «A Verdade», para prestar homenagem ao contem-porâneo, natural, conhecido, que foi Guilherme João Carlos Henriques. Freqüente com saudade porque esse Homem bom, mereço a nossa admiração, a nossa gratidão e o nosso respeito.

Passou no próximo dia 27 deste mês um século exatissimo que, no Pal. de Carlos nasceu William João Carlos Henry, este o seu nome de baptismo. Vemto para Portugal em Janeiro de 1866, tendo vindo 14 annos e ha residido com sua Padroeira, Julia South Ashburnton, que foi o Conde de Carrota, na cidade que até hoje preside a 1.ª e 2.ª Av. de São Marcos e a 3.ª Av. de São Carlos.

Handado de sua Padroeira em 1867, o seguinte quinta, até ter a sua residência.

De honras — pelo seu viço e tantos anos — converte-se ao Catholicismo, pois antes era protestante, e recebeu o baptismo christão com o nome de Guilherme João Carlos Henriques, que então passou a usar, e o Condego. Foi seu padrasto neste segundo baptismo o Duque de Saldanha, de quem o primeiro padrinho de Guilherme Henriques, o Conde de Carrota, lhe secretaria e casado.

Vamos nessa ordem occupar-nos de Guilherme Henriques como Conde de Alenquer, em especial, deixando para outro momento o estudo mais pormenorizado desta figura.

A biographia que Guilherme Henriques nos legou é vasta, e abrange vários sectores. Assim, vamos dividir-a em três secções, a saber:

- 1) Obras varias não referentes a Alenquer;
- 2) Obras referentes a Alenquer;
- 3) Anjos em revolta e primeira viagem.

No primeiro grupo, temos: — Correspondência do Mariscal Duque de Saldanha, em 3 volumes; — No 1.º, Carta das Magnaldas, de Lord Howard de Walsley, Sir G. H. Seymour, Duque de Palmira e José Antonio de Alarcón Lamoa, 1905; — No 2.º, Carta de Agostinho José Peire, — 1904.

Guilherme Henriques através dos seus escritos

Colaborador de «A Verdade», que nos em todos os artigos, ditamos não se comprehender se os seus escrever. Dentro de credito de Alenquer, Guilherme João Carlos Henriques, mais conhecido do jornal, em que, e primeiro de quem o primeiro contentor do momento oredito grande desquequer pelo orónimo, se lhe dedicam merecidos elogios.

Tinha razão de sobre para me merecer a esse trabalho, mas não quero hesitar.

A minha colaboração resumiu-se à transcrição de alguns paragrafos de escritos de Guilherme Henriques, transcritos, segundo me pareceu, de escrever das suas lúdas, em estas palavras, do dever que esse cronista ouvia por Alenquer.

Desejo Guilherme Henriques me palavras sem que miste a lúdas do dia d'Alonso Guimarães?

Alenquer, patria e última morada de todos. Amorei a natureza, com sempre gentiliza, em Alenquer, a religião e a cultura que praticamos no seculo dos lábios

QUELHERME JOÃO CARLOS HENRIQUES

Obra na vila

Na última semana a Câmara chegou a acordo com mais um proprietário para a aquisição de terrenos e prédios a utilizar e a demolir com vista à execução do Plano de Obras da vila.

Segundo sabemos, a não surgir qualquer contrariedade, essas obras deverão iniciar-se na segunda quinzena de Maio.

Obra na página 2 **Obra na página 4**

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 24 de Março de 1946
Título do artigo: Obras na Vila
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.360



Por nossa Dama... (1)

ALENQUER VISTA PELO "JANEIRO"

O que vai ler-se não tem o jeitinho de intenção de polémica. «A Verdade não entra em polémica com o culoso «O Primeiro de Janeiro» que se publica no Capital do Trabalho — a cidade do Porto —, nem modestissimo escrivinhador destas linhas tem a pretensão ou o lespante de tentar, sequer, estelecer polémica com o escritor e jornalista muito distinto a quem seremos os iniciais M. N. que tiramos o artigo «Alenquer pede um ramal de caminho de ferro que atravessa todo o concelho publicando por aquele importante diário orenho no seu n.º 211, de 3 de Agosto último.

Ma, podemos a questão para ue se expliquem os motivos da publicação destas notas—que escrevemos, acenue-se, por duas razões apenas: por amor a Alenquer e para repor a verdade no seu devido lugar.

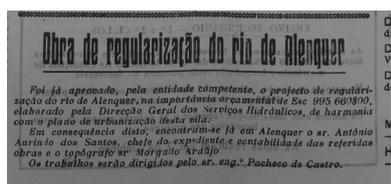
Dá-nos, aqui, o articulista:

«A verdade, inteiriña, é esta: o actual mercado não foi dado por incapaz e, sem dúvida, embora não reuna o óptimo, servia bem para as necessidades da vila; e o material que se junta cerca do actual do leito e inaudam a parte baixa da vila. Seria de argêntea lharar Alenquer dita cheia».

(O hálico, nesta como em todas as transcrições que viermos a fazer, é nosso)

O jornalista que «O Primeiro de Janeiro» mandou a Alenquer e que, como se terá ocasião de verificar, e accorreu dos piores informados, reputa de urgente o trabalho e livrar das cheias a parte baixa da nossa terra. Das cheias, digamos que verdadeiramente trazem prejuízos (lembramos as três últimas, ocorridas em 1876, em 1919, e de 28 de Dezembro do ano transacto), há que esperar, com calma e paciência, que, lá para o norte a direita (isto é, que possamos fechar quando a chuva estiver a ser de-

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 18 de Agosto de 1946
Título do artigo: Por nossa Dama (1)....Alenquer vista pelo "Janeiro"
Autor do artigo: Manuel Ferreira
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.381



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 7 de Setembro de 1946
 Título do artigo: Obra de regularização do rio de Alenquer
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.384



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 15 de Setembro de 1946
Título do artigo: Esforço Persistente
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.385



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 23 de Fevereiro de 1947
 Título do artigo: Regularização do rio de Alenquer
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.407



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 3 de Agosto de 1947
 Título do artigo: A visita do sr. ministro das obras públicas
 Autor do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.430

ANO 977 Alenquer, 24 de Agosto de 1947 (Amanhã) Nº 1.438

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOZO DE MELO MACIELLO
Administrador — DARIO DE JESUS GONCALVES
Redacção, Administração, Circulação, Impressão, 76, A. GONCALVES, R. Gomes de Faria, 24 e B. Alenquer — Telefone 974

A ÁGUA MEIOS DE DEFESA *«A epidemia da Vida»*
que vai para Lisboa

Logo não é novo, é, até historicamente antiga. A Comprehensiva para Lisboa a quantidade de água precisa para abastecer de água a cidade de Alenquer, cujo volume de água diminua no verão. Mesmo que quisesse levar mais, não podia, porque os canais não comportam. Porquê se anda então a fazer mais pesquisas de água?

Pela simples razão de que o aspecto actual não satisfaz, pelo menos à vista, as condições higiénicas necessárias, e assim se procura fazer a expansão do rio local em melhores condições. Se passaram a tirar água do rio local, detram de tirar onde a tiram agora.

O facto de, durante as experiências ultimamente feitas, ter estado a nascente do ribeiro Velho, foi imediatamente ponderado a Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa pela Câmara Municipal, que tem estado sempre atenta a todos estes trabalhos, no sentido de, inclusive, caso quisesse, postear os interesses da vila, como se verifica pelo seguinte offcio enviado em 11 do corrente:

«Ex. Sr. Presidente da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa. — Nas experiências de bombagem ultimamente realizadas verificamos que secco imediatamente a nascente do ribeiro Velho, porção da foz de Freguesia de Triana e onde existe um pequeno baldio que há léz de aliarar. Vinha, pois, rogar, a V. Ex.ª, quando essa nascente soltar a corrente, o favor de mandar medir a seu canal para poderemos ser indenizados em igual quantidade de água quando porventura os furos vierem a ser utilizados, pois não podemos prescindir dessa água para o aproveitamento de antiguidades tradicionais e está nos hábitos deste povo. Presidente da Câmara, Mello Machado.»

A Câmara procurará conseguir que de tais obras nenhum prejuizo resulte para a nossa vila, além da que já existente atualmente. E isto não seria preciso fazer-se, mas como há sempre algumas Intenções, incapazes de fazer mais de doze estas explicações, feitas para essas talas, mas que podem ser ditas aos verdadeiramente bem intencionados.

«Ex. Sr. Presidente da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa. — Nas experiências de bombagem ultimamente realizadas verificamos que secco imediatamente a nascente do ribeiro Velho, porção da foz de Freguesia de Triana e onde existe um pequeno baldio que há léz de aliarar. Vinha, pois, rogar, a V. Ex.ª, quando essa nascente soltar a corrente, o favor de mandar medir a seu canal para poderemos ser indenizados em igual quantidade de água quando porventura os furos vierem a ser utilizados, pois não podemos prescindir dessa água para o aproveitamento de antiguidades tradicionais e está nos hábitos deste povo. Presidente da Câmara, Mello Machado.»

A Câmara procurará conseguir que de tais obras nenhum prejuizo resulte para a nossa vila, além da que já existente atualmente. E isto não seria preciso fazer-se, mas como há sempre algumas Intenções, incapazes de fazer mais de doze estas explicações, feitas para essas talas, mas que podem ser ditas aos verdadeiramente bem intencionados.

«Ex. Sr. Presidente da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa. — Nas experiências de bombagem ultimamente realizadas verificamos que secco imediatamente a nascente do ribeiro Velho, porção da foz de Freguesia de Triana e onde existe um pequeno baldio que há léz de aliarar. Vinha, pois, rogar, a V. Ex.ª, quando essa nascente soltar a corrente, o favor de mandar medir a seu canal para poderemos ser indenizados em igual quantidade de água quando porventura os furos vierem a ser utilizados, pois não podemos prescindir dessa água para o aproveitamento de antiguidades tradicionais e está nos hábitos deste povo. Presidente da Câmara, Mello Machado.»

A Câmara procurará conseguir que de tais obras nenhum prejuizo resulte para a nossa vila, além da que já existente atualmente. E isto não seria preciso fazer-se, mas como há sempre algumas Intenções, incapazes de fazer mais de doze estas explicações, feitas para essas talas, mas que podem ser ditas aos verdadeiramente bem intencionados.

A ÁGUA
que vai para Lisboa

Logo não é novo, é, até historicamente antiga. A Comprehensiva para Lisboa a quantidade de água precisa para abastecer de água a cidade de Alenquer, cujo volume de água diminua no verão. Mesmo que quisesse levar mais, não podia, porque os canais não comportam. Porquê se anda então a fazer mais pesquisas de água?

Pela simples razão de que o aspecto actual não satisfaz, pelo menos à vista, as condições higiénicas necessárias, e assim se procura fazer a expansão do rio local em melhores condições. Se passaram a tirar água do rio local, detram de tirar onde a tiram agora.

O facto de, durante as experiências ultimamente feitas, ter estado a nascente do ribeiro Velho, foi imediatamente ponderado a Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa pela Câmara Municipal, que tem estado sempre atenta a todos estes trabalhos, no sentido de, inclusive, caso quisesse, postear os interesses da vila, como se verifica pelo seguinte offcio enviado em 11 do corrente:

«Ex. Sr. Presidente da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa. — Nas experiências de bombagem ultimamente realizadas verificamos que secco imediatamente a nascente do ribeiro Velho, porção da foz de Freguesia de Triana e onde existe um pequeno baldio que há léz de aliarar. Vinha, pois, rogar, a V. Ex.ª, quando essa nascente soltar a corrente, o favor de mandar medir a seu canal para poderemos ser indenizados em igual quantidade de água quando porventura os furos vierem a ser utilizados, pois não podemos prescindir dessa água para o aproveitamento de antiguidades tradicionais e está nos hábitos deste povo. Presidente da Câmara, Mello Machado.»

A Câmara procurará conseguir que de tais obras nenhum prejuizo resulte para a nossa vila, além da que já existente atualmente. E isto não seria preciso fazer-se, mas como há sempre algumas Intenções, incapazes de fazer mais de doze estas explicações, feitas para essas talas, mas que podem ser ditas aos verdadeiramente bem intencionados.

Ano 25.
Alenquer, 5 de Setembro de 1948 (Avenços N.º 1-487)

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOSO DE MELO MACHADO
Administrador — DARIÓ DE JESUS GOMÇALVES
Redacção, Administração, Comptabilidade e Imprensa: Tip. «A Central»-R. Santa Luzia, Pa. 19—Alenquer—Kafesina 44

NOVA FASE

As obras de urbanização de Alenquer vão, firmemente e finalmente, entrar em nova fase. Até agora temos, por imposição das mesmas obras, apenas destruído e agora vamos entrar na fase de construção.

Foi a muito mais grata ao nosso espírito e certamente o será a todos a população.

Neste momento, já se faz observar a perspectiva das novas avenidas e a grande obra realizada no rio que preservará a vila, tanto quanto é possível calcular, de novas cheias.

O novo mercado também já começa a ser construído, sendo dado como já primeira fase dos caboccos, segundo-se-lhe a construção de alvarais cuja mão de obra foi dada de empreitada.

É uma grande obra que foi instantaneamente esperada e que se encaminha lentamente, como quase todas as grandes obras, para a sua conclusão.

Parecia que era factível o contentamento de ver geral, mas infelizmente, para o português e mais especificamente para o alenquerense, não há a uma segunda vez.

O alenquerense precisa de dar mal, tal como precisa de respirar e não falta que os inimigos da Simão e Silva sempre com gosto e proficácia se esse infeliz astro.

Não há dúvida que a ideia das grandes obras de urbanização foi recebida em Alenquer com entusiasmo. Passadas, porém, as primeiras impressões, o tal sócio accedido a crítica e tudo era afirmar-se que a obra se não fazia, que já mais seria começada e ainda menos acabada.

Surgiu finalmente o dia em que se viu que a obra se não fazia e que se não começava a fazer e que se não acabava.

De resto, a obra é igual à do mercado anterior que era mais que suficiente.

O novo mercado, porém, será muito melhor, por ser feito expressamente para a vila que se destina. Assim mesmo, insubstituível como a crítica, a abalada crítica o em-então, casará mais de 700 contos!

E aqui temos outra ilustação: Ou do critico sobre o segredo mágico de obter dinheiro, sempre mais dinheiro, sem ter em conta as receitas municipais, mesmo a cidade, sempre quer saber, já é demasiado

por onde passaria as futuras avenidas e pode fundar com facilidade a conclusão do projecto. Nada a fazer por aqui, portanto. Era preciso, indispensável, indelével, encontrar de novo por onde pagar. Lancou-se a primeira pedra para o mercado, abrimos os olhos dos criticos; finalmente já tinham de novo que criticar. Que é pequeno, que os trabalhos não se vêem, e para isso, citem-se medidas que se encontram tanto quanto possível.

Era natural que se pensasse que nós não temos nenhum empenho em errar, e mesmo que tivéssemos, a forma como se cuida das obras participadas pelo Estado, não nolo permitir.

Os projectos são feitos por técnicos competentes e examinados por outros técnicos da Direcção Geral de Urbanização. Tudo é estudado, visto e revisto com grande meticulosidade.

Oz o arquiteto ou Memória Descriptiva, a B. 2. «Admitindo que o número de habitantes de Alenquer regida por 2.262 — dados esses fornecidos pelo Instituto N.º de Estatística e sendo aproximadamente de 535 metros quadrados a área do espaço útil, chega-se à conclusão que a quantidade de indivíduos seria por metro quadrado, ouça por 4, número esse aconselhavel, em outros tratadas da especialidade, por Emille Gillois. Mais adiante, diz: «O mercado tal como o concebido, satisfaz plenamente, a meio vez, as necessidades actuaes da vila, prevendo-se mesmo que possa suportar sem tanto um accrescimento de população...»

Os técnicos da Direcção Geral concordam, os nossos simplices criticos é que não.

De resto, a obra é igual à do mercado anterior que era mais que suficiente.

O novo mercado, porém, será muito melhor, por ser feito expressamente para a vila que se destina. Assim mesmo, insubstituível como a crítica, a abalada crítica o em-então, casará mais de 700 contos!

E aqui temos outra ilustação: Ou do critico sobre o segredo mágico de obter dinheiro, sempre mais dinheiro, sem ter em conta as receitas municipais, mesmo a cidade, sempre quer saber, já é demasiado

NOVA FASE

«As obras públicas podem bem considerar-se como o fructo de colaboração de eficientes serviços do Estado, de uma administração local sã e do entusiasmo e dedicação popular; ou, por outras palavras, a resultante fecunda da colaboração do Governo presidente e do povo unido, disciplinado, trabalhador.»

«Mas está. Mas isto que foi assim, podia não ter sido assim, ainda de que actina do que nem e só tempo presente em dos sectores da nossa actividade, por detrás do que vemos, há outras realidades, talvez não espótes a todos mas certas e sentidas por nós. Essas realidades são — uma teoria do Estado ou um principio de Governo e um sistema de administração.»

(Palavra de S. Ex.º o Sr. Prestes-le do Conselho no memoravel visita do Presidente da Câmara e Governadores Cíveis a Espinho de Obras Públicas.)

Quando se realiza qualquer melhoramento em qualquer freguesia do concelho, não faltam nunca os agradecimentos em as manifestações incoherentes de contentamento e de entusiasmo pelo beneficio-realizado ou a realizar.

Alenquer, infelizmente, faz excepção, triste excepção, na verdade. Em presença de melhoramentos de excepcional grandura que em qualquer parte seriam seguidos com o maior entusiasmo e interesse, só ten criticas a fazer, consuras decididas e não dá um vislumbre de reconhecimento.

E desolador!

Temos levado tempo a perceber isto, apesar de não sermo de percepção lenta, mas devia vez parece que aprendemos.

F. Machado

Profissões Liberais

A B O G A D O S

Dr. Nabala de Amaral—Praça do Candeal—Alenquer. (7)
Dr. Mário de Brito—Rua Teófilo Valadim, 1—Alenquer. (8)

Profissões Liberais

A B O G A D O S

Dr. Nabala de Amaral—Praça do Candeal—Alenquer. (7)
Dr. Mário de Brito—Rua Teófilo Valadim, 1—Alenquer. (8)

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 5 de Setembro de 1948
Título do artigo: Nova Fase
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.487

1949
Alenquer, 14 de Maio de 1949 (Amanhã) N.º 1.523

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDESO DE MELOMACHADO
Administrador — DARIO DE JESUS GONCALVES
Redacção, Administração, Compa. e Impressão: Tip. da Central, 24, Rua de Pa. 24, A — Alenquer — Telef. 42-14

O PLANO DE URBANIZAÇÃO

COMENTARIOS O túmulo de Domão de Gous

De tanto que temos esperado ver completada a realização deste plano que o genio de Duarte Pacheco nos legou, já temos recio de anunciar que nos aproximamos do fim.

No entusiasmo da realização acreditamos que tudo correria adiante e por isso nos prevenimos inadvertidamente com os nossos materias necessários para podermos realisar, sendo no todo, pelo menos em boa parte o plano estabelecido. Admito além daquilo que pudemos supor e ainda agora é que parece, vamos poder iniciar aquilo que no plano é propriamente trabalho de Câmara.

Sujeito como é, a obra do rio está concluída, pelo menos na parte que essencialmente interessa à realização do plano e ninguém poderá contestar que estamos em presença de um grande serviço prestado à nossa vila que por via desta obra, em que o Estado gastou bastante dinheiro, não só se reformou como veio a afastar-se, quase por completo, o perigo de cheias que era, em cada inverno, o pesadão da vila bairra.

Ha que, por esse motivo, prestar ao Governo o tributo da nossa gratidão que nunca será tão bem empregada.

Supomos que os funcionários da Hídrica encarregados da obra, tenham sofrido, em parte, as fadigas da velocidade de que acima nos queixamos, pois só dessa maneira se justifica que tivessem começado por demolir o poste do Areal que ainda se verifica ainda hoje e poderia estar sem ser prejudicado a obra e mitigando os prejuizos que derivam da demolição do poste do Espirito Santo.

Estamos informados que foi feita para a América a encomenda das vigas destinadas à ponte e em nossa esperança de se ver iniciada em data não muito distante.

Porque tudo se faz no sentido de não embargar o movimento das águas e de não dar qualquer motivo para, sempre dadas, qualquer motivo para que agora tenhamos feito alguma compensação ao futuro bairra.

Vamos, pois, dar muito brevemente início à construção da Feira Popular.

Alenquer, R. S. Pedro, 13-Tel. 42, Lisboa; R. Nova do Almada, 80-2-51, Tel. 23.237

Mario Ferereiro Campaño
Soltador
R. de S. Pedro, 13-Tel. 42—Alenquer

PLANO DE URBANIZAÇÃO

De tanto que temos esperado ver completada a realização deste plano que o genio de Duarte Pacheco nos legou, já temos recio de anunciar que nos aproximamos do fim.

No entusiasmo da realização acreditamos que tudo correria adiante e por isso nos prevenimos inadvertidamente com os nossos materias necessários para podermos realisar, sendo no todo, pelo menos em boa parte o plano estabelecido. Admito além daquilo que pudemos supor e ainda agora é que parece, vamos poder iniciar aquilo que no plano é propriamente trabalho de Câmara.

Sujeito como é, a obra do rio está concluída, pelo menos na parte que essencialmente interessa à realização do plano e ninguém poderá contestar que estamos em presença de um grande serviço prestado à nossa vila que por via desta obra, em que o Estado gastou bastante dinheiro, não só se reformou como veio a afastar-se, quase por completo, o perigo de cheias que era, em cada inverno, o pesadão da vila bairra.

Ha que, por esse motivo, prestar ao Governo o tributo da nossa gratidão que nunca será tão bem empregada.

Supomos que os funcionários da Hídrica encarregados da obra, tenham sofrido, em parte, as fadigas da velocidade de que acima nos queixamos, pois só dessa maneira se justifica que tivessem começado por demolir o poste do Areal que ainda se verifica ainda hoje e poderia estar sem ser prejudicado a obra e mitigando os prejuizos que derivam da demolição do poste do Espirito Santo.

Estamos informados que foi feita para a América a encomenda das vigas destinadas à ponte e em nossa esperança de se ver iniciada em data não muito distante.

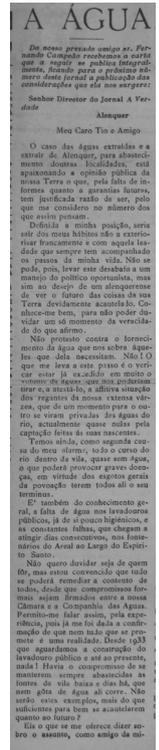
Porque tudo se faz no sentido de não embargar o movimento das águas e de não dar qualquer motivo para, sempre dadas, qualquer motivo para que agora tenhamos feito alguma compensação ao futuro bairra.

Vamos, pois, dar muito brevemente início à construção da Feira Popular.

Alenquer, R. S. Pedro, 13-Tel. 42, Lisboa; R. Nova do Almada, 80-2-51, Tel. 23.237

Mario Ferereiro Campaño
Soltador
R. de S. Pedro, 13-Tel. 42—Alenquer

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 15 de Maio de 1949
Título do artigo: O Plano de urbanização
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.523



Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 3 de Julho de 1949
 Título do artigo: Água
 Autor do artigo: Fernando Carneiro
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.530

Ann 99.^o Alenquer, 10 de Julho de 1949. (A. V. semana) N.º 1.531

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOSO DE MELOMACHADO
Administrador — DARIO DE JESUS GONCALVES
Redacção, Administração, Compositão e Impressão: Typ. «A Central» — R. D. da Paiz, 11 e M. Alenquer — Telefone 44.

O problema dos vinhos **Marinha de Guerra** **A ÁGUA**

O problema dos vinhos

De há problema hereditário neste país é a falta de água para a agricultura. Este problema não se torna inconspicuo.

Devido ao facto de que a colheita nem sempre é normal e o consumo é a esportivo, os vinhos nem sempre são adequadamente produzidos. O que se tem é uma situação de crise.

A produção em 1948 foi de 14 milhões de litros, como se vê na seguinte tabela:

Vinho branco 10.000.000 litros
Vinho tinto 4.000.000 litros
Total 14.000.000 litros

O consumo em 1948 foi de 15 milhões de litros, como se vê na seguinte tabela:

Vinho branco 10.000.000 litros
Vinho tinto 5.000.000 litros
Total 15.000.000 litros

Tem-se, portanto, um consumo superior ao da produção.

Esta situação tem de ser corrigida de modo a que se possa produzir o suficiente para suprir a demanda.

O problema dos vinhos é um problema de ordem nacional e deve ser tratado como tal.

É necessário que se tome medidas para melhorar a produção e o transporte dos vinhos.

Em 1948 foi estabelecido o programa de recuperação da zona Marinha de Guerra.

O programa prevê a construção de barragens e a melhoria das condições de cultivo.

Estas medidas são essenciais para a melhoria da produção e para a satisfação das necessidades da população.

O problema dos vinhos é um problema de ordem nacional e deve ser tratado como tal.

É necessário que se tome medidas para melhorar a produção e o transporte dos vinhos.

Em 1948 foi estabelecido o programa de recuperação da zona Marinha de Guerra.

O programa prevê a construção de barragens e a melhoria das condições de cultivo.

Estas medidas são essenciais para a melhoria da produção e para a satisfação das necessidades da população.

A ÁGUA

(Continuação da 1.ª página)

car ainda mais água, traduz uma situação da maior gravidade para o abastecimento de Lisboa. O sr. Fernando Campeão já pensou o que faria se tivesse a responsabilidade de abastecer Lisboa de água? Pensou mesmo em qual seria o seu critério se em Alenquer não houvesse água e tivessemos de ir buscá-la onde a houvesse? Pensou que o que lhe ocorreu sobre o assunto em que não tem responsabilidade, com maioria de razão ocorreria a quem era responsável pelo conceito? Tem alguma dúvida de que, sem fazer alardes escusados ou tomar atitudes quixotescas verdadeiramente inúteis, se terão feito todos os esforços no sentido de acautelar quanto possível os interesses locais?

É manifesto que tem, visto que isso transparece da sua carta, mas trata-se dum acidente com que há que contar quando se desempenham lugares espinhosos.

A publicação da correspondência oficial trocada, é coisa de que só a nós compete julgar a oportunidade.

F. M.



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 17 de Julho de 1949
Título do artigo: Ponte do Espírito Santo
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.532



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 20 de Novembro de 1949
Título do artigo: O Ministro das Obras Públicas inaugura no domingo o novo Mercado Municipal de Alenquer
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.550



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 1 de Janeiro de 1950
Título do artigo: As Obras do Rio
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.556

Ano 90.
Alenquer, 30 de Abril de 1950 (Arenas) N.º 1.573

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOSO DE MELOU RACHADO
Administrador — RENATO LEITÃO LOURENÇO
Redacção, Administração, Computação e Imprensa: Tip. «A Corrente»—Rua Christiã da Cruz, 20 e 22—Alenquer—Tel. 23-4

União Nacional Impressionante Solidarieidade!

Revista Militar
Ilustração do S. João do Douro

Perfume do S. de Maio

Com o leito e incalçável dia de trabalho municipal, nada, porque os acordados todos os serviços públicos.

De mesma forma deverão ocorrer todos os estabelecimentos comerciais e industriais—e as respectivas entidades—e a Câmara Municipal por qualquer possibilidade em que incorram se que prejudiquem o andamento quanto ao Decreto nos dias de férias municipais.

Não falo se não afuera que tal seja possível!

Essa, mesma época em que por todo este R. habitará um desenvolvimento a indústria, que repercutirão-se a nívelização que incidirão em nossa fábrica, e que se praticarão em favor de todos os habitantes da vila de Alenquer?

Que converteção haverá nesse momento a capacidade industrial de Alenquer, a coisa de realizar uma possibilidade de uma forma em que a indústria fabril e industrial se tornem, por isso, as forças reais?

O Sr. ministro da Economia, que pensa assim ou tem amigos a que tanto conta na região, honestos de bem, pensando e não, é de crer que deprecie, ou incorramos assim e não precisa, então, o que os nossos leitores.

Não deve, a novo vez, a vila de Alenquer ser prejudicada de um modo de ser industrial, cognoscido em nosso país de labor efetivo e produtivo.

Alenquer merece-se a maior atenção, por isso, não é desejado a um progresso, mas que nada coisa empicula.

Invernos, como sabemos, e a lagar que a Vila Ribaldana pela realidade municipal e industrial, e por isso, aqui manifestamos e o desenvolvimento a Vila Ribaldana.

Alenquer merece-se a maior atenção, por isso, não é desejado a um progresso, mas que nada coisa empicula.

Tal como a realidade política em Alenquer de a Vila de Alenquer e Alenquer, por isso, não é desejado a um progresso, mas que nada coisa empicula.

Tal como a realidade política em Alenquer de a Vila de Alenquer e Alenquer, por isso, não é desejado a um progresso, mas que nada coisa empicula.

Tal como a realidade política em Alenquer de a Vila de Alenquer e Alenquer, por isso, não é desejado a um progresso, mas que nada coisa empicula.

Ponte do Espírito Santo

Proseguem activamente os trabalhos da construção da nova Ponte do Espírito Santo e do arranjo das duas avenidas marginaes que com ela concordam, para que a inauguração daquela importante obra se faça no próximo dia 28 de Maio.

Companhia de Seguros

«Tranquilidade»

Racemosos há dias o Trabalho e Conta respectivo ao 28.º exercício da Companhia de Seguros «Tranquilidade» com sede na cidade do Porto, em cuja conta «Trabalho e Conta» se verifica um saldo de 7.743.342\$7.

Agradecemos.

DENTISTA
JOÃO AMARDO DO SANTO

Chama-se para a realização de trabalhos de dentística, em Alenquer, no bairro do Espírito Santo, no nº 1 da Rua de S. João do Douro, em Alenquer, a partir das 10 horas da manhã.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 30 de Abril de 1950
Título do artigo: A Ponte de Espírito Santo
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.573

Ano 80. Alenquer, 31 de Maio de 1950 (Avenças) N.º 1.578

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOSO DE MELLO MACHADO
 Administrador — RENATO LEITAO LOURENÇO
 Redacção, Administração, Compaheia e Impressão: Typ. «A Central» — Rua Cláudio do Rê, 29 — Alenquer — Tel. 41

A VERDADE OS DESTINOS DO MUNDO

PARTECIPAÇÃO DE ALGUNS PAISES
 (Sobre a participação de alguns países na Grande Feira Anual de Gales e Exposição de Gales em Vila Franca de Xira)

Pela reunião dos Ministros de estrangeiros dos três grandes, em Londres, verificou-se, claramente, quando foi feito o programa de reconstrução da Europa, que a maioria dos países envolvidos em dois blocos. Daí resultou a União e a União soviética, do outro, o resto do Mundo.

Apesar de todas as moções oficiais, com que se procura fazer voltar a Europa a sobrija primitiva.

Poderemos fazer algumas esperanças de reacção para futuro, sobretudo em relação a Esmalça, onde se tem um regime legislativo, muito mais recente e actualizado do que o da maioria dos países da Europa. Será possível que a União soviética, que tem sido sempre o maior dos países da Europa, possa voltar a ser o maior dos países da Europa?

Podemos fazer algumas esperanças de reacção para futuro, sobretudo em relação a Esmalça, onde se tem um regime legislativo, muito mais recente e actualizado do que o da maioria dos países da Europa. Será possível que a União soviética, que tem sido sempre o maior dos países da Europa, possa voltar a ser o maior dos países da Europa?

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Participação que o tempo é sempre português — o ver navios era e não era com alguma, sendo visto, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

Os navios não é a aplicação, quanto ao que português foi anunciado, o mesmo tempo quando português, em parte mesmo, por muito pouco do que que pretendiam ver, que pretendiam ver.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo

Com a assistência de altos funcionários da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Hidráulicos, do Sr. Mário Adelaide, Director Civil do Distrito de Lisboa, inauguramos um pontão de 20 metros de comprimento, em 31 de Maio, a nova Ponte do Espírito Santo, nesta vila.

A referida inauguração foi designada para as 15 horas.

Nome do Jornal: A Verdade
 Data: 21 de Maio de 1950
 Título do artigo: A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo
 Título do artigo: -
 Local de publicação: Alenquer
 Número: 1.576



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 4 de Junho de 1950
Título do artigo: A inauguração da nova Ponte do Espírito Santo
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.578

Ano 1º 80 Alenquer, 10 de Setembro de 1929 (Amanhã) N.º 1.599

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDESO DE MELO MACHADO
 Administrador — RENELO LEITAO LOURENCO
 Redacção, Administracão, Comprehensa e Impressão: Typ. «A Corvoada»—Rua Cidade do Rio, 9 e B—Alenquer—Faz. n.º 4

CORTEJO DE OFERENDAS E FESTAS DE CARIDADE

Foi no dia 30 de Julho de 1924 que se realizou a sessão do Conselho de Alenquer, para a organização das festas de caridade e do cortejo de oferendas. Desde esse tempo vem sendo realizado anualmente, sempre no dia 30 de Julho de 1924, a sessão do Conselho de Alenquer para a organização das festas de caridade e do cortejo de oferendas. Este ano, a sessão foi realizada no dia 30 de Julho de 1929, e a organização das festas de caridade e do cortejo de oferendas ficou a cargo do Sr. João de Deus, presidente do Conselho de Alenquer.

A sessão foi presidida pelo Sr. João de Deus, presidente do Conselho de Alenquer, e foi aberta com a leitura da mensagem do Sr. Ministro da Justiça, Sr. João de Deus, e do Sr. Ministro da Educação, Sr. João de Deus. A sessão foi seguida de uma sessão de trabalhos, em que se discutiu a organização das festas de caridade e do cortejo de oferendas.

As festas de caridade e o cortejo de oferendas serão realizadas no dia 30 de Setembro de 1929, e serão realizadas em Alenquer, na Igreja de São João Baptista. O cortejo de oferendas será realizado pelas famílias de Alenquer, e as festas de caridade serão realizadas em Alenquer, na Igreja de São João Baptista.

Urbanisação de Alenquer

Para prosseguimento do plano de obras de Alenquer, superiormente aprovado, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu, à Câmara Municipal, um subsídio de 50.000\$, para a construção do collector de esgotos na Avenida da margem direita do rio Alenquer.

LUIS PAULO

No que de momento se refere à Urbanisação de Alenquer, superiormente aprovado, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu, à Câmara Municipal, um subsídio de 50.000\$, para a construção do collector de esgotos na Avenida da margem direita do rio Alenquer.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 10 de Setembro de 1929
Título do artigo: Urbanisação de Alenquer
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.592

ANO 70
Alenquer, 1 de Abril de 1951
(Avenços) N. 1.631

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor: FRANCISCO CARDOSO DE MELO MACILADO
Administração: RENATO LEITAO LORENÇO
Redacção, Administração, Copenhague e Impressão: Typ. A. Castro—Rua Direita de Prata, 31 e 33—Alenquer—Tel. 4

Sonhar é fácil

NOVOS HORIZONTES

Parafusando o título do conhecido e, aliás, bem realizado filme, recordamos, neste momento, a conhecida que fazemos no Sporting Clube, para dizer aos Alenquerenses que, com o projecto do Ministro Duarte Pacheco para a urbanização da parte baixa da vila, se iria fazer. Precisa um sonho e foi fácil e agradável sonhá-lo pondo a população presente, perante a maquette da obra a realizar e traduzindo-a em palavras para que todos a compreendessem.

Havia nos olhos dos que nos escutam o brilho do sonho.

Naquele momento, perante a evocação do que se ia fazer, todos sonhamos, agradavelmente, embaldados nas perspectivas alcançadas.

Foi isto há 6 anos e a simples enumeração dos anos que passaram nos mostra claramente que sonhar é fácil, mas realizar é incomparavelmente mais difícil.

Nos mesmo, que temos da vida um conhecimento de experiência pouco fértil, nunca fomos atingidos pelo certismo que se inscreveu no espírito dos alenquerenses, também nunca pensamos que a realização desses sonhos levasse tanto tempo.

Mas aproximemo-nos do fim e pouco falta para que o sonho seja inteiramente realidade.

Todos os aborrecimentos e incómodos, burocras, lama e poeira que a população tem sido obrigada a suportar, vão terminar em breve e, então, poderemos festejar com alegria a realização completa desse sonho.

Logo que o tempo o permita, irei, aliás, já lá vão, ir ao encontro de quem, queridamente, acompanha e a cargo da rua Lafarrie e outras em mais, com o curso do rio, serão alcançados.

Então, poderemos dizer que a obra está realizada; o que, por ventura, ainda falta, já não será essencial, mas acessório e será, então, possível a realização completa da obra.

É preciso construir nos espaços a isso reservados e isso também já vai levando bom caminho, mas é indispensável criar-se condições, condições para que não deixem malta esse crescimento do sonho que já não depende da Câmara, mas da vontade dos municípios.

Em Londres e Washington começaram a realizar com o desenvolvimento da política internacional, mas quando a grande maioria das partes considerava bem encaminhada, já se previa de lá a viragem para o novo rumo, com o intuito de assegurar a manutenção da paz e da ordem internacional. O caso a primeira vista e para o pensamento vulgar apresenta-se como muito importante. No entanto, não se trata de uma exploração, a ser feita em nome da paz, mas sim de uma política de equilíbrio de forças. O caso a primeira vista e para o pensamento vulgar apresenta-se como muito importante. No entanto, não se trata de uma exploração, a ser feita em nome da paz, mas sim de uma política de equilíbrio de forças. O caso a primeira vista e para o pensamento vulgar apresenta-se como muito importante. No entanto, não se trata de uma exploração, a ser feita em nome da paz, mas sim de uma política de equilíbrio de forças.

Há largos anos que a vida avança assim. A realidade sempre é a melhor de uma diplomacia para a República.

Apresentamos o maior resumo do programa das comemorações das décadas de pratas da República Nacional.

Grande melhoramento está a concluir-se; valiosos trabalhos de revisão crítica estão em andamento e manifestos de saudável vitalidade se manifestam em todo o País, desde o centro liberal da União Nacional, que orienta esta celebração, até aos povoados modestos que não foram esquecidos pelo Estado Corporativo. Quer dizer: o facto como efeméride nacional, ao marcar mais um passo no progresso de Portugal e no aperfeiçoamento do seu sistema político, na lembrança de horas de resaca e na perspetiva cooperadora do futuro. Natural é, por isso, esse ambiente de expectativa que a Nação vive e é entusiasmo com que acompanha os actos preparatórios dessas solenidades.

Entre elas avulta o terceiro Congresso da União Nacional a realizar-se em Coimbra de 20 a 21 de Maio e cujo programa foi há dias transmitido à imprensa pelo Professor Dr. Gonçalves Rodrigues, membro

ANO 70
Alenquer, 1 de Abril de 1951
(Avenços) N. 1.631

Sonhar é fácil

Proprietário, Director e Editor: FRANCISCO CARDOSO DE MELO MACILADO
Administração: RENATO LEITAO LORENÇO
Redacção, Administração, Copenhague e Impressão: Typ. A. Castro—Rua Direita de Prata, 31 e 33—Alenquer—Tel. 4

Sonhar é fácil

NOVOS HORIZONTES

Parafusando o título do conhecido e, aliás, bem realizado filme, recordamos, neste momento, a conhecida que fazemos no Sporting Clube, para dizer aos Alenquerenses que, com o projecto do Ministro Duarte Pacheco para a urbanização da parte baixa da vila, se iria fazer. Precisa um sonho e foi fácil e agradável sonhá-lo pondo a população presente, perante a maquette da obra a realizar e traduzindo-a em palavras para que todos a compreendessem.

Havia nos olhos dos que nos escutam o brilho do sonho.

Naquele momento, perante a evocação do que se ia fazer, todos sonhamos, agradavelmente, embaldados nas perspectivas alcançadas.

Foi isto há 6 anos e a simples enumeração dos anos que passaram nos mostra claramente que sonhar é fácil, mas realizar é incomparavelmente mais difícil.

Nos mesmo, que temos da vida um conhecimento de experiência pouco fértil, nunca fomos atingidos pelo certismo que se inscreveu no espírito dos alenquerenses, também nunca pensamos que a realização desses sonhos levasse tanto tempo.

Mas aproximemo-nos do fim e pouco falta para que o sonho seja inteiramente realidade.

Todos os aborrecimentos e incómodos, burocras, lama e poeira que a população tem sido obrigada a suportar, vão terminar em breve e, então, poderemos festejar com alegria a realização completa desse sonho.

Logo que o tempo o permita, irei, aliás, já lá vão, ir ao encontro de quem, queridamente, acompanha e a cargo da rua Lafarrie e outras em mais, com o curso do rio, serão alcançados.

Então, poderemos dizer que a obra está realizada; o que, por ventura, ainda falta, já não será essencial, mas acessório e será, então, possível a realização completa da obra.

É preciso construir nos espaços a isso reservados e isso também já vai levando bom caminho, mas é indispensável criar-se condições, condições para que não deixem malta esse crescimento do sonho que já não depende da Câmara, mas da vontade dos municípios.

Em Londres e Washington começaram a realizar com o desenvolvimento da política internacional, mas quando a grande maioria das partes considerava bem encaminhada, já se previa de lá a viragem para o novo rumo, com o intuito de assegurar a manutenção da paz e da ordem internacional. O caso a primeira vista e para o pensamento vulgar apresenta-se como muito importante. No entanto, não se trata de uma exploração, a ser feita em nome da paz, mas sim de uma política de equilíbrio de forças. O caso a primeira vista e para o pensamento vulgar apresenta-se como muito importante. No entanto, não se trata de uma exploração, a ser feita em nome da paz, mas sim de uma política de equilíbrio de forças.

Há largos anos que a vida avança assim. A realidade sempre é a melhor de uma diplomacia para a República.

Apresentamos o maior resumo do programa das comemorações das décadas de pratas da República Nacional.

Grande melhoramento está a concluir-se; valiosos trabalhos de revisão crítica estão em andamento e manifestos de saudável vitalidade se manifestam em todo o País, desde o centro liberal da União Nacional, que orienta esta celebração, até aos povoados modestos que não foram esquecidos pelo Estado Corporativo. Quer dizer: o facto como efeméride nacional, ao marcar mais um passo no progresso de Portugal e no aperfeiçoamento do seu sistema político, na lembrança de horas de resaca e na perspetiva cooperadora do futuro. Natural é, por isso, esse ambiente de expectativa que a Nação vive e é entusiasmo com que acompanha os actos preparatórios dessas solenidades.

Entre elas avulta o terceiro Congresso da União Nacional a realizar-se em Coimbra de 20 a 21 de Maio e cujo programa foi há dias transmitido à imprensa pelo Professor Dr. Gonçalves Rodrigues, membro

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 1 de Abril de 1951
Título do artigo: Sonhar é fácil
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.621

ANUNCIOS: ANUNCIOS DE VENDA... ANUNCIOS DE ALUGAR... ANUNCIOS DE SERVIÇOS...

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARDOSO DE MELLO RACHADO Administrador — RENATO LEITAO LOURENÇO

Tudo actual tão simples O MOMENTO POLÍTICO

A União Nacional, a coisa, progr... (text continues with political commentary)

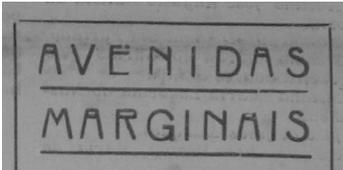
Na nota que se pensa recente... (text continues with political commentary)

AVENIDAS MARGINAIS

Um trabalho de empedramento da Avenida Marginal Direita, desta vila, a que se está a proceder...

Arenito que verdade...

Para exemplar a fábula... (text continues with a fable or allegory)



Ao trabalho de empedramento da Avenida Marginal Direita, desta vila, a que se está a proceder...

Exposição de Arte

At' hora a que o nosso jornal entra em edição, está a ser inaugurada, no Espaço Clube de Alenquer, uma exposição de arte — desenho, pintura e gravado em madeira — que a União de Cultura (Legale Clube) organizou...

Procede a inauguração o nosso Director e esse acto antecederá uma palestra a cargo do ilustre colabrador da Silva, Sr. António Garcia de Silva, que versará o tema: «Arte — Formas e Conceitos».

Vacinação Gratuita Contra a varicela, tox e caxumba e difteria. Não se trata de duas vacinas, das de há 12 horas no século da Sub-direcção de Saúde, nesta vila e em Oliveira nos mesmos dias, até 14 de 18 horas.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 17 de Junho de 1951
Título do artigo: Avenidas Marginais
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.632



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 18 de Julho de 1952
Título do artigo: A captação de água para Lisboa e as suas consequências e compensações
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.688



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 19 de Outubro de 1925
Título do artigo: Toponímia Alenquerense Alguns Alvitres
Autor do artigo: Uma Alenquerense
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.702

Toponímia Alenquerense

Alguns Alvitres

De uma *memória de Alenquer*, que deseja guardar o esquecido, recordamos a seguinte carta, com mais algumas supleções de nomes a dar de novas artérias de Alenquer.

Sr. Director do jornal «A Verdade»

Respondendo, embora tardamente, ao apelo feito por V... de abstraher para os nomes a dar ás novas Avenidas e Largo sugiro o seguinte: Avenida A) *Engenheiro Duarte Pascoal*. É justo que o seu nome fique perpetuado num Avenida de Alenquer, visto que se não só se o seu plano, ainda hoje estaríamos apenas sujeitos á estreita Rua de Triunfo.

Avenida B) *Dr. Oliveira Salazar*. Grande homem de Estado, a quem o País bastante deve.

Largo em frente a Empozez) *Largo João Carlos Henriques*. Achava em primeiro lugar o muito bem que fosse Francisco Machado, mas como V... disse, num dos últimos nume-

ros de «A Verdade» que não concordava, sugiro, então, que seja João Carlos Henriques, pois foi um homem que em toda a sua vida só fez bem aos pobres, e ainda hoje a sua memória é recordada com respeito e simpatia.

Largo em frente a Ponte) *Largo Xaninha Santa Isabel*. Em minha opinião seria este o nome indicado, em virtude de ter sido uma Rainha que tanto tempo passou em Alenquer e fez algumas obras como se já a Igreja onde presentemente se acham os Bombeiros, as Arcadas, etc... E não havendo nada que recorde tal facto, achava justo que este largo se chamasse assim, prestes a honrarem a uma Rainha e Santa de Portugal.

Subscricvo com elevada consideração

De V... etc.

UMA ALENQUERENSE

Aba' 84- Alenquer, 19 de Outubro de 1925 (Avenas) N.º 1.702

A VERDADE

Proprietário, Director e Editor — FRANCISCO CARREIRO DE MELLO KACHAGLO
 Administrador — RAYDO ERRAO LOUREIRO
 Redacção, Administracão, Comptaria e Impressão: 73, 75 e 77, Rua da Liberdade, 1.º e 2.º Andares — Foz de A.

A COLHEITA DAS UVAS

Quando ainda se está colheitando nas terras e lago para o grande desenvolvimento das uvas, a grande colheita de Julho, a colheita que a colheita está ainda muito verde de que se espera...

João Miguel dos Reis

As primeiras horas de manhã do passado dia 16, faltava na sua casa em Alenquer, a colheita por fazer. Das uvas colheitas, o nome prazeroso sugiro sr. João Miguel dos Reis, de 13 anos de idade, vivendo propriamente no nome conhecido nos de Alenquer...

F. MACHADO

Não pensando que se trata de um estrangeiro absolutamente não lido, mas que nasce português, sua designação constante de português?

Toponímia Alenquerense

De uma *memória de Alenquer*, que deseja guardar o esquecido, recordamos a seguinte carta, com mais algumas supleções de nomes a dar de novas artérias de Alenquer.

D que os outros dizem de Portugal

São o título «Um que se escreveu no jornal «A Liberdade» de Lisboa, publicado uma entrevista com o Conde Froy, em que se dá a sua impressão sobre a sua terra e Portugal, referindo-se a um dia a Fátima...

EXPLICAÇÃO

Uma lista de alguns nomes que a toponímia de Alenquer sugiro para as novas Avenidas e Largo sugiro o seguinte: Avenida A) Engenheiro Duarte Pascoal...



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 26 de Julho de 1953
Título do artigo: Não há bela...
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.742

NÃO HÁ BELA...

Não há dúvida de que os adágios — e tão velhos alguns — encerram verdades permanentes, que se confirmam a cada passo. Há dias, verificando que a Câmara, concretizando os seus desejos já manifestados e os de toda a população, havia mandado construir uns barragem no rio, com fins higiênicos e para emprestar maior beleza à vila, não deixamos de aplaudir a obra feita e de nos congratularmos pela sua execução. Conosco, estavam todos os alenquerenses.

Mas... não há bela sem senão. O aspecto do rio mudou para melhor, tornou-se imediatamente mais agradável, mas s (outra adágio)

em todo são rosas: a melhor beleza é anulada pelo inconveniente do seu cheiro, do péssimo cheiro que se solta das águas, conseqüência de uma má gestão do rio. Não há bela sem senão. O aspecto do rio mudou para melhor, tornou-se imediatamente mais agradável, mas s (outra adágio)

em todo são rosas: a melhor beleza é anulada pelo inconveniente do seu cheiro, do péssimo cheiro que se solta das águas, conseqüência de uma má gestão do rio. Não há bela sem senão. O aspecto do rio mudou para melhor, tornou-se imediatamente mais agradável, mas s (outra adágio)

ALENQUER

14

Novembro - 1954

A VERDADE

ANO XXVII **SOMÁRIO** N.º 1810 (AVENÇA)

Proprietário, Diretor e Editor
Francisco Custódio de Matos Machado

Administrador
Henrique Leitão Lourenço

Redação e Impressão: **ALLENQUER**
Rua de São Francisco, 100 - Alenquer

O futuro da Viticultura

Por
F. Machado

Quando os preços da vinha caem em crise, toda a gente dá de si para o futuro, e a grande maioria dos habitantes de Vila, dá-se ao trabalho de pensar em como se deve fazer a vinha para o futuro, e a grande maioria dos habitantes de Vila, dá-se ao trabalho de pensar em como se deve fazer a vinha para o futuro, e a grande maioria dos habitantes de Vila, dá-se ao trabalho de pensar em como se deve fazer a vinha para o futuro...

REDAÇÃO

ALLENQUER

14

Novembro - 1954

O desenvolvimento urbano de Alenquer e o estilo das suas construções

Por
António Garcez da Silva

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

Número Especial do Natal e Ano Novo

Principio de publicação de novembro de 1954

REDAÇÃO

ALLENQUER

14

Novembro - 1954

O desenvolvimento urbano de Alenquer e o estilo das suas construções

Por
António Garcez da Silva

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

O desenvolvimento urbano de Alenquer e o estilo das suas construções

Por
António Garcez da Silva

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

Agora que já muito se edificou — não será fora do propósito que novamente se aborde esta importante problemática.

Há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

Reu.º P.º Antero de Sousa

Por
António Garcez da Silva

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

Reu.º P.º Antero de Sousa

Por
António Garcez da Silva

há cerca de quatro anos, quando ainda se aboçavam apenas as primeiras linhas de construir novos prédios ao longo das estradas que se rasgaram após as obras do rio, próximos a estas colinas o problema do estilo e que davam o carácter a estas construções, quando o edifício que nos presento nesta construção nos interessa estético da nossa vila.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 14 de Novembro de 1954
Título do artigo: O desenvolvimento urbano de Alenquer e o estilo das suas construções
Autor do artigo: António Garcez da Silva
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.810

376

ALENQUER
21
Novembro - 1954

A VERDADE

Semanário
N.º 1.811 (AVENGA)

ASSINATURAS: 11.200
Ano (público e privado): 1.200
Ano (particular): 1.200

Proprietário, Diretor e Editor: **Francisco de Caceres de Azeite Marinho**
Administrador: **Henrico Lottini Lourenço**

ARREGIOS: 1954
Cada 3 dias: 100\$ 00
Para 15 dias: 1.500\$ 00
Ano: 18.000\$ 00
Ano (particular): 18.000\$ 00

O MERCADO DE VINHOS

Reconhecemos, efectivamente, que é oportuno e urgente a intervenção do Estado para ordenamento do mercado de vinhos.

Varias medidas que visam o fomento, a intervenção por compra, o aumento da capacidade das vinhas existentes e o regime em que estas vivem em Lisboa e Porto e as das de outras zonas, foram propostas.

A intervenção, por compra, apresenta-se em duas modalidades que a espezinhada poderá dizer se airdo melhora ou piora que a actual.

É possível que, quando esta antiga ideia publicadã, já tido em chaga de ser posta em pratica, se venha a desenvolver em termos de intervenção, não podendo ser considerada uma alternativa, mas sim, uma possibilidade de intervenção.

Em termos, porém, que a vinicultura não terá aquilo que espera para ver um tempo bastante melhorado.

Não creiam que a vinicultura venha a fazer, de propósito, concessões a com o tempo, pois pensamos que não poderá ser efectiva se todas as medidas previstas forem executadas sem o devido cuidado, e, assim, ter

Garrett e o Passado

Por Horácio Rubim Gorjão

e D. Maria Leonor Gorjão

Das comemorações oficiais feitas em homenagem ao Visconde de Alentejo Garrett em 14 de Novembro de 1954, não se pode esquecer o facto de Garrett ter sido um dos grandes nomes da literatura portuguesa do século XIX.

Garrett nasceu em 1810, em Vila Rica, Minas Gerais, e morreu em 1880, em Lisboa.

Garrett foi um homem de muitas facetas: escritor, jornalista, diplomata, político, militar, jornalista, diplomata, político, militar, jornalista, diplomata, político, militar.

"AS ÁGUAS"

Por Manuel Carolino da Silva

As Águas foram um dos meus encantos na minha infância. Mal o inverno se fazia anunciar pelas primeiras chuvas, já se adivinhava, ansioso por ver rebentarem as "chuvas de águas no bairro Paizagal.

De um para outro ano, iam-me ficando de esquecer os ritos de onde a água havia de surgir, tanto mais ligadas e fantasmas quanto mais irregulares era o frio e mais esparso a chegada de gelo que de manhã aparecia sobrenadado em colúmbas e charcos.

A água brotava de todos os lados. Era ali que o rio havia o seu maior tempo, segundo, depois, mais limpo e mais puro, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura.

"AS ÁGUAS"

Por Manuel Carolino da Silva

As Águas foram um dos meus encantos na minha infância. Mal o inverno se fazia anunciar pelas primeiras chuvas, já se adivinhava, ansioso por ver rebentarem as "chuvas de águas no bairro Paizagal.

De um para outro ano, iam-me ficando de esquecer os ritos de onde a água havia de surgir, tanto mais ligadas e fantasmas quanto mais irregulares era o frio e mais esparso a chegada de gelo que de manhã aparecia sobrenadado em colúmbas e charcos.

A água brotava de todos os lados. Era ali que o rio havia o seu maior tempo, segundo, depois, mais limpo e mais puro, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura, descebatando e limpando, como se fosse um rio de água pura.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 21 de Novembro de 1954
Título do artigo: As Águas
Autor do artigo: Manuel Carolino da Silva
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.811

378

ALENQUER
15
MAIO - 1955

A VERDADE
Ano XXXVI
Somatório N.º 1255 (Ano 4)

Proprietário: Francisco Cardoso de Mello Machado
Administrador: Francisco Cardoso de Mello Machado
Redacção: Rua da Liberdade, 100 - Alenquer
Cada cópia custa 10\$000
Cada linha de texto 10\$000
Anúncios: Rua da Liberdade, 100 - Alenquer - Tel. 2111

Uma inauguração que se impõe

Este, côncilio das aversões parciais que tanto embelazem e transformam a nossa vida vila. A iniciativa particular correspondendo brilhantemente ao benefício recebido, também preenche todos os requisitos com excepção dum que casualmente não vai ficar muito tempo sem ostentar a necessária edificação. Merô desta grande obra, a nossa vila baixa sofreu uma transformação radical, salutar, e economicamente.

Há pois aversões e largos que é preciso baptisar e há que prestar homenagem a dois nomes que Alenquer nunca deve esquecer, os de dois cidadãos antigomachistas, ambos falecidos já o Esg.º Duarte Pacheco e o Dr. Antunes Guimarães.

O primeiro foi o que visamos esta grande obra, e o segundo foi autor de lei dos melhoramentos rurais, sem o qual nem esta nem muitas outras obras cujos benefícios o concelho vem usufruir, teriam sido possíveis.

Sé não há que todo o concelho esteja de acordo comigo já que comigo não se pode contar sem a concordância e mais ainda, de que, quaisquer outras manifestações exteriores, uma grande, sentida e sincera.

Uma inauguração que se impõe

Este, côncilio das aversões parciais que tanto embelazem e transformam a nossa vida vila. A iniciativa particular correspondendo brilhantemente ao benefício recebido, também preenche todos os requisitos com excepção dum que casualmente não vai ficar muito tempo sem ostentar a necessária edificação. Merô desta grande obra, a nossa vila baixa sofreu uma transformação radical, salutar, e economicamente.

Há pois aversões e largos que é preciso baptisar e há que prestar homenagem a dois nomes que Alenquer nunca deve esquecer, os de dois cidadãos antigomachistas, ambos falecidos já o Esg.º Duarte Pacheco e o Dr. Antunes Guimarães.

O primeiro foi o que visamos esta grande obra, e o segundo foi autor de lei dos melhoramentos rurais, sem o qual nem esta nem muitas outras obras cujos benefícios o concelho vem usufruir, teriam sido possíveis.

Sé não há que todo o concelho esteja de acordo comigo já que comigo não se pode contar sem a concordância e mais ainda, de que, quaisquer outras manifestações exteriores, uma grande, sentida e sincera.

Uma inauguração que se impõe

Este, côncilio das aversões parciais que tanto embelazem e transformam a nossa vida vila. A iniciativa particular correspondendo brilhantemente ao benefício recebido, também preenche todos os requisitos com excepção dum que casualmente não vai ficar muito tempo sem ostentar a necessária edificação. Merô desta grande obra, a nossa vila baixa sofreu uma transformação radical, salutar, e economicamente.

Há pois aversões e largos que é preciso baptisar e há que prestar homenagem a dois nomes que Alenquer nunca deve esquecer, os de dois cidadãos antigomachistas, ambos falecidos já o Esg.º Duarte Pacheco e o Dr. Antunes Guimarães.

O primeiro foi o que visamos esta grande obra, e o segundo foi autor de lei dos melhoramentos rurais, sem o qual nem esta nem muitas outras obras cujos benefícios o concelho vem usufruir, teriam sido possíveis.

Sé não há que todo o concelho esteja de acordo comigo já que comigo não se pode contar sem a concordância e mais ainda, de que, quaisquer outras manifestações exteriores, uma grande, sentida e sincera.

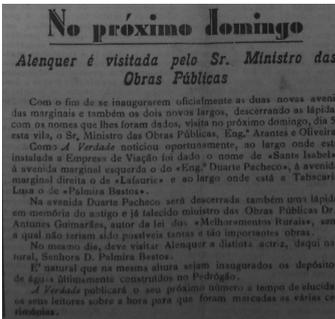
A HOMENAGEM

Como tinhamos notificado realizamos neste vila no pretérito domingo a certidão do desceramento de duas lapides que, numa festa solene da Igreja de Vila Franca de Xira de Liga dos Combatentes da Grande Guerra e num plectro da Câmara Municipal de Alenquer, foram no auto de elevação e memória dos filhos de Alenquer e de Fregues de batalha vila pela Pátria, durante a Grande Guerra.

A essa ocasião se assistiram muitos antigos combatentes que se deslocaram para esta vila em homenagem a G. N. R., tendo sido levado um cortejo em direção do templo, onde se realizou a festa e a entrega das lapides, tendo sido acompanhadas de uma banda de música e de uma orquestra de instrumentos de sopro.

A nossa vila vila melhorou do aspecto, melhorou e cresceu e sua economia, mudou e se vai progredindo.

Nome do Jornal: A Verdade
Data: 15 de Maio de 1955
Título do artigo: Uma inauguração que se impõe
Autor do artigo: Francisco Machado
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.835



Nome do Jornal: A Verdade
Data: 29 de Maio de 1955
Título do artigo: No próximo domingo Alenquer é visitada pelo Sr. Ministro das Obras Públicas
Autor do artigo: -
Local de publicação: Alenquer
Número: 1.837

**Escola de Tecnologias e Arquitectura
Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura**

Emanuel Rego Gomes

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

Escola Conde Ferreira

Tutor:
Arquitecto Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Parte II

Escola Conde Ferreira

Vertente prática de Projecto Final de Arquitectura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Emanuel Rego Gomes

Tutor: Arquitecto Pedro Viana Botelho

01 |

Estratégia de Grupo –

por André Vieira, Emanuel Gomes, João Borges, Pedro Gomes e Samuel Vitorino



Vila de Alenquer

Situada na região da Estremadura, a Vila de Alenquer distingue-se pela sua beleza natural e pela sua proximidade à cidade de Lisboa, distando desta aproximadamente 36 km.

Pertencente ao concelho de mesmo nome e sede da Câmara Municipal de Alenquer, esta vila caracteriza-se pelo seu relevo acidentado e por nela passar o rio de Alenquer, sendo assim a sua paisagem composta por duas colinas recortadas por uma linha de água.

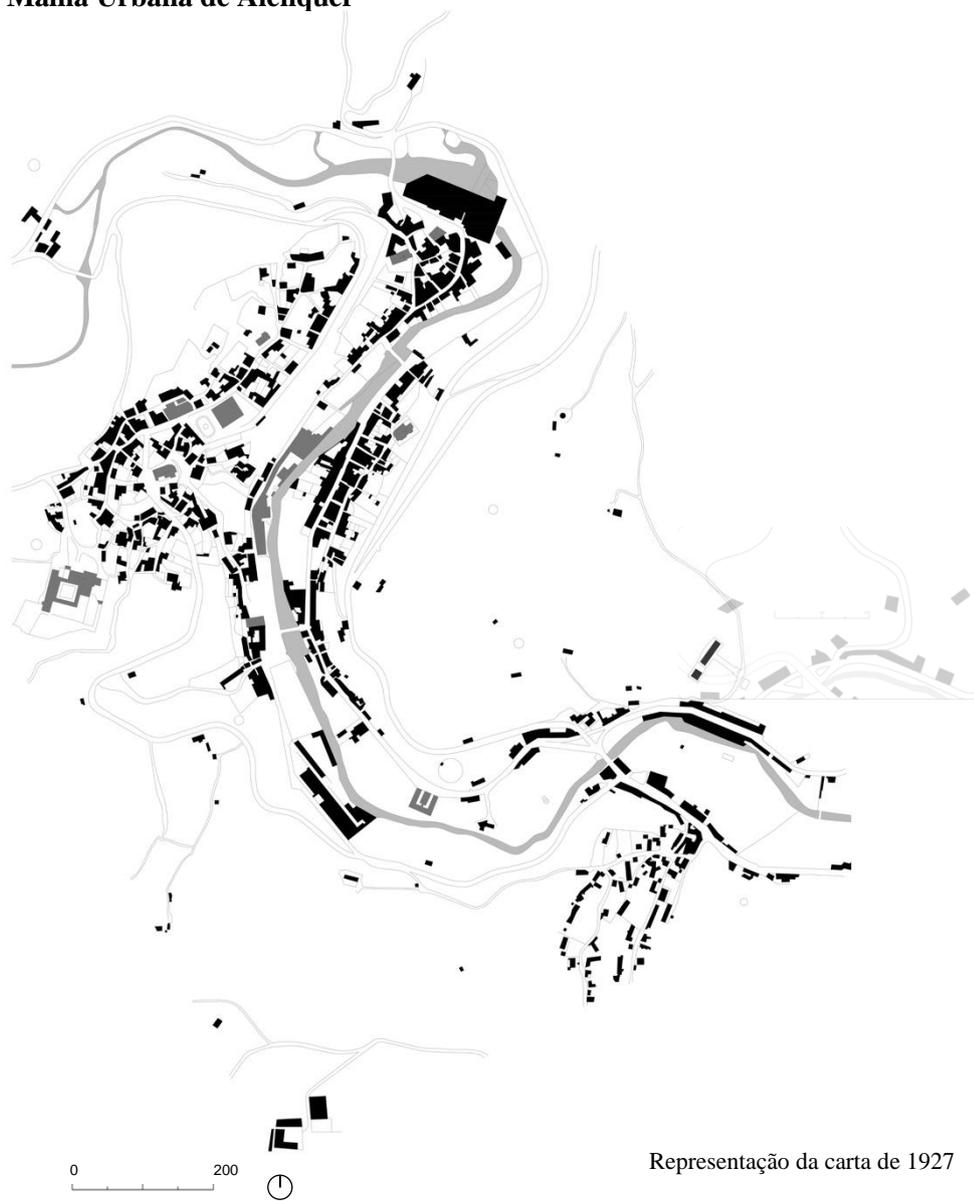
A vila é composta pela vila alta, situada no topo da colina e pela vila baixa que se localiza nas margens do rio, sendo estas divididas pelo relevo acentuado e pelo rio. A zona alta, é composta essencialmente pelo núcleo histórico, que corresponde à antiga vila amuralhada de traçado medieval, enquanto a zona baixa é o local onde se encontram todos os serviços locais, sendo a área da vila que estabelece uma maior relação com o rio.

No séc. XIX, nas margens do rio que nesta terra corre, instalaram-se algumas das melhores fábricas de lanifícios e de papel do país, que dinamizaram a economia local e colocaram o nome da vila no panorama industrial português da época.

No entanto, a relação entre o rio e a vila foi sempre marcada por altos e baixos, pois ao mesmo tempo que o rio era uma fonte de riqueza para os locais desta terra, também representava um enorme perigo em épocas de cheias, pois inundava com frequência a zona baixa, causando vários estragos aos que nesta residiam.

Posto isto, no século XX foi efetuado um plano de rectificação do curso do rio e das suas margens, com o intuito de salvaguardar a população alenquerense dos estragos das inundações.

Evolução da Malha Urbana de Alenquer



Representação da carta de 1927





Representação da carta de 1942



Representação da carta de 1955



Representação da carta de 1992



Representação de 2016



Problemas e oportunidades identificados

Após uma primeira fase de descoberta e visitas a Alenquer, o grupo tomou consciência dos elementos mais pertinentes para uma proposta de intervenção geral. Identificámos o rio Alenquer e as respectivas margens como a maior oportunidade para desenvolver uma proposta coerente e com capacidade para unir as restantes intervenções pontuais na vila.

O “rio” foi entendido como uma espinha de Alenquer que não termina na linha de água mas sim na oportunidade de ligação aos espaços adjacentes.

O princípio base foi ler e interpretar plantas históricas e registos fotográficos para entender as alterações do rio ao longo do tempo, desde a sua morfologia, importância económica e social.

O contraste de cotas entre a zona alta e baixa é evidenciado pela dificuldade de acesso quer de transporte público quer pedonal. Esta realidade, associada aos transportes é um dos principais problemas actuais. Esse contraste está também presente no fluxo rodoviário e consequentemente no estacionamento das duas zonas, sendo que a zona baixa é a mais movimentada e apresenta maior número de estacionamento programado e anárquico.

Estas problemáticas são uma excelente oportunidade de melhorar a qualidade de vida dos habitantes com uma nova lógica de transportes que responde às necessidades da população.

Além da diferenciação das zonas, as ruas, já de si estreitas, ficam condicionadas com a presença destes veículos em constante circulação e com as grandes áreas de estacionamento quer programado quer anárquico. À partida o estacionamento programado é benéfico, mas neste caso sobrepõe-se de forma desequilibrada aos espaços públicos.

A vila é marcada por importantes espaços públicos separados ao longo do rio como o espaço envolvente da Fábrica da Romeira, do mercado e Fábrica da Chemina, do Largo Rainha Santa Isabel, da Real Fábrica do Papel, culminando no Parque das Tílias.



À exceção dos espaços mais periféricos, a Fábrica da Romeira e o Parque das Tílias, a maioria dos espaços carecem de uma revitalização que premeie áreas verdes públicas.

Sendo o rio o elemento principal e uma espécie de fio condutor, surge a oportunidade de, ao intervir no seu leito e margens com uma lógica de continuidade com estes espaços, criar um corredor verde ao longo da vila.

A análise e interpretação destes problemas e oportunidades permitiu ao grupo desenvolver uma proposta de estratégia geral para a Vila de Alenquer.



0 200

Proposta de Grupo

Estratégia Geral para a Vila de Alenquer

A estratégia de grupo é constituída por propostas para o rio, quer no leito quer nas margens, espaços públicos, introdução de áreas verdes, novo sistema rodoviário/transportes e estacionamento.

Sistema Rodoviário

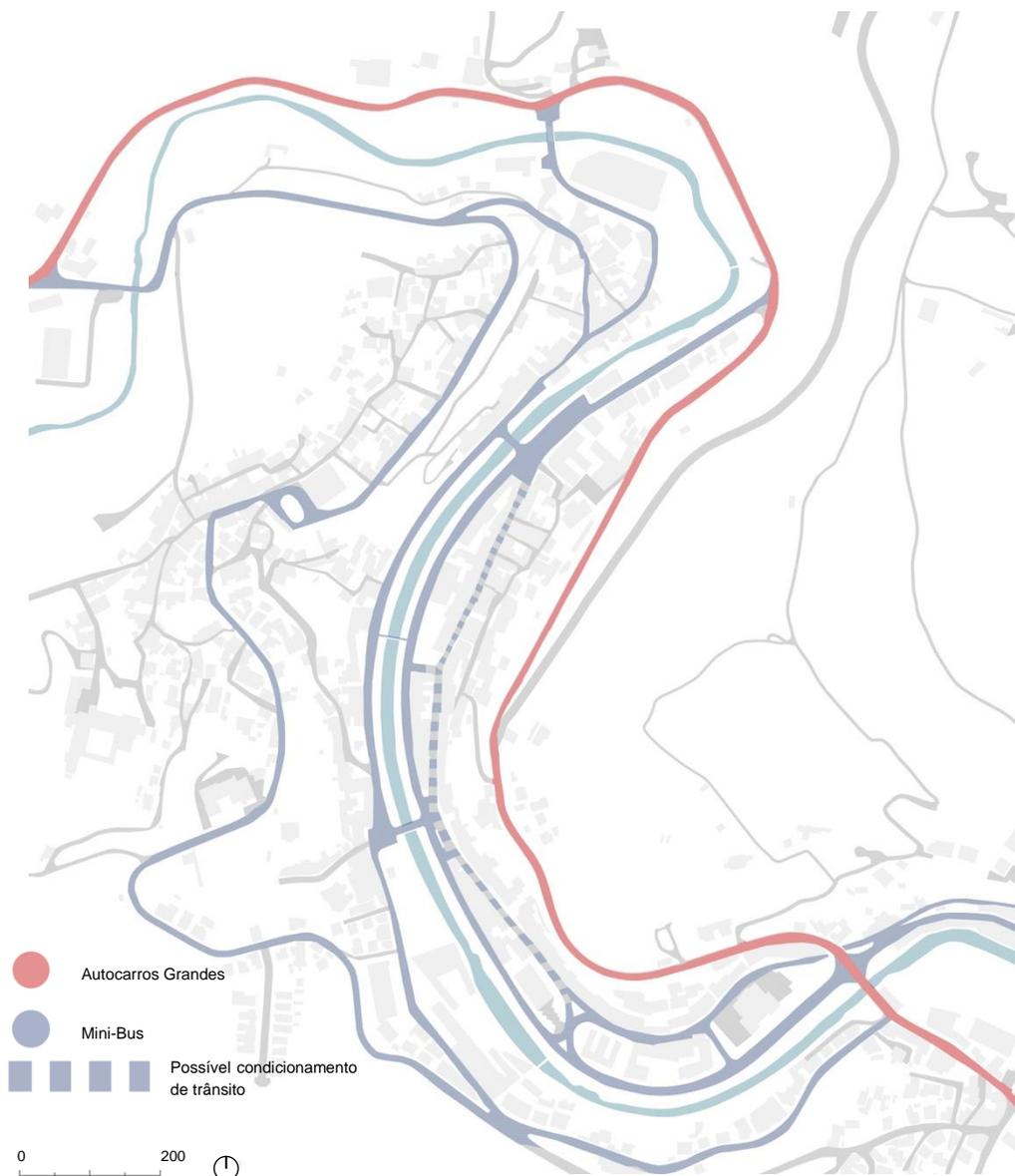
Com base no levantamento dos percursos dos autocarros que com destino e chegada em Alenquer, estruturamos novos percursos com o objectivo de aliviar o centro da vila de autocarros.

A solução encontrada passa por deslocar o interface do Largo Rainha Santa Isabel para a zona do areal com ligação à estrada Nacional.

Os transportes públicos estão divididos em autocarros e minibus. Os autocarros grandes apenas fazem as ligações de maior distância como Lisboa ou Torres Vedras. Os minibus servem todo o centro da vila, zona alta e baixa, com melhores condições que os autocarros e é no interface que acontece toda a distribuição para fora de Alenquer.

O eixo que se inicia no Largo Rainha Santa Isabel, que passa na Rua da Triana e termina na zona do Mercado Municipal é onde se localiza muito do comércio local, presente nos rés-do-chão das habitações. Os passeios são estreitos, e tornam este eixo desconfortável para o peão, pelo que defendemos a possibilidade de poder ser condicionado ao trânsito.

Com um sistema flexível de condicionamento surge a oportunidade da rua ser totalmente pedonal durante horários alargados, dinamizando assim o comércio, a sua procura e oferta. Com isto surge a possibilidade de existirem esplanadas, eventos, diversas animações entre outros. O sistema, sendo flexível permite que tenham acesso: os moradores e veículos de emergência/autoridade; as cargas e descargas em horários específicos e outras situações imprevistas.



Com um mapeamento e cálculo de todo o estacionamento programado e anárquico da vila, estabelecemos dois novos pontos estratégicos de estacionamento, com acesso pedonal às margens do rio. Estes dois pontos são:

Um estacionamento subterrâneo num terreno na Avenida Antónia Maria Jalles, atrás da Fábrica da Chemina;

Estacionamento na zona do areal.

Isto permite deslocar os imensos carros estacionados em zonas como, a frente da Chemina, a área entre o Mercado e a biblioteca, entre outros, para os novos pontos.

Todo o estacionamento ao longo das margens do rio é repensado e diminuído. Não é possível retirar todo o estacionamento, mas a proposta consegue com um novo desenho alargar os passeios, ter um percurso pedonal sem quebras e com o surgimento de uma ciclovia.



0 200



Planta de transportes públicos

Planta

Rio

O Rio de Alenquer foi sofrendo alterações ao longo do tempo. Nos dias de hoje em dia encontra-se com menos água do que anteriormente não tendo uma expressão de proximidade com a vila.

O objectivo da nossa estratégia passa por acentuar a presença do rio na vila, aproximando-o das margens e dos espaços públicos, recuperando alguma naturalidade morfológica e alargando pontualmente em sítios que outrora estavam mais próximo do rio.

Ao desenvolver a estratégia surgiram duas propostas. Os princípios base são os mesmos, porém o leito do rio e o seu nível de água são diferentes, resultando em dois perfis de rio diferentes.

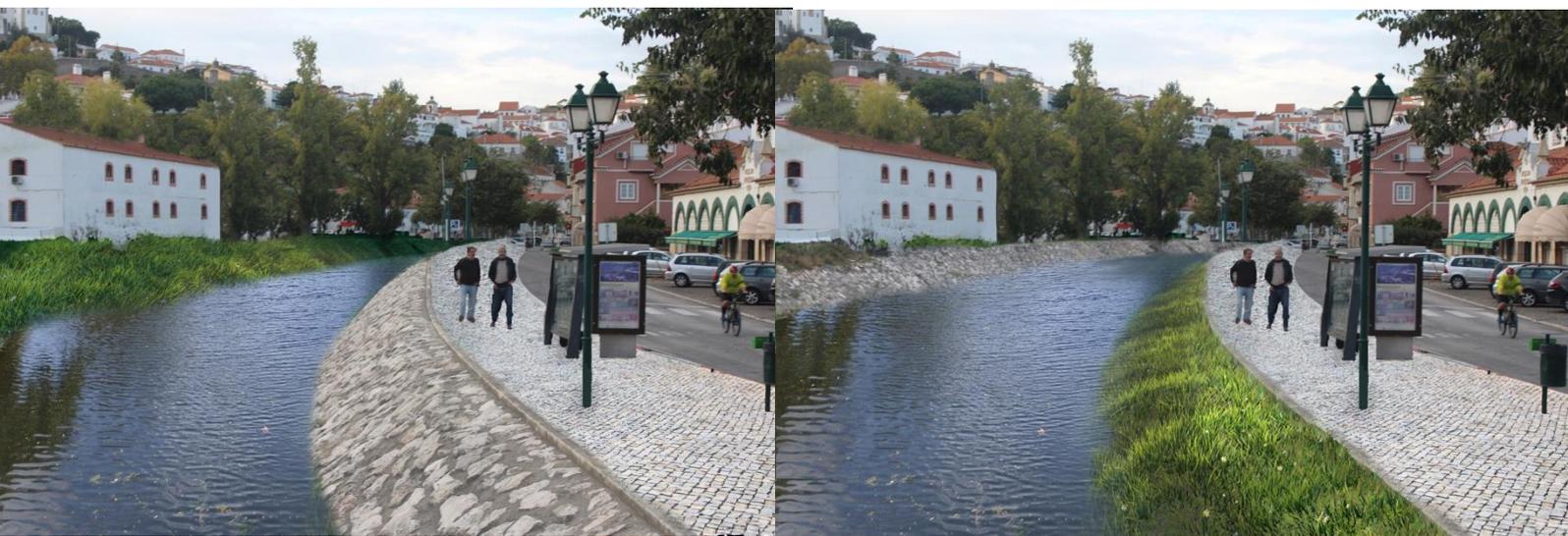
Espaços Verdes

A estratégia contém dois novos espaços verdes. Estes espaços são resultado da remoção de dois edifícios que condicionam uma continuidade do espaço público ao longo do rio. A remoção do edifício da filarmónica possibilitou a continuidade do jardim Vaz Monteiro para a frente da Chemina. A remoção do edifício do Sporting Clube de Alenquer permitiu o início de um percurso que interage com a área reservada ao interface e termina no Jardim da Água e Tílias.



Proposta 1

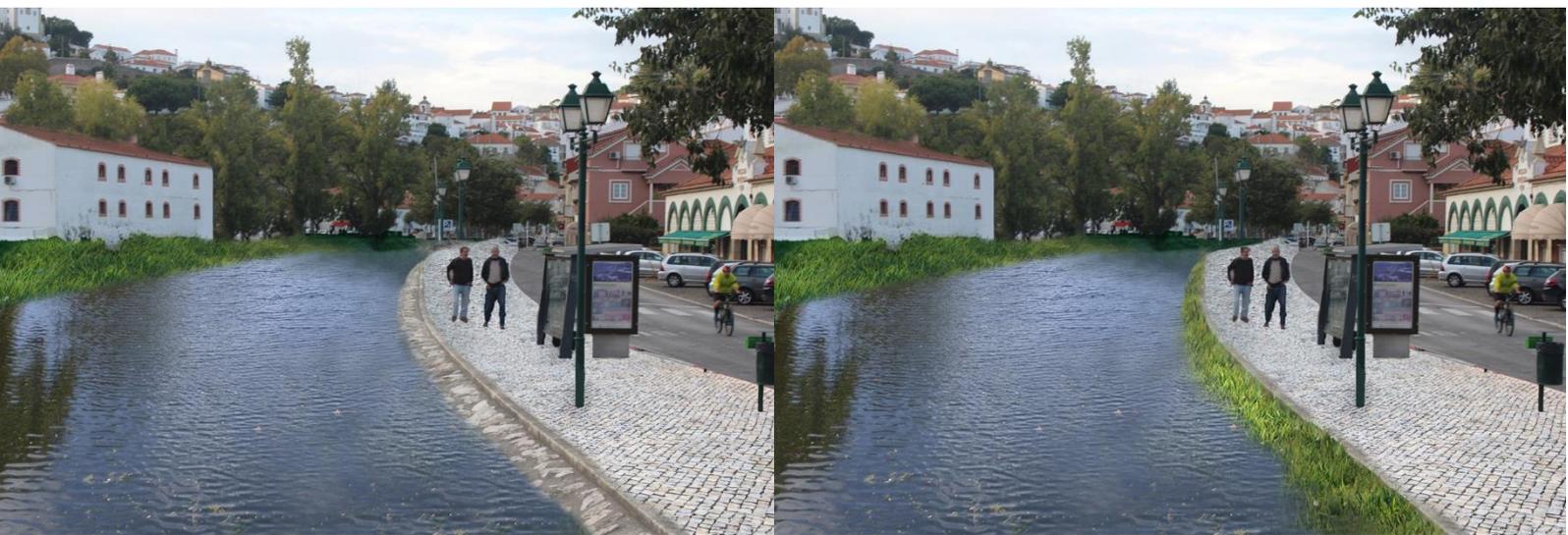




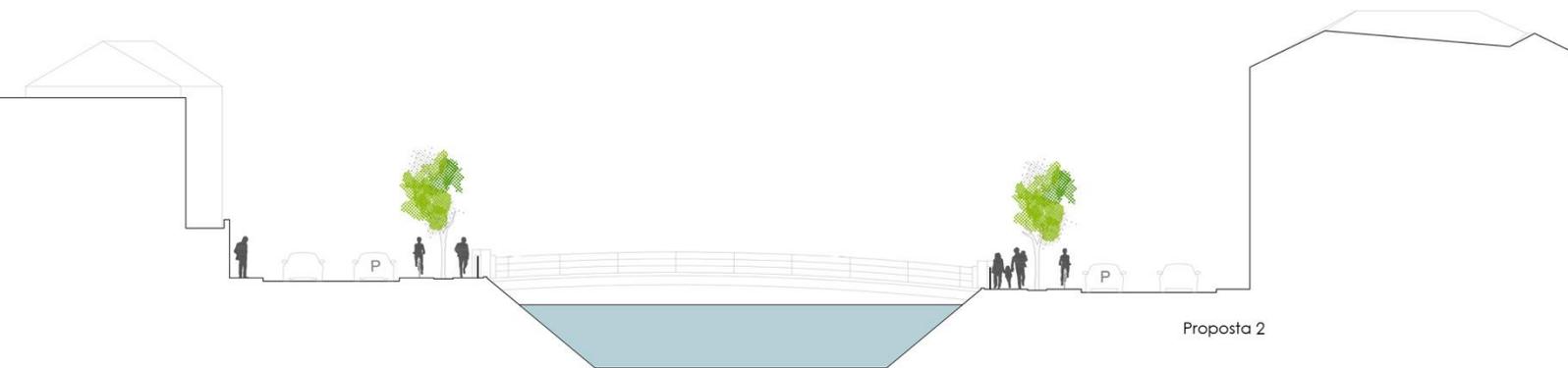
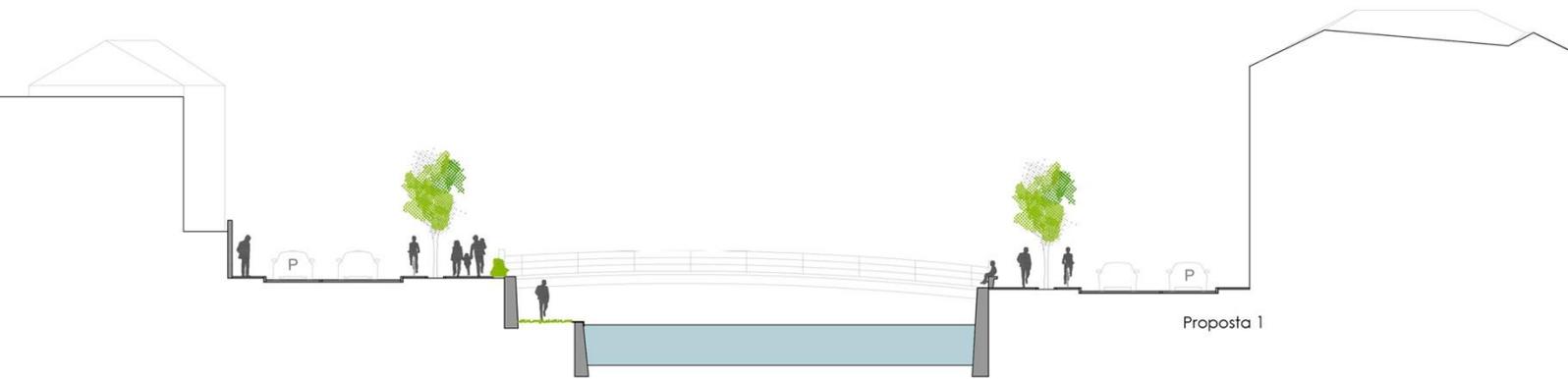
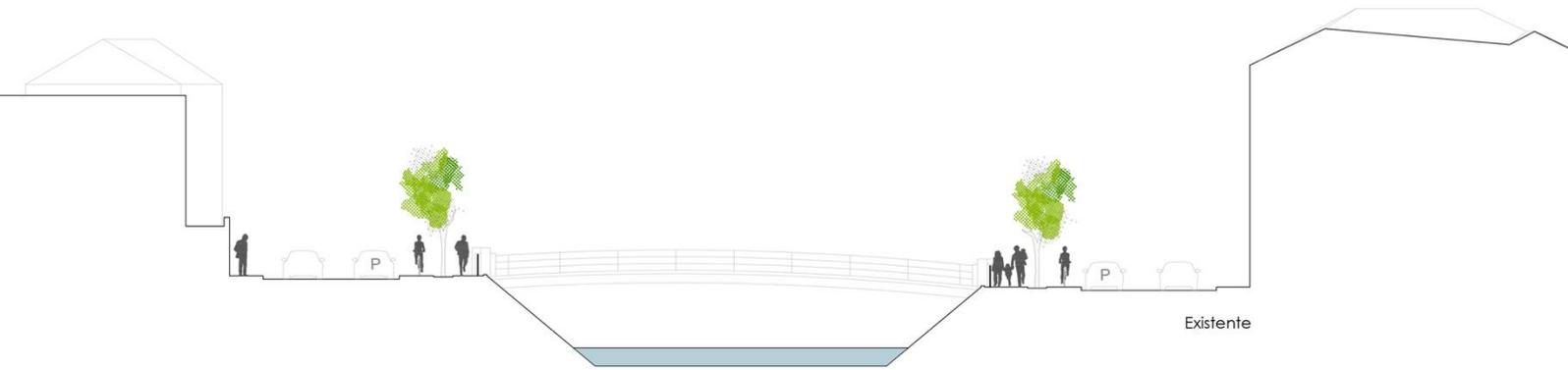
A **proposta 1** é a mais interventiva, que cria efectivamente a maior proximidade entre a vila e o rio. Além do passeio nas margens, esta proposta inclui um outro passeio, a uma cota inferior à marginal, no leito de uma das margens do rio. Pretende-se uma continuidade de espaços públicos no leito do rio ao longo do centro da vila. Os leitos têm um passeio intercalado e interrompido pelas 6 pontes existentes. Isto permite que estes espaços sejam constantemente percebidos ao longo do rio.



Tane



Ao contrário da proposta anterior, a **proposta 2** é menos interventiva. Neste caso a pente do rio mantém a sua inclinação sem muros verticais. O nível da água é elevado com o objectivo de criar um “espelho” de água.





Rio / Estratégia

0 100 200



Memória Descritiva

Localização, Escola Conde Ferreira, Programa Proposto, Espacialidade e Materialidade.

A escola Conde Ferreira, situa-se na vila alta de Alenquer, mais concretamente na Rua Maria Milne Carmo e trata-se de um imóvel pertencente à Camara Municipal de Alenquer. Este actualmente encontra-se fechado ao público e apresenta alguns problemas de infiltrações e desgaste de materiais.

Fundada em 1872, esta escola pertence a um conjunto de 120 escolas divididas por todo o país, mandadas construir pelo Conde Ferreira. O projecto-tipo da casa-escola Conde Ferreira foi concebido segundo a estrutura de uma escola primária com habitação para o professor.

“quero que os meus testamenteiros mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escolas primárias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho sendo todas por uma mesma planta e com acomodação para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobília a quantia de 1.200 réis (...)”¹

Esta trata-se, por sua vez, da primeira escola deste legado a ser edificada, tendo sido implantada no local onde outrora existia a Igreja de Santo Estevão. Inicialmente o edifício, era uma Escola de Instrução Pública Primária Masculina e mais tarde, no ano de 1975 serviu de instalações ao Museu Hipólito Cabaço.²

¹ (LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão – **AL AIN KEIR (Fonte Abençoada): O CASTELO DE ALENQUER – II**. 08 de Outubro de 2012. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://couraca.blogspot.pt/2012/10/o-castelo-de-alenquer-ii.html>>.)

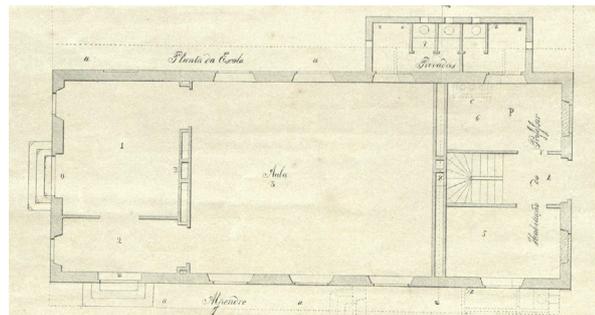
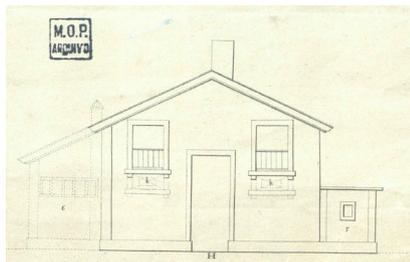
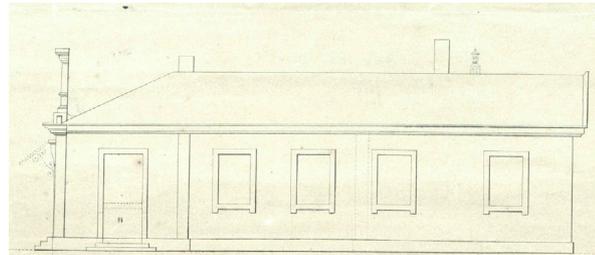
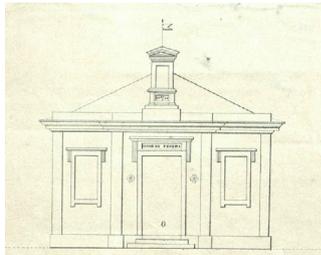
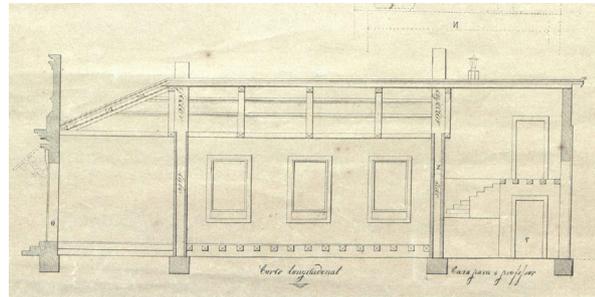
² (LOURENÇO, José Henrique Tomé Leitão – **AL AIN KEIR (Fonte Abençoada): O CASTELO DE ALENQUER – II**. 08 de Outubro de 2012. [Em linha]. [Consult. Set. de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://couraca.blogspot.pt/2012/10/o-castelo-de-alenquer-ii.html>>.)



Escola Conde Ferreira

Modelo de escola de instrução primária | 1866

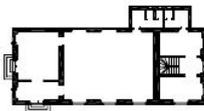
Normalização sobre a construção de edifícios escolares



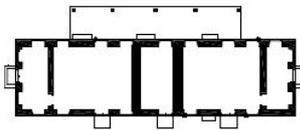
Projecto tipo para as escolas Conde Ferreira.

Projecto consultado no Arquivo do Ministério das Obras Públicas.

Esquemas Comparativos entre as variações do mesmo tipo

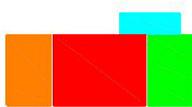


1 SALA



2 SALAS

Plantas das Variantes do Tipo Conde Ferreira



1 SALA



2 SALAS

Programa das Variantes do Tipo Conde Ferreira



A Portaria de 20 de Julho de 1866 determinava que:

A escola deveria ser construída isoladamente num sítio saudável, central, de fácil acesso, desviado de estradas de muito movimento e de estabelecimentos incómodos ou perigosos;

A escola devia ter uma sala de aula, uma sala contígua e um vestíbulo ou dois, caso fosse para o ensino dos dois sexos;

A dimensão da sala seria de 50 a 115 m² e com pé direito de 4m;

Devia-se construir de raiz mais do que uma sala de aula, caso se soubesse que o número de alunos viria a requerer um espaço superior ao limite máximo;

Devia ter uma sala contígua destinada a biblioteca, recitações, recepções, com uma área nunca inferior a 1/3 da sala de aula; nas localidades em que se construísse uma escola para meninas, esta sala serviria também para os lavoures, requerendo um espaço nunca inferior a metade da sala de aula ou de 2/3 da mesma;

Devia-se fazer separação dos sexos nas escolas mistas, com entradas e vestíbulos distintos; na sala de aula devia haver desde a cadeira do mestre(a) até à parede oposta um “repartimento moveiço” de madeira de 1,40 até 1,70 de altura, desconhecendo-se como ele, na prática, alguma vez foi levantado;

Devia ter sistema de ventilação: obrigatoriedade da existência de 2 tubos para a renovação do ar: um injector para a entrada do ar novo a desembocar no estrado do professor e outro ejector para a expulsão do ar impuro;

Recomendava a instalação no interior da sala de um termómetro e um anemoscópio para avaliar as variações ambientais;

Os sanitários deviam ficar afastados do edifício escolar e inteiramente separados nas escolas mistas, de forma a poder-se exercer facilmente a vigilância; não eram expressas instruções relativamente aos lavatórios ou abastecimento de água;

Descrevia uma considerável lista de objectos a fornecer a cada escola, a implantação do mobiliário na sala de aula e publicava a tabela da altura e largura dos bancos e mesas³.

Fonte . CARVALHO, Carla Andreia Galvão de - *A evolução da arquitectura portuguesa: as escolas primárias desde finais do século XIX até à contemporaneidade*. [Em linha]. Universidade Lusíada de Lisboa: Faculdade de Arquitectura e Artes. Tese de Doutoramento. Julho de 2012. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/488?locale=pt>>. p.178.

³ SIPA - Escola Primária Conde de Ferreira/ Museu Hipólito Cabaço. [Em linha]. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:<URL: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21389>; CARVALHO, Carla Andreia Galvão de - *A evolução da arquitectura portuguesa: as escolas primárias desde finais do século XIX até à contemporaneidade*. [Em linha]. Universidade Lusíada de Lisboa: Faculdade de Arquitectura e Artes. 2012. [Consult. Março de 2017]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/488?locale=pt>>. p.604-612.

O projecto de reabilitação e revitalização da Escola Conde Ferreira tem por base um programa composto por uma escola de costura, propondo uma nova utilização a este imóvel. Este projecto procura a criação de um espaço onde os jovens e adultos possam adquirir várias técnicas como a costura, o tricot, crochet e bordados e em continuidade despertar a criatividade para a produção de peças ou artigos de sua própria autoria, onde possam ser aplicadas as técnicas adquiridas.

A ligação entre a Vila de Alenquer e a produção têxtil já vem desde tempos antigos, mais concretamente no século XIX, quando se instalaram três fábricas que se dedicavam à produção de lanifícios, situadas nas margens do Rio de Alenquer (a Fábrica do Meio, a Fábrica da Romeira e a da Chemina). Sendo assim, procura-se através desse projecto revitalizar a ideia de produção têxtil na vila, embora num contexto de ensino, onde serão transmitidas as técnicas de fabrico manual de tecidos, bem como a sua produção.

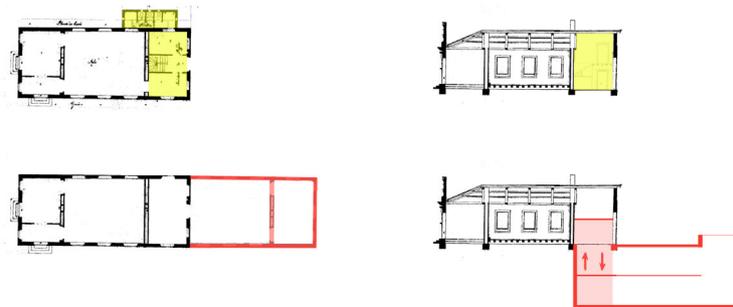
Além disso, a escola procura dinamizar a vila alta de Alenquer, cativando a vinda de pessoas de todas as idades para a zona e oferecer à população local um espaço singular, onde serão projectadas actividades e workshops temáticos para ocupação dos tempos livres de pessoas de todas as idades, proporcionando assim o convívio e a troca de experiências entre várias gerações.



Escola Conde Ferreira | Registo Fotográfico do Alçado Sul, tirado pelo autor 2016

Tendo em conta as dimensões deste edifício, foi necessário fazer uma ampliação para aplicar o novo programa. O espaço exterior pertencente à escola também sofreu algumas alterações, tendo sido retiradas as instalações sanitárias anexadas no seu alçado poente e ainda foi criada uma ligação entre o seu espaço exterior e o bar.

Em relação ao edifício existente, este mantém-se inalterado, sendo conservada assim a sua identidade e organização espacial. O novo desenho trata-se de uma ampliação que segue a regra do projecto - tipo Conde Ferreira da variante de duas salas, passando a escola a usufruir de uma nova sala que procura ser um espaço polivalente, onde se podem realizar diversas actividades.

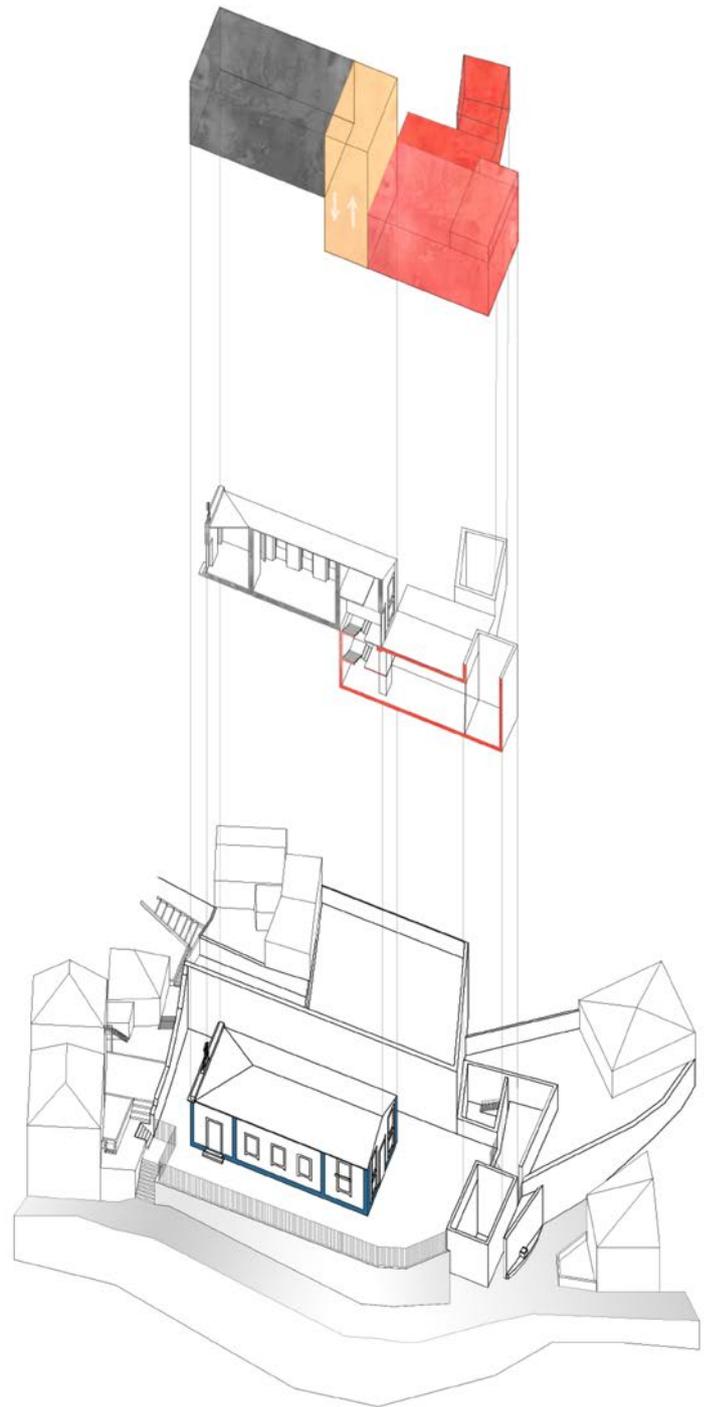


A área que anteriormente era reservada à habitação do professor, referente à cozinha, sala e quartos, deu lugar ao acesso vertical, que liga ambas as salas e às instalações sanitárias que servem toda a escola.

Além disso, ainda é proposto um segundo acrescento para a criação da zona do bar, onde se desenha um espaço aberto ao público, que pode servir tanto a escola como pessoas que não frequentam a mesma.

- Escola de Costura
- Acesso Vertical
- Sala Polivalente
- Bar

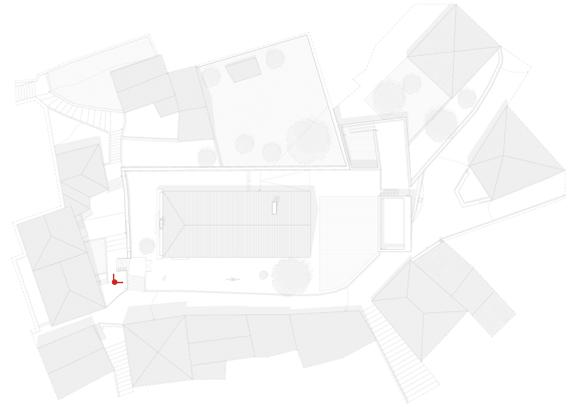
- Edifício Existente
- Ampliação Proposta



Axonometria Explodida



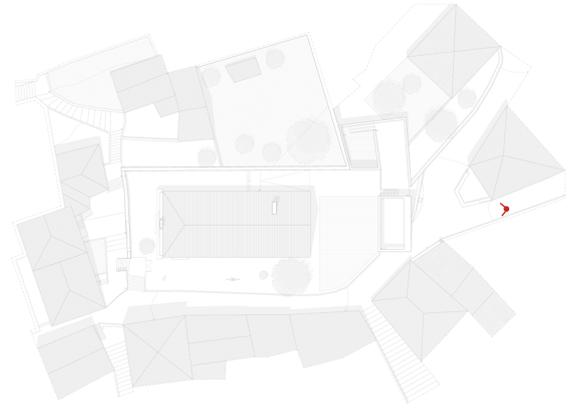
Escola Conde Ferreira | Espaço exterior existente



Escola Conde Ferreira | Espaço exterior proposto

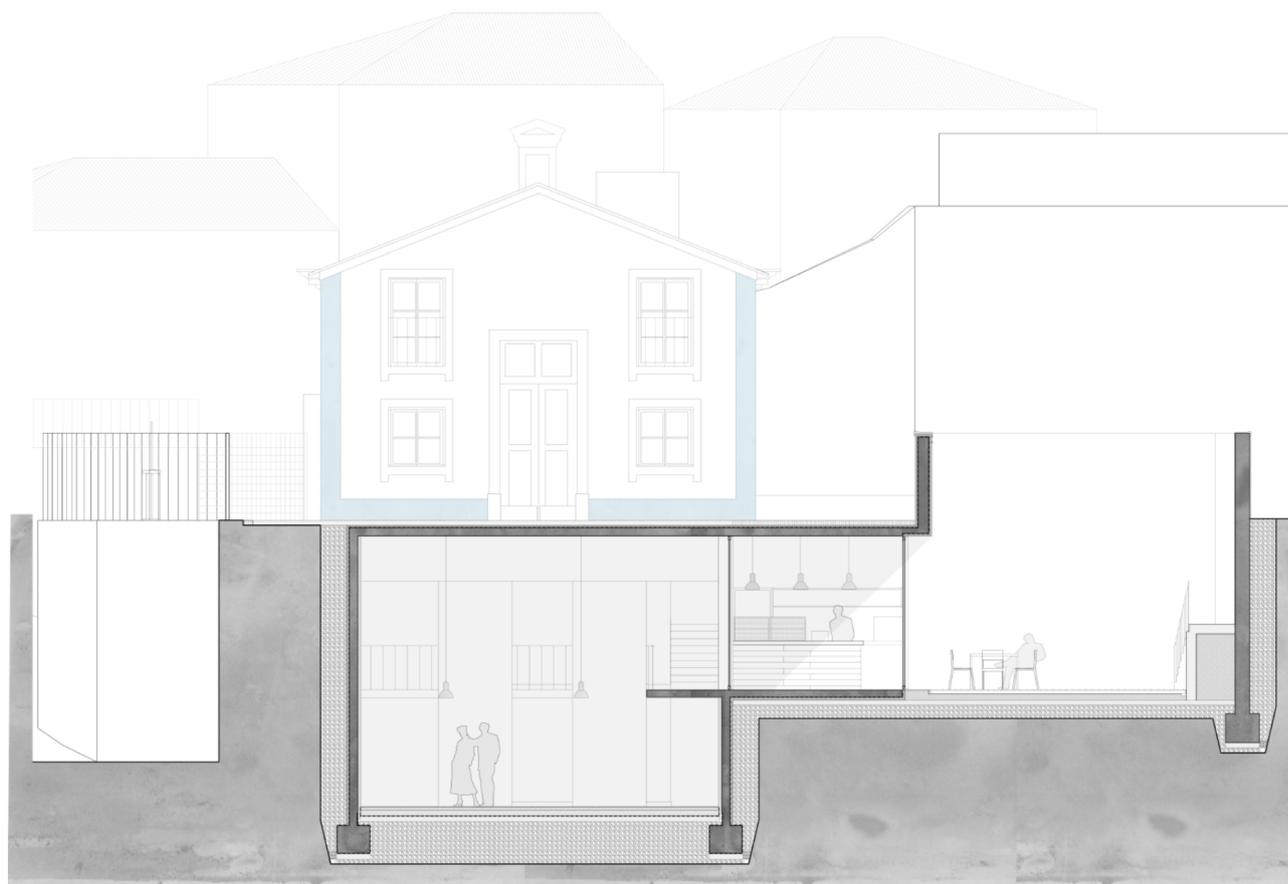


Escola Conde Ferreira | Espaço exterior existente



Escola Conde Ferreira | Proposta da entrada para a sala polivalente

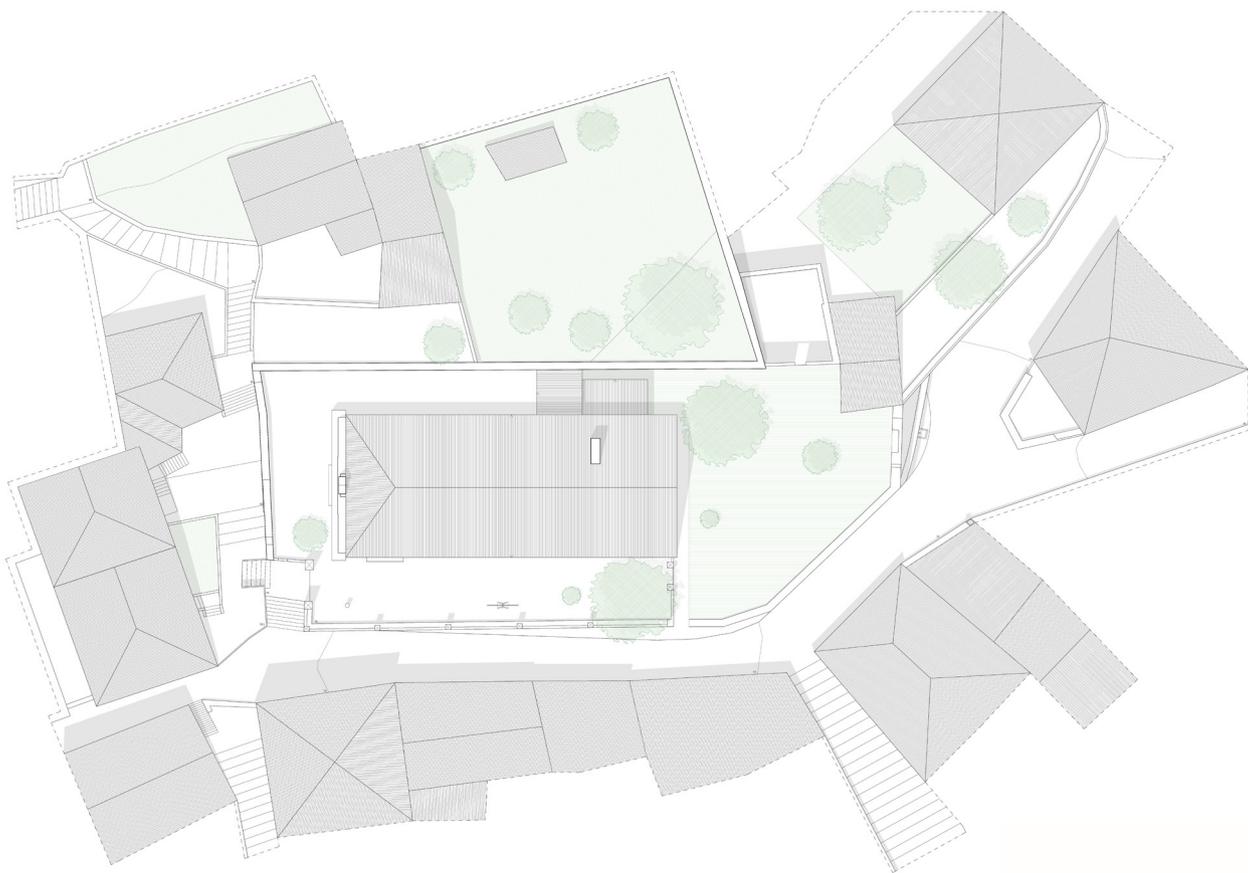
No que diz respeito à estrutura da ampliação proposta esta é toda feita em betão armado, num sistema de lâminas que vão sustentando o terreno envolvente. Estas paredes posteriormente recebem um acabamento em tinta plástica de cor branca.





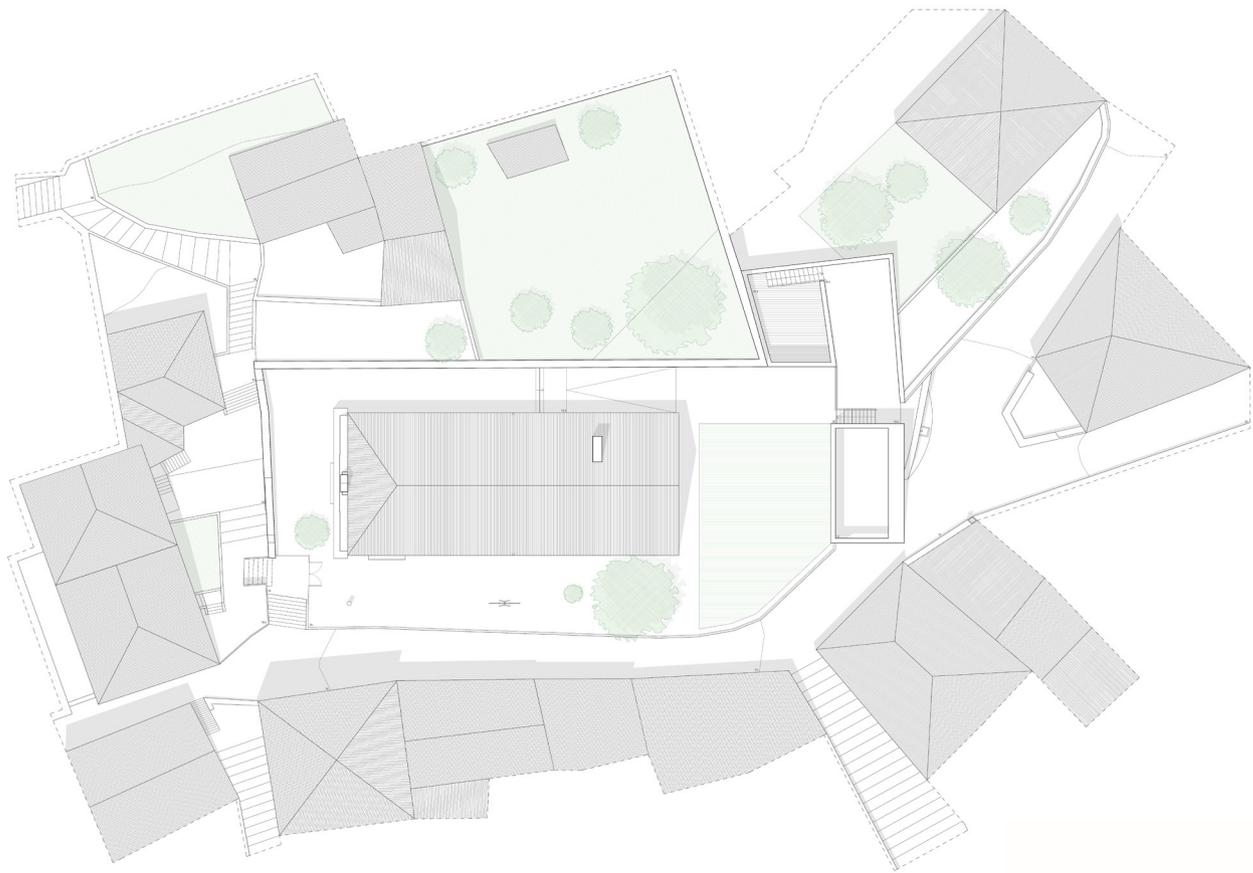
Escola Conde Ferreira | Vista do interior da sala polivalente

Desenhos Técnicos



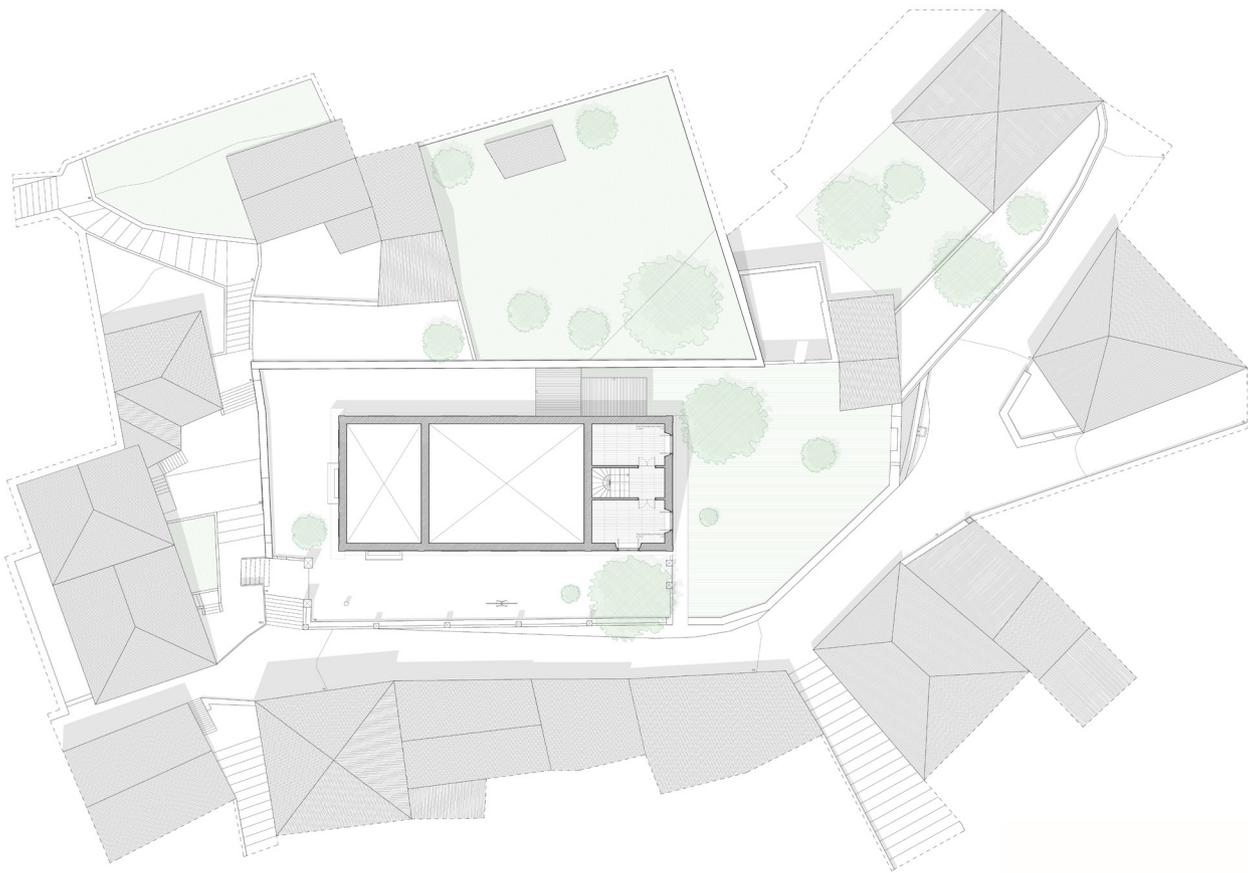
0.1 — 5 — N

Planta de Cobertura Existente



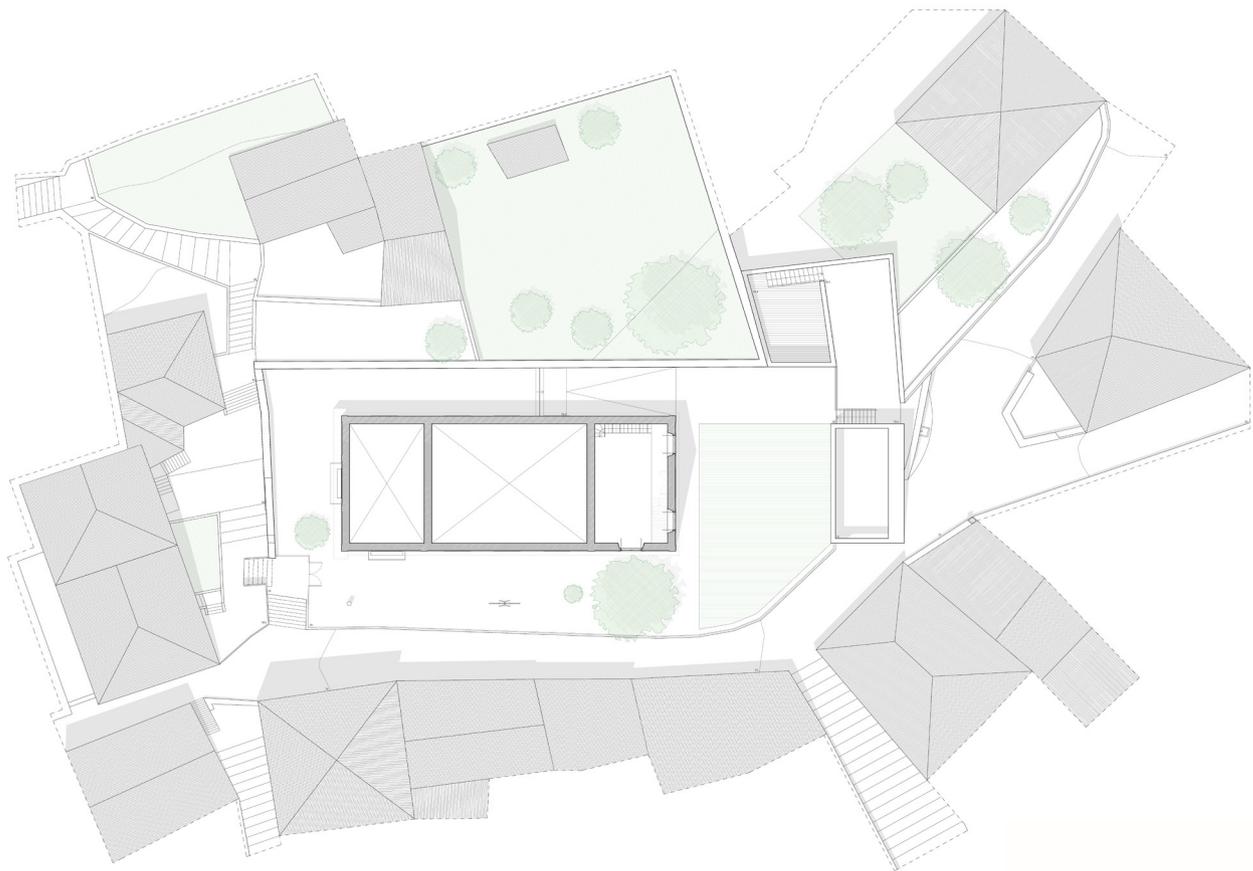
0 1 5 —N

Planta de Cobertura Proposta



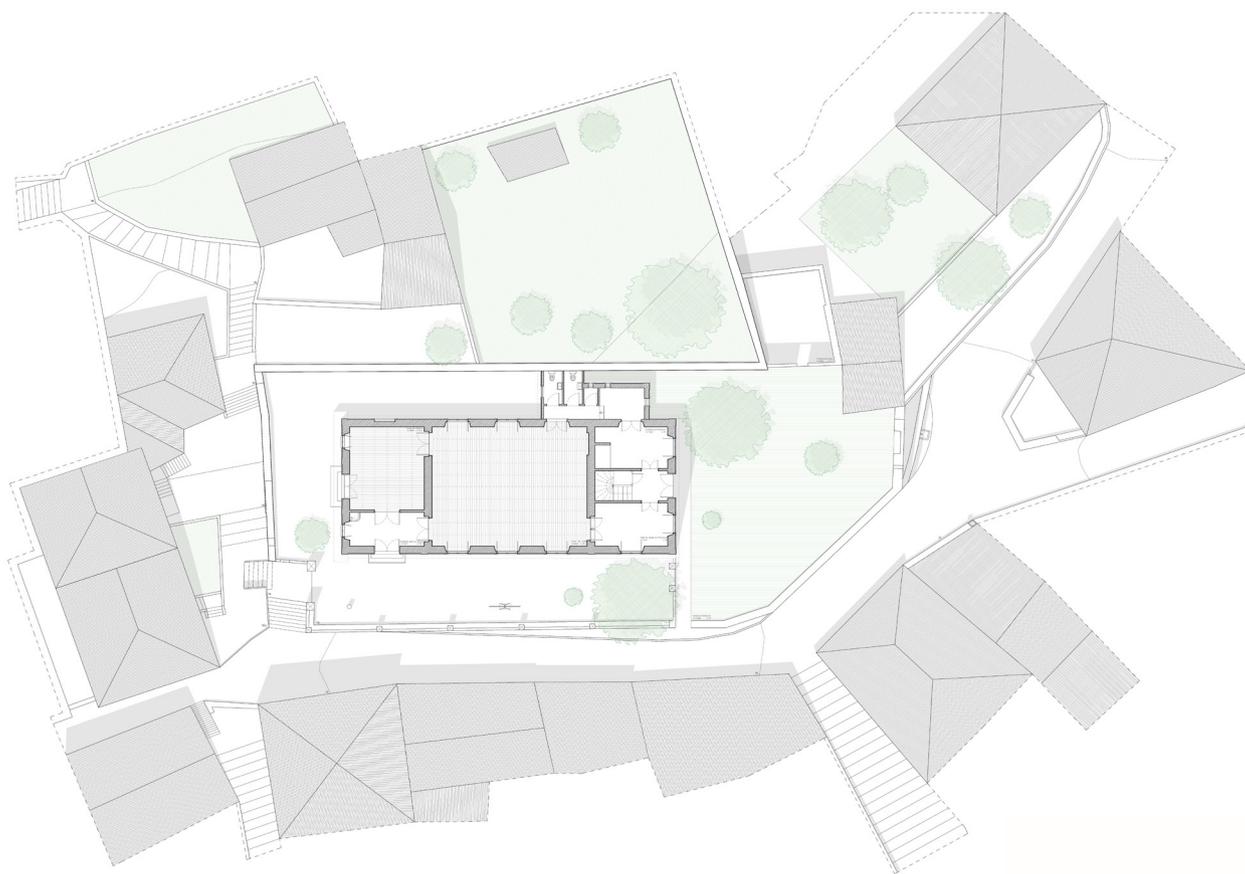
0.1 — 5 — N

Planta do Piso 1 Existente



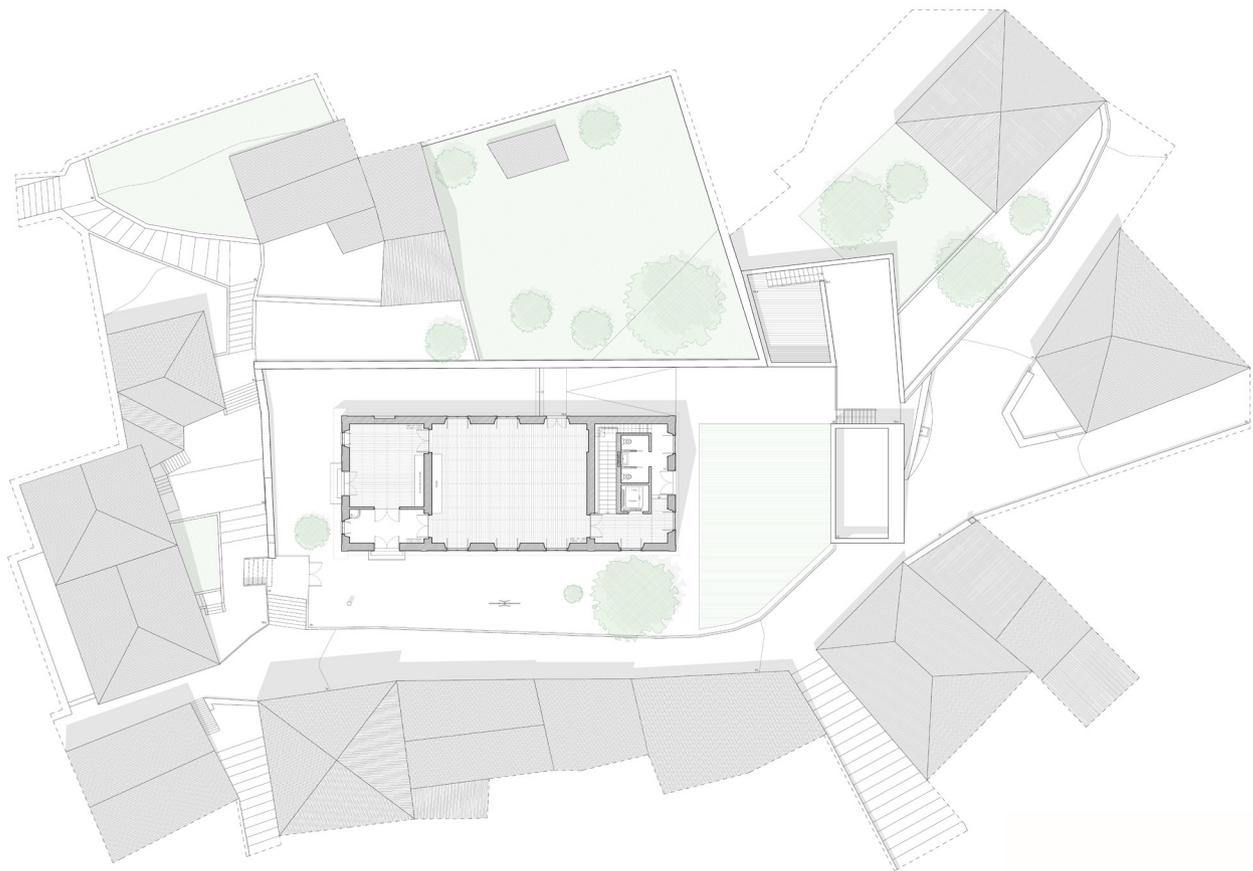
0 1 5 — N

Planta do Piso 1 Proposta



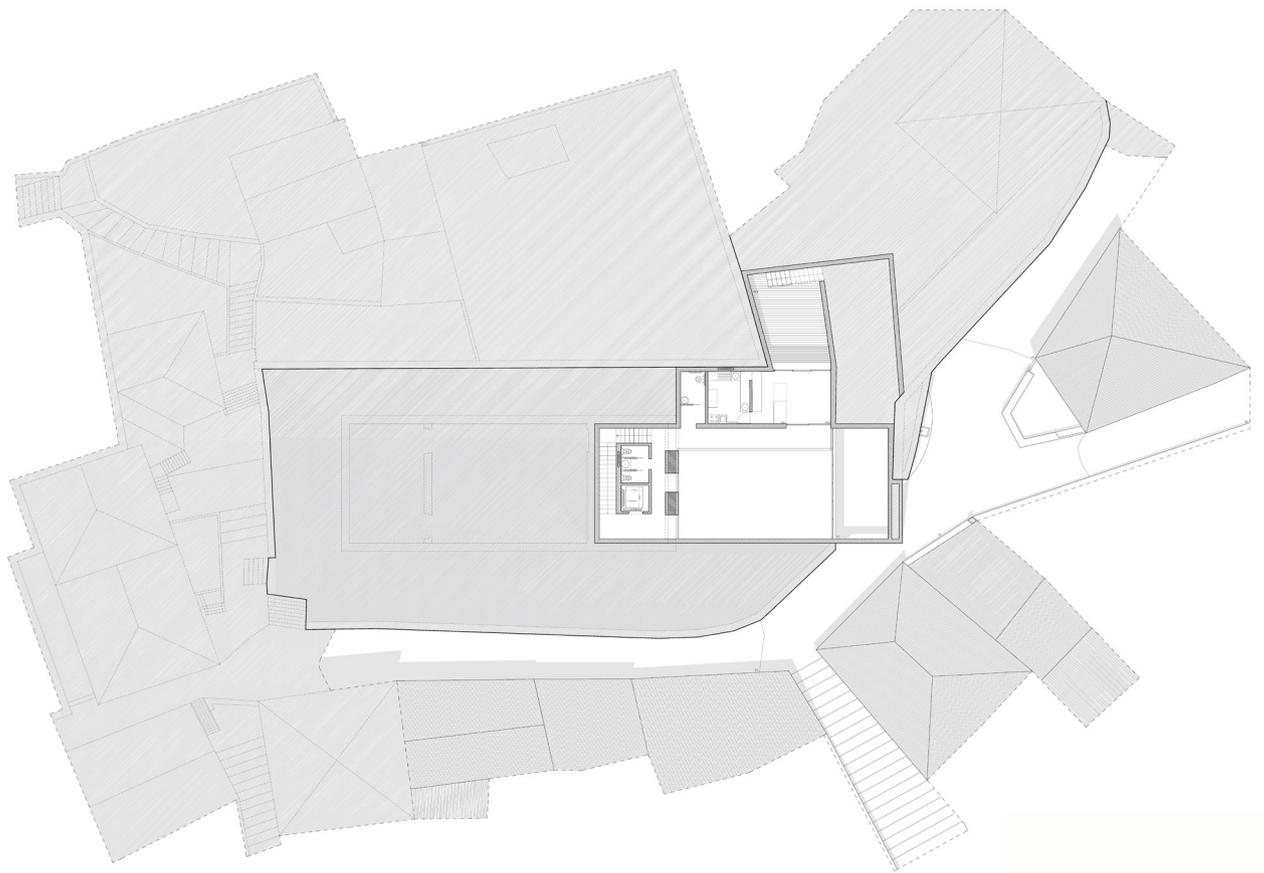
0.1 — 5 — N

Planta do Piso 0 Existente



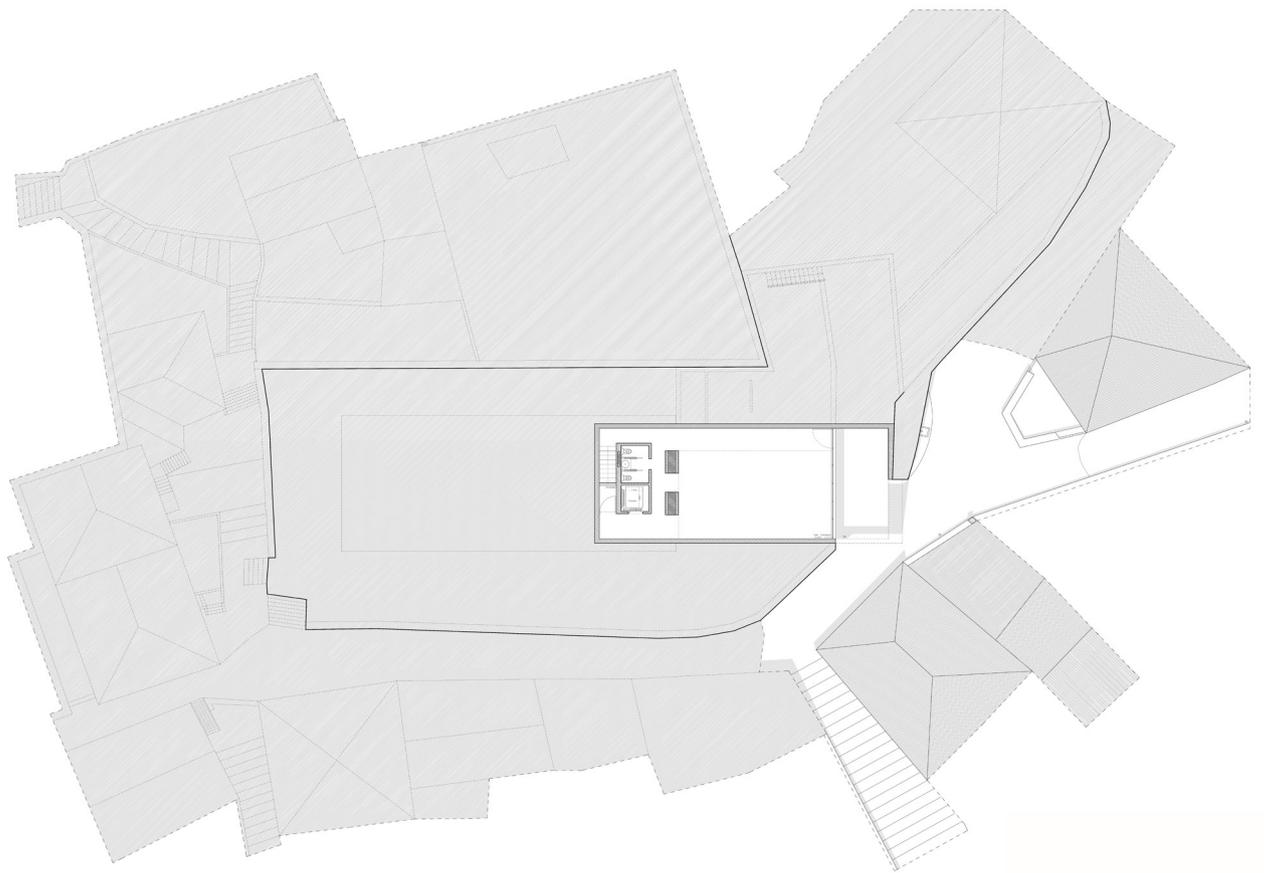
0 1 5 — N

Planta do Piso 0 Proposta



0 1 5 —N

Planta do Piso -1 Proposta



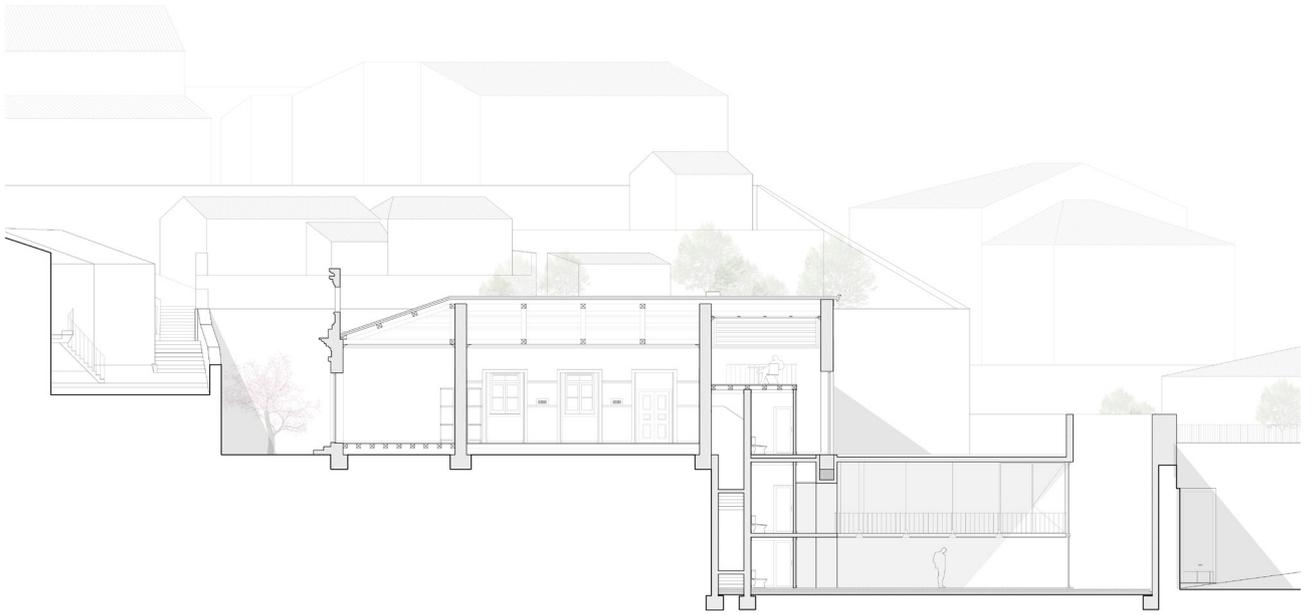
0 1 5 —N

Planta do Piso -2 Proposta



0 1 5

Corte Longitudinal Existente



0 1 5

Corte Longitudinal Existente

